

ISSN 2318-3446

# RÓNAI

REVISTA DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS  
E TRADUTÓRIOS



Edição  
Especial  
2022

*Vitae:*  
Construções em torno  
da ideia de biografia  
na Antiguidade  
e sua recepção

ufjf  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

**Expediente**

Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

***Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios***

Edição especial: *Vitae: construções em torno da ideia de biografia na Antiguidade e sua recepção*

**Editoras**

Profa. Dra. Talita Janine Juliani (Unifesp)

Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

**Avaliadores e avaliadoras**

Alfredo Manoel Rezende

Profa. Dra. Ana Cláudia Ribeiro Romano (Unifesp)

Profa. Dra. Bianca Fanelli Morganti (Unifesp)

Profa. Dra. Fabrina Magalhães Pinto (UFF)

Fernando Adão de Sá Freitas

Prof. Dr. Fernando Rodrigues Junior (USP)

Profa. Dra. Lourdes Conde Feitosa (Unisagrado)

Prof. Dr. Luciano César Garcia Pinto (Unifesp)

Prof. Dr. Márcio Thamos (Unesp/Araraquara)

Prof. Dr. Pedro Baroni Schmidt (UFRJ)

Profa. Dra. Renata Senna Garrafoli (UFPR)

Prof. Dr. Renato Ambrosio (UFBA)

Prof. Dr. Robert de Brose (UFC)

Prof. Dr. Rogério Gimenes de Campo (Unila)

Prof. Dr. Roosevelt Araújo da Rocha Júnior (UFPR)

Wilson Alves Ribeiro Junior

## Editorial “*Vitae*: construções em torno da ideia de biografia na Antiguidade e sua recepção”

Uma pessoa que chegue a essa edição especial tendo em mente a representação do gênero biográfico da atualidade pode se espantar com as biografias e discussões aqui apresentadas. Como se pode constatar, muitas vezes a ideia de biografia na Antiguidade e mesmo em tempos posteriores não se assemelha à ideia de uma narrativa composta por muitas páginas, rica em detalhes, resultado de um moderno trabalho investigativo, embasada em documentos de diferentes mídias, que, por vezes, dá origem a adaptações para as telas de cinema e, mais recentemente, para reprodução por *streaming*.

Os textos que compõem essa edição retratam como a ideia de biografia na Antiguidade e seus desdobramentos não é restrita ao que delimitamos por tal gênero atualmente. Comumente associadas aos textos historiográficos, como os de Plutarco, por exemplo, as vidas e feitos de figuras célebres foram narradas, no mais das vezes, na prosa, em meio a registros de guerras e de governos, e, por isso, talvez sejam muito mais significativas do ponto de vista coletivo do que individual. Na literatura, por outro lado, as memórias das *uitae* surgem de modo mais nuançado, por exemplo, em pequenos detalhes do cotidiano (de uma vida literária ou empírica, mas, de toda forma, ainda vida) descritos nas palavras de poetas. Mesmo os próprios poetas, como Píndaro, Boccaccio e Virgílio, são submetidos à avaliação da sua biografia, seja de forma consciente, isto é, por meio de retratos de si em suas próprias obras, seja pela recepção posterior, em que se relatam informações, ficcionais ou não, sobre a vida desses autores.

Contraria-se, então, a anedota – recurso tão característico nas biografias antigas – que conta a resposta de um *magister* a uma pergunta de uma aluna sobre uma biografia de apenas uma página. Segundo o relato, ao ser questionado sobre tão breve extensão dessa *uita*, o professor teria respondido: “Uma biografia de uma página não é uma biografia, e sim uma orelha de livro”. Certamente estas “orelhas de livro”, reunidas nessa edição, entre artigos e traduções, têm muito a nos ensinar sobre o mundo greco-romano e sobre o modo como ele foi recebido posteriormente, mas, acima de tudo, sobre a importância de conhecer e refletir sobre a vida de outros para vivermos melhor as nossas. Que nossos leitores e leitoras possam, então, se deleitar com essas reflexões sobre as diversas maneiras de construir e perceber o registro biográfico na Grécia e Roma antigas, bem como suas releituras na posteridade.

Editorial

Por fim, singelamente dedicamos este número à lembrança das tantas *uitae* perdidas no Brasil desde o início da pandemia de Covid-19.

As editoras  
Carol Martins da Rocha  
Talita Janine Juliani (editora convidada)

## O que sabemos sobre Nigídio Maio, dono da Casa de Dioscuri em Pompeia?

Maria Regina Candido  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)  
medeiacandido@gmail.com

**RESUMO:** A imagem de Medeia representada no afresco da Casa de Dioscuri nos aponta para a ressignificação e singularidade de sua recepção, quando comparada com o repertório imagético proveniente do mundo grego, cujas imagens apontam para o momento da morte dos filhos. O rico anfitrião descendente dos Nigídio Maio devia receber clientes e magistrados importantes em amplas salas ou em pequeno ambiente privado no interior da residência para discussões confidenciais. O espaço físico desempenha as funções sociais de lazer e de negócio, pois os *amici* se reclinam para o banquete na ampla sala de recepção localizada perto do jardim e do peristilo. No peristilo se encontram as mais expressivas e luxuosas das decorações, posicionadas estrategicamente para serem vistas pelo visitante e espectador e, ao mesmo tempo, lá se expressava a identidade compartilhada do seu morador. Interessa-nos analisar a trajetória de vida sociopolítica da família Nigídio Maio, donos da Casa de Dioscuri em Pompeia.

3

**Palavras-chave:** Pompeia; Nigídio; biografia; recepção; Medeia.

### What do we know about Nigidius Maius, the owner of the House of Dioscuri in Pompeii?

**ABSTRACT:** The image of Medea depicted in the fresco of the House of Dioscuri shows us the resignification and uniqueness in reception, when compared with the imagery repertoire from the Greek world whose images represent the moment of the children's death. The wealthy host, who descended from the Nigidius Maius family, was supposed to receive his clients and important magistrates in large rooms or small private settings inside the residence for confidential discussions. The physical space performs the social functions of leisure and business, as the *amici* enjoy the banquet reclined in the large reception room located near to the garden and the peristyle. In the peristyle the most expressive and luxurious decorations were placed, strategically in a way that the visitor and spectator could see them, and, at the same time, the adornment expressed the common identity of its residents. We aim at analyzing the

O que sabemos sobre Nigídio Maio, dono da Casa de Dioscuri em Pompeia?

sociopolitical life of the Nigidius Maius family, owners of the House of Dioscuri in Pompeii.

**Keywords:** Pompeii; Nigidius; biography; reception; Medea.

## Introdução

Confesso que já faz algum tempo que a Casa de Dioscuri em Pompeia tem despertado a minha atenção pelo fato de ter como destaque, e bem visível na entrada da residência, a imagem de Medeia. O resultado foi a produção de uma trilogia de análise da representação e ressignificação da imagem de Medeia, cujo afresco foi encomendado pela família Nigídio Maio. Consideramos que a imagem, como objeto integrante da cultura material, assim como os seres humanos detém a capacidade de adquirir um percurso no mundo social, e que existe uma relação muito próxima entre o mundo material e os seres humanos, de modo a nos permitir estabelecer uma trajetória biográfica associada ao seu valor social. O antropólogo Arjun Appadurai (2008) considera que coisas ou objetos são também possuidores de uma vida social e que, assim como as pessoas, possuem uma biografia cultural e social. O afresco de Medeia nos permite traçar a trajetória e o percurso social da imagem assim como também nos possibilita estabelecer a forma de sua circulação e de apropriação resultando em uma ressignificação de sua imagem por aqueles que a encomendaram. Partimos do princípio de que, através do afresco, podemos decodificar a imagem em seus diferentes momentos, bem como identificar a sua inter-relação com a família que encomendou a imagem para ornamentar o peristilo da residência na forma de afresco.

A mais remota imagem com este modelo se deve à antiga pintura de Medeia que foi adquirida por Júlio César na região de Cízico um importante centro de atividades artísticas. Segundo Plínio, o Velho, na obra *Historia Naturalis* (35.136), César foi a esta região após a vitória em Farsalo e adquiriu a pintura de Medeia junto com a imagem de Ajax pela quantia de 80 mil talentos. A partir desta informação, podemos afirmar que o valor social da imagem se deve à aquisição realizada por Júlio César e à publicidade da exposição no templo de Vênus Genetrix em Roma como marca de celebração do triunfo de Júlio César em 46 a.C. (GURD, 2007, p. 306). Como podemos notar, a imagem da sacerdotisa de Hécate na Casa de Dioscuri em Pompeia tem um percurso biográfico como monumento, entendido como tudo o que foi edificado por uma pessoa ou comunidade para comemorar um acontecimento marcante e fazer com que outras pessoas rememorem o acontecimento com sacrifícios, ritos ou crenças (CHOAY, 2006, p. 18).

O deslocamento e circulação da imagem insere dados na biografia do objeto imagético, fato que resulta na proximidade do referencial teórico-metodológico sobre a vida social das coisas, que nos permite abordar as relações dos contextos materiais, sociais e humanos de existência em torno de um objeto material, tornando-os, para nós pesquisadores, acentuada fonte de informação (APPADURAI, 2008, p. 27).

A cultura material, como objeto de pesquisa, possibilita desenvolver as perspectivas de extrair dos artefatos os seus valores sociais e ressignificados, como o modelo de imagem de Medeia adquirida por Júlio César e que foi identificado na família Nigídio Maio. Interessa-nos analisar a possível motivação da reprodução da imagem, pois consideramos que pessoas, personagens e objetos possuem um inter-relacionamento contínuo, constante e dependente. No caso da imagem de Medeia, a reprodução do afresco nos aponta para o status social que imagem cedia ao dono da Casa de Dioscuri, atribuindo distinção e prestígio na trajetória de vida da família Nigídio Maio.

A ressignificação da imagem, de início, nos chama a atenção pelo porte imponente da sacerdotisa de Hécate, que parece uma matrona romana, em posição de defesa dos filhos, representada no afresco da Casa de Dioscuri. A imagem mostra a singularidade do afresco quando comparada com o repertório imagético proveniente do mundo grego, que apresenta imagens de Medeia como infanticida. Podemos mobilizar a imagem de Medeia romana da Casa de Dioscuri sob a perspectiva teórica da vida social das coisas, pelo fato de trazer a reflexão acerca da variação de significados e por apontar que uma imagem deixa transparecer como as experiências humanas se desenvolvem sucessivamente no decurso da vida social e do cotidiano de um residente de Pompeia.

Nessa perspectiva, o significado da imagem não está necessariamente inserido nas formas, e sim no modo como nos relacionamos com as coisas e, especialmente, nas distintas posições sociais que as coisas ocupam em nossas trajetórias e vidas (APPADURAI, 2008, p. 27). A análise da imagem imponente de Medeia no afresco na Casa de Dioscuri nos permite afirmar que se tornou única na região de Pompeia; em nosso levantamento apontamos uma cópia da sacerdotisa de Hécate na região de Herculano, nos mosaicos na região de Antioquia, assim como na Villa Lusitano-Romana de Torre de Palma, na Villa Cardillio em Torres Novas, próximo a Monforte em Portugal, que no período romano era uma província da Lusitânia (IV d.C). Os mosaicos na atualidade estão no Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa.

Não podemos esquecer que detalhes da imagem de Medeia adquirida por Júlio César detêm elementos marcantes na configuração da imagem como posicionamento do corpo, o lado de inclinação da cabeça, a coloração, bem como a mão que segura a espada. Estes detalhes estão presentes no conjunto de citações epigráficas que fazem referência ao pintor Timômaco de Bizâncio (séc. I a.C.) como autor deste modelo de representação de Medeia. A imagem que foi reproduzida na Casa de Dioscuri havia sido eternizada através de epigramas de Anônimos de 135 a 143, que foram designados “Ciclo de Medeia”, com datas dos séculos I a.C. e I d.C. (JESUS, 2017). Como pesquisadora e helenista, nos inquieta a opção do anfitrião considerado cidadão de uma colônia romana demarcar a

escolha em representar a imagem da sacerdotisa de Hécate afastada do ato de violência evidenciado pela morte dos filhos. Consideramos que o dono da casa preferiu eternizar a imagem de Medeia em sua residência, demarcando o momento que precede o infanticídio, como o fez o pintor Timômaco de Bizâncio, no qual Medeia contempla os filhos antes de efetivar a morte das crianças.

Acreditamos que, através de análises da trajetória social e biográfica dos familiares e antecessores da residência, podemos nos surpreender com os indicativos que marcaram a escolha do anfitrião da Casa de Dioscuri pela personagem Medeia. Neste ensaio, nos propomos identificar o dono da Casa de Dioscuri e a trajetória de vida da família Nigídio Maio em Pompeia, pois consideramos que a escolha da imagem de Medeia marca a exposição de seu status social como também produz uma identidade compartilhada (grega e romana) com parte da narrativa mítica da sacerdotisa de Hécate.

Embora Medeia detenha o epíteto de mulher de cruel caráter, de hedionda natureza e espírito implacável, na descrição feita por Eurípides (*Medeia*, 100), somos levados à reflexão ao depararmos-nos com o afresco da sacerdotisa de Hécate no peristilo (nº 53) da Casa de Dioscuri (VI,9,6-7). O que nos chama a atenção na imagem é o posicionamento da mulher que deixa transparecer uma imponência, uma coragem e determinação que qualifica o desejo do anfitrião e/ou os familiares em transmitir uma possível mensagem identitária a qual nos cabe decodificar.

Segundo David L. Balch e Jason T. Lamoreux, o nome das famílias que moravam em Pompeia tornou-se acessível através de selos de bronze encontrados entre os destroços das casas e pelas inscrições pintadas na parte externa dos muros das residências (BALCH; LAMOREUX, 2011, p. 38). Consideramos que a cultura material da Casa de Dioscuri e a imagem de Medeia nos emitem uma mensagem a ser decodificada a partir da identificação do nome do anfitrião dono da residência.

Na parte externa da Casa de Dioscuri foram encontradas inscrições em apoio à candidatura de Félix Vaccula, integrante de uma família da região que expressa status e poder e que tem proximidade com os Nigídio Maio. Os integrantes desse círculo familiar eram considerados pessoas de poder e riqueza em Pompeia. Segundo Richardson, foi encontrado um registro de morte em nome de N. Nasenio Nigídio Vaccula, no ano de 54 d.C.; outro registro aponta que Vaccula M. Nigídio doou diversas peças de bronze para ornamentar móveis alocados nos banhos públicos de Pompeia (RICHARDSON, 1955, p. 82).

Logo, podemos construir a biografia dos Nigídio Maio que foram os residentes da Casa de Dioscuri, cujo final do nome gentílico *-idius* era comum no território dos Oscos, e o sobrenome da família Nigídio Maio tem como um dos mais célebres integrantes, Alleio Nigídio Maio, condecorado como *principis*

*coloniae*, comerciante de objetos de bronze, dono de uma casa de treinamento de gladiadores, financiador de jogos atléticos e de gladiadores.

Dentre os grafites nos muros da residência da família Nigídio, encontramos uma enigmática inscrição. Trata-se de CIL IV 1293 (Figura 1) que cita: *Campani victoria una / cum Nucerinis peristis* - "Campanos, em nossa vitória vocês pereceram com os Nucerininos" ou "Campanos, em uma única vitória, vocês pereceram com os nucerininos" (tradução do autor). A imagem relacionada ao grafite deixa transparecer um distúrbio social ocorrido entre pompeianos e nucerininos em 59 d.C. A matriz do conflito foi o jogo de gladiadores ocorrido em Pompeia, como mostra a imagem que acompanha a pequena citação:



Figura 1 - inscrição CIL IV 1293

Segundo a pesquisadora Renata Garraffoni, em 59 d.C, ocorreu um conflito social entre os habitantes de Pompeia e os torcedores da cidade de Nucéria que assistiam aos combates de gladiadores. A singularidade do embate, de acordo com a pesquisadora, está no fato de a documentação não ter maiores registros narrando o embate desta natureza em torno dos jogos (GARRAFFONI, 2007, p. 242). Tácito registrou o conflito e seus comentários tornaram-se descritivos sobre a singularidade do tumulto, segundo Tácito,

Ao mesmo tempo, surgiu de um início insignificante de um terrível banho de sangue entre os habitantes das colônias de Núceria e Pompéia em um evento de gladiadores dado por Lívio Régis, cuja expulsão do Senado eu já gravei anteriormente. A rivalidade entre cidades levou ao abuso, depois ao arremesso de pedras, depois ao desenho de armas. Os pompeianos em cuja cidade o evento estava sendo dado saiu melhor. Portanto, muitos dos nucerinianos foram

levados para Roma tendo perdido membros, e muitos estavam enlutados de pais e filhos. O imperador instruiu o Senado a investigar; eles passaram para os cônsules. Quando suas descobertas voltaram aos senadores, os pompeianos foram impedidos de realizar tal reunião por dez anos. Associações ilegais na cidade foram dissolvidas, Lívio e os outros que haviam instigado o problema foram exilados. (Tac. *Ann.* 14.17; trad. J. L. Freire de Carvalho)

A partir da citação de Tácito podemos observar três questões principais, a saber: rivalidade entre torcidas regionais, instrução para investigação e proibição de reuniões em Pompeia por meio de associação. O embate entre as duas regiões parece ter motivações mais profundas, ou seja, remonta ao período da Guerra Social (91-88 a.C.), período de expansão de Roma pela Península Itálica com o auxílio de aliados que integravam a legião romana visando alcançar o benefício da cidadania e terras. Os residentes de Pompeia, formados por oscos e samnitas, enfrentaram a legião romana, sendo derrotados por Sula, que transformou a região em colônia de legionários veteranos. A região de Nucéria teve assentamentos de veteranos implementado por Nero em 57 a.C. e não participou do embate contra os romanos. Durante a Guerra Social (91-88 a.C.), o processo expansionista de Roma teve a adesão de grupos de aliados na Península Itálica que lutaram ao lado dos romanos visando à aquisição de benefícios como a cidadania. Pompeia seguiu o caminho inverso e juntou-se ao grupo de revoltosos, mas o movimento foi desarticulado pelo general Sula que estabeleceu no local uma colônia de legionários veteranos para assegurar a ordem. O anfiteatro, em si, foi construído por volta de 70 a.C., em benefício desses novos colonos romanos e como um monumento comemorativo do domínio sobre a população osca e samnita. A região de Nucéria não havia se rebelado, e, posteriormente, foram concedidos territórios próximos confiscados e que haviam sido destruídos durante os combates. Menos de dois anos antes do motim, Nero estabeleceu uma colônia veterana em Nucéria (Tac., *Ann.*, 3.31), que, sem dúvida, trazia à memória antigos ressentimentos pelas perdas e pela disputa de terras entre pompeianos e nucerianos.

Consideramos ser improvável que a rivalidade no anfiteatro tenha sido devida à disputa de gladiadores, e sim a problemas anteriores e latentes relacionados aos loteamentos de terra cedidos aos veteranos em prejuízo dos antigos nativos moradores detentores da posse das terras. Tudo indica que familiares dos Nigídio Maio e dos Vaccula e sua clientela tenham participado do tumulto representado na inscrição no muro da residência da família (CIL IV 1293). A inscrição enfatiza a derrota de Nucéria, assim como no grafite; a citação

de Tácito faz referência ao banimento, mas, provavelmente, apenas alguns integrantes do grupo foram banidos. A razão da afirmação se deve à referência ao nome da família no processo eleitoral através das *programmata* que apontam que Maio concorria para ser *edile de duumvirate* em 55/56 d.C. Alleio Nigídio Maio serviu como edil e duúnviro, permaneceu um longo tempo como magistrado ativo em Pompeia e estabeleceu para si um meio de sustentar e manter a sua longa carreira como *editor munerum* atuando no ramo de jogos de gladiador como indica a inscrição CIL IV 7991 (FRANKLIN, 1997, p. 437). Em relação ao tumulto narrado por Tácito e à referência da associação (*collegia*) em que foi decretada a sua dissolução, o pesquisador Jinyu Liu nos chama a atenção para o fato de que talvez a *collegia* praticada em Pompeia não tenha a mesma estrutura da realizada em Roma. O autor nos traz a possibilidade de ser uma associação (*collegia fabrum*) que reunia de forma livre e privada carpinteiros, comerciantes, ferreiros e donos de tabernas como deixam transparecer os nomes de financiadores de campanha política presentes nas *programmata* (LIU, 2008, p. 18).

A dissolução ocorreu por ser considerada, pelos senadores romanos, uma associação ilícita e responsável pelo tumulto cuja punição se estendeu também para a proibição da realização dos jogos de gladiadores. A interdição parece ter atingido os negócios da família Nigídio Maio, pois encontramos na inscrição CIL IV 7991 situada na entrada da Casa de Gladiadores<sup>1</sup> a materialidade de seu envolvimento na inscrição que afirma: *20 pares de gladiadores de Gn. Alleio Nigídio Maio e seus substitutos lutarão em Pompeia a cada cinco anos sem as expensas públicas*. A inscrição nos aponta que Nigídio Maio era um dos financiadores dos jogos realizados no anfiteatro de Pompeia cujo evento resultou em tumulto em 59 d.C.

A abordagem biográfica dos Nigídio Maio nos permite analisar a reação da família diante da proibição do senado romano da realização dos jogos de gladiadores. Questionamo-nos de onde a família mobilizou os seus recursos de sobrevivência diante da proibição? A resposta a esta questão nos remete ao processo de formação da família Nigídio Maio. James Franklin informa que, em relação à biografia de Maio, este parece ter sido adotado por uma poderosa família da Campânia como deixa transparecer a inscrição CIL X 1036, a saber:

Para Marco Alleio Luccio Libella sênior, edil, duúnviro, prefeito no quinquênio, e para Marco Alleio Libella Júnior, decurião. Ele viveu 17 anos. O lugar para o monumento foi dado publicamente. Alleia

---

<sup>1</sup> O prédio constituía a sede da corporação de gladiadores e era utilizado para sua formação, conforme indicado pelas 120 inscrições temáticas de gladiadores encontradas dentro do edifício.

Decimilla, filha de Marco, sacerdotisa pública de Ceres, supervisionou o prédio em nome de seu marido e filho.<sup>2</sup>

Como podemos notar, o mais antigo membro da *gens* Nigídio Maio foi M. Alleio Luccio Libella, que foi duúnviro quinquenal em 25/26 d.C e serviu como *praefectus iure*, e sua esposa Alleia Decimilla serviu como sacerdotisa pública da deusa Ceres (FRANKLIN, 1997, p. 436). N. Nasennio Nigídio Vaccula, outro integrante da família, parece ter sido mercador de objetos de bronze e viveu na Casa de Dioscuri até a erupção do Vesúvio.

A família Nigídio parece ser extensiva e residente da Casa de Dioscuri cuja fachada expõe a riqueza e o status social de seus proprietários. Os Nigídio Maio mostram que cultuavam as imagens da deusa da Fortuna e do deus Mercúrio reproduzidos em afrescos na entrada da casa. Nos muros da residência estava a representação das divindades Castor e Pólux, como heróis e patronos da casa, cujos integrantes tinham fortes relações comerciais e mercantis (RICHARDSON, 1955, p. 84). A inscrição CIL X 8071.48 confirma que a família Nigídio Maio foi ocupante da residência por um longo tempo, pois a ocupação começou com o patriarca N. Nigídio Fusco, seguido de seu filho Nigídio Vaccula, envolvido nas atividades comerciais e mercantis. Provavelmente eram negociadores de mercadorias como a exportação de vinho, azeite e algodão provenientes dos arredores de Pompeia devido à fertilidade do solo vulcânico assim como era expressiva a exportação de peixes salgados e perfumes. Em troca, o filho Nigídio Vaccula importava artigos de luxo, materiais de bronze, madeira, cerâmica e produtos em mármore, atividade realizada pela família junto com o liberto de nome Eutico, que atuava como agentes de comércio (RICHARDSON, 1955, p. 86).

Entretanto, na inscrição CIL IV 7990, podemos observar a evocação da deusa da Boa Fortuna a favor de Cneus Alleio Maio, reverenciado como o príncipe dos jogos. As demais inscrições nos apontam que durante este período de interdição, houve anúncios feitos para a realização de jogos, mas não com combates de pares de gladiadores. As disputas ficaram com os jogos atléticos que parecem ter substituído a disputa dos gladiadores. Na dedicação dos Jogos Atléticos em nome de Cneus Alleio Nigídio Maio, temos a inscrição CIL IV 1177 que indica a realização de uma caçada, atletismo sob a proteção de toldos, acrescido de boa sorte para Maio, considerado o líder da colônia de Pompeia.

O nome de Alleio Nigídio Maio foi também citado mediante seu envolvimento nos reparos do anfiteatro de Pompeia que havia sido danificado devido ao terremoto ocorrido em fevereiro de 62 d.C. Como podemos observar

<sup>2</sup> Inscrição em latim: *M(arco) Alleio Luccio Libellae patri aedili / Ilvir(o) praefecto quinq(uennali) et M(arco) Alleio Libellae f(ilio) / decurioni. Vixit annis XVII. Locus monumenti / publice datus est. Alleia M(arci) f(ilia) Decimilla sacerdos / publica Cereris faciundum curavit viro et filio* (CIL X 1036).

pelas inscrições CIL IV 1179, CIL IV 1179 e CIL IV 17990, a família Nigídio Maio detinha uma proeminente riqueza e atuava como munificente financiadora dos jogos de gladiadores em Pompeia (FRANKLIN, 1997, p. 438).

Temos que reconhecer o prestígio social da família Nigídio Maio, pois Alleio Nigídio Maio serviu como sacerdote, e sua filha Alleia se tornou sacerdotisa de Vênus e Ceres, de acordo com as inscrições (EE VIII 855). A pesquisadora Virginia L. Campbell argumenta que a relação entre a política e o sacerdócio se traduz como uma simbiose familiar de poder, pois o homem adquire status para atuar como magistrado e o nome de família se eterniza também através das mulheres atuando como sacerdotisas do templo das deusas Vênus e Ceres (CAMPBELL, 2016, p. 62).

Alison Cooley nos informa que Nigídio Maio celebrou o Culto Imperial para Vespasiano e dedicou a ele um altar, comemorando o feito como culto ao imperador, como podemos verificar na inscrição CIL IV 1180 que informa: “em homenagem à segurança do Imperador Vespasiano César Augusto, sua casa e seus filhos, por ocasião da dedicação ao altar, a trupe gladiatória de Cneu Alleio Nigídio Maio sacerdote de César Augusto, realizará jogos sem atrasos em Pompeia em 4 de julho. Haverá caça de bestas e abrigos” (COOLEY, 2014, p. 73). O fato de atuarem como sacerdote e sacerdotisa implicava financiar os gastos com as celebrações, o que denota serem os Nigídio Maio uma família de prestígio e riqueza que além de mobilizar as relações comerciais e mercantis também era benfeitores de cultos e de ritos em Pompeia.

Consideramos também a possibilidade alternativa de ganhos extras da família Nigidio Maio diante da interdição dos jogos de gladiadores em Pompeia, ou seja, através de atividades de aluguéis de espaços para moradia junto com a prática de apoio a pequenos negócios. A suposição se deve à presença da inscrição CIL IV 138 que nos informa que a ínsula Arriana Polliana de Cneu Alleio Nigídio Maio, com suas *tabernae*, *pergulae* e *cenacula equestria* e *domus*, poderá ser alugada a partir de 1º de julho. Os interessados deviam consultar Primo, escravo de Alleio Nígídio Maio. Como podemos observar, a inscrição faz referência à Casa de Pansa, sítio parte da chamada *Insula Arriana Polliana* pertencente aos integrantes da família Nígidio Maio que atuavam como locadores de parte do imóvel cujo arrendamento ficava sob a responsabilidade de certos escravos.

A alocação da Casa de Pansa foi analisada por Felix Pirson (1997) e revisitada por Claire Holleran (2012). Ambos consideram que a unidade localizada da *Insula Arriana Polliana* oferece *tabernae cum pergula* para alugar, ou seja, pequenas unidades no térreo para locação e os *cenacula* seriam um pequeno espaço de moradia localizado no andar superior que, na inscrição, é descrito como *cenacula equestria* inserida na Casa de Pansa (VI,6) (HOLLERAN, 2012, p.

103). Mary Beard complementa a informação ao descrever a estrutura física da ínsula sendo composta por um *atrium* com peristilo, rodeado de pequenas lojas no andar térreo e que o responsável pela loja residia em pequenas locações situadas no andar superior (BEARD, 2008, p. 109). A autora confirma que a ínsula pertencia à família Nigídio Maio, sendo esta uma das mais antigas famílias ainda ativas na região e que mobilizava construção e locação de espaço para comércio e vendas junto com moradias e situadas em vias principais de Pompeia (BEARD, 2008, p. 110).

Podemos concluir que a cultura material, através dos objetos ou coisas, habita, assim como nós, um mundo social, e que existe uma relação indissociável entre o mundo material e os seres humanos e que ambas, pessoas e coisas, constroem uma trajetória de vida que nos permite estabelecer uma biografia. Pensando nesta dialética, constatamos que a família Nigídio Maio teve participação socialmente ativa, mobilizando a economia, a política e a religião em Pompeia. A abordagem biográfica dos Nigídio Maio nos permite enunciar uma trajetória de prestígio e valor social associado à imagem de Medeia. A imponência da imagem da sacerdotisa de Hécate na entrada da residência deixa transparecer que produz um vínculo entre o ambiente social da imagem, no caso Pompeia, e seu estado simbólico junto aos Nigídios. A posição altiva reproduzida na imagem mostra que os integrantes da família Nigídio Maio sentiam-se vencedores, assim como a personagem do afresco, diante dos desafios impostos pelo status de colônia romana, pela rivalidade com Nucéria e pelas restrições de parte das atividades econômicas impostas por Roma. A trajetória de realizações na vida de Medeia também nos revela que a protagonista ultrapassou os desafios e venceu, a família Nigídio Maio deixa transparecer uma identificação com o percurso enfrentado pela sacerdotisa de Hécate como reflexo de sua própria trajetória biográfica ao transpor os desafios impostos por Roma. A opção de modelo alternativo na figura de Medeia no afresco deixa transparecer que se interrelaciona com a trajetória de vida da família Nigídio Maio na posição de vitoriosos diante de desafios e de obstáculos desde os períodos remotos da cidade de Pompeia. Ambos conseguiram manter o prestígio, o reconhecimento e a atenção da academia que reúnem o *valor social do afresco* e com o *valor social da família* em constante processo de pesquisa e análise, cuja análise da trajetória bem-sucedida mantém seu curso nos dias atuais.

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun (Org.). **A Vida Social Das Coisas: As Mercadorias Sob Uma Perspectiva Cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

O que sabemos sobre Nigídio Maio, dono da Casa de Dioscuri em Pompeia?

BALCH, David L.; LAMOREUX, Jason T. **Finding a Woman's place**. Princeton: Wipf and Stock Publishers, 2011.

BEARD, Mary. **Pompeii: The Life of a Roman Town**. London: Profile Books, 2008.

CAMPBELL, Virginia L. Politicians and Priestesses. **Networks of Elite Families in Pompeii**. Leidschrift. Historisch Tijdschrift, v. 31, n. 1, p. 61-74, 2016.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2006.

COOLEY, Alison E.; COOLEY, M. G. L. **Pompeii and Herculaneum: a sourcebook**. London: Routledge, 2014.

FRANKLIN, James L. Cn. Alleius Nigidius Maius and the Amphitheatre: 'Munera' and a Distinguished Career at Ancient Pompeii. **Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte**, v. 46, n. 4, p. 434-47, 1997.

GARRAFFONI, Renata Senna. Rixa no anfiteatro de Pompéia: O relato de Tácito e os grafites parietais. **História Revista**. Goiânia: UFG, v. 12, n. 2, p. 241- 251, 2007.

14

GURD, Sean Alexander. Four Epigrams on Timomachus's Unfinished Medea. **American Philological Association**. The Johns Hopkins University Press, v. 137, n. 2, p. 305-331, Autumn 2007.

HARTNETT, Jeremy. **The Roman Street: urban life and society in Pompeii, Herculaneum, and Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

HOLLERAN, Claire. **Shopping in Ancient Rome: The retail trade in the Late Republic and the Principate**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

LIU, Jinyu. Local Governments and Collegia: A New Appraisal of the Evidence. In: AUBERT, J-J. (ed.). **A Tall Order - Writing the Social History of the Ancient World**. Berlim: B. G. Teubner, 2008, p. 279 -310.

PIRSON, Felix. Rented accommodation at Pompeii: the evidence of the Insula Arriana Polliana VI 6. In: LAURENCE, Ray; WALLACE-HADRILL, Andrew. **Domestic Space in the Roman world: Pompeii and Beyond**. Dexter: Thomson-Shore, 1997, p.165-182.

RICHARDSON, L. **Pompeii**: The Casa dei Dioscuri and Its Painters. Michigan: University of Michigan Press, 1955.

TÁCITO. **Anais**. Trad. de J. L. Freire de Carvalho. Série Clássicos Jackson, Vol. XXV. São Paulo: Editora Brasileira, 1957.

Data de envio: 10/05/2022

Data de aprovação: 05/07/2022

Data de publicação: 31/10/2022

***Monnica ficta* - construção literária da *Vita Monnicae* nas *Confissões*, de Agostinho de Hipona**

Márcio Meirelles Gouvêa Júnior  
Doutor em Estudos Literários (FALE/UFGM)  
gouvea.bh@terra.com.br

**RESUMO:** No texto das *Confissões*, de Agostinho de Hipona, encontram-se praticamente todos os registros relativos à existência de Mônica, sua mãe. No entanto, a análise literária desses dados revela uma profunda intertextualidade com os originais clássicos latinos e com os textos bíblicos, o que permite a percepção de uma grande artificialidade narrativa de sua descrição biográfica. Afinal, por um lado, Mônica carrega traços hipotextuais virgilianos de Dido, de Anquises e da mãe de Euríalo; por outro lado, ela é descrita sob as alusões de Paulo de Tarso e de Cristo. Além disso, as incertezas quanto à origem de seu nome, aliadas a uma nova possibilidade de radicação etimológica aqui apresentada, acentuam o caráter exemplar dessa suposta *Vita Monnicae*, cuja protagonista se tornou o paradigma cristão da maternidade. Desse modo, o relato biográfico de Mônica pôde embasar toda a prática devocional iniciada no século XV, por explícito interesse da Sé Papal e da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho.

16

**Palavras-chave:** Mônica; Agostinho de Hipona; etimologia.

***Monnica ficta* - the literary construction of the *Vita Monnicae* in the *Confessions*, by Augustine of Hippo**

**ABSTRACT:** It is in the text of *Confessions*, by Augustine of Hippo, that practically all records related to the existence of Monica, his mother, are found. However, the literary analysis of these data reveals a deep intertextuality with the original Latin classics and biblical texts, which allows the perception of a great artificiality in the narrative of his biographical description. After all, on the one hand, Monica bears Virgilian hypotextual traits from Dido, Euryalus' mother and Anchises; on the other hand, she is described under the allusions by Paul of Tarsus and Christ. Furthermore, the uncertainties regarding the origin of her name, combined with a new possibility of etymological roots presented here, emphasize the exemplary character of this supposed *Vita Monnicae*, whose protagonist became the Christian paradigm of motherhood. Thus, Monica's biographical account could endorse the entire devotional practice initiated in the

15<sup>th</sup> century, due to the explicit interest of the Holy See and the Order of Hermits of Saint Augustine.

**Keywords:** Monnica; Augustine of Hippo; etymology.

## Introdução

*Stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus*

Umberto Eco

O Domingo de Ramos de 1430 marcou a prática devocional a Mônica, mãe de Agostinho de Hipona. Naquele dia, seus pretensos despojos, exumados na cidade de Óstia, foram levados à igreja de São Trifão em Posterula, em Roma (HOLGATE, 2001). Os registros da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho (OESA) relatam sua descoberta por uma jovem conhecida como “Giovanna”, sob cuja indicação encontrou-se o sarcófago das relíquias sob o altar da igreja de Santa Áurea. Durante o cortejo dos ossos, a crônica agostiniana narra curas miraculosas de leprosos, cegos, surdos e paráliticos (TORELLI, 1680, p.600). Iniciava-se a difusão do culto àquela mulher de vida comezinha (MOORE, 2007, p. 153), crenças ingênuas (BOWERY, 2007, p.71) e notável perseverança, até então lembrada na dependência da história do filho (HOLGATE, 2003, p. 182).

As informações sobre sua veneração antes daquela data são escassas, o que parece indicar a irrelevância de cultos em sua memória durante a baixa Idade Média (ATKINSON, 1985, p.144). Apesar da notícia do traslado de relíquias suas para a abadia de Arras, na França, em 1162, atribuída a um monge chamado Gautier, não se desenvolveu nenhum costume devocional em sua homenagem (TOCK, 2018, p. 368-371). No mesmo sentido, a *Legenda Aurea*, de Jacopo de Varazze, escrita por volta de 1260, apresenta-a apenas como a mãe de Agostinho, se bem que lhe atribui a conversão do filho. Mas não lhe foi dedicado verbete, nem lhe foi conferida santidade (VARAZZE, 2003, p. 706-724). Por sua vez, ela foi referida com igual singeleza nas biografias de Agostinho elaboradas pela OESA no século XIV – os anônimos *Vita Aurelii Augustini Hipponensis episcopi*, escrito entre 1322 e 1331, e *Initium siue Processus Ordinis Heremitarum Sancti Augustini*, escrito em 1330; o *Sermo de Beato Augustino*, de Nicolau de Alexandria, escrito na década de 1330; o *Tractatus de Origine et Progressu Ordinis Fratrum Heremitarum Sancti Augustini et proprio titulo eiusdem*, de Henrique de Friemar, escrito em 1334; e o *Vita Sancti Augustini*, escrito por Jordão de Quedlimburgo na década de 1330 (LAFERRIÈRE, 2016, p. 152-155). Note-se que na obra de Quedlimburgo sequer foi destacada sua participação na conversão do filho, como de ordinário nas biografias (SMETANA, 2001, p. 84-92).

Após o sepultamento dos despojos, e completas as solenidades que culminaram o trabalho de divulgação dos agostinianos e da Sé Papal, comandada por Martinho V, a devoção a Mônica popularizou-se, sobretudo entre as mulheres, que a veneravam pelo exemplo de santidade da mãe e esposa (WEBB, 1980, p. 22). Esse esforço propagandístico atendia aos interesses dos promotores – os agostinianos e o papado. Pois, por um lado, os êxitos na instituição da devoção a Mônica conferiam à OESA a legitimação de sua comunidade, por ligá-

la à mãe de seu fundador, pois, na sua crônica, Mônica teria dado ao filho o cinturão identificador do hábito dos membros. Por outro lado, em consonância com o esforço de incremento das peregrinações dos fiéis, resultado da iniciativa de revitalização de Roma pelo papado, o culto a suas relíquias traria recursos à Sé, transformando sua capela em local visitação (HOLGATE, 2001, p. 405).

Com a propagação do modelo de maternidade cristã, a devoção a Mônica se consolidou (PIATTI, 2007, p. 44-47). Ela foi elevada simbolicamente à condição de mãe da ordem dos agostinianos (HOLGATE, 2003, p. 206). Logo, foi assimilada como padroeira de todas as mães e esposas, e haveria de tornar-se persistente elemento na ideologia cristã da maternidade (ATKINSON, 1985, p. 164).

### 1. Mônica - reconstrução biográfica

Do relato das *Confissões*, presume-se que Mônica tenha nascido em Tagaste, na Numídia. É provável sua origem berbere (O'MEARA, 1954; MANDOUZE, 1982), ainda que ela fosse natural de uma região romanizada da África Proconsular. Pela data de sua morte e a informação de sua idade na ocasião, ela nasceu entre 331 e 332 (*Conf.* 9.11.28). Quanto à família, seus pais eram cristãos, e ela teve ao menos uma irmã (*Conf.* 9.8.17). Esses pais, cujos nomes não se preservaram, podem ter tido boa condição financeira, a julgar pela notícia de serem proprietários de duas escravas (*Conf.* 9.8.17). Quanto à vida conjugal, sabe-se que, ao atingir a idade permitida, ela se casou com Patrício (*Conf.* 9.9.19), modesto proprietário de terras, que ocupava a condição de membro curial (*Conf.* 2.3.5). Tiveram dois filhos - Návigio e Agostinho - e ao menos uma filha, mencionada na *Carta* 211 de Agostinho, de 424 (PARSONS, 1956, p.38). Segundo Possídio (*Vita*, 26), essa filha de Mônica tornou-se superiora de um convento em Hipona (POSSIDIUS, 1919, p.102). Sabe-se que, por interseção da esposa, Patrício aceitou o batismo no final da vida (*Conf.* 9.9.22), e que, com a viuvez, ela precisou da ajuda de Romaniano para custear os estudos de Agostinho, que assim pôde terminar a formação como orador (*Conf.* 3.4.7). Em 383, ele partiu para Roma e fundou uma escola de retórica; dois anos depois, Mônica foi se juntar a ele (*Conf.* 6.1.1). Em Milão, ela conheceu o bispo Ambrósio, tornando-se ouvinte de suas prédicas (*Conf.* 6.1.1). Entre o final de 386 e o início do ano seguinte, ela residiu com o filho na vila de Cassiciaco, onde ele a retratou como exemplo de virtude (*Conf.* 9.4.8). Daí, após o batismo do filho, em 386 (*Conf.* 9.9.22), ela o acompanhou na viagem de retorno à África, mas faleceu e foi sepultada às vésperas da partida (*Conf.* 9.11.27-28).

Alguns traços de suas crenças e da forma de conduzir a vida são extraídos de outras obras de Agostinho, notadamente os *Diálogos de Cassiciaco*, escritos durante a estada em Milão. No *Contra Academicos*, ela é vista a interromper a

discussão do filho e seus discípulos, para os convidar à refeição (*Acad.* 2.5.13). No *De Beata Vita*, ela é referida como quem alcançou o cume da filosofia, pois orientava para Deus o seu amor e desejos (*Beata v.* 2.10). No *De Ordine*, ela é descrita como a *religiosissima femina* – “mulher religiosíssima” –, que reprova Licêncio por entoar salmos nas latrinas (*Ord.* 1.8.22). Na sequência, foi referenciada a interromper as tertúlias do grupo do filho; e, ao lhe indagar se alguma mulher fora admitida a discussões do gênero, ele respondeu-lhe: *Nam et feminae sunt apud ueteres philosophatae et philosophia tua mihi plurimum placet* – “houve mulheres entre os antigos que se dedicaram à filosofia, e a filosofia que tu apresentas muito me agrada” (*Ord.* 1.11.31)<sup>1</sup>. E completou a defesa da participação feminina na filosofia dizendo:

*Contemnerem te igitur in his litteris meis, si sapientiam non amares; non autem contemnerem, si eam mediocriter amares, multo minus, si tantum quantum ego amares sapientiam. Nunc uero cum eam multo plus quam me ipsum diligas, et nouerim quantum me diligas, cumque in ea tantum profeceris, ut iam nec cuiusuis incommodi fortuiti nec ipsius mortis, quod uiris doctissimis difficillimum est, horrore terrearis, quam summam philosophiae arcem omnes esse confitentur, egone me non libenter tibi etiam discipulum dabo?*

20

Eu te desdenharia nestes meus estudos, se tu não amasses a sabedoria; mas não te desdenharia se tu a amasses somente um pouco; por maior razão, tenho de te admitir à sabedoria, sabendo que tu a amas tanto quanto eu. Mas, na realidade, uma vez que tu a amas muito mais do que a mim mesmo – e eu sei o quanto tu me amas – e uma vez que tu progrediste tanto na sabedoria ao ponto de não temeres qualquer desgraça que possa advir, nem a própria morte, progresso este que é muito difícil de se conseguir até mesmo pelos homens muito instruídos, e que todos admitem ser este o ponto mais elevando da filosofia, então, não sou eu que, de boa vontade, devo declarar-me discípulo teu? (*Ord.* 1.11.32)

Agostinho mostra-a conhecedora dos escritos dos antigos, e a comprazer-se na leitura das Escrituras. Reconheceu-lhe, assim, um espírito apto aos estudos da “Sabedoria”, em interpretação corroborada por outras passagens do *De Ordine* (2.1.1).

Por sua vez, duas menções a Mônica encontram-se na correspondência de Agostinho. Nas *Cartas a Casulano*, de 397, e a *Januário*, de 400, ele lembrou-se dela

<sup>1</sup> Todas as traduções latinas são do autor do artigo.

na manifestação sobre uma conversa com Ambrósio, quando trataram do preceito dos jejuns aos sábados. Disse ali que Mônica teria acatado de pronto as orientações episcopais.

Em complemento aos relatos, uma possível fonte arqueológica relativa a Mônica foi encontrada em 1945, na igreja de Santa Áurea, em Óstia. É uma lápide do século VI, com um epitáfio atribuído a Anício Basso, cônsul em 408 (MEIGGS, 1973, p. 399-400; BOIN, 2010, p. 195). É um fragmento de mármore, com a metade de três dísticos elegíacos, recompostos a partir do *Codex Parisini 8093*, do século IX (CLARK, 2015, p. 164), inseridos na *Anthologia Latina* (RIESE, 1869, p.127), sob o número 670:

HIC POSVIT CINERES GENETRIX CASTISSIMA PROLIS  
AUGVSTINE, TVIS ALTERA LVX MERITIS,  
QUI SERVANS PACIS CAELESTIA IVRA SACERDOS  
COMISSOS POPVLOS MORIBVS INSTITVIS.  
GLORIA VOS MAIOR GESTORVM LAVDE CORONAT  
VIRTVTVM MATER FELICIOR SVBOLE.

Aqui deixou as cinzas a castíssima mãe de um filho,  
uma segunda luz para teus méritos, ó Agostinho,  
(tu) sacerdote que guardas as celestes leis da paz,  
ensinaste por meio dos costumes os povos confiados (a ti).  
Glória dos feitos maior do que o louvor vos coroa,  
ó mãe das virtudes, mais afortunada em razão da prole.

## 2. *Vita Monica*, uma construção literária

Como se viu, as *Confissões* são a principal fonte sobre Mônica. Courcelle (1968, p. 36) aponta a possibilidade de Agostinho haver elaborado um opúsculo sobre ela, que serviria de base para os capítulos de sua infância e casamento, no Livro 9. Courcelle embasou-se na *Carta de Agostinho a Januário*, na passagem em que o bispo falava de sua mãe: *Credo te aliquando ex me audisse, sed tamen etiam nunc comemoro* – “Eu creio que já me ouviste alguma vez, mas ainda assim vou lembrar-te novamente (*Ep.* 54.2.3)”. Corrobora essa hipótese a possibilidade de Agostinho também haver elaborado outra biografia, a de Alípio, em atenção ao pedido de Paulino de Nola ao biografado, na *Carta 24* (GOLDBACHER, 1895, p. 73):

*Specialiter autem hoc a te peto, quoniam me immerentem et inopinantem magno tui amore complesti, ut pro hac historia temporum, referas mihi omnem tuae Sanctitatis historiam: ut quod genus, unde sis domo tanto*

*vocatus a Domino, quibus exordiis segregatus ab utero matris tuae, ad matrem filiorum Dei prole laetantem, abiurata carnis et sanguinis stirpe, transieris, et in genus regate et sacerdotale, sis translatus, edisseras.*

Já que tu, com teu grande amor, completaste a mim, que nem mereço nem esperava, eu especialmente te peço que em retribuição a essa *História Universal* tu me contes toda a história de tua santidade, tua linhagem, de que casa provéns chamado por tão alto Senhor, por quais exórdios foste separado do ventre de tua mãe para ires em direção à mãe dos filhos de Deus, que se alegra pela prole, refutando a estirpe da carne e do sangue, e foste transportado a uma estirpe real e sacerdotal. (*Ep.* 24.4)

Pela hipótese, Agostinho o desincumbiu de escrever sobre si, e assumiu a tarefa, que resultou nos episódios da sedução de Alípio pelos circos (*Conf.* 6.8.13) e da acusação de furto no beco dos Argentários (*Conf.* 6.9.14). Chadwick (2009, p.89) chega a considerar o pedido de Paulino de Nola um dos motivadores das próprias *Confissões*. Não discordante de Courcelle, Beyenka (1950, p. 37-40) já havia proposto que Agostinho tivesse preparado um opúsculo sobre Mônica, mas como panegírico fúnebre.

22

De qualquer modo, essa *Vita Monnicae* não deve ser percebida como um registro histórico fiel. Confirmada a hipótese de Courcelle, ela deve ser tratada como veículo literário dotado de propósito, ou o relato do caráter e da alma da biografada, como registro elaborado para representar um modo ideal de vida, para inspirar, moldar e formar o arcabouço moral dos leitores (URBANO, 2013, p. 17-18). Com efeito, os capítulos protagonizados por Mônica não pretendem ser a exposição apodítica de sua vida, mas um instrumento de estímulo à emulação das virtudes expostas no relato (GENTILI; CERRI, 1988, p. 61).

Para reflexão, deve-se, preliminarmente, separar nas *Confissões* os trechos protagonizados por Mônica. Destacam-se quatro blocos:

- a) capítulos 3.11.19-12.21: tratam das premonições de Mônica em relação à conversão de Agostinho;
- b) capítulos 5.8.14-15: tratam da partida de Agostinho e do abandono de Mônica em Cartago;
- c) capítulo 6.1.1: trata da travessia de Mônica para a Itália;
- d) capítulos 9.8.17-13: tratam da juventude de Mônica, com ênfase na narrativa da repreensão ao gosto pelo vinho; e de sua vida de casada, com a intriga das criadas e a conversão do marido; até seus momentos finais e exéquias.

## 2.1. Análise literária

a) As primeiras ocorrências protagonizadas por Mônica dão-se em dois capítulos sucessivos no Livro 3, que trata da formação intelectual de Agostinho, com seus desdobramentos filosóficos e religiosos. Unem as passagens os relatos das premonições de Mônica quanto ao destino do filho. Na primeira ocorrência, o mais relevante é a descrição do sonho de Mônica, no curso do qual ela, achando-se a chorar sobre uma régua de madeira, percebeu perto um jovem de esplêndida beleza. Este perguntou-lhe a razão do pranto, e, ao ouvir que o motivo era a perdição do filho, tranquilizou-a profetizando que onde ela estivesse, ali também ele estaria. Então, no terceiro movimento onírico, Mônica viu Agostinho sobre a régua de madeira, e interpretou o sonho como uma mensagem divina, a garantir-lhe a conversão do filho. Só assim ela consentiu em voltar a recebê-lo em casa, afastado desde sua adesão ao maniqueísmo (*Conf.* 3.11.19).

Analisando esse trecho, O’Ferrall (1975, p. 30-35) identificou um *tópos* literário, sob o modelo das manifestações premonitórias oníricas comuns nos primórdios da produção cristã, em obras como o *Pastor Hermae*, os *Acta Martyrum* e a *Passio sanctarum Perpetuae et Felicitatis*. Já Ferrari (1979) remete os sonhos de Mônica não apenas às matrizes oniromânticas veterotestamentárias (Jo, 28.8; Ecl 7.7 e Is, 29.8), mas insere-os na tradição greco-latina, sob exemplo do *De Diuinatione*, de Cícero, do *Onirocritica*, de Artemidoro, e do *Commentarium in Somnium Scipionis*, de Macróbio. Para Mertens (2007, p. 321), que foi além da leitura de O’Ferrall e detalhou os modelos narrativos dos sonhos da Antiguidade, o sonho de Mônica era uma estilização literária, inserido na tradição de sonhos admonitórios dos textos martiriológicos norte-africanos, como nos *Acta Montani* (MERTENS, 2004, p. 269) e nos sonhos de Macrina e Nona (FRANCHI, 2020, p. 243). Essa interpretação de Mertens propõe a recorrência de uma composição tripartida da narração onírica, de modo que interviriam na trama três *dramatis personae*, representadas por Mônica, o *homo diuinus* e Agostinho. Além disso, o *drama somniale* desenvolver-se-ia em três atos, espelhados pela visão do *homo diuinus*; pela revelação de que conhecia a dor de Mônica; e pela visão de Agostinho sobre a régua de madeira. Vê-se a estilização da narrativa de Mônica, em aproximação simbólica com os relatos religiosos do período.

O segundo protagonismo de Mônica descreve seus repetidos pedidos a um bispo, para que ele tentasse convencer Agostinho a abandonar o maniqueísmo. Importunou-o de tal forma que, irritado, ele respondeu-lhe: *Vade a me; ita uiuas, fieri non potest, ut filius istarum lacrimarum pereat* – “Vai-te de mim e assim vive, pois não é possível que pereça um filho dessas lágrimas” (*Conf.* 3.12.21). O capítulo encerra-se com a informação de que Mônica, sem se amofinar com a impaciência do interlocutor, aceitou aquelas palavras como predição, como a resposta divina a seus prantos.

A aceitação da recusa do consultado como a profecia ecoa o episódio narrado por Plutarco na *Vida de Alexandre*, cuja biografia era conhecida por Agostinho, como atestam as referências na *Cidade de Deus* (HARDING, 2008). Tendo ido consultar o oráculo de Apolo quanto à sua expedição à Ásia, ao ouvir a recusa da pitonisa em atendê-lo fora do templo, Alexandre mandou arrastá-la até sua presença, quando, então, ela lhe teria dito: *ἀνίκητος εἶ, ὁ παῖ* - “és invencível, filho” -, o que ele aceitou como a predição requerida. Assim, na consulta forçada ao adivinho, sua negativa em conceder a predição, e a decisão do consulente em tomar a recusa como a profecia são passos similares nas duas narrativas. Desse modo, a possível alusão conferiria literariamente às aspirações de Mônica e à resposta do bispo o resultado exitoso das campanhas de Alexandre, como prenúncio da decisão de Agostinho de abandonar os maniqueus, e de que o intento salvífico de Mônica seria exitoso.

Porém, é preciso elucidar a intertextualidade, e esclarecer a função metaliterária desses construtos. Pela leitura dos sonhos de Mônica por Franchi (2020, p. 249), em interpretação que pode ser expandida para a profecia do bispo inominado, a descrição de suas premonições apresenta dupla função. Primeiro, as profecias conferem particular significado espiritual à conversão de Agostinho, que, graças à atuação premonitória de Mônica pode ser percebida como renunciada pela Providência, como se depreende da atitude de Agostinho após a conversão, quando procurou pela mãe e contou-lhe o ocorrido. Corroboram-no as palavras de Agostinho: *stans in ea regula fidei, in qua me ante tot anos ei reuelaueras* - “estando eu já naquela régua de fé, em que tantos anos antes me havias revelado a minha mãe” (*Conf.* 8.12.30). Em segundo lugar, e em conexão com a conversão de Agostinho, as premonições de Mônica confirmam sua qualidade de *mediatrix* em relação ao filho e à fé, em uma função que será sua marca teológica.

b) O segundo protagonismo de Mônica ocorre no capítulo 8.15, do Livro 5, que trata da mudança de Agostinho para a Itália. Ela tem destaque na descrição da partida do filho da cidade de Cartago. Quando Agostinho decidiu mudar-se para Roma, sua mãe tentou impedi-lo; chorou e seguiu-o até o porto, a suplicar que ao menos a levasse consigo. Agostinho não acedeu. Fingindo esperar a chegada de amigos para embarcar, abrigou-a na capela de São Cipriano e fugiu, deixando-a rezar por ele.

O *tópos* da mulher abandonada na praia, sob o modelo da Ariadna de Catulo (*Carmen* LXIV) e da virgiliana Dido, norteia a tessitura do episódio, e uma reflexão deve ser pautada pelo reconhecimento dessa intertextualidade (BENNETT, 1988, p. 61). No episódio, Agostinho aludiu ao abandono da rainha de Cartago por Eneias, como repetição do tema desenvolvido no seu aprendizado escolar, quando, *oblitus errorum meorum* - “esquecido das minhas errâncias” -, era obrigado a elaborar discursos para deplorar a morte da viúva de Siqueu (*Conf.*

1.13.20). Eneias, filho de Vênus e Anquises, é o herói da *Eneida*, um poema central no processo educacional latino e na própria cultura imperial; Dido, por sua vez, é a rainha que, apaixonada, suicidou-se ao ser abandonada. Nos primeiros livros das *Confissões*, em trajetória que culmina na descrição de sua partida de Cartago, Agostinho várias vezes comparou-se a Eneias (*Conf.* 1.13.20-22; 5.8.15; 9.10.23). Para explicar essa recorrência, Ziolkowski (1995, p. 5) propôs a influência neoplatônica do conceito de *peregrinatio animae* na leitura agostiniana das errâncias do herói troiano, de quem o próprio Agostinho vê-se como emulador, pela *interpretatio christiana* das viagens de Eneias como representação da morte dos humanos e de seu renascimento salvífico, na condição da alma que, na figura de Adão, vive sua queda e é redimida pela ressurreição de Cristo, em analogia que remete à soteriologia paulina (1 Cor. 15.22). Agostinho parece se identificar com Eneias pela missão de fundar uma cidade – Eneias e a futura Roma; Agostinho e a *Cidade do Céu*, na conclusão de sua peregrinação rumo à conversão. Nesse caminho, ambos deixam em Cartago as mulheres que os amam – Eneias abandona Dido; Agostinho, a mãe. E tanto Eneias quanto Agostinho fazem-no para viajar à Itália, ambos sob comando divino: Eneias, conduzido pelo Fado (*fato profugus* – *En.* 1.2); Agostinho, pela Providência. Na Itália, um e outro enfrentam embates – Eneias, contra exércitos de Turno; Agostinho, consigo mesmo, em combate pela continência sexual. Nesse sentido, Clark (2019, p.30) vê nas errâncias de Eneias o paradigma da partida de Agostinho em busca da verdadeira morada espiritual. Nesse caso, as semelhanças entre Mônica e Dido também são conspícuas. São viúvas, cartaginesas e extremadas nos sentimentos, e são abandonadas pelos amados, que tentaram ocultar sua partida. Evidencia ainda mais a proximidade entre os textos a citação dos versos *En.* 4.586-590, para realçar os sofrimentos de Mônica (*Conf.* 5.8.15):

*regina e speculis ut primam albescere lucem  
vidit et aequatis classem procedere velis,  
litora que et vacuos sensit sine remige portus,  
terque quaterque manu pectus percussa decorum  
flaentisque abscissa comas. (...)*

(...)quando a rainha, a partir de sua atalaia, viu a primeira luz  
alvorecer  
e em boa ordem a esquadra afastar-se com as velas,  
e percebeu as praias vazias e o porto sem remadores,  
três, quatro vezes golpeando com a mão o peito,  
e a puxar os cabelos de loura beleza (...)  
(*Eneida*, 4.586-590)

Ziolkowski (1995, p.10) ainda apresentou outra possibilidade de leitura do trecho. Agostinho permaneceria sob o modelo de Eneias, mas Mônica, ainda que sob as alusões a Dido, aproximar-se-ia de Vênus. Afinal, ambas são obsessivamente interessadas pelo destino dos filhos, e não hesitam em interferir em suas vidas e casamentos; Vênus pede aos deuses proteção para Eneias (*En.* 1.229-253; 5.779-798; 8.370-392), e Mônica chora pela conversão de Agostinho; ambas transmitem mensagens divinas – Mônica, por meio dos sonhos, Vênus, por meio das profecias de Júpiter e da entrega das armas forjadas por Vulcano, onde se representa o destino de Roma.

Vê-se que a função de Mônica nesse capítulo oferece duplo alcance, com conclusões não exclusivas. Na articulação com Dido, a constatação realça as diferenças da natureza sentimental em relação aos amados. Afinal, se Eneias abandonou uma amante atormentada pelo malfadado amor, Agostinho deixou a mãe, que reagiu de forma diferente da rainha cartaginesa. Pois o suicídio foi a opção de Dido, ao passo que Mônica retornou à igreja e aos rogos pela proteção divina ao filho. Para Bennett (2008, p.59), a atitude de Mônica, oposta à de Dido, traz a interpretação da morte simbólica de sua natureza original, de certo fanatismo, já referido por Ottley (1919, p.5). Só assim ela se habilitaria para o papel de *pia mater*, desempenhado no capítulo 6.1.1.

Já na intertextualidade entre Mônica e Vênus, novamente as diferenças constroem a ironia. Nessa oposição crítica, Mônica revela-se a antítese de Vênus. Sua caracterização como jovem obediente, mãe virtuosa, esposa modelar e casta viúva, fê-la oposta à deusa carregada de erotismo e de exaltada carnalidade. Mônica, assim, eleva-se à condição de guia do filho na conversão. Era a transformação necessária à verossimilhança da construção de seu caráter, para habilitá-la a assumir o papel de Paulo de Tarso e do próprio Cristo nos Evangelhos, em outra leitura possível do capítulo 6.1.1, e considerá-la, assim, a “face feminina de Cristo” (BOWERY, 2007, p. 78-79).

Nesses paralelos entre Mônica e Dido e entre Mônica e Vênus – próximas na superficialidade dos relatos, e díspares no conteúdo paródico – tanto a insanidade de Dido quanto o erotismo de Vênus realçam as virtudes de Mônica, sobretudo seu amor materno e piedade religiosa. Ela, assim, revela-se mais devota, mais confiante nas profecias e mais segura da intercessão divina na conversão do filho.

c) Novo protagonismo de Mônica dá-se no início do Livro 6, que cobre um período da vida de Agostinho em Milão e descreve a sua relação com os amigos mais próximos. Abre-o o relato a viagem de Mônica pelo Mediterrâneo, na travessia para encontrar o filho. Irrupendo uma tempestade, que pôs o navio em risco, ela acalmou os passageiros e tripulantes:

*Iam uenerat ad me mater pietate fortis, terra marique me sequens et in periculis omnibus de te secura. Nam et per marina discrimina ipsos nautas consolabatur, a quibus rudes abyssi viatores, cum perturbantur, consolari solent, pollicens eis peruentionem cum salute, quia hoc ei tu per uisum pollicitus eras.*

Já havia chegado até mim a minha mãe, forte na devoção, por terra e mar me seguindo, segura de ti em todos os perigos. Pois mesmo nos riscos do mar ela consolava os marinheiros, que costumavam consolar os viajantes inexperientes, quando assustados com o alto mar. Prometeu-lhes a chegada a salvo, porque assim tu lhe havias prometido por meio de uma visão. (Conf. 6.1.1)

Apesar de breve, a passagem da travessia náutica é rica em intertextualidades. A primeira encontra-se um pouco antes da referida citação, logo após a exposição do período que Agostinho chamou de “trevas e atoleiro” (*ambulabam per tenebras et lubricum*), em referência aos maniqueístas. Ao descrever que Mônica partira da África e fora a seu encontro para demovê-lo da seita e convertê-lo a seu credo, Agostinho o fez citando o verso *En. 9.492 (terraque marique secuta* – “por terra e mar seguindo”). Trata-se de alusão à mãe de Euríalo, uma das troianas que acompanharam os prófugos de Troia na viagem ao Lácio, que chora a perda do filho, abatido pelos rútilos em malsinada expedição. No lamento, ela se pergunta se “só para isso, por terra e mar o seguira?” E por meio dessa alusão Agostinho referiu-se à mãe, dizendo que ela fora ter com ele, “seguindo-o por terra e mar” (*terra marique me sequens*). Mas, se o sofrimento da mãe de Euríalo, no predominante contexto misógino do Mundo Antigo, leva ao leitor a impressão de exagero dos lamentos da mãe troiana, de modo que os paroxismos de sua dor foram retratados como uma afecção feminina (*femineo ululatu* – v. 9.476), carregada de conteúdo emotivo e destemperada paixão (SHARROCK, 2011), Agostinho lançou mão de nova ironia, e processou outra transformação na descrição da personagem de sua mãe, para revelar sua continência quanto às afecções sentimentais. Não por acaso, no capítulo 9.4.8, ele referiu-se à sua fé varonil (*uirili fide*). Vê-se que, se o amor materno de ambas começa a ser descrito com as mesmas palavras, seu desenvolvimento, porém, mostra-se diverso (BENNETT, 2008, p.64). Clark (2019, p. 37) vai além, e considera que, diferente da mãe de Euríalo, que viajou por mares e terra para tão só chorar pelo filho, Mônica, por oposição, enfrentou a travessia do Mediterrâneo confiante na salvação de Agostinho, cuja conversão lhe havia sido anunciada.

Entretanto, outra referência pode ser identificada nesse capítulo, embora como alusão neotestamentária. O trecho remete à navegação de Paulo de Tarso para a Itália, quando, apesar dos temporais, ele garantiu aos companheiros o

êxito da travessia, por ter sido avisado por um anjo durante o sonho que a viagem chegaria a bom termo (At 27.1-26). Mônica, assim, parece desempenhar o mesmo papel de Paulo, que permaneceu confiante durante a borrasca por crer-se predestinado a comparecer diante de César (At. 27.24). Pela citação dos *Atos dos Apóstolos*, parece que Agostinho quis conferir às atitudes da mãe não apenas a chancela sagrada, mas ainda fornecer-lhe a temperança que, mais uma vez, afasta-a do modelo de exacerbação emotiva da mãe de Eurialo. Para Bennett (2008, p. 64-65), essa justaposição das influências virgilianas e bíblicas permitiu a Agostinho apontar para a transformação de seu caráter, e prepará-la para exercer sua função mistagógica anunciada no capítulo 5.8.15.

Ziolkowski (1995, p.7) também vê Mônica no papel de Cristo, na passagem em que ele dormia na barca durante a tempestade, e, acordado pelos apóstolos, acalmou-os (Mt. 8.23-27; Mc 4.35-41; Lc 8.22-25). Note-se a referência à capacidade premonitória de Mônica que, avisada *por meio de uma visão*, partiu para resgatar o filho. Do mesmo modo, Ferrari (1979, p.10) relacionou a peripécia de Mônica ao episódio de Cristo na barca, sob a percepção de que ela propiciou ao filho vencer os estos das paixões, anunciados nas metáforas marítimas, como as “grandes vagas de tentações” (*Conf.* 1.11.18) e as “ondas de minha idade” (*Conf.* 2.2.3). É possível a leitura de Franchi (2020, p. 253), e entender que a madeira do barco que levou Mônica à Itália remete não só à régua de madeira do sonho, mas ao lenho da crucificação.

28

Uma última ocorrência intertextual resume a caracterização de Mônica, pela referência à ressurreição do filho da viúva, em Naim (Lc 7,11-17). Ao ser equiparada àquela mulher que, por causa da perda do filho, comovera Cristo a ponto de ele o trazer dos mortos, Mônica tem reafirmada sua condição de *Mediatrix*, uma vez que a alusão hipotextual remete ao seu esforço, que, por meio das lágrimas, tenta recuperar Agostinho da morte espiritual.

d) A quarta sequência protagonizada por Mônica encontra-se no Livro 9, que trata do batismo de Agostinho e de seu retorno à África. O relato inclui a narrativa de sua morte e das exéquias, e os episódios de sua juventude e de seu casamento – exatamente aqueles sobre os quais Courcelle (1968, p. 36) formulou a hipótese de serem extratos de uma *Vita Monnicae*.

Preliminarmente, a leitura dos capítulos 9.8.17-23 leva à percepção de uma clivagem na descrição da personagem Mônica, traçando dois retratos distintos (ZIOLKOWSKI, 1995, p. 1). O primeiro, do Livro 1 ao 8, revela o desenvolvimento de suas virtudes, em percurso preparatório de sua missão mistagógica, culminada no batismo do filho. Revela o movimento ascensional de sua personalidade, em processo de citações, alusões e releitura das matrizes clássicas, ultimado em sua aproximação das personagens bíblicas.

Sob esse novo arcabouço, os eventos anteriores à sua viuvez ganham mais a feição de uma *Vita*, sob o provável modelo da *Vita Antonii*, de Atanásio de Alexandria, cujo impacto em Agostinho é descrito no capítulo 8.6.14 das *Confissões*. Trata-se de relato quase ficcional, em que o autor busca retratar um modo exemplar de vida, para instrução na virtude e promoção de ideias. Urbano (2013, p. 20-23) vê nesses relatos realidades idealizadas que, além de descrever eventos verídicos, panegíricos ou encômios, revelam a geografia interior do biografado.

Essa *Vita Monicae* encontra-se no livro 9 em três episódios:

- a) 9.8.17-18: Mônica “bebadazinha”;
- b) 9.9.19-22: Mônica esposa;
- c) 9.10.23-11.27: Mônica e Agostinho;

Na primeira sequência, que trata da juventude de Mônica, o episódio de seu gosto pelo vinho é central. Os pais pediam-lhe que buscasse nas dornas o vinho das refeições; nessa tarefa, ela começou a provar da bebida; mas o hábito fê-la aumentar o consumo, até ser repreendida por uma serva, que a chamou de “bebadazinha”. O reproche fê-la abandonar a prática. Burton (2007, p. 52-56) vê aí a estrutura de uma comédia. A intriga entre Mônica e as criadas (*famulae*) remete à caracterização das mulheres pobres na *Comédia Nova*, e seu vocabulário alude ao teatro do Período Republicano, com o uso de palavras carregadas de arcaísmos, como *decrepitus* e *grandiuscula*, atestadas por Terêncio (*Ad.* 939; *And.* 814). No caso deste último adjetivo, reforça a intertextualidade o fato de sua única ocorrência provir da obra do comediógrafo púnico-latino. O hipotexto remete a descrição da juventude de Mônica à comédia *Andria*, fazendo ecoarem nela as características de Glicéria, a *moça de Andros*, como relatadas pelo personagem Simão (*And.* 69-75):

*SI. interea mulier quaedam abhinc triennium  
ex Andro commigravit huc viciniaie,  
inopia et cognatorum negligentia  
coacta, egregia forma atque aetate integra.  
(...)  
primo haec pudice vitam parce ac duriter  
agebat, lana ac tela victum quaeritans;*

Simão: No entanto, há três anos, uma certa mulher migrou de Andros para a vizinhança, obrigada pela indigência e pela negligência dos parentes, de beleza egrégia e na idade completa.

(...)

No princípio, ela levava uma vida pudica, parca e árdua,

procurando o sustento por meio das lãs e da tecelagem.

Pelo uso do *tópos*, Agostinho conferiu à personalidade da jovem Mônica algumas características ideais da virtude feminina na Antiguidade, como no *Epitáfio de Cláudia*, do séc. II a.C.: *DOMVM SERVAVIT. LANAM FECIT* – “Cuidou da casa, fiou lã” (PEREIRA, 2000, p. 13). Dignificada em sua constituição natural pelo conteúdo terenciano, ao ser repreendida pelo consumo de vinho, sua reação realçou sua capacidade de afastar-se do erro e retomar a via correta, em um comportamento precursor de sua atuação na conversão de Agostinho, comparado ao *Filho Pródigo* (Lc 15,11-18) (FERRARI, 1977).

Nos capítulos 9.9.19-22 lê-se sobre o seu convívio conjugal, descrito como harmonioso, apesar da natureza violenta do marido. Na transformação das citações clássicas, Mônica agora, na descrição do casamento, por meio da quase textual citação do verso *En. 7.53 – iam matura viro, iam plenis nubilis annis* – “já madura para o varão, ao atingir a idade núbil” –, na expressão *ubi plenis annis nubilis* – “quando atingiu a idade núbil” (*Conf. 9.9.19*) –, evoca Lavínia, com quem Eneias casou-se ao chegar ao Lácio.

Além disso, Burton (2007, p. 52-56) identifica outro *tópos* da comédia, relacionado à conflituosa relação entre sogra e nora, motivada por intriga das servas, e que se resolverá com a intercessão do *pater familias*, que impõe a ordem na *domus*, sob o modelo da *Hecyra*, ou “A Sogra”, de Terêncio. Mais uma vez, o tratamento dado a Mônica enaltece sua habilidade de contemporização e estabelecimento de concórdia, mercê de sua capacidade de harmonizar as desavenças, como no capítulo 9.9.21 das *Confissões*.

Por fim, nos capítulos 9.10.23-26, que contam o êxtase de mãe e filho, quando puderam contemplar a Sabedoria Divina, processou-se a derradeira transformação metaliterária dessa personagem cada vez mais intrincada, e mais uma vez pela utilização dos *topoi* virgilianos. Nesse episódio, Bennett (1988) aponta o paralelo entre Mônica e Anquises, mais exatamente na descida do herói troiano ao mundo inferior, onde encontrou o espectro do pai. De novo, as diferenças explicitam a técnica de Agostinho, pautada pela intertextualidade irônica. Diferente de Anquises, já morto, Mônica encontra-se às vésperas da morte, mas, em vez de percorrer o mundo inferior (κατάβασις), cumpre uma subida mística em direção a Deus (Ἀνάβασις). Por sua vez, Mackey (2020, p. 228-232) aponta outro sentido no episódio, ao identificar nele os versos *En. 6.713-715*. Virgílio mostrou ali Anquises a explicar ao filho a função da água do esquecimento, a *fons uitae* – “fonte da vida” –, no momento antecedente à encarnação, como a água oferecida a Agostinho na forma do batismo. Segue-se a reverberação da promessa do futuro glorioso que Anquises prognosticou para Eneias, de modo que o reino próspero renunciado para o troiano representasse

alegoricamente o mundo divino, que haveria de ser alcançado por Agostinho na conversão. Quanto a Mônica, cada vez mais idealizada como paradigma da mãe cristã, ela tornou-se uma sinédoque não só da igreja (SEHORN, 2015), mas do conceito religioso da excelência materna e uxória.

Em resumo, os capítulos protagonizados por Mônica revelam sua feição literária. Percebem-se as transformações de sua personalidade, em um desenvolvimento espiritual (ALFARIC, 1918, p. 8-13) retratado por meio do diálogo intertextual entre os *topoi* clássicos e os relatos bíblicos, o que reforça a possibilidade de serem lidos como parte de uma *Vita Monicae*, escrita para representar o paradigma da virtuosa filha, esposa, nora e mãe (BUSTAMANTE, 1996).

### 3. O nome de Mônica

Nos estudos sobre Mônica, um ponto recorrente é a origem de seu nome. Mas, dada a gama de suposições necessárias à formulação das hipóteses que embasam as teorias, seus resultados revelam-se pouco concretos.

Em percurso diacrônico, vê-se que a busca pelas raízes de seu nome remonta à compilação dos registros epigráficos latinos norte-africanos (CAVEDONI, 1838, p. 2). Foi nesse contexto que Celestino Cavedoni, precursor dessa pesquisa onomástica, propôs a derivação do substantivo latino *Monnica*, presente com tal grafia nos manuscritos que transmitiram as *Confissões*, a partir do nome *Monna*, em referência a uma mártir citada no Calendário Morcelliano (MORCELLUS, 1817, p. 347), venerada em 26 de novembro. No entanto, Cavedoni ressalvou a raiz púnica do nome, razão pela qual quase toda a investigação subsequente prosseguiu sob esse viés, corroborado pela informação de que Agostinho conhecia o idioma púnico, como atesta a sua discussão com Máximo de Madaura, na *Carta* 18.

No século XX, na análise sobre os donatistas, Frensd (1952, p. 230) aprofundou a pesquisa epigráfica, e, em nova hipótese etimológica, remeteu o nome “Mônica” a uma deusa líbia chamada Monna, aparentemente cultuada em Tibilis. Essa conclusão foi alcançada no estudo de duas inscrições referenciadas no *Corpus Inscriptionum Latinarum – Africa*, de 1894, números 14911 e 17798. A informação de Frensd foi replicada nas principais biografias de Agostinho e de Mônica, aparentemente na esteira da primeira edição do trabalho de Brown (2000, p. 20), de 1967. Seguiram-no O’Donnell (2005, p. 116), Fox (2015, p. 57), Clarck (2015, p. 126) e González (2016, p.23).

Em nova hipótese, porém, Vattioni (1982), após negar a existência da divindade líbia chamada Monna, derivou o nome de Mônica do teônimo egípcio *Ámon*, também grafado em latim como *Hammon* e *Ammon*. Anos depois, aprofundando sua análise, ele voltou ao tema e apresentou a hipótese de o

referido nome ser um hipocorístico diminutivo do nome do deus egípcio *Ámon*, transcrito nos registros de vocalização da epigrafia púnica sob a forma de *ḥmn* (VATTIONI, 1996).

Por fim, no Congresso de Onomástica, realizado pela Universidade de Baía Mare, na Romênia, Ionescu (2011) apresentou novas possibilidades etimológicas para o nome da mãe de Agostinho, com a característica de não pretender encontrar apenas uma acepção, mas um conjunto de acepções. Sua proposta pretende que todas as possibilidades coexistam ao lado da conhecida origem púnica da palavra, com significados múltiplos provavelmente reconhecíveis pelos habitantes da região, onde conviviam os idiomas latino, púnico-fenício e grego. Ionescu considerou viável a radicação latina do nome *Monnica*, conferindo ao correlato substantivo *monna* o significado de “mãe” e “senhora”, como haveria de alcançar, em italiano, o significado do substantivo de mesma grafia.

Esse é o atual *status quaestionis*. No entanto, aceita a informação da origem púnica-berbere do nome de Mônica, como preconizado desde os estudos de Cavedoni, e compulsado o *Dicionário da Língua Fenício-Púnica*, organizado por Krahmalkov (2000), surge outra opção etimológica, posto que eivada da mesma fragilidade das demais hipóteses. Contudo, como na formulação de Ionescu, essa nova interpretação etimológica apresenta a vantagem de não ser exclusivista, podendo conviver com outras possibilidades, em ecos concomitantes de significados reconhecíveis.

De fato, o dicionário de Krahmalkov (2000, p.187) também transcreve a vocalização do nome da divindade egípcia *Amon* como *ḥmn*. Tendo isso em conta, é valiosa a leitura de Brewer (2007, p. 140), que reconstrói a pronúncia egípcia do nome *Ámon* como *AMANA*. Além disso, por informação de Vattioni (1996), deve ser levada em conta a dificuldade dos nômadas, entre os quais originou-se Agostinho, de pronunciarem a consoante vocalizada como *ḥ-* no início das palavras. Assim, a provável pronúncia do nome egípcio aproxima-se da forma de vocalização dicionarizada como *'M*, com o significado de “mãe” (KRAHMALKOV (2000, p.57), cujo hipocorístico pode ser traduzido para o português como “mãezinha”.

Essa hipótese ganha relevo se aplicada às *Confissões*, uma vez que a única ocorrência do nome de Mônica dá-se ao lado do de Patrício, no pedido de Agostinho para que seus leitores rezem por seus pais:

*Inspira seruis tuis, fratribus meis, filiis tuis, dominis meis, quibus et corde et uoce et litteris serui, ut quotquot haec legerint, meminerint ad altare tuum Monnicae, famulae tuae, cum Patricio, quondam eius coniuge, per quorum carnem introduxisti me in hanc vitam, quemadmodum nescio.*

Inspira os teus servos, meus irmãos, teus filhos, meus senhores, aos quais sirvo com o coração, com a voz e com os meus escritos, para que todos aqueles que os lerem lembrem-se no teu altar de tua *Mãezinha*, tua serva, e de *Patrício*, outrora seu marido, pela carne dos quais me introduziste nesta vida, não sei de que modo. (*Conf.* 9.13.37).

Assim, o nome de Mônica remeteria não apenas ao da mártir *Monna*, como teorizado desde Cavedoni, mas também às tradições berberes da família, como afirmou Frend (1952), e ainda poderia guardar o jogo sonoro alusivo ao papel dos genitores, que, dessa forma, seriam elevados, por meio da evocação de seus apelidos familiares, à condição de suas funções parentais, sobretudo de Mônica, na representação da mãe e esposa exemplar, mediadora da redenção do marido e dos filhos.

## Conclusão

Confirmada ou não a hipótese de Courcelle de Agostinho haver escrito uma *Vita Monnicae* antes de elaborar as *Confissões*, nas quais a aproveitaria, o registro exemplar da biografia literária de Mônica, como de se esperar do gênero desenvolvido a partir do paradigma da *Vida de Antão*, de Atanásio de Alexandria, foi instrumento eficaz de propagação de sua veneração, iniciada no século XV com o traslado de seus pretensos despojos para Roma, de onde se difundiria a veneração a seu exemplo.

A leitura alegórica dos textos devocionais, como aplicação da técnica hermenêutica aprendida de Ambrósio por Agostinho, e ensinada na *Doctrina Christiana*, anima a percepção da matriz literária da descrição de Mônica de Hipona, como ficou conhecida a protagonista do relato hagiográfico extraído das *Confissões*, e difundido durante o processo de propagação de seu culto, logo assimilado no calendário litúrgico ocidental.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINO. *Confessionni*. Vol. 1-7. A cura di J. Fontaine, M. Cristiani, J. Girau, L.F. Pizzolato, M. Simonetti, P. Siniscalco. Traduzione di G. Chiarini. Ostiglia: Fondazione Lorenzo Valla/Arnoldo Mondadori, 1992.

ALFARIC, Prosper. *L'évolution Intellectuelle de Saint Augustin*. Paris: Emile Nourry, 1918.

ATKINSON, Clarissa. Your servant, my mother: the figure of Saint Monica in the ideology of christian motherhood. In: Atkinson, Clarissa (et al.). **Immaculate and Powerful: The female in sacred image and social reality**. Boston: Beacon Press, 1985, p 139-172.

AUGUSTINUS. *Contra Academicos; De Beata Vita; De Ordine; De Magistro; De Libero Arbitrio*. Turnhout. Brepols, 1970.

BENNETT, Camille. The Conversion of Vergil: the *Aeneid* in Augustine's *Confessions*. **Revue des Études Augustiniennes**, v. 34, 1988, p. 47-69.

BEYENKA, Mary. **Consolation in Saint Augustine**. Washington: Catholic University of America, 1950.

BOIN, Douglas. Late Antique Ostia and a campaign for pious tourism: epitaphs for Bishop Cyriacus and Monica, mother of Augustine. **Journal of Roman Studies**, v. 100, 2010, p. 195-209.

BOWERY, Anne-Marie. Monica: the feminine face of Christ. In: Stark, Judith Chelius (Ed.) **Feminist interpretations of Augustine**. Pennsylvania: Pen State University, 2007, p. 69-96.

34

BREWER, Douglas; TEETER, Emily. **Egypt and Egyptians**. Cambridge: Cambridge University, 2007.

BROWN, Peter. **Augustine of Hippo - a Biography**. Berkeley and Los Angeles: University of California, 2000.

BURTON, Philip. **Language in the Confessions of Augustine**. Oxford: Oxford University, 2007.

BUSTAMANTE, Regina. Santa Mônica: o paradigma feminino cristão. **Phoînix**, v. 2, 1996, p. 285-298.

CAVEDONI, Celestino. **Cenni sopra alcune antiche iscrizioni Cristiane recentemente scoperte nella già reggenza d'Algeri**. Modena: 1838.

CHADWICK, Henry. **Augustine of Hippo - a life**. Oxford: Oxford University, 2009.

CLARK, Gillian. **Monica – an ordinary saint**. Oxford: Oxford University, 2015.

COURCELLE, Pierre. **Recherches sur les Confessions de Saint Augustin**. Paris: Éditions E. de Boccard, 1968.

FERRARI, Leo. The Dreams of Monica in Augustine's *Confessions*. **Augustinian Studies**, v. 10, 1979, p. 2-18.

FERRARI, Leo. The Theme of the Prodigal Son in Augustine's *Confessions*. **Recherches Augustiniennes et Patristiques**, v. 12, p. 105-118, 1977.

FOX, Robin. **Augustine – Conversions to Confessions**. New York: Perseus Books: 2015.

FRANCHI, Roberta. Sogni e visioni di madri: tra tradizione classica e innovazione Cristiana. **Augustinianum**, v. 60, 2020. p. 231-255.

FREND, W. H. **The Donatist Church – a movement of protest in Roman north Africa**. Oxford: Oxford. 1952.

GENTILI, B.; CERRI, G. **History and Biography in Ancient Thought**. Amsterdã: J.C. Gieben, 1988.

GOLDBACHER, Alois. *S. AURELI AVGVSTINI Hipponiensis Episcopi Epistulae – recensuit et commentario critico instruxit. Pars I*. In: **Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum**. V. 33. n. 2. Viena: F. Tempsky, 1895.

GONZÁLEZ, Justo. **The Mestizo Augustine: a theologian between two cultures**. Madison: Intervarsity, 2016.

HARDING, Brian. The use of Alexander the Great in Augustine's *City of God*. **Augustinian Studies**, n. 31, v. 1, 2008, p. 113-128.

HOLGATE, Ian. The cult of Saint Monica in Quattrocento Italy: her place in Augustinian iconography, devotion and legend. **Papers of the British School at Rome**, v. 71, 2003, p. 181-206.

HOLGATE, Ian. Rome Awards: The cult of Saint Monica in Italy c. 1430-80. **Papers of the British School at Rome**, v. 69, 2001, p. 405-406.

IONESCU, Monica. Monica si Aurelius Augustinus. In: **Numele si numirea**. Actele Conferinței Internaționale de Onomastică. Ediția I: Interferențe multietnice în antroponomie. Ed. Oliviu Felecan. Cluj-Napoca: 2011, p. 341-347.

KRAHMALKOV, Charles. **Phoenician-Punic Dictionary**. Leuven: Uitgeverij Peeters, 2000.

LAFERRIÈRE, Anik. The doubting Augustine: the deletion of Monica from fourteenth-century *Vitae Augustini* in the Augustinian Ordo of Hermits. **Studies in Church History**, v. 52, 2016, p. 150-163.

MACKAY, Jacob. The silence of *Aeneid* 6 in Augustine's *Confessions*. In: Gladhill, Bill; Myers, Micah Young (Eds.). **Walking through Elysium: Vergil's underworld and the poetics of tradition**. Toronto: University of Toronto, 2020, p. 224-240.

MANDOUZE, André. **Prosopographie Chrétienne du Bas-Empire (303-533)**. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1982. p. 758-762.

MEIGGS, Russel. **Roman Ostia**. 2 ed. Oxford: Oxford University, 1973.

36

MERTENS, Cées. Note de lecture: Le rêve de Monique et le Maître intérieur. **Revue d'études augustiniennes et patristiques**, v. 53, 2007, p. 315-232.

MERTENS, Cées. Le Rêve dans les *Passions* des Martyrs – analyse narrative. **Augustinianum**, v. 44, 2004, p. 269-319.

MORCELLUS, Stephanus. **Africa Christiana**. V. 2. Brixiae: Officina Bettoniana, 1817.

MOORE, Rebecca. O Mother, where art thou? In search of Saint Monnica. In: Stark, Judith (Ed.) **Feminist Interpretations of Augustine**. Pennsylvania: Pennsylvania State University, 2007, p. 147-166.

O'DONNELL, James. **Augustine: a new biography**. New York: Harper Collins Publishers, 2005.

O'FERRAL, Margaret. Monica, the mother of Augustine: a reconsideration. **Recherches Augustiniennes et Patristiques**, v. 10, 1975, p. 23-44.

O'MEARA, John. Monica, the mother of Augustine. **The Furrow**, v.5, n. 9, 1954. p. 555-562.

OTTLEY, R. **Studies in the Confessions of St. Augustine**. London: Robert Scott Roxburgue, 1919.

PARSONS, Wilfrid. **St Augustine Letters 204-270**. V. 5. Washington: The Catholic University of America, 1956.

PEREIRA, Maria H. da Rocha. **Romana - antologia da cultura Latina**. 4ª ed. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000.

PIATTI, Pierantonio. **Il movimento femminile agostiniano nel medioevo - momenti di storia dell'Ordine eremitano**. Roma: Città Nuova, 2007.

POSSIDIUS. *Sancti Augustini Vita Scripta a Possidio Episcopo*. Princeton: Princeton University, 1919.

RIESE, Alexander. *Anthologia Latina siue Poesis Latinae Supplementum*. Lipsiae: Teubner, 1869.

SEHORN, John. Monica as Synecdoche for the Pilgrim Church in *Confessions*. **Augustinian Studies**, v. 46, n. 2, 2015, 225-248.

SHARROCK, Alison. Womanly wailing? The mother of Euryalus and gendered reading. **EuGeSta**, n. 1, 2011, p. 55-76.

SMETANA, Cyril. **Life of Saint Augustine by John Capgrave, together with Jordanus Saxony's Vita S. Augustine**. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 2001.

TERENCE. **Comédies**. Ed. J. Marrouzeau. 2 vol. Paris: Les Belles Lettres, 1947.

TOCK, Benoît-Michel. La *Translatio Sanctae Monicae* (BHL 6001), le culte de Sainte Monique et le culte du "moi" au XIIe siècle. **Analecta Bollandiana**, n. 136, 2018, p. 365-432.

TORELLI, Luigi. **Secoli Agostiniani ovvero historia generale del Sagro Ordine Eremitano del Gran Dottore di Santa Chiesa S. Aurelio Agostino**. V. 6. Bologna: Giacomo Monti, 1680.

URBANO, Arthur. **The Philosophical Life** – Biography and the Crafting of Intellectual Identity in Late Antiquity. Washington: Catholic University of America, 2013.

VATTIONI, Francesco. Ancora l'etimologia di Monica. **Augustinianum**, v. 36, n. 1, 1996, p. 183-184.

VATTIONI, Francesco. L'etimologia di Monica. **Augustinianum**, v. 22, n. 3, 1982, p. 583-584.

VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea – Vida de santos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003).

VERGIL. **Eclogues, Georgics, Aeneid, Appendix Vergiliana**. V. 1-2. Tradução de H. Rushton Fairclough. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1916.

WEBB, Diana. Eloquence and education: a humanist approach to hagiography. **The Journal of Ecclesiastical History**, v.31, n. 1, 1980, p. 19-39.

ZIOLKOWSKI, Eric. St. Augustine: Eneas' antitype, Monica's boy. **Literature and Theology**, v. 9, n. 1, 1995, p. 1-23.

**Retórica, *uitae* e recepção: os *genera dicendi* na recepção virgiliana e seu eco nas antigas *uitae***

Liebert de Abreu Muniz  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)  
liebertmuniz@yahoo.com.br

**RESUMO:** O presente artigo analisa os *genera dicendi* na construção da recepção virgiliana. A retórica antiga representou uma disciplina que propôs uma primeira reflexão sistemática sobre linguagem (DUCROT & TODOROV, 1998, p. 79), com princípios, categorias e método. Ela instrumentalizou autores e leitores na produção e crítica das obras literárias clássicas. Uma fonte valiosa para traçar o percurso da retórica literária e da recepção são as antigas *uitae*. Partindo de um caso das *Geórgicas* 2.58, Lúcio Aneu Sêneca (*Ep.* 86), 4 a.C. – 65 d.C., propôs uma síntese retórica para a compreensão do poema. Sérvio Honorato, séc. IV d.C., amplia a síntese senequiana aplicando a noção de modelo, e as *uitae* antigas, como a *Vita Suetonii uulgo Donatiana* (séc. IV), *Vita Philargyrii I* (séc. V) a *Vita Vossiana* (sec. IX) e *Vita Noricensis I* (séc. IX), consolidam a recepção e tradição virgilianas. O resultado do percurso pelas *uitae* estudadas aponta para a construção da recepção de Virgílio em pontos da Idade Média Latina.

**Palavras-chave:** *Genera Dicendi*; Modelos; Gênero; *Vitae*; Recepção.

**Rhetorics, *uitae*, and reception: the *genera dicendi* in Virgil's reception and its echo in the ancient *uitae***

**ABSTRACT:** This paper analyses the *genera dicendi* in the construction of Virgil's reception. Ancient rhetoric represented a discipline that proposed a first systematic observation of the language (DUCROT & TODOROV, 1998, p. 79), with principles, categories, and method. It gave tools the authors and readers to produce and criticize classic literary works. A valuable source for tracing the course of literary rhetoric and reception is the ancient *uitae*. Starting from an occurrence on *Georgics* 2.58, Lucius Annaeus Seneca (*Ep.* 86), 4 B.C.E. – 65 C.E., proposed a rhetorical synthesis for the understanding of the poem. Servius Honoratus, IV A.D. extends the Senecan synthesis by applying the notion of model, and the ancient *uitae*, such as the *Vita Suetonii uulgo Donatiana* (IV A.D.), *Vita Philargyrii I* (V A.D.), *Vita Vossiana* (IX A.D.) and *Vita Noricensis I* (IX A.D.), consolidate the Virgilian reception and tradition. A journey through the

Retórica, *uitae* e recepção: os *genera dicendi* na recepção virgiliana e seu eco nas antigas *uitae*

mentioned *uitae* points to the construction of their reception of Virgil in Latin Middle Ages.

**Keywords:** *Genera Dicendi*; Models; Genre; *Vitae*; Reception.

## Introdução

Marcos Fábio Quintiliano (ca. 35-90 d.C.), em sua *Institutio Oratoria* 10.1.49, faz uma justa deferência a Homero: o poeta grego é uma espécie de exemplo, um oceano da arte da eloquência a partir do qual todos os rios e as fontes têm sua origem. Os heróis homéricos em muitos sentidos oferecem os paradigmas discursivos para os bons oradores. Em paralelo à demonstração homérica, a Retórica, como uma arte (uma *téchne*) ou como um sistema de formas de pensamento e linguagem, tem um desenvolvimento político e social mais específico.

Sob demandas políticas e sociais, em meados do séc. V a.C. em cidades como Siracusa, na Sicília, e Atenas, na Grécia, a Retórica antiga encontrou seu nascedouro. Mais uma prática do bem falar em público do que uma teoria, a Retórica enquanto uma arte foi construída para se tornar uma matéria possível de ser ensinada. Mesmo nas fases iniciais, a Retórica permitia a identificação de partes do discurso: prólogo, narrativa, argumento, contra-argumento e epílogo. Entre os gregos, tratados como a *Retórica* de Aristóteles ajudaram a construir um instrumento de análise literária e composicional dos mais produtivos. Entre os romanos, a Retórica adquire contornos escolares e passa a compor o sistema de formação do cidadão romano, da fase infantil à adulta. Desde cedo, o jovem romano deveria ser capaz de não só identificar, mas também de saber usar em seus discursos as formas da Língua e da Retórica latinas observáveis nos autores canônicos, nos poetas exemplares da *ars bene dicendi*.

Para além de um instrumento de análise literária, a Retórica antiga serviu de baliza para a composição das obras gregas e latinas e, na mesma medida, orientou a construção da recepção dos poetas e autores clássicos. Um exemplo sintomático relacionado à recepção das *Geórgicas* (G.) de Virgílio se encontra na carta 86 das *Epistolae Morales* de Lúcio Aneu Sêneca (ca. 4. a.C.-65 d.C.). O retórico latino nos deixou uma opinião, um parecer, pertinente sobre sua leitura das G. em meados do século primeiro d.C., um momento um tanto vizinho à época da publicação do poema (ca. 30/29 a.C.).

A referida epístola compõe uma descrição da vila que pertenceu a Cipião Africano (ca. 236-183 a.C.), célebre general romano que derrotou, na Segunda Guerra Púnica, em Zama (202 a.C.), o também famoso líder cartaginês Aníbal (247-183 ou 182 a.C.). O locutor da epístola convida seu amigo e endereçado, Gaio Lucílio Júnior, a refletir sobre o valor da rusticidade dos costumes praticados por Cipião. A carta começa com Sêneca, na vila, reclinado (*iacens*) diante dos manes e do altar onde – suspeita o autor – tão valoroso varão está

sepultado.<sup>1</sup> A *Ep.* 86 divide-se em duas grandes partes ou argumentos: em 1-13, Sêneca manifesta o grande desejo de contrapor a austeridade dos antigos romanos, tipificada pela figura de Cipião, ao requinte dos modernos (*Magna ergo me uoluptas subiit contemplantem mores Scipionis ac nostros*, “Assim, um grande desejo me sobreveio de observar os costumes de Cipião e os nossos”<sup>2</sup>). Na segunda, de 14 a 21 – marcada pela expressão *Haec si tibi nimium tristitia uidebuntur*, “Se estas coisas te parecerão demasiadas pesarosas” –, percebe-se uma mudança abrupta, e a narrativa move-se dos banhos públicos, modernos e refinados, para o campo. Então, uma lição de Egíalo, o atual proprietário da vila, é descrita: a de como transplantar um olival – certamente um método agrícola para a produção mais rápida de novos frutos. O verso 58 das *G.* 2, então, é citado na epístola como uma referência problemática à árvore que cresce até as gerações futuras:

*Te quoque proteget illa quae ‘tarda uenit seris factura nepotibus umbram’, ut ait Vergilius noster, qui non quid uerissime sed quid decentissime diceretur aspexit, nec agricolas docere uoluit sed legentes delectare.*

A ti também protegerá aquela [árvore] que ‘lenta aumenta a sombra aos descendentes distantes’ (*G.* 2.58), como disse nosso Virgílio, que não considerou que fossem ditas coisas **mais precisamente**, mas **mais elegantemente**, e não desejou **instruir** os camponeses, mas **agradar** os leitores.<sup>3</sup>

Detenhamo-nos, no entanto, no passo supracitado que repercutiu ao longo da recepção das *G.*, como veremos neste artigo. A questão pode ser posta do seguinte modo: Sêneca, reconhecendo problemas concernentes às técnicas agrícolas nas *G.*, parece sugerir que a interpretação do poema não seja de natureza tratadista, cujo propósito seria o de falar de modo mais preciso – leitura reconhecida por outros antigos receptores do poema virgiliano, principalmente Plínio e Columela –, mas de natureza artística, como uma

<sup>1</sup> Essa informação se encontra em Tito Lívio 38.53: *Vitam Literni egit sine desiderio urbis: morientem rure eo ipso loco sepeliri se iussisse ferunt monumentumque ibi aedificari, ne funus sibi in ingrata patria fieret* (“Ele passou a vida em Literno, sem anseio pela cidade: dizem que ele, ao morrer, ordenou que fosse sepultado em sua própria casa de campo e que um monumento ali fosse construído, para que seu funeral não se realizasse numa pátria ingrata.”).

<sup>2</sup> Excetuando as indicadas, todas as traduções no presente artigo são de nossa autoria.

<sup>3</sup> Todos os destaques ao longo do artigo são nossos.

espécie de elegante composição poética; o mantuano, na leitura de Sêneca, não pretendia instruir (*docere*), mas deleitar seus leitores (*legentes delectare*).<sup>4</sup>

Os termos latinos destacados notavelmente pertencem à terminologia retórica e parecem funcionar como ferramentas que auxiliam o autor da epístola a formar sua opinião sobre as *G.*<sup>5</sup> Sêneca sugeriu que o poema era de teor intrigante e estilo refinado; a linguagem campesina – que do ponto de vista técnico-agrícola apresentava incoerências –, parecia velar um sentido ou propósito mais primoroso, o de promover deleite a seus receptores. Numa perspectiva retórica, Sêneca parece refletir sobre a função (*officium*) das *G.*: *docere* e *delectare* estabelecem paralelos com as ideias presentes na epístola, ou seja, Virgílio teria falado de modo *uerissime* ou de modo *decentissime*, valorizando ou a precisão e veracidade dos fatos ou a beleza do discurso e do pensamento.

A questão retórica da função das *G.* em Sêneca nos dá acesso ao núcleo da retórica literária antiga, a saber, à *elocutio*. Os preceitos retóricos da *elocutio* ou do estilo, como uma das partes da elaboração de um discurso, muniram os antigos de categorias usadas como ferramenta de análise literária. Nesse sentido, a poesia de Virgílio<sup>6</sup> passou por esse crivo retórico, em especial, pela questão dos gêneros do estilo, dos *genera elocutionis* ou *genera dicendi*;<sup>7</sup> assim, a

<sup>4</sup> A oposição *docere-delectare* não priva os textos tratadistas de uma instância criativa. Matheus Trevizam (2014, p. 15-30) chama nossa atenção para a dimensão de *delectare* que a prosa técnica, mormente a latina, possui. A expressão dos textos técnicos, caracterizada pela seriedade do caráter tratadista, não representou um estorvo à literariedade de uma prosa bem elaborada.

<sup>5</sup> Sêneca emprega dois dos três graus da persuasão (*persuasio*) que dizem respeito à finalidade ou à função de um discurso na retórica latina. Os três graus são *docere*, *delectare*, *mouere* (cf. Quintiliano, *Ins.* 12.10.59). *Docere*, na poesia (como partícipe do gênero epidíctico), é o caminho didático praticado pelos poetas em sua atividade intelectual. *Delectare* é da própria natureza da poesia, suscita o prazer, conquista a atenção do leitor para a composição e para o poeta mesmo; é uma ferramenta afetiva que funciona de modo mais suave, tratando o caráter (*ἦθος*, *mores*), ou de modo mais impactante (*πάθος*, *páthos*). *Mouere* serve para levar o público ouvinte à ação em favor de uma causa (LAUSBERG, 1966, § 256-7). Esses graus não são estanques, seus limites se confundem; por vezes, aspectos de um perpassam aspectos de outro. Não obstante, a eficácia dos graus da *persuasio* é medida pelo princípio da conveniência ou do *decorum* (*τὸ πρέπον*), um correto ajuste do assunto ao estilo, ao lugar e ao público.

<sup>6</sup> Retórica, no estudo da poesia virgiliana, serviu como instrumento geral para observação de aspectos do estilo do poeta e dos temas em sua poesia. Diálogos, discursos e personagens, nas *Ecl.* e na *Aen.*, concentram aspectos retóricos; nas *G.*, do ponto de vista de uma poesia didática tradicionalmente entendida, a figura do mestre que tenta oferecer preceitos ao discípulo reproduz a finalidade retórica, a persuasão. Deve-se notar que Virgílio compôs antes do advento da declamação em Roma (T. REINHARDT, 'rhetoric (1)', in THOMAS, R. F.; ZIOLKOWSKI, J. M.), momento importante da educação oratória (BONNER, 1977, p. 250-327).

<sup>7</sup> As teorias dos gêneros do estilo (*χαρακτήρ*) são controversas: uma discussão sobre dois estilos, um grande e um plano, fica sugerida em Aristófanes (*Ra.* 1058-9); Demétrio de Falero (*ca.* 350 a.C.) descreve quatro estilos; em Roma, predominou a teoria dos três estilos. Aulo Gélcio (*ca.* 125-80 d.C.) descreve três gêneros, não só para a poesia (*in carmine*), mas também para a prosa (*in soluta oratione*): o primeiro é o *uber* ('abundante'), o segundo é o *gracilis* ('sutil') e o terceiro é o *mediocris* (mediano) (cf. *NA* 6.14). Dionísio de Halicarnasso (de datação incerta), professor de retórica em Roma, preconiza três estilos *αὐστηρός*, *γλαφυρός* ou *ἀνθηρός* e *εὐκρατος* (cf. *Comp.* 21). Por volta do século quinto d.C., Macróbio (*Sat.* 5.1.7) põe suas personagens em diálogo sobre uma teoria dos

opinião de Sêneca e a oposição *docere-delectare* podem também refletir sobre a questão de como situar o poema entre os *genera dicendi*.

A relação entre *genera dicendi* e as funções do discurso estava preconizada nos manuais de retórica latina antiga. O influente manual *Retórica a Herênio*, 4.6-11, oferece um tratamento detalhado dos três *genera dicendi* que são chamados de *genus graue* ou *grande*, *genus mediocre* e *genus humile* ou *extenuatum*. É em Cícero, *Orat* 21.69, no entanto, que se percebe uma coordenação entre os gêneros e as funções (*officia*) que exercem sobre os ouvintes, numa ênfase sobre o aspecto persuasivo do discurso:<sup>8</sup> “mas quantas são as funções do orador tantos são os gêneros do dizer, o tênue em demonstrar, o moderado em deleitar, o veemente em mover” (*sed quot officia oratoris tot sunt genera dicendi: subtile in probando, modicum in delectando, uehemens in flectendo*). O *docere* (também *probare*), que se ajusta melhor ao estilo humilde, é o caminho intelectual da persuasão, o *delectare* é o caminho afetivo que suscita o prazer (LAUSBERG, 1966, § 257).

Em Quintiliano, *Inst.* 12.10.58, os *genera* constituem-se de um tênue, de um elevado e de um intermediário entre os dois.<sup>9</sup> Em 12.10.59, os três estilos também são relacionados às funções ou aos *officia*:

*primum docendi, secundum mouendi, tertium illud, utrocumque est nomine, delectandi siue, ut alii dicunt, conciliandi praestare uideatur officium, in docendo autem acumen, in conciliando lenitas, in mouendo uis exigi uidebatur.*

O primeiro (o tênue) parece desempenhar a função de **instruir**, o segundo (o veemente) a função de **mover**, aquele terceiro, por qualquer das formas nomeadas (intermediário ou florido), a função de **deleitar** ou, como dizem alguns, a de **conciliar**;<sup>10</sup> ora, a agudeza parecia ser exigida ao **instruir**, a moderação ao **conciliar**, o vigor ao **mover**.

---

quatro gêneros: e em Virgílio se encontram os quatro gêneros. Seja como for, *genera elocutionis* ou *dicendi* são a expressão para o ensino dos níveis estilísticos que tratam da conveniência ou decoro (τὸ πρέπον, *aptum*) entre estilo e matéria (LAUSBERG, § 1079-82).

<sup>8</sup> Em Cícero, a relação pode ser ainda percebida no *Orat.* 5.20-6.22; *Brut.* 23.89; 49.185; 55.201-3; *De or.* 2.29.128-9; 52.211-53.215.

<sup>9</sup> *Namque unum subtile, quod ἰσχνόν uocant, alterum grande atque robustum, quod ἄδρὸν dicunt, constituunt, tertium alii medium ex duobus, alii floridum (namque id ἀνθηρόν appellant) addiderunt* [“Com efeito, a um tênue, que [os gregos] chamam ἰσχνόν, outro grande ou elevado, que [os gregos] chamam ἄδρὸν; acrescentou-se um terceiro, por alguns chamado de intermediário entre os dois, por outros, ‘florido’ (por isso [os gregos] chamam ἀνθηρόν)”].

<sup>10</sup> Uma tradução plausível para o verbo latino *concilio*, cf. *OLD* 2, “conquistar, atrair o favor de”; a acepção *OLD* 3, “tornar algo ou alguém aceitável, elogiar, estimar” também oferece uma leitura possível. A ideia seria de conquistar a simpatia ou a *beneuolentia*.

Ao final da seção, Quintiliano reforçará que a função do estilo ténue diz respeito principalmente ao processo de descrever e de demonstrar (*praecipueratio narrandi <probandi>que consistet*); e na seção seguinte, em 12.10.60, ele descreverá as *uirtutes* do estilo intermediário ou médio, descrição esta que se mostrará importante para as discussões a seguir:

*Medius hic modus et tralationibus crebrior et figuris erit iucundior, egressionibus amoenus, compositione aptus, sententiis dulcis, lenior tamquam amnis et lucidus quidem sed uirentibus utrimque ripis inumbratus.*

Esse estilo médio será mais abundante em metáforas e mais deleitável em figuras, agradável nas digressões, apto à composição artística, suave nas sentenças, tão brando quanto a corrente de um rio, lúcida, mas sombreada por ambas as margens verdejantes.

Assim, em linhas gerais, a configuração do estilo médio na retórica latina nos permite entender a opinião de Sêneca sobre as *G.*; parece-nos possível perceber um critério retórico que leva em conta os *genera dicendi*. Esse critério será recorrente entre os demais leitores antigos do poema, leitores instruídos e formados no sistema de ensino romano, que incluía o ensino de gramática, de literatura e de retórica.<sup>11</sup>

## 1. Sêrvio Honorato, *genera dicendi* e a noção de modelo

<sup>11</sup> S. Bonner (1977) nos dá a indicação dos estágios da formação de um romano *bene educatus*, que passa pela formação moral e cultural em família, que adquire, porém, contornos institucionais nas escolas de gramática e literatura (p. 47-64) e nas escolas de retórica (p. 65-75); Quintiliano, *Inst.* 10.1.45 – ss., parece refletir, sinteticamente, traços desse sistema educacional entre os romanos; nesse passo, ele propõe uma lista de poetas que um bom orador deve ter em mente. Antes, porém, em 1.4.1-2, Quintiliano nos informa sobre os primeiros passos da educação do jovem orador e como a literatura serviria de parâmetro para o falar corretamente: *Primus in eo qui scribendi legendique adeptus erit facultatem grammaticis est locus. Nec refert de Graeco an de Latino loquor, quamquam Graecum esse priorem placet: utriusque eadem uia est. Haec igitur professio, cum breuissime in duas partis diuidatur, recte loquendi scientiam et poetarum enarrationem, plus habet in recessu quam fronte promittit.* [“Logo que ele primeiro tiver adquirido a faculdade de escrever e de ler, dá-se o momento dos gramáticos (professores de literatura). Não importa se me refiro ao de grego ou latim, embora seja conveniente primeiro o de grego: o método é o mesmo para ambos. Então, essa ocupação, uma vez que muito brevemente se divida em duas partes, o saber falar corretamente e a explicação dos poetas, tem, no fundo, mais do que se põe diante dos olhos.”]. Em seguida, em 1.8.5, ele nos informa que Virgílio e Homero eram estabelecidos como os primeiros poetas a serem lidos (*Ideoque optime institutum est ab Homero atque Vergilio lectio inciperet...* [“por essa razão muito bem se estabeleceu que a leitura começasse com Homero e Virgílio...”]) Essa conjuntura educacional se consolida e se estende por grande parte da Idade Média, formando a recepção desses poetas clássicos.

Antes de percorrermos a opinião de Sêrvio, é forçoso ponderarmos sobre a importante questão da teoria dos gêneros poéticos<sup>12</sup>, que está estritamente conectada à nossa discussão. Gênero é um termo amplo, presente em diferentes instâncias de análise: gênero literário, gênero retórico, gênero textual, gênero do discurso. Trata-se de um campo muito controverso e delicado. Em Virgílio essa questão é notavelmente produtiva, especialmente nos estudos das *G.*: segundo Philip Hardie (1998, p. 28), estamos em certa zona de conforto com as poesias bucólica e épica, mas a poesia didática de Virgílio provoca estranheza: instruções sobre cultivo, árvores, vinhas, animais de grande porte e abelhas estão envoltas em misteriosas narrativas míticas, um verdadeiro teste para nossa recepção.

Um percurso por textos antigos deixa transparecer uma discussão desde o início polêmica. Em Platão (*R.*, 392c6-7), o personagem Sócrates parece discutir tipos de poesia quanto aos modos da elocução ou do estilo (*λέξις*, *léxis*), numa mudança de foco do conteúdo da Literatura para sua forma, ou dos discursos para o estilo. Platão concentra sua atenção na narrativa. Nesse caso, uma noção de gênero parece subjazer às formas da *λέξις*: poesia épica se faz pela mistura de imitação e narração; a poesia dramática se faz por pura imitação; e o ditirambo se faz por narração simples. Para Aristóteles (*Po.*, 1447a13-18), poesia é imitação, e seus tipos se determinam pela harmonia dos critérios de meio (incluindo o metro) objeto e modo. O que, para Platão, são formas da *λέξις*, para Aristóteles são o critério de modo. Para o estagirita, os gêneros parecem se formar a partir da combinação desses três critérios, (*Po.* 1448a9-18 e 1448b33-38). A ideia de modelo, por sua vez, é, ao que tudo indica, um desenvolvimento alexandrino. Costuma-se pensar que Calímaco fez uso da noção de filiação literária, apontando para seus modelos poéticos, nos *Aetia* (fr. 2 e 112 Pf.), Hesíodo, em seus jambos (fr. 119 Pf.), Hipónax de Cólofon (ca. 540 ou 537-? a.C.); em adição, Calímaco também contribuiu para a ideia de cânone entre os alexandrinos; seria de sua autoria um catálogo em 120 livros ou rolos, os *Πίνακες* (*Pínakes*) ou 'listas'.<sup>13</sup>

A produção e a crítica literária latinas parecem ter reclamado a herança alexandrina para a construção de seus modelos e de sua tradição (CONTE, 1986, p. 26-7). Horácio (*Ars P.*, v. 73-85,<sup>14</sup> uma espécie de cânone sucinto de

<sup>12</sup> Um panorama teórico pode ser visitado em Costa (2014, p. 4-17).

<sup>13</sup> Cf. Pfeiffer (1968, p. 126-8). Nesse catálogo, todo o corpo da literatura grega estaria dividido em três classes: "retórica" (fr. 430-2 e 443-8 Pf.), "leis" (fr. 433 Pf.) e "escritos de todos os tipos" (fr. 434-5 Pf.). Em alguns fragmentos se verificam partes dedicadas a diferentes tipos de textos, entre eles tipos poéticos: épicos (fr. 452-3 Pf.), líricos (fr. 441 e 450 Pf.), trágicos (fr. 449?, 451 Pf.), cômicos (fr. 439-40 Pf.), filosóficos (438?, 442 Pf.), historiográficos (fr. 437 Pf.) e médicos (fr. 429? Pf.).

<sup>14</sup> *Res gestae regumque ducumque et tristia bella/ quo scribi possent numero, monstravit Homerus;/ uersibus impariter iunctis querimonia primum,/ post etiam inclusa est uoti sententia compos;/ quis tamen exiguos elegos emiserit auctor,/ grammatici certant et adhuc sub iudice lis est;/ Archilochum*

tipos poéticos) empregou um termo chave para a discussão sobre o modelo, *auctor*, v. 77, para falar de uma espécie de “poeta inventor” de um gênero poético. C. O. Brink (1971, p. 167), apoiado em *Pseudo Acrão* e na definição do TLL 2.0.1205.31, sugere para o termo a ideia de “originador”, ideia justificável em razão da ausência de um *auctor* para a elegia e a lírica. Contudo, noutra definição do TLL, 2.0.1207.52-3, que cita o v. 77 de Horácio, *auctor*, aplicado a escritores, sugere uma nuance de *primus*, “o primeiro”, que se torna, por conseguinte, um *exemplum*. Quintiliano (*Inst.* 10.1.46-100) também reúne, em seu cânone, os modelos (ou *auctores*) da poesia grega e latina para os gêneros poéticos.

Para sintetizar a questão, a noção de modelo, reforçada pela ideia de cânone, e os critérios aristotélicos de meio (que incluía o metro, um aspecto formal marcante), objeto e modo, foram importantes ferramentas para classificação dos gêneros poéticos em Roma. A questão do gênero poético, na presente discussão, mostra seu valor quando do confronto com os *genera dicendi*.

Pensemos agora estritamente em Sêrvio Honorato (ca. 360-430 d.C.). Influente fonte para as informações das *uitae* antigas e para os estudos medievais, parece ter percebido a distinção e a relação entre os *genera dicendi* e a *imitatio*. Em seu prefácio às *Ecl.*, Sêrvio empregou os *genera dicendi* como um parâmetro para construir sua visão geral das três obras canônicas de Virgílio:

*qualitas autem haec est, scilicet humilis character. tres enim sunt characteres, humilis, medius, grandiloquus: quos omnes in hoc inuenimus poeta. nam in Aeneide grandiloquum habet, in georgicis medium, in bucolicis humilem pro qualitate negotiorum et personarum: nam personae hic rusticae sunt, simplicitate gaudentes, a quibus nihil altum debet requiri.*

---

*proprio rabies armauit iambo;| hunc socci cepere pedem grandesque cothurni,| alternis aptum sermonibus et popularis| uincens strepitus et natum rebus agendis;| Musa dedit fidibus diuos puerosque deorum| et pugilem uictorem et equum certamine primum| et iuuenem curas et libera uina referre.* (“Em que metro se podem descrever os feitos dos reis, dos chefes, as tristes guerras, já o demonstrou Homero. O lamento, em tempo antigo, exprimia-se em versos desiguais que foram unidos: depois, neles se incluiu a satisfação de promessas atendidas. Sobre quem, no entanto, pela primeira vez criou as singelas elegias, discutem os gramáticos e ainda o litígio está em tribunal. Foi a raiva quem armou Arquíloco do jambo que a este é próprio: depois, a tal pé, adaptaram-no os socos e os grandes coturnos por mais apropriado para o diálogo, capaz de anular o ruído da assistência, visto ser criado para a ação. A Musa concedeu à lira o cantar deuses e filhos de deuses; o vencedor no pugilato e o cavalo que, primeiro, cortou a meta nas corridas; os cuidados dos jovens e o vinho que liberta dos cuidados.” Trad. de Rosado Fernandes, 1984). Os gêneros poéticos apontados por Horácio são: épico, elegíaco, jâmbico, dramático e lírico. De acordo com os critérios de Horácio, verifica-se que o gênero épico apresenta os seguintes padrões de classificação: o meio, *quo numero* (v. 74, o hexâmetro, metro épico); o objeto, *res gestae regumque ducumque et tristia bella* (v. 73); a maneira, *monstrauit Homerus* (v. 74), ou “modo de quem”, *auctor*, o modelo, traduzido por R. Fernandes com ideia de “quem pela primeira vez criou” (v. 77).

Essa, porém, é sua natureza, a saber, o **estilo humilde** [falando das *Ecl.*]. Com efeito, **três** são os **estilos: humilde, médio, grandiloquente**, os quais encontramos, todos eles, em nosso poeta; pois, na *Eneida*, temos o **grandiloquente**, nas *Geórgicas*, o **médio**, nas *Bucólicas*, o **humilde**, devido à natureza das ações e dos caracteres, pois os caracteres são **rústicos**, contentes por sua **simplicidade**, dos quais não se deve exigir nada de **elevado**.

Dessarte, é possível perceber, na opinião de Sêrvio, um caminho progressivo do nosso poeta pelos três estilos (*humilis, medius, grandiloquus*), um critério retórico de qualificação para a poesia virgiliana. Noutro momento, no prefácio às *G.*, o comentador antigo empregou a noção de modelo, considerando também o critério composicional. Ora, há, neste prefácio, também uma ideia de progressão através dos próprios modelos.<sup>15</sup> Nas palavras de Sêrvio:

*Vergilius in operibus suis diuersos secutus est poetas: Homerum in Aeneide, quem, licet longo interuallo, secutus est tamen; Theocritum in bucolicis, a quo non longe abest; Hesiodum in hislibris, quem penitus reliquit. Hic autem Hesiodus fuit de Ascra insula, qui scripsit ad fratrem suum Persen librum, quem appellauit ἔργα καὶ ἡμέρας, id est “opera et dies”. Hic autem líber continet quemadmodum agri et quibus temporibus sint colendi. Cuius titulum transferre noluit, sicut bucolicorum transtulit, sicuti Aeneidem appellauit ad imitationem Odysssiae: tamen eum per periphrasin primo exprimit uersu, dicens: “indicabo quo opere et quibus temporibus ager colendus sit”. Ingenti autem egit arte, ut potentiam nobis sui indicaret ingenii coartando lata et angustiora dilatando; nam cum Homeri et Theocriti in breuitatem scripta collegerit, unum Hesiodi librum diuisit in quattuor.*

Virgílio, em suas obras, **seguiu diversos poetas: Homero** na *Eneida*, a quem seguiu embora com uma longa distância; **Teócrito** nas *Bucólicas*, de quem não dista muito; **Hesíodo** nestes livros, a quem superou profundamente. Este Hesíodo, por sua vez, foi da

---

<sup>15</sup> Além disso, um importante detalhe do prefácio às *G.* de Sêrvio nasce da tentativa de caracterizar o gênero poético ou, talvez, o subgênero praticado por Virgílio nas *G.* Uma abordagem detalhada sobre a noção de subgênero encontra-se em Alastair Fowler (2002, p. 111-18). Em linhas gerais (*op. cit.*, p. 112), gênero e subgênero compõem como que uma família cujos membros, de algum modo diferentes entre si, compartilham aspectos comuns, mormente aspectos formais. Essa temática, aplicada às *G.* mostra-se muito produtiva (para indicações bibliográficas e a questão relacionada aos prefácios de Sêrvio, ver MUNIZ, 2017, p. 106-109).

Ilha de Ascra. Foi ele que escreveu ao seu irmão Perses um livro, que chamou ἔργα καὶ ἡμέρας, ou seja, *Os Trabalhos e os Dias*. Esse livro contém de que maneira e em quais tempos os campos devem ser cultivados, título que ele não quis traduzir, como traduziu o das *Bucólicas*, e como chamou *Eneida em imitação* à *Odisseia*: contudo, exprimiu-o por perífrase no primeiro verso, dizendo: “indicarei por qual trabalho e em quais tempos o campo deva ser cultivado”. Agiu, porém, com grande arte, para que nos indicasse a força de seu engenho, abreviando as coisas mais extensas e expandindo as mais breves. Pois, uma vez que resumiu os escritos de **Homero** e **Teócrito**, um só livro de **Hesíodo** ele dividiu em quatro.

Os modelos indicados por Sêrvio são Teócrito, Hesíodo e Homero. Vale notar que, no cânone poético de Quintiliano (*Inst.* 10.1.46-100), esses três poetas gregos estão listados entre os que praticaram poesia épica. Curiosamente, Horácio (*Ars P.* v. 74) lista em seu cânone apenas Homero como o grande modelo para poesia épica. O conceito de *aemulatio*, nos parece, também se faz percebido, ainda que sutilmente: de acordo com o juízo de Sêrvio, parece que Virgílio não só desejou revelar seu modelo nas *G.*, mas também expressou seu projeto de superá-lo (*quem penitus reliquit*). Uma metáfora do caminho, expressa pela ideia de “seguir o modelo” – ao modo da imagem de um discípulo em relação ao seu mestre – é notável. A ideia de progressão agora adquire uma complexa configuração.

## 2. A questão dos *genera dicendi* nas *uitae antiquae*: construindo a recepção

Nas *uitae* antigas, a relação do poeta com a oratória parece ambígua. Ele teria estudado com o retórico Epídio (*cf. Vita Bernensis I*, in ZIOLKOWSKI, J. M.; PUTNAM, M., p. 249-50), no entanto, teria defendido uma única causa, mas sem sucesso (*cf. Vita Suetonii uulgo Donatiana*, 15-16, in ZIOLKOWSKI, J. M.; PUTNAM, M., p. 183). Não se pode desconsiderar, contudo, que para a antiguidade tardia a poesia de Virgílio, mormente a *Aen.*, abundava em exemplos de declamações históricas e míticas, as chamadas *suasoriae*. “Foi Virgílio um poeta ou um orador?” Essa é uma questão tratada no diálogo fragmentado de Públio Ânio Floro (*ca.* 80-*ca.* 122 d.C.), em que ele reconhece que o mantuano foi bem-sucedido como poeta e orador (*cf. ZIOLKOWSKI, J. M.; PUTNAM, M., p. 60-1*), ou seja, o mais elevado poeta poderia também ser reconhecido como o mais elevado orador; esse diálogo revela que a questão

retórica, nos primeiros séculos da era cristã, de algum modo chamava a atenção da crítica virgiliana.<sup>16</sup>

As *uitae* que dedicam espaço para relação dos poemas virgilianos com os *genera dicendi* são a conhecida *Vita Suetonii uulgo Donatiana* (VSD) (texto completo em ZIOLKOWSKI, J. M.; PUTNAM, M., 2008, p. 181-99), a *Vita Philargyrii I* (*op. cit.*, p. 212-20)<sup>17</sup>, *Vita Vossiana* (*op. cit.*, p. 289-92) e a *Vita Noricensis I* (*op. cit.*, p. 278-80).

## 2.1. *Vita Suetonii uulgo Donatiana*

Élio Donato (ca. séc. IV d.C.), em uma das mais extensas *uitae antiquae* de Virgílio, faz uma espécie de revisão de uma das primeiras *uitae* do nosso poeta feita por Suetônio (ca. 70 - 130 d.C.), no *De uiris illustribus*. Em VSD 58-9, Donato viu as três obras de Virgílio incorporando cada um dos *genera dicendi*:

*Restat ut, quae causa uolunt at emat tulerit poetae Bucolica potissimum conscribendi, considerare debeamus. Aut enim dulcedine carminis Theocriti ad imatationem eius illectus est, autor dinem temporum secutus est circa uitam humanam, quod supra diximus, aut cum **três modi** sint **elocutionum**, quos χαρακτήρας Graeci uocant, ισχνός qui **tenuis**, μέσος qui **moderatus**, ἄδρός qui **ualidus** intelligitur, credibile erit Vergilium, qui in omni genere praevaleret, Bucolica ad primum modum, Georgica ad secundum, Aeneidem ad tertium uoluisse conferre.*

Devemos, de resto, considerar que causa teria motivado o desejo do poeta de compor as *Bucólicas* em primeiro lugar. Ou, pois, pelo encanto da poesia de Teócrito ele foi seduzido à imitação, ou ele seguiu a ordem das idades em torno da vida humana, como dissemos acima, ou, uma vez que *três* são os *estilos de expressão*, que os gregos chamam [χαρακτήρας] “caracteres”, o [ισχνός]

<sup>16</sup> Macróbio (ca. 400 d.C.), no início do quinto livro de seus diálogos, as *Saturnalia*, propõe uma discussão sobre o valor retórico de Virgílio em relação a Cícero. Em sua fala (*Sat.* 5.1.2), Avieno, dirigindo-se a Eusébio – ambos personagens do diálogo –, assim diz: ‘*dicas mihi uolo, doctorum optime, si concedimus, sicuti necesse est oratorem fuisse Vergilium, siquis nunc uelit orandi artem consequi, utrum magis ex Vergilio aut ex Cicerone proficiat?*’ (“Quero que me digas, ó mais excelente dentre os doutores, se reconhecemos, como é mister, que Virgílio foi um orador, então, se alguém deseja alcançar a arte de falar, ou se aperfeiçoa com Virgílio ou com Cícero?”); mais à frente, em 5.1.4, Eusébio, reconhecendo a dificuldade da comparação proposta, ousa apenas dizer, em relação a Virgílio, que *facundia Mantuani multiplex et multiformis est et dicendi genus omne complectitur* (“a facúndia do mantuano é complexa e multiforme e compreende cada um dos gêneros do dizer”).

<sup>17</sup> Também presente no Vol. III, Fasc. II de THILO, G.; HAGEN, H. (eds.) *Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. Hildesheim: Olms, 1986. O texto da *Vita Philargyrii I* vem acompanhado em paralelo com a *Vita Philargyrii II*. Esta segunda *Vita*, também atribuída a Júnio Filargírio, é mais breve que a primeira.

“simples” que significa *tênue*, o [μέσος] “médio”, *moderado*, e o [ἄδρός] “poderoso”, *forte*, seria verossímil que Virgílio, para que prevalecesse em cada gênero, quis atribuir as *Bucólicas* ao primeiro modo, as *Geórgicas* ao segundo e a *Eneida* ao terceiro.

A passagem citada segue o momento em que Donato enumera uma série de explicações sobre a origem da poesia bucólica (VSD 51-6). Qualquer que seja a explicação correta, o mais provável, segundo Donato (57), é que essa poesia encontre correspondência nos tempos antigos (*priscis temporibus*), em que os homens viviam como pastores: pela simplicidade dos caracteres (*simplicitate personarum*), a existência deles poderia ser identificada com a idade de ouro. Segundo Donato, o mantuano, em sua poesia, seguiu uma ordem das idades (*ordinem temporum*), uma progressão pelos *genera* e pelos estilos de vida: ele canta primeiro os pastores (*pastores*), depois os agricultores (*agricolas*) e, por fim, os guerreiros (*bellatores*).

## 2.2. *Vita Philargyrii I*

Também conhecida como *Vita Philargyriana I*. Trata-se de um texto atribuído a Júnio Filargírio (também grafado em latim *Philagrius*), um gramático certamente ativo na segunda metade do séc. V. Os textos atribuídos a Filargírio são conhecidos por explorar em mais detalhes as *Ecl.* e as *G.*; desse modo, algumas noções parecem servir a análises específicas das duas primeiras obras de Virgílio. Essa extensiva *uita* se apropinqua da *VSD*, com alguns cortes e acréscimos, os últimos, citações de Jerônimo. Em relação à *VSD*, não há informações novas, a *Vita Philargyrii* reforça o papel que Virgílio já exercia sobre a erudição por volta do século V. Para nosso propósito, vale destacar o que o texto traz sobre os *genera dicendi*.

*In nomine Dei summi in Bucolica pauca ordinantur fona: Virgilius in operibus suis secutus est diversos poetas, Homerum in Aeneidis, Theocritum in Bucolicis, Hesiodum in Georgicis. Et cum Georgica scriberet, traditur cotidie meditatus a mane plurimos versus dictas se solitus ac per totum diem retractando ad paucissimos redigere.*

*Tres modi locutionum sunt, quos characteras Graeci vocant, ICXNOC, qui tenuis, mesos, qui moderatus, adros, qui validus intellegitur. Tribus*

*modis carmen inducitur*.<sup>18</sup> (ZIOLKOWSKI, J. M.; PUTNAM, M., 2008, p. 212)

Em nome do Deus Supremo, seguem algumas poucas considerações às *Bucólicas*: Virgílio em suas obras seguiu diversos poetas, **Homero** na *Eneida*, **Teócrito** nas *Bucólicas*, **Hesíodo** nas *Geórgicas*. Quando escrevia as *Geórgicas*, conta-se que cotidianamente costumava meditar, desde a manhã, e compor muitos versos e, ao longo do dia, reunia-os, reduzindo-os a pouquíssimos.

Três são os modos do dizer, que os gregos chamam de estilos: **ICXNOC** (ἰσχνός) entendido como **tênue**, **mesos**, como **moderado**, e o **adros**, como **elevado**. Um poema se insere em um dos três modos.

É possível perceber uma nuance religiosa no texto, e a semelhança com o prefácio serviano às *G.* é notável: os modelos, em ordem diferente, são os apontados por Sêrvio (Homero, Teócrito e Hesíodo). Depois dos modelos, a *uita* passa para os estilos. Numa espécie de transliteração dos termos retóricos gregos – alguns presentes em Quintiliano (*Inst.* 12.10.58), os mesmos presentes em Aulo Gêlio (*NA* 6.14) – os *genera dicendi* ou *modi locutionum* nas obras virgilianas são tênue, moderado e elevado.

*Quaeritur, quo ordine Virgilius sua carmina composuerit. Et merito non aliunde coepit nisi ab ea uita, quae prima in terris fuit. Nam postea rura culta et postremum pro cultis terris bella suscepta, quod uidetur Virgilius in ipso ordine operum suorum uoluisse monstrare, cum pastores primo, deinde agricolas canit et ad ultimum bellatores. Ergo incultam primum et pastoralem uitam hominibus fuisse Bucolicis indicat, post necessarias mortalibus fruges, et usum agrorum inuentum*

<sup>18</sup> Após essa descrição dos *modi locutionum*, o texto de Filargírio traz uma descrição dos *modi dicendi*, “os modos do dizer”: *Est enim modus dramaticos, est exegeticos, est mictos. Dramaticos est, in quo personae inducuntur; exegeticos, qui et didascalicos dicitur, in quo poeta solus loquitur; mictos est ex utroque constans.* [Há, com efeito, o modo **dramáticos** (dramático), o **exegeticos** (narrativo), e o **mictos** (misto). O **dramaticos** é modo em que as personagens representam; o **exegeticos**, que se diz **didascalicos**, em que apenas o poeta; o **mictos** é o que se forma de ambos.]. Essa distinção, de teor platônico, retorna aos princípios da teoria dos gêneros poéticos no livro terceiro da *República*: o dramático, o narrativo e o misto. Não fica claro como esses *modi* devem ser aplicados na poesia de Virgílio. Hasegawa (2011, p. 54-58) nos lembra que Sêrvio, em comentário à *Ecl.* 3, ora aplica os modos às *G.* (modo narrativo nos três primeiros livros), ora à *Aen.* (modo misto), ora às *Ecl.*, nas quais os três modos estariam presentes: modo narrativo na *Ecl.* 4, modo misto na *Ecl.* 10, modo dramático na *Ecl.* 3. Lição semelhante encontra-se nos comentários às *Ecl.* e *G.* de Probo (com diferenças nos exemplos) e em gramáticos como Diomedes (*Art. Gramm.* 3.482.14-25).

*Georgicis ostendit, perinde cupiditate possidendi extensione finium ad arma usque peruentum est.*

*Ut tres modi locutionum sunt, quos characteras Graeci uocant, tenuis, moderatus, ualidus, credibile erit Virgilium, qui omni genere scientiae praeuuleret, Bucolica ad primum modum, Georgica ad secundum, Aeneida ad tertium uoluisse conferre.*

Pergunta-se **em que ordem** Virgílio compôs seus poemas. Com razão não começou por outro lugar que não fosse pela vida que primeiro houve na **terra**; então, parece que Virgílio quis mostrar depois os **campos** cultivados e, por fim, as **guerras** empreendidas por terras cultiváveis, na mesma ordem de suas obras, uma vez que ele primeiro canta os **pastores**, depois os **camponeses** e por último os **guerreiros**. Assim, primeiro demonstra que os homens tiveram, nas *Bucólicas*, uma inculta vida **pastoril**; depois da necessidade de **searas** aos mortais, mostra nas *Geórgicas* a descoberta do proveito dos **campos**, de igual modo, pela ambição da difusão de fronteiras, chegou até as **armas**.

Como três são os modos, que os gregos chamam de estilos, o **tênu**e, o **moderado** e o **elevado**, será crível que Virgílio, que era proeminente em todo gênero de conhecimento, quis atribuir as *Bucólicas* ao primeiro modo, as *Geórgicas* ao segundo, a *Eneida* ao terceiro.

Nosso recorte do texto de Filargírio termina com a questão da ordem dos poemas. A ideia de progressão, que vimos entre os *genera dicendi*, aqui parece se aplicar à temática dos poemas. As *Ecl.* cantam a vida na terra como que onírica e idílica, de campos não cultivados; as *G.* cantam a vida do campo lavrado, resultado do trabalho com a terra; a *Aen.* canta a guerra e os combates pelas riquezas que a terra produz. O que mais chama a atenção é a tipificação dos elementos que figuram em cada uma das obras: pastores, camponeses e guerreiros; a vida pastoril, as searas e as armas. Essa tipificação ajuda a construir a recepção e a erudição da poesia virgiliana. Por fim, os *genera dicendi* são aplicados aos poemas, como vimos em Sérvio e na *VSD*.

### 2.3. *Vita Vossiana*

O manuscrito,<sup>19</sup> que data do séc. IX, pertence à Bibliothek der Rijksuniversiteit, em Leiden. Trata-se de um texto sucinto, uma ligeira descrição da vida de Virgílio e uma breve lista de questões sistemáticas – hoje designadas de *periochae* – sobre lugar, tempo, pessoa, amigos, detratores, imitação e as três partes do conhecimento relacionadas aos poemas. Vejamos as duas últimas questões conectadas, na sequência, a uma apreciação dos estilos.

*Hos imitatus est in sua arte: Teocritum Siracusanum in Bucolicis, Isiodum Ascreum in Georgicis, Homerum in Aeneidis coangustando lata et dilatando angusta. Nam cum Teocriti dicta in brevitatem collegerit, unum Isiodi librum diuisit in IIIor, quia inspexit quatuor diuisiones terrae: aruum, consitum, pascuum, floridum agrum.*

*Tres partes in hac arte inueniuntur: phisica in Bucolicis, id est, naturalis, ethica in Georgicis, id est, moralis, loica [= logica] in Eneidis, id est, rationalis.*

*Tria quoque sunt genera locutionum, id est, humile, medium et sublime. Animaduertere debemus Virgilium iuxta ordinem uitae mortalium carmina composuisse, primum incultam et pastolarem [sic] uitam hominibus fuisse in Bucolicis indicauit. Postea necesse fuit mortalibus fruges, et usum agrorum mortalibus inuentum Georgicis ostendit. Vbi cupiditatem habendi ex contentione finiuit, et ad arma usque peruenit.*

Ele **imitou** em sua poesia estes [modelos]: o siracusano **Teócrito** nas *Bucólicas*, o ascreu **Hesíodo** nas *Geórgicas*, **Homero** na *Eneida*, abreviando o que era amplo, ampliando o que era breve, uma vez que abreviara as palavras de Teócrito, e um único livro de Hesíodo dividiu em quatro, pois considerou que quatro são as divisões da terra: o campo arado, o semeado, o pastado e o florido.

Na sua poesia encontram-se três partes: nas *Bucólicas*, a **física**, ou seja, natural, nas *Geórgicas*, a **ética**, ou seja, moral, na *Eneida*, a **lógica**, ou seja, racional.

Três também são os gêneros do dizer: o **humilde**, o **médio** e **sublime**. Devemos notar que Virgílio compôs seus poemas na ordem da vida dos mortais: indicou, nas *Bucólicas*, que primeiro os

<sup>19</sup> MS Vossianus F. 12, parte g.

homens tiveram uma vida inculta e pastoril. Depois os mortais necessitaram das searas, e ele mostrou, nas *Geórgicas*, as descobertas e proveito dos campos aos mortais. Quando concluiu com a ambição de conquistar pela guerra, e chegou até as armas.

No presente recorte da *Vita Vossiana*, a conexão com a *imitatio* é notável, valorizando um critério literário. Na sequência, os modelos, conforme a tradição virgiliana, à luz dos princípios retóricos, foram se consolidando ao longo dos séculos. A ideia de que Virgílio ampliou o que era breve e abreviou o que era amplo está, como vimos, presente no prefácio de Sérvio às *G. As tres partes* mencionadas na sequência estão presentes na *Vita Philargyrii I*.<sup>20</sup> Como nos informa Hasegawa (2011, p. 40), Filargírio “arrola as mesmas três obras virgilianas, relacionando-as aos três *genera dicendi*, mas a isso acrescenta a divisão filosófica e as personagens adequadas a cada gênero poético”. Por fim, a citação inclui a tradicional explicação dos *genera dicendi*, conectando a questão da ordem dos poemas.

#### 2.4. *Vita Noricensis I*

Datando do séc. IX, esta é uma das duas *uitae* que compõe um manuscrito<sup>21</sup> de um monastério beneditino em Caríntia, no sul da Áustria. Ao que parece, o manuscrito seria parte de um livro escolar escrito em Reichenau. A *uita* abre-se com uma breve lista de *periochae*, e fecha-se com uma também breve discussão sobre os estilos nos poemas virgilianos.

*Tria genera carminum sunt: humile eloquium, ut Bucolicum; medium eloquium, ut Georgicum; magnum eloquium, ut Aeneidum. Phisicam secutus in Bucolicis, ethicam in Georgicis, in Aeneidibus loycam [sic].*

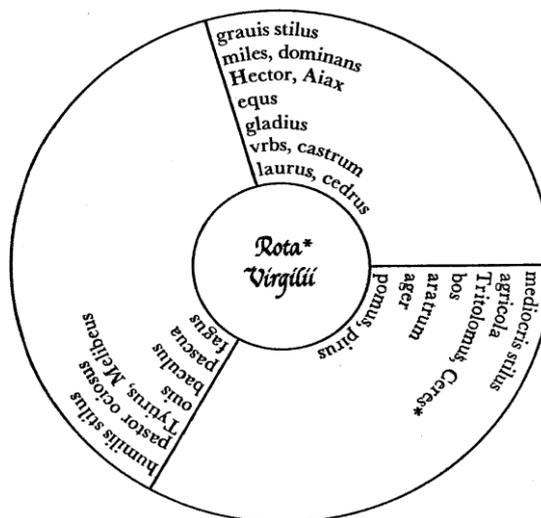
Três são os gêneros dos poemas: o discurso **humilde**, como nas *Bucólicas*, o discurso **médio**, como nas *Geórgicas*, e o discurso **grande**, como na *Eneida*. Ele [Virgílio] seguiu a **física** nas *Bucólicas*, a **ética** nas *Geórgicas* e a **lógica** na *Eneida*.

Essa breve *uita* sintetiza a construção da recepção virgiliana na relação entre as obras do poeta e os *genera dicendi*. Conforme a *Vita Vossiana*, a mesma divisão filosófica das obras é registrada.

<sup>20</sup>*Humile, medium, magnum; physica, ethica, logica; Bucolica, Georgica, Aeneades; naturalis, moralis, rationalis; pastor, operator, bellator. Physica, ethica, logica propter naturam, propter usum, propter doctrinam. [“Humilde, médio, grande; física, ética, lógica; Bucólicas, Geórgicas, Eneida; natural, moral, racional; pastor, operário, guerreiro. Física, ética e lógica por causa da natureza, por causa do uso, por causa da doutrina” (Trad. Alexandre Hasegawa, ibidem)].*

<sup>21</sup> MS Samblasianus 86, fólhos Ir-Iv.

As *uitae antiquae* ajudaram a construir a recepção das obras de Virgílio. O eco desses textos se faz perceber também nos comentários medievais posteriores como os de Conrad de Hirsau (1070-1150), Domenico diBandino (1335-1418) e, sobretudo, João de Garland (1220-58), autor da célebre *Parisiiana Poetria*, que, em 2.87-123, propõe uma ilustração mnemônica dos gêneros do estilo aplicados às obras do nosso poeta, a chamada *Rota Virgílii*:<sup>22</sup>



56

Na ilustração, ele codifica uma espécie de hierarquia dos *genera dicendi*, exemplificados em paralelo pelos tipos de personagens ou caracteres (as classes sociais, ao modo da *VSD* 57), pelos objetos, ambientação, plantas e animais predominantes em cada um dos três poemas.

Alguns detalhes importantes devem ser percebidos nos recortes das *uitae*: 1) quanto ao texto literário, as *uitae* reforçam o papel da Retórica, dos recursos e dos instrumentos de análise e de composição herdados dela, como os *genera dicendi* e o *decorum*; 2) do ponto de vista da poética clássica, as *uitae* dão provas do alcance da teoria dos gêneros poéticos, mormente pela presença da *imitatio* e da noção de modelo; 3) há nesses textos a presença de uma divisão filosófica aplicada aos poemas virgilianos; 4) as *uitae* demonstram haver comunicação entre os *genera*, a ideia de modelo – uma instância da *imitatio* – e divisão filosófica, comunicação esta que, nas obras de Virgílio, sutilmente dialoga com a questão de percorrer progressiva e hierarquicamente os *genera dicendi* em determinado gênero poético.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Ilustração tirada de THOMAS, R. F.; ZIOLKOWSKI, J. M., p. 748.

<sup>23</sup> Santos, M. M. (2000), em seu artigo que estuda a *Art. P.* de Horácio, discute a relação entre os gêneros poéticos e os *genera dicendi* nos termos de uma subordinação daqueles (mais específicos, como as partes) a estes (mais gerais, como o todo), numa discussão que valoriza a preocupação de Horácio em ensinar que os diferentes *genera* devem se ajustar à regra retórica do decoro (*Art. P.* v. 92). O estudioso, ademais, nos lembra de que Horácio, na *Art. P.*, toca na questão aqui discutida, a

## Conclusão

Os limites comunicativos entre retórica e poética, entre os antigos, são estreitos e intercambiáveis, quer na esfera da composição, quer na da análise. O enquadramento das obras de Virgílio nos três *genera dicendi*, na perspectiva da retórica latina antiga, nos leva a uma leitura dos estilos da poesia de Virgílio, uma via de interpretação que dialoga com aquela de um dos primeiros leitores de Virgílio, como Sêneca, na *Ep.* 86. Quando submetida a uma perspectiva retórica e literária, a contraposição de Sêneca entre a poesia que ensina e a poesia que deleita, ou entre uma função *docere* e uma função *delectare* das *G.*, abre o caminho de uma longa tradição e extensa recepção. Ademais, pelo ponto de vista da recepção, à medida que os leitores de Virgílio de todos os tempos reconheciam formas, categorias de análise e composição, gêneros etc., não só um sistema literário é desvelado, mas também é igualmente construído.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural (Os pensadores: Aristóteles, Vol. 2), 1991.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

AULU-GELLE. **Les Nuits Attiques**. Tome II (livres V-IX) Texte établi et traduit par R. Marache. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

BONNER, S. F. **Education in Ancient Rome from the Elder Cato to the Younger Pliny**. Berkeley: University of California Press, 1977.

CICERO. *De Oratore*. Ed. Kazimierz F. Kumanieck. Leipzig: Teubner, 1969.

CICERO. *Orator*. Ed. Rolf Westman. Leipzig: Teubner, 1980.

CONTE, G. B. **The Rhetoric of Imitation: genre and poetic memory in Virgil and other latin poets**. Transl. Charles Segal. Ithaca and London: Cornell University Press, 1986.

---

saber, da coordenação entre os gêneros de estilo e as funções do orador, por exemplo, v. 99-100, v. 333 e v. 344 (*op. cit.* p. 225-37).

COSTA, L. N. **Gêneros Poéticos na Comédia de Plauto**: traços de uma poética plautina imanente. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

DIONYSIUS of HALICARNASSUS. **On Literary Composition**: being the greek text of the *De Compositione Verborum*. Edited with introduction, translation, notes, glossary, and appendices by W. Rhys Roberts. London: Macmillan, 1910.

DUCROT, O. & TODOROV, T. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

FOWLER, A. **Kinds of Literature**: an introduction to the theory of genres and modes. Oxford: Clarendon Press, 2002.

GLARE, P. G. W. (Ed.) **Oxford Latin Dictionary**. 2<sup>th</sup> ed. Oxford: Clarendon Press, 2012.

HARDIE, P. **Virgil** (Greece and Rome: New Survey in the Classics. N. 28). Cambridge: The Classical Association, 1998.

58

HASEGAWA, A. P. **Os limites do gênero bucólico em Vergílio**: um estudo das éclogas dramáticas. Coleção Letras Clássicas. São Paulo: Humanitas, 2011.

HORACE. **On Poetry**. Vol. 2: The 'Ars Poetica'. By C. O. Brink. Cambridge: University Press, 1971.

HORÁCIO. **Arte Poética**. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Editorial Inquérito, 1984.

LAUSBERG, H. **Manual de Retórica Literária**. 3 Vols. Madrid: Gredos, 1966.

LIVY. *Ab Vrbe Condita*. Ed. with transl. by Even Sage. Vol. 11, Books 38-39. Cambridge, Massachusetts: Loeb, 1936.

MACROBIUS. *Saturnalia*. (Vol. I) Ed. Jacob Willis. Leipzig: Teubner, 1970.

MUNIZ, L. **A cenografia discursiva das Geórgicas**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

PFEIFFER, R. **History of Classical Scholarship**: from the beginnings to the end of the Hellenistic age. Oxford: Clarendon Press, 1998.

PLATO. **On Poetry**: *Ion*, *Republic* 376e-398b; *Republic* 595-608b. Ed. P. MURRAY. Cambridge: University Press, 2003.

QUINTILIANUS. *Institutionis Oratoriae Libri Duodecim*. Tomus I (Libri I-VI); Tomus II (Libri VII-XII). Ed. M. Winterbottom. Oxford: OCT, 1970.

SANTOS, M. M. O *monstrum* da *Arte Poética* de Horácio. **Letras Clássicas**, n. 4, p. 191-265, 2000.

SENECA. *Ad Lucilium Epistulae Morales*. Tomus I (Libri I-XIII), Tomus II (Libri XIV-XX). Ed. L. D. Reynolds. Oxford: OCT, 1965.

*Thesaurus Linguae Latinae*. Online: Access brought by Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

THILO, G.; HAGEN, H. (eds.) *Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. 3 vols. Hildesheim: Olms, 1986.

THOMAS, R. F.; ZIOLKOWSKI, J. M. **The Virgil Encyclopedia**. 3 vols. Blackwell: Wiley-Blackwell, 2014.

TREVIZAM, M. **Prosa Técnica**: Catão, Varrão, Vitruvius e Columela. Coleção Bibliotheca Latina. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

VERGILIUS. *Bucolica et Georgica*. Eds. Silvia Ottaviano et Gian Biagio Conte. Teubner. Berlin: De Gruyter, 2011.

ZIOLKOWSKI, J. M. and PUTNAM, M. (Eds.) **The Virgilian Tradition**: the first fifteen hundred years. New Haven: Yale University Press, 2008.

Data de envio: 18/07/2022

Data de aprovação: 21/10/2022

Data de publicação: 31/10/2022

## Os paralelos de Plutarco: Demóstenes e Cícero

Maria Aparecida de Oliveira Silva  
Labham/UFPI  
maosilva25@gmail.com

**RESUMO:** As comparações formam um conjunto à parte na narrativa biográfica de Plutarco, pois a crítica às ações de suas personagens se torna mais incisiva, porque já conhecemos o fim de suas vidas. No entanto, a comparação (σύγκρισις/*sýnkrisis*) estabelecida por Plutarco não coteja somente os feitos de seus biografados; o sentido de “combinação” que a palavra tem lhe permite compor paralelos que combinem personagens de contextos distintos, mas com atuações que se assemelham no campo político. Os paralelos plutarquianos nos trazem informações e reflexões nem sempre expostas nas biografias de suas personagens. Por isso, é importante analisar a comparação de Demóstenes e Cícero, como um estudo de caso, para compreender sua estrutura e as escolhas feitas por Plutarco na tessitura de sua narrativa. Desse modo, é necessário entender a complexidade de seus paralelos, que não foram escolhidos aleatoriamente, todos dialogam entre si em diversos planos, portanto, passíveis de múltiplos níveis de comparações entre si. Nosso propósito é discorrer sobre a natureza das comparações plutarquianas de Demóstenes e Cícero neste artigo a partir de elementos manifestos nessa composição.

**Palavras-chave:** Plutarco; Vidas Paralelas; Demóstenes; Cícero; comparações.

### The Plutarch's parallels: Demosthenes and Cicero

**ABSTRACT:** The comparisons form a separate set in Plutarch's biographical narrative: since we already know the end of their lives, the criticism of his characters' actions becomes more incisive. However, the comparison (σύγκρισις/*sýnkrisis*) established by Plutarch serves not only to compare the deeds of those who are his biography objects: the sense of "combination" that the word “comparison” has allows the Greek author to compose parallels that combine characters from different contexts, but with performances that are similar in the political field. The Plutarch's parallels bring us information and thoughts not always exposed in the biographies of his characters. Therefore, it is important to analyze the comparison between Demosthenes and Cicero, as a case study, to understand its structure and the choices made by Plutarch in the weaving of his narrative. It is also valuable to understand the complexity of his

parallels, which were not chosen randomly, all which dialogue with each other on several levels, and are therefore subject to multiple levels of comparison with each other. In this paper, our purpose is to discuss the nature of the Plutarch's comparisons between Demosthenes and Cicero, observing manifest elements in this composition.

**Keywords:** Plutarch; parallels lives; Demosthenes; Cicero; comparisons.

## 1. A escrita biográfica de Plutarco

As biografias plutarquianas resultam de uma amálgama de informações recolhidas de diversas fontes. Plutarco utiliza dados de relatos escritos e orais, além da cultura material, como estátuas, relevos, inscrições, monumentos, entre outros, para elaborar suas biografias. Dentre os escritos, encontramos citações retiradas de todos os gêneros literários produzidos na antiga Grécia, dado que torna Plutarco uma fonte considerável de fragmentos de autores e obras desconhecidas por nós. O uso de distintos gêneros leva o leitor a identificar em sua escrita a presença de elementos trágicos, cômicos, líricos, históricos, mas principalmente, filosóficos. Plutarco não dissocia a história da filosofia e sua composição biográfica não se separa dessa premissa: a história e o modo de vida de seu biografado são narrados sob o olhar em relação a suas ações, que se materializam nos fatos, e aos seus pensamentos, que antecedem seus atos e, portanto, são decisivos no campo da história. A precisão e a eficiência dos pensamentos de seus biografados são avaliadas positivamente na medida em que se dedicaram ao estudo da filosofia antecedida por uma formação básica que é a educação grega (παιδεία/*paideía*).

A narrativa biográfica de Plutarco segue a estrutura básica do gênero, ou seja, começa narrando fatos relacionados à origem e ao nascimento de sua personagem, depois narra fatos importantes de sua vida e relatos sobre o seu modo de vida e se encerra com os acontecimentos que antecederam sua morte, bem como as circunstâncias em que esta ocorreu. Como destacou Pelling (1988, p. 257), a infância representa um aspecto importante na leitura plutarquiana do caráter de seu biografado, pois é a fase de sua vida em que recebe a educação que irá norteá-lo pelo resto de seus dias. No entanto, percebemos que Plutarco se preocupa primeiro com a origem de seu biografado, que é decisiva para a formação de seu caráter, como lemos a seguir:

Τί τις ἂν ἔχοι εἰπεῖν περὶ τῆς τῶν ἐλευθέρων παίδων ἀγωγῆς καὶ τίνι χρώμενοι σπουδαῖοι τοὺς τρόπους ἂν ἀποβαῖεν, φέρε σκεψώμεθα. Βέλτιον δ' ἴσως ἀπὸ τῆς γενέσεως ἄρξασθαι πρῶτον. τοῖς τοίνυν ἐπιθυμοῦσιν ἐνδόξων τέκνων γενέσθαι πατράσιν ὑποθείμην ἂν ἔγωγε μὴ ταῖς τυχούσαις γυναιξὶ συνοικεῖν, λέγω δ' οἷον ἑταίραις ἢ παλλακαῖς· τοῖς γὰρ μητρόθεν ἢ πατρόθεν οὐκ εὖ γεγονόσιν ἀνεξάλειπτα παρακολουθεῖ τὰ τῆς δυσγενείας ὄνειδη παρὰ πάντα τὸν βίον καὶ πρόχειρα τοῖς ἐλέγχειν καὶ λοιδορεῖσθαι βουλομένοις.

Vamos examinar o que pode ser dito sobre a educação das crianças livres; se os pais utilizarem coisas boas, poderão mudar seus hábitos. Talvez seja melhor começar pelo nascimento. Então, aos pais que desejam gerar filhos honrados, eu próprio aconselharia a

não coabitarem com mulheres casuais, digo com cortesãs ou concubinas; pois, aos nascidos desse tipo de mãe ou pai, há indelévels censuras por sua origem vulgar que os acompanham por toda a sua vida; também são vulneráveis aos que querem acusá-los e insultá-los. (PLUTARCO. *De lib. educ.* 1A-B)<sup>1</sup>

Então, uma pequena árvore genealógica de seu biografado é traçada em grande parte de suas biografias, bem como a descrição de certas características físicas que lembram seus antepassados.<sup>2</sup> Plutarco nos fornece dados sobre o desenvolvimento da infância até a vida adulta de seu biografado, quando nos conta episódios que marcaram essa trajetória e associa as ações ao caráter de sua personagem. Ele reserva os últimos capítulos de suas biografias para narrar o modo como suas personagens morreram, momento em que analisa se o biografado conduziu bem sua vida ou não.<sup>3</sup> Além de seguir a sequência narrativa de nascimento, vida e morte, Plutarco redige um prólogo no qual expõe suas justificativas para a escolha de suas personagens e a comparação entre elas.

Outro elemento essencial à narrativa plutarquiana encontra-se em seu conteúdo pedagógico, em sua percepção de que durante a leitura de uma biografia o leitor tem a oportunidade de aprender com homens ilustres do passado, de antever certas situações e vivê-las com sabedoria. Sobre esse assunto, temos as seguintes palavras:

ἀλλ' ἢ γ' ἀρετὴ ταῖς πράξεσιν εὐθύς οὕτω διατίθησιν, ὥσθ' ἅμα θαυμάζεσθαι τὰ ἔργα καὶ ζηλοῦσθαι τοὺς εἰργασμένους. [...] τὸ γὰρ καλὸν ἐφ' αὐτὸ πρακτικῶς κινεῖ καὶ πρακτικὴν εὐθύς ὀρμὴν ἐντίθησιν, ἡθοιοῦν οὐ τῇ μιμῆσει τὸν θεατὴν, ἀλλὰ τῇ ἱστορίᾳ τοῦ ἔργου τὴν προαίρεσιν παρεχόμενον.

Mas a virtude por suas ações logo nos coloca assim, para admirar os feitos e, ao mesmo tempo, emular os que os realizaram. [...] Pois o belo em si atrai com vigor e estimula logo um impulso prático,

<sup>1</sup> Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (PLUTARCO, 2015). O texto grego segue a edição de Patron et al (PLUTARCHUS, 1993). Para a tradução também foram consultadas as seguintes edições: PLUTARCH, 1988; PLUTARQUE, 1966; PLUTARQUE, 1976.

<sup>2</sup> Um exemplo é a descrição física que Plutarco faz de Marco Antônio: “Tinha a dignidade de um homem livre em sua aparência, uma barba nobre, uma frente larga e um nariz adunco, parecia com as pinturas e as estátuas de Hércules, com rostos similares por terem virilidade. E o relato antigo é que os Antônio eram Heraclidas, descendentes de Antônio, filho de Hércules.” (Προσῆν δὲ καὶ μορφῆς ἐλευθέριον ἀξίωμα, καὶ πῶγων τις οὐκ ἀγεννῆς καὶ πλάτος μετώπου καὶ γρυπότης μυκτῆρος ἐδόκει τοῖς γραφομένοις Ἡρακλέους προσώποις ἐμπερὲς ἔχειν τὸ ἀρρενωπόν. ἦν δὲ καὶ λόγος παλαιὸς Ἡρακλείδας εἶναι τοὺς Ἄντωνίους, ἀπ' Ἄντωνος παιδὸς Ἡρακλέους γεγονότας.) (*Ant.* 4.1-3).

<sup>3</sup> Plutarco nos remete ao pensamento de que é preciso conhecer o fim da vida de uma personagem para que se saiba se ela foi exitosa ou não, o que nos lembra o episódio do encontro entre Creso e Sólon, narrado por Heródoto em *Histórias*. 1.32.

formando o caráter do espectador não por imitação, mas pela investigação do fato, que lhe permite a decisão. (PLUTARCO. *Per.* 2.2-4)<sup>4</sup>

Por isso, o elemento mais importante para a análise do caráter de seu biografado é a educação. Plutarco observa se sua personagem foi educada à moda grega, se aprendeu os preceitos da παιδεία (*paideía*). Como Nerdahl (2011, p. 295-309) conclui em seu estudo sobre a biografia de Díon, a tônica de Plutarco é demonstrar como a educação de Díon,<sup>5</sup> que aprendeu filosofia com o próprio Platão, foi decisiva na formação de seu caráter virtuoso.

Desse modo, as biografias atuam como exemplos de vida para o leitor e contribuem tanto para o conhecimento teórico como o prático, diferente da poesia, que é uma imitação. Por sua vez, a realidade se faz conhecer por meio da investigação, visto que é histórica, composta de fatos, não fruto da imaginação poética. Na escrita de Plutarco, a história valida o aprendizado da filosofia, pois seus biografados são avaliados conforme seu caráter, que é moldado de acordo com os ensinamentos filosóficos que obtiveram; a ausência de tais ensinamentos resulta em um caráter torpe, que leva a se tomar decisões impróprias para as circunstâncias porque é movido pelas paixões, não pela razão.

No prólogo da biografia de Timoleão, Plutarco coloca-se na posição de testemunha dos benefícios que recebeu das histórias contidas em sua narrativa biográfica por meio das ações de suas personagens, quando o autor se mostra um aprendiz, conforme lemos neste registro:

Ἐμοὶ τῆς τῶν βίων ἄψασθαι μὲν γραφῆς συνέβη δι' ἑτέρους, ἐπιμένειν δὲ καὶ φιλοχωρεῖν ἤδη καὶ δι' ἑμαυτόν, ὥσπερ ἐν ἐσόπτρῳ τῇ ἱστορίᾳ πειρώμενον ἀμῶς γέ πως κοσμεῖν καὶ ἀφομοιοῦν πρὸς τὰς ἐκείνων ἀρετὰς τὸν βίον. Οὐδενὶ γὰρ ἄλλ' ἢ συνδιστάσῃ καὶ συμβιώσῃ τὸ γινόμενον ἔοικεν, ὅταν ὥσπερ ἐπιξενούμενον ἕκαστον αὐτῶν ἐν μέρει διὰ τῆς ἱστορίας ὑποδεχόμενοι καὶ παραλαμβάνοντες ἀναθεωρῶμεν “ὄσσοις ἔην οἷός τε”, τὰ κυριώτατα καὶ κάλλιστα πρὸς γνῶσιν ἀπὸ τῶν πράξεων λαμβάνοντες.

<sup>4</sup> Doravante, as traduções citadas que não foram publicadas são de minha autoria.

<sup>5</sup> Não por acaso, Díon é comparado a Bruto, ambos libertadores de suas pátrias, tiranicidas que incentivaram a implementação de novos regimes políticos em seus territórios, com a ajuda dos ensinamentos obtidos no estudo da filosofia platônica, dado importante na avaliação plutarquiana, como lemos a seguir: “Desse modo, não é natural que nem romanos nem helenos reprovem a Academia, uma vez que igualmente tiram proveito desse escrito que abarca a vida de Bruto e a de Díon? Deles, um foi discípulo próximo de Platão, e o outro foi educado com os discursos de Platão, de modo que ambos saíram de uma única escola para as maiores disputas.” (οὕτως εἰκὸς τῇ Ἀκαδημίᾳ μῆτε Ῥωμαίους μῆθ' Ἑλληνας ἐγκαλεῖν, ἴσον φερομένους ἐκ τῆς γραφῆς ταύτης, ἢ τὸν τε Βρούτου περιέχει βίον καὶ τὸν Δίωνος; ὣν ὁ μὲν αὐτῶν Πλάτωνι πλησιάσας, ὁ δὲ τοῖς λόγοις ἐντραφεὶς τοῖς Πλάτωνος, ὥσπερ ἐκ μιᾶς ὥρμησαν ἀμφοτέρω παλαιστράς ἐπὶ τοὺς μεγίστους ἀγῶνας.) (*Dion* 1.1-2). Conforme conclui Swain (1990), dentre os biografados romanos, Plutarco elogia Cícero, Catão e Bruto porque conhecem a filosofia platônica e desprezam a tirania.

“Φεῦ, φεῦ· τί τοῦτο χάριμα μεῖζον ἄν λάβοις,” πρὸς ἐπανόρθωσιν ἠθῶν ἐνεργότερον;

Quanto a mim, ao me debruçar sobre a escrita das vidas, foi para o êxito dos outros, já nisso perseverar e delas desfrutar foi por mim; tal como olhando em um espelho, por meio da história, tento de algum modo ordenar minha vida e reproduzir as virtudes daqueles. Pois parece que o ocorrido não foi nada além de uma convivência e uma vida em comum com eles, e quando isso acontece, é como se recebesse cada um deles, um por vez, através da história; quando o recebemos e o acolhemos, ponderamos “quão capaz ele foi”, e escolhemos as mais importantes e belas ações para conhecimento.

“Oh, oh! Que fonte de prazer haveria maior que essa”,<sup>6</sup> mais eficaz para a correção dos costumes? (PLUTARCO, *Tim.* Prólogo, 1-3)

Na narrativa plutarquiana, a história produz belos exemplos e os povos atingem a felicidade cidadina quando seus líderes são sábios, não por serem somente amantes da filosofia, porque também são praticantes dos preceitos filosóficos. Nesse sentido, Plutarco responde a um discurso, existente desde o período clássico da Grécia e que se sustenta até a sua época, de que os filósofos pertencem à categoria dos inúteis, pois pensam, não agem. Plutarco entende que para mudar a história é preciso mudar o pensamento daqueles que comandam, é preciso educá-los com preceitos filosóficos. A compreensão das lições de vida dadas na composição das biografias plutarquianas passa pelo conhecimento que o leitor adquiriu, pois é necessário que este seja instruído para que possa decidir o que é bom e o que é ruim, porque conhece por meio da filosofia as concepções de bem e de mal; do mesmo modo, o leitor é capaz de descartar os relatos fantasiosos e apreender a verdade dos fatos por meio da razão filosófica.

## 2. O paralelo Demóstenes-Cícero

O estilo pedagógico de Plutarco nos auxilia a compreender melhor seus objetivos nos prólogos de suas biografias. O próprio nos esclarece os motivos que o levaram a escrever as biografias desses ilustres oradores, como lemos no prólogo da biografia de Demóstenes:<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Homero. *Il.* 24.630.

<sup>7</sup> Para uma análise mais detalhada do prólogo da biografia de Demóstenes, consultar Zadorojnyi, 2006.

Διὸ καὶ γράφοντες ἐν τῷ βιβλίῳ τούτῳ, τῶν παραλλήλων βίων ὄντι πέμπτῳ, περὶ Δημοσθένους καὶ Κικέρωνος, ἀπὸ τῶν πράξεων καὶ τῶν πολιτειῶν τὰς φύσεις αὐτῶν καὶ τὰς διαθέσεις πρὸς ἀλλήλας ἐπισκεψόμεθα, τὸ δὲ τοὺς λόγους ἀντεξετάζειν καὶ ἀποφαίνεσθαι, πότερος ἡδίων ἢ δεινότερος εἶπειν, ἔάσομεν.

Por isso, ao escrever neste livro, que é o quinto das *Vidas Paralelas*, sobre Demóstenes e Cícero, examinaremos suas naturezas e disposições morais, uma em comparação à outra, a partir de suas ações e atividades políticas, mas a comparação de seus discursos, dizer qual dos dois é o mais agradável e hábil, deixaremos de lado essa explanação. (PLUTARCO. *Dem.* 3.1-2).

Notamos que Plutarco narra os acontecimentos e os analisa sob a perspectiva moral, e a história atua como pano de fundo para as ações de suas personagens (cf. SILVA, 2006), pois sua preocupação está em avaliar o agente histórico em ação por meio de sua origem e formação, manifestas em seu caráter, que é determinante em suas escolhas. Razão pela qual, logo nas primeiras linhas de seu prólogo da comparação de Demóstenes e Cícero, Plutarco afirma: “Portanto, esses foram os fatos dignos de memória, dentre os investigados por historiadores sobre Demóstenes e Cícero, que chegaram ao nosso conhecimento.” (Ἄ μὲν οὖν ἄξια μνήμης τῶν περὶ Δημοσθένους καὶ Κικέρωνος ἱστορουμένων εἰς τὴν ἡμετέραν ἀφίκται γνῶσιν, ταῦτ' ἐστίν.) (*Comp. Dem.-Cic.* 50.1).

Embora tenha afirmado que não compararia oradores, mas homens políticos, Plutarco traça uma breve comparação da arte retórica de Demóstenes e Cícero. E ele esclarece o motivo de ter caído em contradição com o afirmado no prólogo da biografia do orador ateniense, pois explica que “há também uma visibilidade do caráter de cada um deles nos discursos” (ἔστι δὲ τις καὶ τοῦ ἥθους ἐν τοῖς λόγοις ἑκατέρου δίοψις.) (*Comp. Dem.-Cic.* 50.4). Vejamos a comparação:

ἀφεικῶς δὲ τὸ συγκρίνειν τὴν ἐν τοῖς λόγοις ἔξιν αὐτῶν, ἐκεῖνό μοι δοκῶ μὴ παρήσειν ἄρητον, ὅτι Δημοσθένης μὲν εἰς τὸ ρητορικὸν ἐνέτεινε πᾶν ὅσον εἶχεν ἐκ φύσεως ἢ ἀσκήσεως λόγιον, ὑπερβαλλόμενος ἐναργεῖα μὲν καὶ δεινότητι τοὺς ἐπὶ τῶν ἀγῶνων καὶ τῶν δικῶν συνεξεταζομένους, ὄγκῳ δὲ καὶ μεγαλοπρεπείᾳ τοὺς ἐπιδεικτικούς, ἀκριβεῖα δὲ καὶ τέχνη τοὺς σοφιστάς· Κικέρων δὲ καὶ πολυμαθὴς καὶ ποικίλος τῇ περὶ τοὺς λόγους σπουδῇ γενόμενος, συντάξεις μὲν ἰδίας φιλοσόφους ἀπολέλοιπεν οὐκ ὀλίγας εἰς τὸν Ἀκαδημαϊκὸν τρόπον, οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ διὰ τῶν πρὸς τὰς δίκας καὶ τοὺς ἀγῶνας γραφομένων λόγων δῆλός ἐστιν ἐμπειρίαν τινα γραμμάτων παρενδείκνυσθαι βουλόμενος.

Embora tenha me recusado a comparar a habilidade deles nos discursos, eu penso que há algo que não se pode deixar passar nem ficar sem dizer: que Demóstenes aplicou tudo que possuía por natureza ou por exercício à arte retórica, e ultrapassava em clareza e talento oratório os que disputavam com ele nos debates políticos e nos processos; em magnificência e esplendor, os oradores pomposos e, em precisão e arte, os sofistas; enquanto Cícero tornou-se muito instruído e multifacetado por seu empenho nos discursos, deixou não poucos tratados típicos dos filósofos voltados ao estilo da Academia; mas, certamente, também por meio dos discursos escritos para os processos e debates políticos, é evidente que desejava mostrar neles certo conhecimento de literatura. (PLUTARCO. *Comp. Dem.-Cic.* 50.1-4).

Nessa breve comparação das habilidades retóricas de Demóstenes e Cícero, Plutarco descreve dois grandes oradores com características distintas, centrando-se nas principais diferenças comportamentais e oratórias, e confere ênfase ao fato de que estudaram e praticaram a arte retórica observando preceitos filosóficos para desenvolver sua ἕξις (*héxis*).<sup>8</sup> Plutarco entende que Demóstenes se voltou completamente à arte retórica desde a infância, assim conhecia com maestria seus preceitos e sabia como expor com propriedade os seus argumentos, enquanto Cícero se interessou por diferentes gêneros literários, escreveu tratados filosóficos e exibiu grande erudição em seus discursos.

Em seguida, Plutarco opina sobre o caráter manifesto nos discursos dos oradores:

δοκεῖ δὲ καὶ γέλωτος οἰκεῖος ὁ Κικέρων γεγονέναι καὶ φιλοσκώπτῃς, τό τε πρόσωπον αὐτοῦ μειδίαμα καὶ γαλήνη κατεῖχε· τῷ δὲ Δημοσθένους αἰεὶ τις ἐπὶ σπουδῇ, καὶ τὸ πεφροντικὸς τοῦτο καὶ σύννου οὐ ῥαδίως ἀπέλειπεν·

Parece também que Cícero, por sua própria natureza, era dado ao gracejo e à zombaria, o seu rosto tinha o ar sorridente e tranquilo; e Demóstenes sempre tinha um certo ar sério e não abandonava com facilidade esse ar pensativo e apreensivo. (PLUTARCO. *Comp. Dem.-Cic.* 50.6).

<sup>8</sup> ἕξις (*héxis*) é a capacidade adquirida pela experiência, algo que se obtém, pois deriva do verbo ἔχω (*ékhō*), que nos leva ao sentido de “ter”, “obter” ou “possuir”. Em razão disso, ἕξις (*héxis*) também significa “posse” ou “a coisa possuída/obtida”; por extensão, significa também “habilidade”. Quintiliano define ἕξις (*héxis*) como “uma firme facilidade em falar” (*dicendi ... firma quaedam facilitas*) que é adquirida “escrevendo, lendo e discursando” (*scribendo [...] legendo [...] dicendo*). (QUINTILIANO, *Inst. Or.* 10.1).

Na sequência das oposições entre os oradores, Plutarco segue afirmando que a oratória de Demóstenes é poderosa,<sup>9</sup> séria e intensa, ainda que amarga e mal-humorada, e que a de Cícero é irônica e bem-humorada e sempre transgride suas propriedades (*Comp. Dem.-Cic.* 50.4-6; *Dem.* 4.8; *Dem.* 11.4; *Cic.* 5.6). É curioso notar que Demóstenes nem mesmo era considerado o maior orador grego na opinião de Plutarco,<sup>10</sup> pois este afirma que o orador era o melhor de sua época, mas não superava Fócion (*Dem.* 14.3). A postura de Demóstenes denota uma maturidade em seu ofício, certa experiência (ἐμπειρίαν τινά), como se Cícero ainda fosse uma criança, que graceja nos tribunais e se comporta como adolescente (διαμειρακιεύμενος) com os sofistas (*Comp. Dem.-Cic.* 52).<sup>11</sup> Este ponto de vista reforça o pensamento plutarquiano de que as artes, a literatura, a história, a filosofia, a arquitetura e, principalmente, a educação são as grandes contribuições dos gregos para a suntuosidade do Império Romano. Em suma, foram os gregos que ensinaram Cícero a ser um grande orador romano, mas ainda incipiente se comparado a um grande orador grego.

Em seu tratado *Da educação das crianças*, Plutarco afirma que boa origem e bons professores não são suficientes para garantir a boa formação das crianças; é preciso ainda ter estes três elementos: natureza (φύσις/*phýsis*), razão (λόγον/*lógon*) e costume (ἔθος/*éthos*),<sup>12</sup> que assim define:

68

καλῶ δὲ λόγον μὲν τὴν μάθησιν, ἔθος δὲ τὴν ἄσκησιν. εἰσὶ δ' αἱ μὲν ἀρχαὶ τῆς φύσεως, αἱ δὲ προκοπαὶ τῆς μαθήσεως, αἱ δὲ χρήσεις τῆς μελέτης, αἱ δ' ἀκρότητες πάντων. [...] ἡ μὲν γὰρ φύσις ἄνευ μαθήσεως τυφλόν, ἡ δὲ μάθησις δίχρα φύσεως ἐλλιπὲς, ἡ δ' ἄσκησις χωρὶς ἀμφοῖν ἀτελὲς.

Chamo razão o aprendizado e o costume o exercício. São os princípios da natureza: a evolução pela instrução, o proveito pelo cuidado e a excelência por esses todos. [...] A natureza sem estudo é cega, a lição sem a natureza é insuficiente e o exercício sem ambos é incompleto. (PLUTARCO. *De lib. educ.* 2A-B)

<sup>9</sup> Sobre essa afirmação feita por Plutarco em *Dem.* 11.4, há um interessante artigo de Westwood, 2017.

<sup>10</sup> Ao afirmar que Fócion era melhor que Demóstenes, Plutarco ironiza Cícero que se iguala a Demóstenes, considerando o orador ateniense como o melhor dos gregos, em seus discursos *Bruto e Orador*. Para mais detalhes, consultar Bishop, 2016, p. 169.

<sup>11</sup> Polman (1974, p. 171) tem uma perspectiva interessante sobre essa maturidade que Plutarco atribui a alguns de seus biografados. No seu entender, os biografados são avaliados, especialmente, dos 40 aos 60 anos, que seria o auge de sua carreira. Se pensarmos sob este ponto de vista, a inclinação de Demóstenes aos discursos e o tempo dedicado à arte retórica sustentam sua excelência e o colocam à frente de Cícero, que não a havia praticado por tanto tempo.

<sup>12</sup> ἔθος/*éthos* é o costume adquirido pela tradição, que revela os hábitos e as habilidades de seu povo.

Portanto, a boa origem, que está relacionada à natureza, é apenas um indicativo de que a educação encontrará um terreno fértil em que o semeador desfrutará das condições ideais para o seu cultivo. No entanto, como na agricultura, é preciso que o semeador esteja atento aos afazeres necessários para que essa semente se desenvolva e passe a dar bons frutos. Assim, o autor argumenta: “A terra é boa por natureza; mas, se descuidada, é improdutiva e arruinada” (ἀγαθὴ γῆ πέφυκεν· ἀλλ’ ἀμεληθεῖσα χερσεύεται) (PLUTARCO. *De lib. educ.* 2D). Ao refletir sobre essas questões, Plutarco revela sua confiança na eficiência da παιδεία (*paideía*) na formação humana, como um instrumento capaz de aperfeiçoar sua natureza em suas várias manifestações, questão que Jaeger assim resume:

chegou-se à convicção de que a natureza (φύσις) é o fundamento de toda a educação possível. A obra educadora realiza-se por meio do ensino (μάθησις), da doutrinação (διδασκαλία) e do exercício (ἄσκησις), que faz do que foi ensinado uma segunda natureza. É um esboço de síntese do ponto de vista da *paidéia* aristocrática e do racionalismo, operado através do abandono da ética aristocrática de sangue. (JAEGER, 1995, p. 356-357)

Não por acaso, Plutarco afirma que “é um bom sinal quando a indolência é esmagada com trabalho e exercício” (σημεῖον οὐ φαῦλόν ἐστιν ἐκθλιβομένης πόνῳ καὶ ἀσκήσει τῆς ῥαθυμίας), pois mostra que se está no caminho que levará à virtude. (*De prof. in uirt.* 76F). As escolhas lexicais de Plutarco nos levam a crer que a excelência de Demóstenes resulta do tempo e do espaço em que viveu e que foi decisiva na formação de seu caráter. A formação incompleta ou indigna de um aristocrata foi superada por sua dedicação desde a infância ao estudo e à prática da arte retórica.

No caso de Cícero, que viveu à época do florescimento da arte retórica entre os romanos, o orador não dispunha do ambiente ideal, mas contava com o auxílio de seus professores e da produção literária dos antigos gregos, em seus mais diversos gêneros. A oratória praticada no período de Plutarco não revela a mesma maestria da época de Cícero em razão de a filosofia não despertar o interesse dos jovens, que preferem o aprendizado somente da oratória. E, segundo Plutarco, o aprendizado da retórica deve ser posterior ao da filosofia, para que se perdesse a superficialidade no discurso. Ao elogiar o orador Cícero por ter escrito à moda da Academia, por ter estudado poesia, filosofia e retórica, Plutarco discursa a favor do aprendizado da filosofia de Platão para a formação de seu biografado, para que atinja o mais alto grau de virtude e desempenhe suas habilidades com excelência.

O recurso retórico da comparação (σύγκρισις/*sýnkrisis*), que Plutarco utiliza, traz avaliações comparativas do caráter de seus pares que apontam suas semelhanças e diferenças, bem como suas circunstâncias históricas. Larmour (2014, p. 405) argumenta que Plutarco pontua as diferenças entre seus biografados em suas comparações e que estabelece diferentes níveis entre elas. O autor lembra que a comparação é um preceito retórico<sup>13</sup> que estabelece um jogo de comparar e contrastar as ações de seus biografados. Larmour (2014, p. 406-407) continua sua exposição levantando alguns argumentos sobre a finalidade dessas comparações, como a percepção de que Plutarco pretende analisar a história romana sob as lentes gregas, além de construir modelos morais e filosóficos, com Alexandre, Demóstenes e Sólon, entre outros. A nosso ver, Plutarco tece as comparações para comprovar a eficiência da filosofia platônica no plano prático, na realidade, e para demonstrar o quanto um agente histórico pode interferir nos rumos de sua cidade, levando-a à glória ou ao abismo. Convém lembrar que há outros elementos que Plutarco observa em sua análise, como origem e educação.<sup>14</sup>

Na comparação de Demóstenes e Cícero, Plutarco também marca as oposições, pois temos Demóstenes como um exímio orador que se mostra afeito ao dinheiro, enquanto Cícero o desdenha (*Comp. Dem.-Cic.* 52.3), mas é excessivamente apegado à glória (*Comp. Dem.-Cic.* 51.3). Plutarco assinala que Demóstenes não ocupou cargos importantes nem esteve à frente de um exército como Cícero, o que contribuiu para que o orador ateniense não fosse tão aclamado (*Comp. Dem.-Cic.* 52.2). O exílio que ambos sofreram também teve efeitos distintos: para Demóstenes, trouxe infâmia e vergonha, já a Cícero, notoriedade e glória, ainda que o orador romano tenha se isolado e o ateniense tenha estabelecido laços políticos com diversas cidades (*Comp. Dem.-Cic.* 53.2-3).

Plutarco encerra a comparação dos oradores com a seguinte avaliação:

Ἐπὶ πᾶσι δὲ τῆς τελευτῆς τὸν μὲν οἰκτίσαι τις ἄν, ἄνδρα πρεσβύτην δι' ἀγέννειαν ὑπ' οἰκετῶν ἄνω καὶ κάτω περιφερόμενον καὶ φεύγοντα τὸν θάνατον καὶ ἀποκρυπτόμενον τοὺς οὐ πολὺ πρὸ τῆς φύσεως ἦκοντας ἐπ' αὐτόν, εἴτ' ἀποσφαγέντα· τοῦ δ', εἰ καὶ μικρὰ πρὸς τὴν ἰκεσίαν ἐνέδωκεν, ἀγαστὴ μὲν ἢ παρασκευὴ τοῦ φαρμάκου καὶ τήρησις, ἀγαστὴ δ' ἢ χρῆσις, ὅτι τοῦ θεοῦ μὴ παρέχοντος αὐτῷ τὴν ἀσυλίαν, ὥσπερ ἐπὶ μείζονα βωμὸν καταφυγῶν, ἐκ τῶν ὀπλῶν καὶ τῶν δορυφόρων λαβῶν ἑαυτὸν ῥῆχτο, τῆς Ἀντιπάτρου καταγελάσας ὠμότητος.

<sup>13</sup> Chrysanthou (2018) analisa o prólogo das biografias de Demóstenes e Cícero e conclui que Plutarco utiliza outro expediente retórico que é a periautologia, isto é, o biografista insere informações sobre si para atrair a atenção e a cumplicidade de seu leitor.

<sup>14</sup> Para compreender a importância da educação na composição plutarquiana, consultar Xenophontos, 2013.

Ao cabo de tudo, de um poderia se ter piedade de sua morte; era um homem idoso, por falta de dignidade, era transportado para cima e para baixo pelos escravos domésticos, fugia da morte, escondia-se dos que não muito antes da natureza<sup>15</sup> vinham contra ele e, nessas circunstâncias, foi degolado; e do outro, ainda que tenha se diminuído um pouco na condição de suplicante, é admirável a sua preparação e conserva do veneno, e admirável o seu uso, porque o deus não lhe propiciou um refúgio inviolável, de modo que se refugiou em um altar maior, desapareceu no meio das armas e dos guardas e zombou da crueldade de Antípatro. (PLUTARCO. *Comp. Dem.-Cic.* 54.1-2)

Os acontecimentos finais que envolveram os biografados indicam que a astúcia que Cícero tanto demonstrava em seus discursos não teve lugar no momento de sua morte, ao passo que Demóstenes revelou a astúcia de um Odisseu ao enganar seus inimigos e vencê-los sem o uso da força. Portanto, o orador ateniense soube fazer melhor uso de sua inteligência até os últimos dias de sua vida.

### 3. Demóstenes

Sobre o orador ateniense, Plutarco afirma que sua eloquência advém da combinação de sua natureza (ἐκ φύσεως/*ek phýseōs*) com seu exercício constante<sup>16</sup> dos preceitos retóricos (ἀσκήσεως/*askéseōs*), como se sua descendência helênica lhe desse o lugar, o espaço e o tempo ideais para o desenvolvimento de uma habilidade que se revela uma característica de seu povo. Xenophontos (2016, p. 24) afirma que Plutarco entende que o caráter e a mudança de caráter de um biografado dependem de uma ética individual e coletiva embasada na educação. Portanto, na composição das biografias de Demóstenes e Cícero, como conclui Beneker (2016, p. 147), Plutarco deixa claro ao leitor que o lugar em que se nasce também influencia na formação do caráter.

Com relação à natureza (φύσις/*phýsis*), esta não determina a qualidade do orador – é preciso exercitá-la, pois a arte retórica necessita de técnica, de aprimoramento por meio do exercício contínuo de seus preceitos. Plutarco conta que Demóstenes perdeu seu pai aos sete anos – idade em que se inicia a formação de uma criança grega –, e que sua herança foi confiada aos seus tutores, mas estes

<sup>15</sup> Por conta da idade avançada, foi degolado pouco antes de sua morte natural.

<sup>16</sup> ἀσκησις (*askēsis*) é o “exercício”, a “prática” ou “treinamento”. Chantraine (1968, s.v.) esclarece que o verbo ἀσκέω (*askēō*) é utilizado em Homero para o trabalho com lã ou metal, fabricação de um arco ou uma construção e, à época clássica, passou ao campo esportivo e depois associado à vida moral e religiosa a partir de Fílon de Alexandria.

prejudicaram seu aprendizado com o roubo de seu patrimônio. Diante desses acontecimentos, Plutarco afirma que Demóstenes não recebeu a educação digna de um homem livre (ἐλεύθερος/*eleútheros*), tornando-se um ἀπαίδευτος (*apaídeutos*), um sem instrução (*Dem.* 4.3-4).

É preciso relativizar as assertivas plutarquianas, pois de seu discurso depreendemos que a família do orador perdeu seu posto na aristocracia ateniense e, por isso, alguns acreditavam que sua educação havia sido prejudicada. A nosso ver, a educação de Demóstenes pode ser considerada incompleta, o que não o tornaria completamente sem instrução, visto que recebeu as primeiras lições, como o próprio Plutarco registra em *Dem.* 4.4. Outro ponto a ser considerado é que Demóstenes, em resposta ao orador Ésquines, afirma que “assim, quando eu era criança, Ésquines, comecei a frequentar as escolas apropriadas, e tenho o que preciso para não ter passado nenhuma vergonha por necessidade.” (Ἐμοὶ μὲν τοίνυν ὑπῆρξεν, Αἰσχίνῃ, παιδὶ μὲν ὄντι φοιτᾶν εἰς τὰ προσήκοντα διδασκαλεῖα, καὶ ἔχειν ὅσα χρὴ τὸν μηδὲν αἰσχρὸν ποιήσοντα δι' ἔνδειαν.) (*De Cor.* 257.1-5).

Notamos aqui dois discursos sobre a riqueza do pai de Demóstenes, um que o coloca como um inferior, porque não atingiu o nível esperado para um homem livre, pois, durante sua infância, não recebeu a educação destinada aos aristocratas de sua época, visto que seu pai morreu quando ainda estava nos primeiros anos de sua educação; e o outro é o do próprio Demóstenes que se defende argumentando que em nada havia sido prejudicado em sua educação, que havia recebido uma formação completa, que não era, portanto, um ἀπαίδευτος (*apaídeutos*), um sem instrução. Com a circulação desses dois discursos, os autores se serviam daquele que atendessem seus objetivos. No caso de Plutarco, este prefere acreditar que a natureza de Demóstenes facilitou seu aprendizado, a despeito de ser um ἀπαίδευτος (*apaídeutos*), um sem instrução, pois o orador possuía natureza (φύσις/*phýsis*), razão (λόγον/*lógon*) e costume (ἔθος/*éthos*) para receber os poucos preceitos da educação grega que adquiriu em sua infância, e direcioná-los para sua formação de orador. Além disso, para Plutarco, a excelência de sua arte foi adquirida por Demóstenes ter se dedicado ao exercício constante (ἄσκησις/*áskēsis*) de suas habilidades.

#### 4. Cícero

Da descrição plutarquiana de Cícero, depreendemos que o orador romano não nasceu com uma natureza (φύσις/*phýsis*) que o auxiliasse em sua formação, como Demóstenes,<sup>17</sup> mas que a moldou com o conhecimento. A busca incansável de Cícero pela erudição o tornou “muito instruído e multifacetado” (πολυμαθής

---

<sup>17</sup> Plutarco conta que Demóstenes se interessou pela arte retórica desde a infância, que abandonou as brincadeiras infantis para se dedicar ao estudo e ao exercício da arte retórica (*Dem.* 5.4-5).

καὶ ποικίλος/ *polymathês kai poikílos*). O substantivo πολυμαθής (*polymathês*) é uma combinação de πολύς (*polýs*), que significa “muito”, e μαθάνω (*manthánō*), que é o verbo “aprender”, o que nos leva a este substantivo que designa “aquele que aprende muito sobre muitos assuntos” ou “muito instruído”. Já ποικίλος (*poikílos*) tem suas primeiras ocorrências em Homero e elas estão relacionadas às cores de tecidos e armas utilizadas pelos guerreiros, também ao colorido das pelagens dos animais, das flores, das pinturas dos pórticos. Assim, por metáfora, o termo se estende aos adjetivos “mutável”, “complicado” e, quando se trata de pessoas, significa “astucioso”, o mesmo adjetivo que Hesíodo (*Teog.* 511) utilizou para se referir a Prometeu (cf. Chantraine, 1968, *s.v.*). Esta ideia de “astucioso” atribuída a Prometeu, a nosso ver, remete a um tipo de inteligência que possui a capacidade de tramar e manipular palavras e fatos para atingir seu objetivo. Optamos por “multifacetado” para marcar o uso que Cícero faz de diversos autores em seus escritos, pois, como Plutarco afirma: “é evidente que desejava mostrar neles certo conhecimento de literatura” (δηλὸς ἐστὶν ἐμπειρίαν τινὰ γραμμάτων παρενδείκνυσθαι βουλόμενος).

Também é possível entender ποικίλος (*poikílos*) como “astucioso” ou, como sugere Rocci (1993, *s.v.*), “ardiloso”, pois é interessante notar a astúcia argumentativa de Cícero na composição de suas obras, como Plutarco argumenta nas linhas seguintes. Portanto, Plutarco se mostra ambíguo e nos leva a crer nesta duplicidade de sentido que ποικίλος (*poikílos*) assume em seu discurso: por um lado, um orador que diversificava sua composição com o uso de diversos gêneros literários, por outro, também era ardiloso na escolha das palavras e das referências a serem feitas em seus discursos, como Prometeu.

Embora Cícero não tenha estudado e exercitado os preceitos retóricos desde a infância, como Demóstenes, dedicou-se com afinco à arte poética (*Cic.* 2.2-3). Em sua adolescência, estudou com o filósofo Filon da Academia, que conhecia filosofia e retórica e era muito respeitado pelos romanos (*Cic.* 3.1). Cícero não era grego como Demóstenes, não nascera no lugar de nascimento e prática corrente da arte retórica,<sup>18</sup> pois alguns romanos de sua época já apreciavam a oratória, mas “os mais rudes se irritavam com seus filhos quando viam Cícero no meio deles, porque o tratavam com honra” (τοὺς δ' ἀγροικότερους ὀργίζεσθαι τοῖς υἱέσιν, ὀρῶντας ἐν ταῖς ὁδοῖς τὸν Κικέρωνα μέσον αὐτῶν ἐπὶ τιμῇ λαμβάνοντας.) (*Cic.* 2.2). A arte retórica de Cícero é o resultado de um longo aprendizado da praticada entre os gregos; seus mestres são seus professores e seus livros. Cícero foi o primeiro romano a escrever sobre os preceitos da arte

<sup>18</sup> A arte retórica foi introduzida em Atenas no século V a.C., atribui-se tal feito a Górgias de Leontinos, que a utilizava em discursos políticos e tribunais. Demóstenes nasceu em 384 a.C., ou seja, cerca de cem anos após seu surgimento.

retórica<sup>19</sup> que não teve sua formação na Grécia, mas que recebeu a educação grega através dos textos, porque se empenhou em conhecer a produção literária dos antigos gregos na sua formação de orador.

## Conclusões

As biografias plutarquianas são compostas de pares que são comparados, exceto as de Árato, Artaxerxes, Oto e Galba. Algumas biografias como as de Hércules, Augusto, Cipião Africano e Nero foram perdidas. Somente cinquenta chegaram até nós, vinte e três pares e quatro individuais. Das comparações, temos apenas dezessete pares e a comparação das duplas Ágis e Cleômenes com os irmãos Tibério e Caio Graco. As comparações formam um conjunto à parte na narrativa biográfica de Plutarco, pois a crítica às ações de suas personagens se torna mais incisiva, porque já conhecemos o fim de suas vidas. No entanto, a comparação (σύγκρισις/*sýnkrisis*) estabelecida por Plutarco não coteja somente os feitos de seus biografados. O sentido de “combinação” que a palavra tem lhe permite compor paralelos que combinem personagens de contextos distintos, mas com atuações que se assemelham no campo político. Porque σύγκρισις/*sýnkrisis* também tem o sentido de “interpretar por conjectura”, Plutarco compara as ações e as intenções de suas personagens, de onde tece reflexões sobre o caráter dos comparados. E porque σύγκρισις/*sýnkrisis* ainda tem sentido de “decisão”, Plutarco também decide quem se saiu melhor diante das adversidades em suas comparações.

74

Os paralelos plutarquianos nos trazem informações e reflexões nem sempre expostas nas biografias de suas personagens. Por isso, é importante analisar a comparação de Demóstenes e Cícero, como um estudo de caso, para compreender sua estrutura e as escolhas feitas por Plutarco na tessitura de sua narrativa. Entender a complexidade de seus paralelos, que não foram escolhidos aleatoriamente, todos dialogam entre si, no campo histórico, filosófico e outros, portanto passíveis de múltiplos níveis de comparações entre si. Por exemplo, não há casualidade na escolha da comparação de Teseu, o herói do sinecismo de Atenas, com Rômulo, o pai de Roma, pois ambos são mitos fundadores. Outro exemplo são as biografias de Díon e Bruto em que Plutarco compara as circunstâncias nas quais ambos foram libertadores de seu povo: Díon, o salvador de Siracusa, ao derrotar Dionísio I, e Bruto, o salvador de Roma, ao eliminar o ditador Júlio César.

---

<sup>19</sup> Plutarco mostra ao seu leitor que a arte retórica nasceu na Grécia antiga e que Cícero, por sua inteligência e curiosidade, aprendeu com os gregos e a trouxe para os romanos, já com as características peculiares à língua e à cultura dos romanos, mas sem perder a base que lhe foi dada pelos antigos gregos. Para as contribuições dos gregos no Império Romano, consultar Silva (2014).

## Agradecimentos

Agradeço aos pareceristas por suas leituras cuidadosas, que em muito me auxiliaram no aperfeiçoamento deste texto, e às professoras Talita Juliani (Unifesp) e Carol Rocha (UFJF) por seu honroso convite para participar deste importante dossiê.

## REFERÊNCIAS

BENEKER, Jeffrey. The Nature of Virtue and the Need for Self-Knowledge in Plutarch's *Demosthenes-Cicero*. In: OPSOMER, J.; ROSKAM, G.; TITCHENER, F. B. (org.). **A versatile gentleman consistency in Plutarch's writing studies offered to Luc van der Stockt on the occasion of his retirement**. Leuven: Leuven University Press, 2016, p. 147-160.

BISHOP, Caroline. How to Make a Roman Demosthenes: Self-Fashioning in Cicero's Brutus and Orator. **The Classical Journal**. Athens, v. 111, n. 2, p. 167-192, December 2015-January 2016.

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire étymologique de la langue grec - Histoire des mots**. Paris: Klincksieck, 1968.

75

CHRYSANTHOU, Chrysanthos S. Plutarch's Rhetoric of periautologia: Demosthenes 1-3. **The Classical Journal**. Athens, v. 113, n. 3, p. 281-301, February-March 2018.

DEMOSTHENES. **On the crown**. Edited by Harvey Yunis. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 3. ed. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LARMOUR, David H. J. The *Synkrisis*. In: BECK, Mark (org.). **Companion to Plutarch**. Malden/Oxford: Wiley Blackwell, 2014, p. 405-416.

NERDAHL, Michael. Flattery and Platonic Philosophy: The Limits of Education in Plutarch's *Life of Dion*. **Classical World**. Cambridge, v. 104, n. 3, p. 295-309, 2011.

PELLING, Christopher. Aspects of Plutarch's Characterisation. **Illinois Classical Studies**. Champaign, v. 13, n. 2, p. 257-274, Fall, 1988.

PLUTARCH. **The life of Cicero**. Introduction, translation and commentary by J. L. Mores. Warminster: Aris & Philips, 1988.

PLUTARCHUS. *Moralia*, vol. 1. W. R. Paton; M. Pohlenz; W. Wegehaupt e H. Gärtner. Leipzig: Teubner, 1993.

PLUTARQUE. **Vies**. Tome IV. Timoléon-Paul Émile. Texte établi et traduit par Robert Flacelière e Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1966.

PLUTARQUE. **Vies**. Tome XII. Démosthène - Cicéron. Texte établi et traduit par Robert Flacelière e Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

PLUTARCO. **Da educação das crianças**. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

POLMAN, G. H. Chronological Biography and Akme in Plutarch. **Classical Philology**. Chicago, v. 69, n. 3, Jul., 1974, p. 169-177.

ROCCI, Lorenzo. **Vocabulário Greco Italiano**. 37<sup>a</sup> ed. Roma: Società Editrice Dante Alighieri, 1993.

76

SILVA, M. A. O. **Plutarco e Roma: o mundo grego no Império**. São Paulo: Edusp, 2014.

SILVA, M. A. O. **Plutarco Historiador: análise das biografias espartanas**. São Paulo: Edusp, 2006.

SWAIN, Simon. Plutarch's Lives of Cicero, Cato, and Brutus. **Hermes: Zeitschrift für klassische Philologie**. Wiesbaden, vol. 118, n. 2, 1990, p. 192-203.

WESTWOOD, Guy. Plutarch's Aesion: A Note on Plutarch, Demosthenes 11.4. **Mnemosyne**. Leiden, Fourth Series, v. 70, fasc. 2, 2017, p. 316-324.

XENOPHONTOS, Sophia A. **Ethical education in Plutarch**. Moralizing agents and contexts. Berlin/Boston: De Gruyter, 2016.

XENOPHONTOS, Sophia A. Imagery and Education in Plutarch. **Classical Philology**. Chicago, v. 108, n. 2, April, 2013, p. 126-138.

ZADOROJNYI, Alexei V. King of his Castle: Plutarch, "Demosthenes" 1-2. **The Cambridge Classical Journal**. Cambridge, v. 52, January, 2006, p. 102-127.

Data de envio: 17/07/2022

Data de aprovação: 23/10/2022

Data de publicação: 31/10/2022

**Três biografias de médicos antigos: Galeno, Hipócrates e Sexto Empírico  
(tradução de Suda *gamma* 25.1-32.4; *iota* 564.1-564.31; *sigma* 235.1-235.11;  
*sigma*, 236.1-236.2)**

Rodrigo Pinto de Brito  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)  
www.rodrigobrito@gmail.com

Sussumo Matsui  
doutorando/Universidade de Brasília (UnB)  
matsui.sussumo@gmail.com

**RESUMO:** Reúne-se aqui a tradução das biografias de três personalidades antigas: Galeno de Pérgamo, Hipócrates de Cós e Sexto Empírico. O texto que seguimos é o da Suda, a partir da fixação textual e edição da filóloga Ada Adler. Nosso propósito é fornecer em um único lugar as *vidas* traduzidas, acrescidas de notas de erudição. A seleção levou em conta dois aspectos: a notoriedade das contribuições para o avanço da medicina, no caso de Hipócrates e Galeno, e, no caso de Sexto Empírico, conhecido por seu ceticismo, seu ofício de médico.

78

**Palavras-chave:** Suda; tradução; Galeno; Hipócrates; Sexto Empírico.

**Three biographies of ancient doctors: Galen, Hippocrates and Sextus  
Empiricus (translation of Suda *gamma* 25.1-32.4; *iota* 564.1-564.31; *sigma*  
235.1-235.11; *sigma* 236.1-236.2)**

**ABSTRACT:** This paper gathers the Greek/Portuguese translation of three biographies of ancient doctors: Galen of Pergamon, Hippocrates of Kos and Sextus Empiricus, following the Suda, according to Ada Adler's edition. We aim to display the three translated *lives*, followed by footnotes and compiled in one place, both Hippocrates and Galen's ones – whose contributions to the development of medicine are notorious – as well as Sextus' one, as he was also a doctor – although made famous by his skepticism.

**Keywords:** Suda; translation; Galen; Hippocrates; Sextus Empiricus.

## Introdução<sup>1</sup>

A biografia é mais do que um *curriculum vitae* que pormenoriza o período entre o nascimento e o fencimento de um indivíduo. Ela é dinâmica, embevecida, potente, ativa, enlevada, intensa, vibrante, enérgica e animada, visto que representa uma *vita* e não um retrato. Na Antiguidade e no caso dos médicos, ela foi se estruturando ao longo dos séculos e tendia a conectar a pessoa histórica com os feitos e com os escritos, tentando constituir e demonstrar a coerência entre a prática e a pregação, a vida e a doutrina. Servia, portanto, a propósitos propagandísticos, ao elevar o estatuto dos terapeutas e da terapia gregos ao nível dos heróis, na marcha da epopeia da *iatrike techne*<sup>2</sup>. Assim, nosso modesto objetivo aqui é reunir em um único lugar três biografias de médicos antigos: Hipócrates e Galeno – cujas contribuições para o avanço da medicina são notórias – e Sexto Empírico, notabilizado por seu ceticismo, mas que era médico de ofício<sup>3</sup>.

Quanto à Suda, nossa fonte primária aqui é uma enciclopédia histórico-literária compilada em Constantinopla no final do século X d.C. e editada por Ada Adler no século XX, em cuja fixação textual alicerçamos esta tradução. As *vitae* lá expostas seguem o *Onomatólogo* (ou índice de figuras literárias notáveis) de Hesíquio de Mileto, que teve seu *floruit* no século VI d.C. Com efeito, o próprio autor da Suda menciona, na entrada de Hesíquio, que ele o empregou como epítome<sup>4</sup> e, possivelmente, também seguiu a taxonomia alfabética e a forma de tecer as biografias, manifesta por um nome, seguido de pátria, categoria literária, ascendência, mestres, alunos, atividade, morte e escritos produzidos. Essa ordem está, de modo geral, presente nas três biografias selecionadas.

Quanto aos biografados, Galeno é apresentado como o célebre médico e, simultaneamente, o texto nos oferece uma desambiguação do adjetivo *galenos*, “gentil”. Das informações elencadas em sua *vita*, ressaltam-se os imperadores que lhe eram coetâneos, a sua ascendência e a data de seu óbito. Em verdade, o próprio médico de Pérgamo informa que cuidou de Cômodo durante a sua infância, época em que terminou de escrever *Das (ou Sobre as) doutrinas de Hipócrates e Platão* e *Da (ou Sobre a) utilidade*<sup>5</sup>. Em adição, ele afirma ter

<sup>1</sup> Os autores gostariam de agradecer imensamente aos pareceristas anônimos pelas excelentes sugestões e atentas correções.

<sup>2</sup> Sobre a biografia na Antiguidade, ver van der Eijk (1999, p. 1-32) e Haag & Harrison (2012, p. 1-9).

<sup>3</sup> Ao que sabemos, as biografias de Galeno e de Sexto aqui são inéditas em português. Por outro lado, quanto a de Hipócrates, há também a versão de Ribeiro Jr. (2005), que inclui outras biografias do médico de Cós, além daquela presente na Suda.

<sup>4</sup> Eta 611: οὗ ἐπιτομή ἐστὶ τοῦτο τὸ βιβλίον.

<sup>5</sup> Gal. *Libr. Propr.* 3.1-8.

Três biografias de médicos antigos: Galeno, Hipócrates e Sexto Empírico (tradução de Suda *gamma* 25.1-32.4; *iota* 564.1-564.31; *sigma* 235.1-235.11; *sigma*, 236.1-236.2)

administrado tratamentos ao imperador Marco Aurélio, fato este não encontrado em outra fonte<sup>6</sup>. Em razão disso, Scarborough (1981, p.1-31) aventava a hipótese de que Galeno não tenha sido tão famoso em sua época como ele mesmo advoga e que boa parte de sua fama decorre do encômio da Suda.

No que concerne ao seu pai, sabemos que, sem referir a seu nome, o próprio Galeno relata que foi arquiteto, todavia a Suda o identifica com Nícon<sup>7</sup>. E, por fim, a data de seu falecimento, aos 70 anos, que deveria ter ocorrido por volta do ano 199/200 d.C., foi contestada por Nuton (1973, p. 169) que, à luz de novas fontes, propôs uma nova datação para sua morte, a saber, dez anos após a conclusão do tratado *Sobre as propriedades das drogas simples*, aos 80 anos.

De forma análoga, a *vita Hippocratis* nos oferece o nome do pai do médico de Cós, do seu avô e de dois ancestrais, Criso e Élafo, indicados no *Discurso da embaixada* (LITTRÉ, 1861, p. 404-429). Juntamente com a linha ascendente, o autor cita os descendentes, Tessalo e Draco, e o local do seu túmulo, em Larissa, aos 104 anos, seguindo Sorano<sup>8</sup>.

Em relação aos mestres de Hipócrates, a Suda parece apontar um total de cinco. O emprego da fórmula "conforme alguns" gera certa imprecisão em relação a esse número, visto que personagens controversas são elencadas, como Pródico e Górgias, que porta o epíteto de retórico. De fato, Pródico e Górgias são sofistas que comparecem no grande *theatrum philosophicum* de Platão, contracenando com Sócrates e experimentando a dissolução do seu pretensão saber pelo crivo da maiêutica. Além dos sofistas supramencionados, Demócrito teria também sido mestre de Hipócrates, mas o atomismo nunca obteve uma boa fortuna entre os eruditos, até John Dalton, no século XVIII. Ademais, o mais obscuro Heródico de Selimbra foi evidenciado na *República* (Pl. R. 406a-b) como aquele que uniu a medicina com a ginástica, prejudicando sua saúde e a de muitos. Ele também foi criticado pelo autor das *Epidemias* e por Aristóteles e ligado a Hipócrates, pela primeira vez, por Plínio, o velho, em razão de um *animus caluniandi* ou de uma confusão do nome Pródico com Heródico, devido à caligrafia do Π e do Η<sup>9</sup>.

Ora, titubear sobre os professores era o melhor subterfúgio para aquele que aspirava avultar o terapeuta de Cós e, isocronicamente, ser fiel às fontes. O intento encomiástico se exterioriza nas expressões "por se tornar a estrela e a luz da medicina útil para a vida", "vozes de um deus e não como palavras que procedem da boca humana". O redator também narra a história de Hipócrates e

---

<sup>6</sup> Kuhn 5.8.1. Galeno, *Do Prognóstico* 8.21

<sup>7</sup> Essa identificação não é amplamente aceita pelos classicistas (cf. Nutton 1973, p. 161),

<sup>8</sup> Sorano (Sor. *VH.* 11) especifica cuidadosamente o local, localizado entre Larissa e Gyrtion.

<sup>9</sup> Arist. *Rh.* 1361b 1-10, Hp. *Epid.* 6.3.18, Plin. *HN.* 29.2. A tese da confusão entre o Π e o Η foi apresentada pela filóloga italiana Daniela Manetti (2005, p. 295-314).

Artaxerxes, em que o seu status de médico chega até mesmo aos ouvidos do rei persa (LITTRÉ, 1861, p. 312-319). Nesse contexto, também são discutidos os seus escritos, quando se descrevem quatro rolos de manuscritos e se cita nominalmente apenas o *Juramento*, pertencente aos primeiros livros – fato esse confirmado pelos melhores manuscritos hipocráticos sobreviventes, tais como o *Marcianus Venetus* 269, do século XI, e o *Vaticanus Graecus* 276, do século XII.

Finalmente, a imagem de Hipócrates com a cabeça coberta é nada despidianda para a edificação da sua biografia. Suas hipóteses foram reduzidas a três, contra as oito de Sorano, que listamos: (i) indicativo de seu nascimento nobre, (ii) por causa da aparência calva; (iii) devido a alguma fraqueza da cabeça (nas palavras do autor); (iv) para mostrar a necessidade de proteger o princípio governante do corpo; (v) em razão de seu amor por viagens; (vi) pela falta de clareza de suas obras; (vii) pela necessidade de se precaver contra lesões; (viii) porque, na cirurgia, ele costumava juntar a parte pendurada de seu manto e colocá-la na cabeça, evitando todo estorvo nas mãos (Sor. VH. 12). Entretanto, a sua iconografia antiga, máxime as moedas de Cós e o busto de Óstia, não confirma o manto recobrimdo seu cocuruto, estampando apenas um homem não imberbe e calvo<sup>10</sup>.

O médico de Pérgamo já havia ganhado notoriedade em vida. Tendo escrito sobre si foi uma espécie de autor paradigmático<sup>11</sup> para a tradição médica posterior, principalmente pela “superação” de uma diafonia persistente entre diferentes abordagens teórico-metodológicas<sup>12</sup>. No que diz respeito ao médico de Cós, este foi uma figura gigantesca sobre a qual muito se escreveu no imaginário helênico, a ponto de ter sido alçado às categorias de lenda e herói fundacional do ofício da medicina. Quanto a Sexto Empírico, por outro lado, o caso é bastante diferente: sobre ele nada de seguro se sabe, exceto que era médico, já que ele assim se descreve (*P.H.* I, 236-241) e, de fato, discussões e analogias médicas permeiam seus escritos (*P.H.* III, 280-281).

Portanto, diante das três biografias aqui traduzidas, os leitores devem ter em mente algumas questões. A biografia de Galeno não é curta por dele haver poucas informações; pelo contrário, o laconismo do autor se justifica por ser Galeno amplamente conhecido. A de Hipócrates, bem maior que as outras biografias aqui traduzidas, assim o é por ele ter sido considerado o fundador da própria medicina. Já a de Sexto é curta por ser ele um autor obscuro. Aliás, sendo mais precisos, deveríamos dizer: “as de Sexto”, já que há dele duas biografias, ambas traduzidas aqui, o que corrobora a impressão de que o seu autor não tinha tantas informações de fato sobre o biografado, além de

<sup>10</sup> Para a imagem e a análise iconográfica de Hipócrates, ver Jouanna 1992, p. 61-65.

<sup>11</sup> Entenda-se “paradigma” em sentido Kuhniano, cf: Kuhn, 2013.

<sup>12</sup> Ver Galeno, 2022.

Três biografias de médicos antigos: Galeno, Hipócrates e Sexto Empírico (tradução de Suda *gamma* 25.1-32.4; *iota* 564.1-564.31; *sigma* 235.1-235.11; *sigma*, 236.1-236.2)

possivelmente confundir “Sexto Empírico” e “Sexto de Queroneia” (sobrinho de Plutarco).

Ainda sobre esta possível confusão entre os dois Sextos, desde pelo menos o fim do séc. XIX<sup>13</sup> tende-se a separar as duas pessoas como diferentes, principalmente por conta da datação. Pois o sobrinho de Plutarco teria sido um dos mentores, de pendor estoico e ativo no séc. II, de Marco Antonino<sup>14</sup>. O cognominado Empírico, por seu turno, é mencionado por Diógenes Laércio (IX, 87, 116) como tendo sido discípulo de Heródoto de Tarso (*fl. c.* 150-180), sucessor de Menodoto da Nicomédia. Assim, temos que Sexto Empírico seria contemporâneo de Galeno, mas talvez mais jovem, certamente mais jovem ainda que seu homônimo de Queroneia, todos contemporâneos de Marco Antonino.

Pseudo-Galeno (*Isag.*14.683.5-14.684.5) menciona Sexto Empírico como “tendo levado a seita [médica] dos Empíricos à perfeição”<sup>15</sup>. Contudo, se ele era o contemporâneo de Galeno, que gostava de invectivar contra seus colegas, e não é mencionado pelo médico de Pérgamo, então, ou Sexto possivelmente foi menos importante do que Pseudo-Galeno nos quer fazer crer, ou Sexto era bem mais jovem que Galeno e ainda não havia começado a escrever, ou seus escritos ainda não haviam tido sucesso. Também é possível que os escritos de Sexto<sup>16</sup> tenham tido uma recepção restrita e interna à escola de medicina, da seita empírica, em que ele lecionava, fato que limitaria o acesso de Galeno tanto ao autor quanto aos seus textos, se, e somente se, esta escola não fosse sediada em Roma, algo difícil de afirmar, pois não há dados suficientes para tal.

## 1. Tradução

### (*gamma*, 25.1-32.4)

<Γαληνός,> ὁ διασημώτατος ἰατρός, Περγαμηνός, γεγονώς ἐπὶ Μάρκου καὶ Κομόδου καὶ Περτίνακος τῶν Καισάρων ἐν Ῥώμῃ, υἱὸς Νίκωνος γεωμέτρου καὶ ἀρχιτέκτονος, πολλὰ συντεταχώς ἰατρικὰ τε καὶ φιλόσοφα, ἔτι τε γραμματικὰ καὶ ῥητορικὰ· ἅτινα διὰ τὸ πᾶσιν εἶναι γνώριμα καταλέγειν ἄκαιρον ἠγησάμην ἐν τῶ παρόντι. ἐβίω ἔτη ο΄. σημαίνει δὲ καὶ τὸν ἥσυχον.

<sup>13</sup> Ver Brochard 2009, p. 319-333.

<sup>14</sup> *Meditações* I, 9.

<sup>15</sup> Para mais detalhes sobre as relações entre Sexto Empírico e a medicina, ver Brito, 2022.

<sup>16</sup> *Esboços pirrônicos* (em 3 livros); *Contra os professores* (em 6 livros, a saber: *Contra os Gramáticos*; *Contra os Retóricos*; *Contra os Geômetras*; *Contra os Aritméticos*; *Contra os Astrólogos*; *Contra os Músicos*); *Contra os dogmáticos* (em 5 livros, a saber: *Contra os Lógicos* I e II; *Contra os Físicos* I e II, *Contra os Éticos*). Destes, foram publicadas traduções de *Contra os Gramáticos* (2015), *Contra os Retóricos* (2013) e *Contra os Astrólogos* (2019). Possivelmente, houve um ou mais livros sobre temas médicos, perdidos.

<Galeno>, o ilustríssimo médico de Pérgamo viveu sob os imperadores Marco, Cômodo e Pertinax em Roma<sup>17</sup>; filho de Nicon, geômetra e arquiteto, compôs numerosas [obras] médicas e filosóficas, e ainda, gramaticais e retóricas: as quais, por serem familiares a todos, julguei inoportuno listar aqui. Viveu até os 70 anos. [o termo “galenos”] também significa ‘gentil’.

**(iota, 564.1-564.31)**

<Ἱπποκράτης,> Κῶος, ἰατρός, Ἡρακλείδου υἱός. Προτετάχθω γὰρ καὶ τοῦ πάππου, τοῦ Ἡρακλείδου πατρός, εἰ καὶ ὁμώνυμος ἦν, διὰ τὸ ἀστέρα καὶ φῶς τῆς βιωφελεστάτης ἰατρικῆς γενέσθαι. ἀπόγονος δὲ Χρύσου τοῦνομα καὶ Ἐλάφου, τοῦ ἐκείνου παιδός, ἰατρῶν καὶ αὐτῶν. οὗτος μαθητῆς γέγονε τὸ μὲν πρῶτον τοῦ πατρός, μετὰ δὲ ταῦτα Ἡροδίκου τοῦ Σηλυβριανοῦ καὶ Γοργίου τοῦ Λεοντίνου, ῥήτορος καὶ φιλοσόφου· ὡς δὲ τινες Δημοκρίτου τοῦ Ἀβδηρίτου, ἐπιβαλεῖν γὰρ αὐτὸν νέω πρεσβύτην· ὡς δὲ τινες καὶ Προδίκου. διέτριψε δὲ ἐν Μακεδονίᾳ, φίλος ὢν σφόδρα τῷ βασιλεῖ Περδίκκᾳ. παῖδας δὲ σχῶν δύο, Θεσσαλὸν καὶ Δράκοντα, κατέστρεψε τὸν βίον ἐνιαυτῶν γεγονῶς τεσσάρων καὶ ἑκατὸν καὶ τέθαπται ἐν Λαρίσση τῆς Θετταλίας. ἐν δὲ ταῖς εἰκόσιν ἱστορεῖται τὸ ἱμάτιον ἐπὶ τὴν κεφαλὴν ἀναβεβλημένος καὶ σκεπόμενος ἢ ὅτι τοῦτο ἔθος ἦν αὐτῷ ἢ διὰ τὸ φιλαπόδημον ἢ τὸ ἴδιον ἐν ταῖς χειρουργίαις. οὗτος ἔγραψε πολλὰ καὶ πᾶσιν ἐγένετο διάδηλος· ὥστε καὶ τὸν τῶν Περσῶν βασιλέα, τὸν καλούμενον Ἀρταξέρξην, γράψαι πρὸς Ὑστάνην, τῆς τοῦ ἀνδρὸς σοφίας δεόμενον· βασιλεὺς βασιλέων μέγας Ἀρταξέρξης Ὑστάνη Ἑλλησπόντου ὑπάρχω χαίρειν. Ἱπποκράτους ἰητροῦ Κῶου, ἀπὸ Ἀσκληπιοῦ γεγονότος, ἐς ἐμὲ κλέος ἀφίκται τέχνης. δὸς οὖν αὐτῷ χρυσόν, ὅποσον ἂν βούληται, καὶ τᾶλλα χύδην ὧν σπανίζει, καὶ πέμπε πρὸς ἡμέας. ἔσται γὰρ ἰσότιμος Περσέων τοῖσιν ἀρίστοισι. καὶ εἴ τις ἄλλος ἐστὶν ἀνὴρ κατ' Εὐρώπην ἀγαθός, φίλον οἴκῳ βασιλέως τίθεσο μὴ φειδόμενος ὄλβου· ἀνδρας γὰρ εὐρεῖν δυναμένους τι κατὰ συμβουλίην οὐ ῥάδιον. ἔρρωσο. αἱ μὲν οὖν γραφεῖσαι παρ' Ἱπποκράτους βίβλοι πᾶσι τοῖς μετερχομένοις τὴν ἰατρικὴν ἐπιστήμην ἔκδηλοι· καὶ οὕτως αὐτὰς κατασπάζονται ὡς θεοῦ φωνὰς καὶ οὐκ ἀνθρωπίνου προελθούσας ἐκ στόματος. πλὴν τῶν ἐν πρῶτοις καὶ ἡμεῖς ἀπομνημονεύσωμεν. πρώτη μὲν οὖν βίβλος ἢ τὸν ὄρκον περιέχουσα, δευτέρα δὲ ἢ τὰς προγνώσεις ἐμφαίνουσα, τρίτη ἢ τῶν ἀφορισμῶν ἀνθρωπίνην ὑπερβαίνουσα σύνεσιν· τετάρτην τάξιν ἐχέτω ἢ πολυθρύλλητος καὶ πολυθαύμαστος Ἐξηκοντάβιβλος, ἢ πᾶσαν ἰατρικὴν ἐπιστήμην τε καὶ σοφίαν ἐμπεριέχουσα.

<Hipócrates> de Cós, médico, filho de Heráclides. Foi colocado adiante de seu avô, pai de Heráclides, ainda que sejam homônimos, por se tornar a estrela e a luz da medicina útil para a vida. Ele era descendente dos notáveis Criso e seu filho, Elafo, que [eram] médicos. Primeiro, foi aluno de seu pai e depois de Heródico de Selímbría e de Górgias de Leontini, rétor e filósofo, e, conforme

<sup>17</sup> Imperadores Marco Aurélio Antonino (121-180 d.C.), Lúcio Élio Aurélio Cômodo (161-192 d.C.) e Públio Hélio Pertinax (126-193 d.C). Este último governou apenas um ano e foi assassinado.

Três biografias de médicos antigos: Galeno, Hipócrates e Sexto Empírico (tradução de Suda *gamma* 25.1-32.4; *iota* 564.1-564.31; *sigma* 235.1-235.11; *sigma*, 236.1-236.2)

alguns, do filósofo Demócrito de Abdera<sup>18</sup> que, já velho, deu atenção ao jovem<sup>19</sup>. Conforme alguns, também [foi aluno] de Pródico. Ele passou um tempo na Macedônica, pois era muito amigo do rei Pérδικας<sup>20</sup>. Ele teve dois filhos, Téssalo e Draco, e terminou sua vida quando completou 104 anos, sendo enterrado com honrarias em Larissa, na Tessália. Foi representado nas imagens com um manto colocado sobre a cabeça, cobrindo-a, seja por seu hábito ou pelo seu gosto pelas viagens ou por suas atividades<sup>21</sup>. Este escreveu muito e tornou-se distinto entre muitos. E, assim, o rei dos persas, o chamado Artaxerxes, escreveu a Hystanes, necessitando da sabedoria do homem: “O grande Rei dos Reis Artaxerxes saúda Hystanes, comandante do Helesponto. Hipócrates, médico de Cós, e descendente de Asclépio, tem em sua arte uma glória que chegou a mim. Oferte-lhe, então, ouro, a quantidade que ele quiser, e, abundantemente, qualquer coisa que lhe falte, e o envie para nós, pois ele será igual em privilégio ao mais nobre dos persas. E se houver na Europa outro homem admirável, faça dele amigo da casa real, sem economizar gastos; pois não é fácil encontrar homens capazes de aconselhar. Fique bem!”. Os livros escritos por Hipócrates são conspícuos entre todos os que seguem o conhecimento médico e, assim, eles os recebem como vozes de um deus e não como palavras que procedem da boca humana. Somente quanto aos primeiros [livros], recordemos: o primeiro contém o Juramento, o segundo indica as [obras] prognósticas, e o terceiro, os aforismos que excedem a inteligência humana. Em quarto lugar há o tão discutido e tão admirado Livro Sessenta, que contém todo o conhecimento e sabedoria médicos.

84

**(sigma, 235.1-235.11)**

<Σέξστος,> Χαιρωνεύς, ἀδελφιδουῖς Πλουτάρχου, γεγονῶς κατὰ Μάρκον Ἀντωνῖνον τὸν Καίσαρα, φιλόσοφος, μαθητῆς Ἡροδότου τοῦ Φιλαδελφαίου. ἦν δὲ τῆς Πυρρωνείου ἀγωγῆς καὶ τοσοῦτον πρὸς τιμῆς τῷ βασιλεῖ ἦν, ὥστε καὶ συνδικάζειν αὐτῷ. ἔγραψεν Ἠθικά, Ἐπισκεπτικά βιβλία ἰ'. ὅτι μετὰ θάνατον Κομοδοῦ ἐτόλμησέ τις Σέξστος τε εἶναι φῆσαι καὶ πρὸς ἀνάληψιν τοῦ τε πλούτου καὶ ἀξιώματος ὀρμησαὶ καὶ πολλὰ γε ὑπὸ πολλῶν ἀνακριθεὶς ἐκομψεύσατο, ὡς μέντοι καὶ τῶν Ἑλληνικῶν τι αὐτὸν ὁ Περτίναξ, ὦν ἐκεῖνος διεπεφύκει, ἀνήρετο, πλεῖστον ἐσφάλῃ, μηδὲ συνεῖναι τὸ λεγόμενον δυνηθεὶς. οὕτω που τὸ μὲν εἶδος ἐκ φύσεως καὶ τᾶλλα ἐξ ἐπιτηδεύσεως αὐτῷ ἐῶκει, τῆς δὲ δὴ παιδείας αὐτοῦ οὐ μετεσχίκει.

<sup>18</sup> Comparar com Sorano (VH 2-3), que faz o adjetivo “filósofo” recair sobre Demócrito: “κατὰ δέ καὶ Γοργίου τοῦ Λεοντίνου ῥήτορος, φιλοσόφου δὲ Δημοκρίτου Ἀβδηρίτου”.

<sup>19</sup> Seguimos aqui a solução de Ribeiro Jr. (2005, p. 11-24).

<sup>20</sup> Galeno foi o primeiro a apresentar um relato de que Hipócrates tinha curado o Rei Pérδικας da Macedônia. Sobre a construção da biografia de Hipócrates em Galeno, ver Matsui, 2018.

<sup>21</sup> “ἐν ταῖς χειρουργίαις”, aqui referindo-se não especificamente a “cirurgias”, mas a coisas que, de modo geral, se fazem com as mãos.

<Sexto> de Queroneia, sobrinho de Plutarco, nascido [na época] do César Marco Antonino<sup>22</sup>, filósofo, aluno de Heródoto de Filadélfia. Foi seguidor dos ensinamentos de Pirro. Era tão estimado pelo Imperador que participava com ele dos julgamentos. Escreveu uma *Ética* e uma *Episcética*<sup>23</sup>, em 10 livros. Quando da morte de Cômodo, um sujeito ousou dizer que era Sexto e assim pretendeu assumir sua riqueza e sua fama; inventou que muitos o haviam interrogado muitas vezes, mas Pertinax perguntou-lhe algo relativo à [literatura] helênica, que ele conhecia intimamente. Tal sujeito se deu mal, não tendo sido capaz de entender nada do que foi dito. Assim, em alguma medida, ele, por um lado, naturalmente se parecia com [Sexto], e cultivou outros hábitos dele; mas, por outro lado, não partilhava de sua educação.

(*sigma*, 236.1-236.2)

<Σέξτος> Λίβιος, φιλόσοφος. Σκεπτικὰ ἐν βιβλίοις ἑ, Πυρρώνεια.

<Sexto>, líbio, filósofo. [Escreveu] *Do ceticismo*, em 10 livros, e *Do pirronismo*.

## REFERÊNCIAS

ADLER, A. **Suidae Lexicon**. Tomo I (A-I). Leipzig: K.G. Saur München, 2001.

ADLER, A. **Suidae Lexicon**. Tomo II (Δ-Θ). Stuttgart: Teubner, 1994.

BRITO, R. P. **The Skeptical Dynamis and Its Pragmatic Possibilities**. Amsterdã: Springer, 2022.

BROCHARD, V. **Os cétricos gregos**. Tradução de J. Conte. São Paulo: Odysseus, 2009.

van der EIJK, P. J. Historical awareness, historiography and doxography in Greek and Roman medicine. In: van der EIJK, P. J. **Ancient histories of medicine: essays in medical doxography and historiography in classical antiquity**. Leiden: Brill, 1999, p. 1-32.

GALENO. **Sobre as escolas de medicina para os iniciantes**. Tradução de Rodrigo Pinto de Brito e Sussumo Matsui. São Paulo: EdUNESP, 2022 (no prelo).

---

<sup>22</sup> Ver nota 14.

<sup>23</sup> Obra que não nos foi legada.

Três biografias de médicos antigos: Galeno, Hipócrates e Sexto Empírico (tradução de Suda *gamma* 25.1-32.4; *iota* 564.1-564.31; *sigma* 235.1-235.11; *sigma*, 236.1-236.2)

HAAG, T.; HARRISON, S. Prolegomena on biography modern and ancient. In: HAAG, T. **The Art of Biography in Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 1-9.

JOUANNA, J. **Hippocrate**. Paris: Fayard, 1992.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KÜHN, G. **Galenus opera omnia**, 20 vols. Leipzig: B.G. Teubneri, 1821-1833.

LITTRÉ, É. **Oeuvres complètes d'Hippocrate**. vol. 9. Paris: J.-B. Baillière; 1861.

MANETTI, D. Medici contemporanei a Ippocrate: problemi di identificazione dei medici di nome Erodico. In: van der EIJK, P.J. **Hippocrates in Context**. Leiden: Brill, 2005, p. 295-314.

MATSUI, S. Galeno e a “biografia bioética” de Hipócrates: um exemplo de um médico-filósofo a ser imitado. **Prometheus – Journal of philosophy**, n. 28, September-November, 2018, p. 27-41.

86

NUTTON, V. The Chronology of Galen's Early Career. **The Classical Quarterly**, New Series, vol. 23, n. 1, p. 158-171, 1973.

RIBEIRO JR., W. A. Hipócrates de Cós. In: CAIRUS, H. F.; RIBEIRO JR., W. A. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

SCARBOROUGH, J. The Galenic Question. **Sudhoffs Archiv**, Bd. 65, H. 1, p. 1-31, 1981.

Data de envio: 19/07/2022

Data de aprovação: 22/09/2022

Data de publicação: 31/10/2022

**Boccaccio e a inclinação poética: *Genealogie deorum gentilium* 15.10**

Adir de Oliveira Fonseca Junior  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)/prof. substituto  
adir.ofjr@gmail.com

**RESUMO:** Nos dois últimos livros de suas *Genealogie deorum gentilium* (*Genealogias dos deuses gentílicos*, ca. 1359-1374), após treze volumes enciclopédicos sobre os deuses e heróis da mitologia greco-romana, Giovanni Boccaccio expõe uma contundente defesa da poesia e dos poetas, apresentando inúmeros argumentos e exemplos para rebater seus críticos (dentre eles, teólogos, advogados e médicos). Particularmente no capítulo 10 do livro 15, Boccaccio explica que todos os seres humanos possuem disposições naturais, incluindo uma disposição poética; e que a consequente diversidade de estudos e ofícios deveria ser exaltada, e não reprovada. Então, Boccaccio faz um relato de sua trajetória pessoal, revelando a inocuidade de qualquer projeto de vida que não contemple o desejo de cada um. Neste material, apresentarei uma tradução inédita da *Genealogia* 15.10 do latim para o português brasileiro, acompanhada de uma breve introdução sobre a carreira literária boccacciana.

87

**Palavras-chave:** Giovanni Boccaccio; *Genealogie deorum gentilium*; poesia; vocação; autobiografia.

**Boccaccio and the poetic inclination: *Genealogie deorum gentilium* 15.10**

**ABSTRACT:** In the two final books of the *Genealogie deorum gentilium* (*Genealogies of the pagan gods*, ca. 1359-1374), following thirteen encyclopaedic volumes on the Greco-Roman gods and heroes, Giovanni Boccaccio writes a compelling defence of poetry and poets. There, he presents several arguments and examples to rebut his critics (amongst whom were theologians, lawyers and physicians). Particularly in Chapter 10 of Book 15, Boccaccio explains that all humans have different natural dispositions, including a poetic one; and the diversity of studies and professions should be celebrated, not repressed. Then, Boccaccio gives a personal account of his trajectory as a poet, revealing as futile any life project that does not meet one's own desire. In this paper, I present an original translation of *Genealogia* 15.10 from Latin into Brazilian Portuguese, accompanied by a brief introduction on Boccaccio's literary career.

**Keywords:** Giovanni Boccaccio; *Genealogie deorum gentilium*; poetry; vocation; autobiography.

## Introdução<sup>1</sup>

Em seu famoso autoepitáfio, escrito em 1374 e gravado em sua lápide na Igreja dos Santos Jacopo e Filippo, na cidade toscana de Certaldo, Giovanni Boccaccio (1313-1375) resumiu sua trajetória em quatro versos:

*Hac sub mole iacent cineres ac ossa Iohannis,  
mens sedet ante Deum meritis ornata laborum  
mortalis vite; genitor Boccaccius illi,  
patria Certaldum, studium fuit alma poesis. (Carmina 10)*

Sob esta pedra jazem as cinzas e os ossos de Giovanni; seu espírito, honrado pelos méritos dos trabalhos de sua vida mortal, repousa diante de Deus. Seu pai foi Boccaccio; sua cidade natal, Certaldo; sua devoção, a prolífica poesia.

É desta forma, portanto, que Boccaccio quis ser reconhecido pelos pósteros: como cristão, filho de um pai, cidadão e, sobretudo, poeta. Destaca-se o uso do substantivo *studium* no último verso, que traduzi como “devoção” – embora o termo “vocação” (que eu reservarei para *vocatio*, mais adiante) me pareça também adequado nesse contexto. Com efeito, Boccaccio não ignorava o poder das inclinações naturais sobre os humanos; pelo contrário, ele enfatizava a importância de seguirmos o curso de nossos desejos mais profundos ao escolhermos uma profissão, um ofício. Isso fica particularmente evidente no capítulo 10 do livro 15 de suas *Genealogie deorum gentilium* (*Genealogias dos deuses gentílicos*), cujo texto em latim me proponho a traduzir aqui, para o português do Brasil. Nele, Boccaccio emprega a palavra *studium* em pelo menos dois sentidos, que se complementam em latim (tanto clássico, quanto medieval): o primeiro é semelhante ao que encontramos em seu autoepitáfio (isto é, devoção, vocação, inclinação, desejo); o segundo é mais prático, concreto, relacionado a estudo, atividade intelectual.<sup>2</sup> Também é interessante destacar, na *Genealogia* 15.10, outros termos que Boccaccio associa a *studium*: de um lado, os substantivos *ingenium* (“engenho”, “talento”, “gênio”), *natura* (“natureza”, “caráter”,

<sup>1</sup> O texto apresentado nesta Introdução segue, parcialmente, a seção “Boccaccio through texts” de minha tese de doutorado (FONSECA JUNIOR, 2021, p. 26-38). Agradeço aos pareceristas anônimos da revista *Rónai*, bem como às editoras Carol Martins da Rocha e Talita Janine Juliani, pelas valiosas sugestões e comentários.

<sup>2</sup> Cf. verbete *studium* no *Oxford Latin Dictionary* (OLD, 2012), em especial os sentidos 1 (“earnest application of one’s attention or energies to some specified or implied object, zeal, ardour; *b* inclination towards a thing, desire, fancy”) e 7 (“intellectual activity, esp. of a literary kind, or an instance of it, study” etc.). O *Dictionary of Medieval Latin from British Sources* (DMLBS, 2018) traz definições semelhantes de *studium* em 1a e 5a, respectivamente; além de apontar, na acepção 6, o significado de “instituição universitária” (também indicado no *Mediae Latinitatis Lexicon Minus* de NIERMEYER, 1976).

“índole”), *vis/vires* (“força”, “potência”, “vigor”), *officium* (“ofício”, “função”, “ocupação”, “dever”), *desiderium* (“desejo”, “vontade”, “necessidade”), *facultas* (“aptidão”, “capacidade”, “faculdade” e também, no latim medieval, “disciplina”, “curso” ou “instituição universitária”), *vocatio* (“convite”, “chamado”, “invocação”, “vocação”); de outro, os verbos *inpello* (“impelir”, “estimular”, “instigar”), *inclino* (“inclinat”, “pender”), *gigno* (“engendrar”, “gerar”, “produzir”), *nascor* (“nascer”), *tendo* (“estender”, “tender a”, “visar”) e seus derivados.<sup>3</sup>

Ao elaborar uma teoria sobre a vocação poética, Boccaccio busca justificar e legitimar o ofício dos poetas e, conseqüentemente, todos os outros ofícios considerados supérfluos por uma parcela da sociedade. Mais especificamente, o discurso boccacciano é endereçado aos advogados e teólogos, embora se estenda também aos médicos, mercadores, notários – enfim, a quaisquer profissionais que se julguem moral e/ou utilitariamente superiores.<sup>4</sup> Na verdade, o argumento da vocação ou inclinação poética utilizado por Boccaccio é apenas um dentro de uma série de argumentos, inserida em um contexto maior de defesa da poesia e dos poetas, que ocupa os dois últimos livros das *Genealogie*.<sup>5</sup>

Boccaccio começou a escrever as suas *Genealogie* na segunda metade dos anos 1350 (possivelmente em 1359) e as continuou revisando até o fim da vida.<sup>6</sup> A cronologia, nesse caso, é relevante: enquanto escrevia essa monumental obra sobre os deuses e heróis da mitologia greco-romana (ao mesmo tempo em que preparava sua coleção de biografias femininas, o *De mulieribus claris*, e seu livro de élogos, o *Buccolicum carmen*, também em latim), o certaldense já havia escrito grande parte de sua produção.<sup>7</sup> No entanto, conforme podemos inferir a partir de algumas cartas suas e de amigos próximos, mesmo no auge de sua carreira poética, Boccaccio ainda tinha excessivas preocupações financeiras. Ao contrário de Petrarca, ele nunca obteve a coroa de louros e, por muito tempo, parece ter ressentido o fato de não ter sido contratado para trabalhar como poeta na corte de Anjou, em Nápoles – posto esse que viria a ser ocupado por seu antigo colega de escola, Zanobi da Strada.<sup>8</sup> Além disso, durante toda a juventude, Boccaccio

<sup>3</sup> Cf. OLD, DMLBS e Faria (1962).

<sup>4</sup> Em sua éloga *Saphos*, particularmente nos vv. 157-164, Boccaccio tece uma crítica semelhante a esses profissionais (descritos como “Ericole”, isto é, “cultivadores da discórdia”) que, por pura ignorância e malícia, viviam atacando a poesia (representada alegoricamente como Safo de Lesbos) – cf. Perini (1994, p. 1039) e Fonseca Jr. (2021, p. 157-221).

<sup>5</sup> Cf. Heise (2013b, p. 154-157).

<sup>6</sup> Sobre a cronologia das *Genealogie* – bem como das demais obras boccaccianas –, ver Tanturli & Zamponi (2013, p. 61-66) e Armstrong *et al.* (2015, p. xxix-xxxv).

<sup>7</sup> Sobre a obra *De mulieribus claris*, cf. Juliani (2021, p. 133-153; 2016); sobre o *Buccolicum carmen*, cf. Fonseca Jr. (2016; 2021).

<sup>8</sup> Sobre as preocupações financeiras de Boccaccio na velhice, cf. Petrarca, *Seniles* 17.2 – discussão em Zak (2010, p. 153). Sobre sua frustração quanto à carreira poética e a falta de reconhecimento em vida, cf. Boccaccio, *Epistola* 19 – discussão em Daniels (2003, p. 28-29). Sobre a tumultuada relação de Boccaccio com Zanobi, cf. Boccaccio, *Epistole* 17 – discussão em Baglio (2013, p. 343-395). Ver

teve de lidar com as críticas de um pai autoritário, um mercador ávido por dinheiro (como bem ilustra Boccaccio em sua *Amorosa visione* 14.34-45), que desejou a todo custo que o filho seguisse a mesma profissão.

É sob esse pano de fundo que Boccaccio vai expor, na *Genealogia* 15.10, sua convicção de que cada indivíduo possui uma tendência própria, incutida pela natureza e, conseqüentemente, por Deus. Ainda que essa tendência não seja incontornável ou determinante (pois somos todos livres para escolher o caminho que julgarmos melhor para nós mesmos), ela é muito forte para ser ignorada. Em última instância, o que Boccaccio propõe é muito simples: que cada um siga o próprio desejo sem menosprezar os demais. Visando ilustrar seu argumento de forma convincente e persuasiva, Boccaccio cita exemplos de sua experiência pessoal, e lamenta ter desperdiçado tanto tempo de vida com estudos para os quais ele claramente nunca esteve apto.

Boccaccio inicia o capítulo com uma leve provocação. Respondendo àqueles que acham que os poetas deveriam se dedicar a estudos mais elevados, ele sugere que o motivo pelo qual certos homens estimam tanto o direito e a medicina, por exemplo, está mais relacionado ao dinheiro que essas profissões geram do que à virtude intrínseca a elas. Na sequência, ele cita a filosofia e a teologia, que, assim como o direito e a medicina, são disciplinas virtuosas, mas, ao contrário destas, são almejadas por espíritos nobres. Ora, aqueles que optam pela filosofia geralmente buscam conhecer as causas das coisas e distinguir o verdadeiro do falso; e aqueles que se dedicam à teologia, em tese, desprezam as coisas temporais e pretendem mostrar o caminho para se alcançar o reino celeste.

Boccaccio reconhece, contudo, que nem sempre escolhemos aquilo que é compatível com as nossas inclinações naturais e, mesmo quando o escolhemos, dificilmente somos bem-sucedidos. A natureza incute diferentes tendências nos seres e é precisamente essa diversidade que garante a preservação do gênero humano. Com efeito, se fôssemos todos iguais, mal poderíamos sobreviver. A natureza produz carpinteiros, marinheiros, mercadores, padres, advogados, juízes, poetas, filósofos, teólogos e mais uma infinidade de profissionais, todos igualmente necessários para a manutenção do coletivo. Afinal, se todo mundo resolvesse se dedicar à teologia em vez da agricultura, por exemplo, de que iríamos nos alimentar? Além disso, quem somos nós para negar a nossa própria

---

também *Midas*, écloga boccacciana que parece representar, alegoricamente, como Niccolò Acciaiuoli (importante oficial e conselheiro do reino napolitano) teria iludido Boccaccio, dizendo que este estaria sendo cotado para substituir Zanobi como poeta na corte de Anjou, em 1355 – cf. comentário de Perini (1994, p. 979). Deve-se lembrar que Boccaccio teria nascido em Certaldo, mas passado a infância em Florença e a adolescência em Nápoles – cf. *Epistola* 13.37: “io sono vivuto, dalla mia puerizia infino in intera età nutricato, a Napoli”. Segundo uma indicação em sua *Epistola* 5, ele só teria se mudado de volta a Florença por obrigação (“dell’essere mio in Firenze contra piacere niente vi scrivo”, *Epistola* 5.6).

natureza e seguir uma ocupação à qual não estamos propensos? Eis o fulcro do argumento boccacciano em *Genealogia* 15.10.

Boccaccio está ciente de que todos nós possuímos o livre arbítrio para, se assim o desejarmos, tentar superar o poder da natureza. No entanto, ele observa que pouquíssimas pessoas são capazes disso. Então, o certaldense recorre a um exemplo pessoal, afirmando que, desde o útero da mãe, ele estava destinado a seguir a carreira poética: “Certamente [a natureza] me criou – e a experiência é minha testemunha – predisposto, desde o útero materno, às meditações poéticas e, segundo penso, eu nasci para isso” (*natura ... me quidem, experientia teste, ad poeticas meditationes dispositum ex utero matris eduxit et meo iudicio in hoc natus sum* – *Gen.* 15.10.6). Assim, Boccaccio emprega uma tópica usada por ele mesmo no *Trattatello in laude di Dante* (primeira redação de 1351–1355), particularmente na passagem em que ele narra o sonho profético da mãe de Dante Alighieri: quando ainda estava grávida, ela sonhou que dava à luz sob a copa de um alto loureiro, renunciando a grande honra poética e eloquência do filho.<sup>9</sup> Essa cena do *Trattatello*, por sua vez, remete-nos a um trecho da *Vita Virgiliana* de Suetônio-Donato, na qual somos informados de que a mãe de Virgílio, grávida dele, sonhou que dava à luz um ramo de louro, que fincou raízes na terra e cresceu para dar muitos frutos e flores.<sup>10</sup>

Mais adiante, em *Genealogia* 15.10.8, Boccaccio relata que, pouco antes de completar sete anos de idade, ele mal havia aprendido a escrever quando foi tomado por um desejo súbito de compor histórias (*fictiones*). Boccaccio não nos diz explicitamente, na *Genealogia* 15 ou em qualquer outra obra sua, quem o ensinou a ler e escrever. No entanto, de acordo com o cronista e biógrafo Filippo Villani (ca. 1325–1407/1409), Giovanni Mazzuoli (pai do poeta Zanobi da Strada) teria sido o primeiro educador de Boccaccio.<sup>11</sup> Quer aceitemos essa informação ou não, é verossímil imaginar que, quando criança, Boccaccio teria cumprido os três estágios de ensino elementar, comuns a todo pupilo italiano do século 14. Tais estágios eram pautados, respectivamente, na *tavola* (tabelas do alfabeto e sílabas), no *salterio* (salmos selecionados e outros textos religiosos) e no chamado *donato* ou *donadello* (que, na verdade, correspondia à *Ianua*, um manual de gramática elementar do latim, com foco em morfologia e desenvolvido no século 12, ou antes disso, a partir da *Ars minor* de Donato e das *Partitiones* de Prisciano).<sup>12</sup>

<sup>9</sup> Cf. *Trattatello in laude di Dante* (red. 1) 212.

<sup>10</sup> Cf. *Vita Virgilii* 3 (ed. Ziolkowski & Putnam, 2008, p. 182). Sobre a controversa dependência da *Vita Virgiliana* de Élio Donato (séc. 4 EC) em relação a uma hipotética obra perdida de Suetônio (ca. 69-ca. 150 EC), cf. Wilson-Okamura (2010, p. 49-50). Sobre a familiaridade de Boccaccio com as primeiras biografias virgilianas, cf. Kirkham (1992, p. 241-242).

<sup>11</sup> Cf. *De origine civitatis Florentie et de eiusdem famosis civibus* (ed. Solerti, p. 672), e Branca (1977, p. 10-11). Em sua *Epistola* 19, Boccaccio sugere que, após a morte de Mazzuoli, Zanobi da Strada foi incumbido de administrar a escola do pai.

<sup>12</sup> Cf. Black (2001, p. 48; 1991, p. 141-145).

Apesar de esses materiais serem todos escritos em latim, eles não exigiam do aluno um conhecimento ou uso ativos da língua clássica.<sup>13</sup> Durante esse nível “primário”, esperava-se que as crianças aprendessem apenas a ler e decorar os textos. De fato, segundo Robert Black (2001, p. 35-36), a maior parte dos pedagogos italianos daquele período era formada por artesãos mal remunerados, que sabiam pouco ou nada de latim; tópicos avançados, como sintaxe, composição e literatura latinas (*auctores*), eram estudados somente em nível “secundário”, numa escola de gramática. Assim, ainda que Boccaccio tenha estudado com Mazzuoli (conforme nos diz Villani), podemos deduzir que, na primeira fase de seu percurso escolar, ele teria tido muito pouco contato com a língua e a literatura latinas – e certamente ainda menos na fase seguinte.

Ao contrário do que se via então em outras regiões ao norte do Alpes, a educação na Itália trecentista era relativamente uniforme, pragmática e visava, sobretudo, à formação de uma classe de profissionais notários, mercadores, médicos e advogados.<sup>14</sup> Nesse cenário, Boccaccio descreve, na *Genealogia* 15.10.7, como seu pai moveu um esforço hercúleo para direcioná-lo ao mundo dos negócios. Primeiro, ele o obrigou a estudar aritmética e, depois, o confiou a um famoso mercador. Disso seria possível inferir que Boccaccio não frequentou uma escola de gramática. Seguindo um caminho alternativo, que se tornava cada vez mais comum aos filhos de mercadores e outros profissionais endinheirados, após concluir aquele ciclo elementar, provavelmente aos dez ou onze anos de idade, Boccaccio teve aulas com um *maestro di abaco*.<sup>15</sup> Diferentemente dos *magistri grammaticae*, os *maestri di abaco* ensinavam matemática a partir de tratados escritos em língua vernácula – por exemplo, o *Tractatus Algorismi*, de Jacopo da Firenze (1307), que se assemelhava em parte ao *Liber Abaci* de Leonardo Pisano, dito Fibonnaci (1202), e tinha um foco claramente utilitário: preparar os alunos a lidar com finanças.<sup>16</sup> A partir dos doze anos de idade, mais ou menos, esses mesmos alunos estariam prontos para se tornarem aprendizes em uma firma.

Boccaccio recorda que atuou como aprendiz de mercador durante seis fastidiosos anos, desperdiçando um precioso tempo que ele jamais conseguiu recuperar (*Gen.* 15.10.7). Ao perceber tardiamente que ele estava mais apto para

<sup>13</sup> Assim como a gramática elementar de Donato, a *Ianua* era dividida em seções sobre cada uma das oito partes do discurso. Na prática, porém, assemelhava-se mais às *Partitiones* de Prisciano e incluía, além de definições gramaticais, listas de paradigmas, declinações e conjugações. O foco da *Ianua*, portanto, era morfologia, que os alunos deveriam memorizar. Apenas aqueles que eventualmente ingressassem numa escola de gramática iriam aprender a compor, analisar e comentar textos em latim.

<sup>14</sup> Cf. Black (2001, p. 62).

<sup>15</sup> Cf. Høystrup (2007, p. 27).

<sup>16</sup> Cf. Black (2001, p. 29), Witt (2000, p. 194-5) e Høystrup (2007, p. 62). Contudo, vale a pena ressaltar que, na Itália trecentista, nem mesmo as escolas de gramática encorajavam ativamente os alunos a escrever poesia, e que manuais de versificação e poética eram usados em sala de aula com o objetivo primordial de auxiliá-los na escrita de textos em prosa – cf. Black (2001, p. 344) e Witt (2000, p. 196-198).

as letras, seu pai ordenou que fosse estudar direito canônico, como uma alternativa para ganhar dinheiro – e nisso Boccaccio gastou, de novo, seis anos de vida.<sup>17</sup> Um belo dia, porém, Boccaccio decidiu se insurgir contra os professores, pai e até mesmo amigos, abandonando a perspectiva de uma carreira lucrativa para seguir sua verdadeira vocação: a poesia.<sup>18</sup> Embora já adulto, Boccaccio conta que conseguiu assimilar espontaneamente o pouco de poesia que conhecia e, com grande afincio e deleite, passou a ler e compreender os livros dos grandes poetas. Em pouco tempo, Boccaccio passou a ser chamado de poeta, ainda que ele próprio não se reconhecesse como um: “fui chamado de poeta por quase todos que me conheciam – apesar da minha forte relutância, pois até hoje não me considero poeta” (*me etiam pro viribus renitente, quod non dum sum, poeta fere a notis omnibus vocatus fui* – Gen. 15.10.8). Porém, julgando ter recebido um dom divino, o certaldense resolveu insistir no ofício: “uma vez que julgo ter sido chamado, com a anuência de Deus, para a vocação poética, nela pretendo permanecer” (*cum existimem Dei beneplacito me in hac vocatione vocatum, in eadem consistere mens est* – Gen. 15.10.9).

Com base neste quadro, percebe-se a relevância da *Genealogia* 15.10 não só para a defesa da poesia, mas também para construção da autobiografia boccacciana e para um debate mais amplo sobre vocação literária, que ganhará força no Renascimento e, depois, no Romantismo. A seguir, apresentarei o texto original e completo do referido capítulo acompanhado de minha tradução para o português brasileiro. O texto latino adota a ortografia medieval, conforme a edição das *Genealogie deorum gentilium* preparada por Vittorio Zaccaria e publicada em 1998 na coleção *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*, sob a curadoria geral de Vittore Branca. Com a minha tradução, espero poder contribuir para a divulgação de um importante texto, que porventura será de algum proveito para leitores de Boccaccio, bem como para especialistas das áreas de Letras Clássicas, Italiano e Estudos Literários. Visto que o foco aqui é a própria tradução, optei por apresentar as informações que julguei essenciais nesta introdução, evitando o uso

<sup>17</sup> Seis anos era o período mínimo estipulado para a obtenção do diploma de bacharel no Trecento italiano – cf. Brundage (2008, p. 219-282). De modo semelhante a Boccaccio, em *Familiare* 20.4, Petrarca conta que “desperdiçou” sete anos estudando direito em Montpellier e Bologna. Por fim, essa tópica nos remete à biografia poética de Ovídio, em especial *Tristia* 4.10.21-22 (passagem aludida por Boccaccio em suas *Esposizioni* 4. litt. 118) – cf. Fonseca Jr. (2021, p. 32). Para uma discussão mais abrangente sobre as relações entre a carreira boccacciana e a ovidiana, cf. Juliani (2016). É importante lembrar que, no curso de direito canônico, não apenas os textos basilares do currículo (por exemplo, os *decreta* de Graciano, Gregório IX e Bonifácio VIII), mas também as aulas e exames universitários eram todos escritos e conduzidos em latim. Sobre a influência da *ars notaria* e da *ars dictaminis* no estilo de Boccaccio, cf. De Blasi (1993, p. 273).

<sup>18</sup> Por um lado, contrariando o relato do próprio Boccaccio na *Genealogia* 15.10, suas primeiras composições datam do início dos anos 1330, quando ele ainda era aluno de direito canônico no *Studium* napolitano – onde, aliás, é possível que ele tenha tido aulas com o célebre poeta Cino da Pistoia (cf. BRANCA, 1977, p. 30-31). Por outro lado, quando já adulto, em Florença, Boccaccio desempenhou outras funções além da de poeta, atuando como tesoureiro, coletor de impostos e emissário, para citar algumas – cf. Armstrong *et al.* (2015, p. xxix-xxxv).

de notas de rodapé (exceto em uma passagem) no material abaixo. Busquei, tanto quanto possível, elaborar uma tradução fiel ao texto latino, mas ao mesmo tempo fluida e simples no português, o que resultou, por exemplo, no recorte de alguns períodos mais longos e na inserção de parênteses ou travessões quando pertinente.

### ***Genealogie deorum gentilium* 15.10 – Texto latino e tradução**

*Ut plurimum studia sequimur, in que  
prona videntur ingenia.*

*Na maioria das vezes, seguimos os  
estudos para os quais nossos engenhos  
parecem inclinados.*

[1] *Si fateantur non nulli vera esse que dicta sunt, non tamen quieturos reor, quin imo arbitror dicent longe melius fuisse studiis sanctoribus trivisse tempus, quam talia didicisse. Quod si quis neget, non erit equidem satis sanus. Nosco quoniam in promptu erant Leges Cesarum et Pontificum canones et medicina, quorum plurimi sanctissima arbitrantur studia, eo quod ex eis persepe auro avidi mortales ditentur. Erat et phylosophia, cuius optima demonstratione rerum cause et a falsis disgregari vera noscuntur, generosis quibuscunque ingeniis appetenda. Erant et sacra volumina, a quibus et parvipendere peritura docemur, et Dei magnalia declarantur atque, quo tramite celeste regnum petamus, ostenditur.*

[1] Ainda que alguns críticos admitam que os argumentos apresentados até aqui são verdadeiros, creio que eles não irão sossegar; pelo contrário, penso que eles dirão que teria sido muito melhor se eu tivesse empregado meu tempo em estudos sagrados, em vez de ter aprendido tais frivolidades. Se alguém negar isso, certamente não estará em seu juízo perfeito. Estou ciente de que havia à minha disposição as *Leis de César*, os *Cânones dos Pontífices* e a medicina. Muitos consideram esses estudos sacratíssimos, porque é por meio deles que, frequentemente, os homens ávidos por dinheiro conseguem enriquecer. Havia também a filosofia, que deve ser almejada pelos nobres engenhos, pois sua ótima forma de demonstração nos permite conhecer as causas das coisas e distinguir as verdadeiras das falsas. Havia também as Sagradas Escrituras, as quais nos ensinam a desprezar as coisas efêmeras, revelam as maravilhas de Deus e mostram qual caminho nos conduz ao reino celestial.

[2] *Quod studium profecto ceteris preponendum est. Ex his quodcumque sumpsissem, forte sanctius egisse me dicerent obiectores. Sane si quod debemus ageremus omnes, legum minister rostra frustra conscenderet. Attamen non adeo facile est, ut existimant aliqui, velle omnia qui debemus; et longe acrius consequi, si velimus. Nam, ut cytharista variis ex fidibus, aliis lentius, aliis vero protensius tractis, his gravem, acutum illis tinnitum reddentibus, docta manu plectroque ex tam discordantibus tonis reddit suavissimam armoniam, sic et natura parens, cui inexhauste vires et perfectum ingenium est, producit hec peritura diversis officiis apta, ut ex hac officiorum inconvenientia resultet humani generis, circa quod plurimum intenta est, conservatio; atque ubi in longam conservationem iri non possit, nova productio, advertens quoniam, si uniformes producerentur omnes, ut de reliquis sinam, homines nulla possent producti, nec etiam per tempusculum, ratione consistere.*

[3] *Ergo hinc fit ut discreto nature ordine hic ex mortalibus nascatur faber, ille nauta, mercator alius, et quidam sacerdotio apti aut regimini, et non nulli legum latores, presides, poete, phylosophi, seu sublimes theologi. Ex quorum studiis variis tam ingentis multitudinis hominum conservatio resultet necesse est. Nam si omnes, quoniam ad unumquemque spectat, si possit, ad studia sublimiora conscendere, in theologiam vigilantes*

[2] Esse estudo certamente deve ser preferido aos demais. O que quer que eu tivesse apreendido das Escrituras, os críticos talvez diriam que eu agi de modo mais correto. Realmente, se todos nós fizéssemos aquilo que deveríamos fazer, o juiz subiria em vão ao púlpito! Entretanto, não é assim tão fácil, conforme alguns supõem, desejar tudo aquilo que deveríamos desejar; e é ainda mais difícil conseguir algo quando o desejamos. Ora, o tocador de cítara dedilha várias cordas, algumas menos, outras mais tensionadas, obtendo um som grave e um agudo; e com a hábil mão e o plectro ele obtém, de tons tão discordantes, a mais agradável harmonia. Assim funciona também a natureza criadora, que, dotada de forças inesgotáveis e engenho perfeito, produz coisas efêmeras adaptadas para diversas funções, de modo que essa discordância de funções resulte na preservação do gênero humano, pois nisso a natureza está toda empenhada. Quando um produto não pode ser preservado por muito tempo, um novo aparece em seu lugar, lembrando-nos que, se todos fossem produzidos da mesma maneira, os seres humanos (deixarei de lado o resto) não durariam, sob hipótese alguma, nem um instante.

[3] A consequência disso é que, por uma distinta ordem da natureza, um homem nasce ferreiro, outro marinheiro e outro ainda mercador; alguns nascem aptos para o sacerdócio ou governo, enquanto outros nascem legisladores, líderes, poetas, filósofos ou sublimes teólogos. É mister que, dessa variedade de inclinações, resulte a preservação de um grande número de homens. Ora, se todos – porquanto

*iremus, et agriculator absit, ex quibus, queso, fructibus, tam nobile sequentes studium, nutriremur?*

[4] *Si cementarius, si lignarius desit, quibus in tabernaculis ab ymbribus, a ventis, a frigoribus ac solis estu, et aliis incommodis, assidue superimminentibus, tutabimur? Si non sit lanifex, non cerdo, unde vestes et calciamenta sumemus?*

[5] *Quid enumerem multa? Uti in commodum humani corporis inter se differentia qualitate et officio membra a natura rerum apposita sunt, ut ex hac diversitate consistat, uti melodia ex diversitate tonorum, sic et, ut humanum genus perseveret, necesse fuit ad studia inter se differentia gigneremur. Et si ab ipsa natura, que sic celos, sic astrorum orbis et cursus varia etiam agitatione disposuit, agente Deo, ut nullo labore suo ad officia productos varia nos videmus, quis, queso, feliciter audebit ab eo, ad quod natus est, in aliud transitum attentare? Non quidem adeo ignarus sum quin noverim liberi arbitrii, quo omnes valemus, potentia possimus nature superare vires; quod egisse non nullos legimus. Opus profecto inter raro contingentia numerandum: tam grandi et fere invincibili necessitate trahimur, in quod nascimur! Et si ad diversa gignimur, nascimur alimurque, si ea plene peragamus in que trahimur, equidem satis est, nedum in aliud transitum fecisse velimus; quod dum iam dudum frustra temptarent aliqui, id perdidere quod erant, nec id potuerunt effici quod querebant.*

se espera que cada indivíduo, se possível, eleve-se aos estudos mais sublimes – buscassem diligentemente a teologia e não houvesse o agricultor, de que frutos nós, seguindo um estudo tão nobre, iríamos nos alimentar?

[4] Se faltasse o pedreiro ou o carpinteiro, em que habitações iríamos nos proteger da chuva, dos ventos, do frio, do calor do sol e de outros transtornos, sempre iminentes? Se não houvesse o produtor de lã ou o sapateiro, de onde é que obteríamos nossas vestes e calçados?

[5] Para que listar tantos exemplos? Para o proveito do corpo humano, a natureza juntou membros diferentes entre si quanto à qualidade e função, de modo que ele se sustente por causa dessa diversidade. Assim como se faz uma melodia com uma diversidade de tons, foi necessário para a preservação do gênero humano que nós nascêssemos com inclinações diferentes. Se fomos gerados pela própria natureza – a qual regulou os céus, as órbitas dos astros e seus cursos com um movimento variado, obedecendo a Deus, da mesma forma que, sem nenhum esforço dela, nos vemos conduzidos aos diversos ofícios –, quem então ousará, de bom grado, tentar um caminho diferente daquele para o qual nasceu? Obviamente, não sou tão ignorante a ponto de não saber que pelo poder do livre arbítrio, de que todos nós dispomos, somos capazes de superar a força da natureza; inclusive, vemos que alguns homens já fizeram isso. Tal proeza deve ser contada entre aquelas contingências que raramente ocorrem: somos conduzidos por uma grande e quase invencível necessidade à via

para a qual nascemos! Se somos gerados, nascidos e nutridos para os diversos ofícios; se perseguimos plenamente aqueles para os quais somos conduzidos, isso já é mais do que suficiente, sem que desejemos ter traçado outro caminho. Enquanto uns já tentaram fazer isso em vão, eles perderam aquilo que eles eram, e não puderam se tornar aquilo que inicialmente queriam ser.

[6] *Verum ad quoscunque actus natura produxerit alios, me quidem, experientia teste, ad poeticas meditationes dispositum ex utero matris eduxit et meo iudicio in hoc natus sum.*

[6] O fato é que, para cada impulso, a natureza gerou outros. Certamente ela me criou – e a experiência é minha testemunha – predisposto, desde o útero materno, às meditações poéticas e, segundo penso, eu nasci para isso.

[7] *Satis enim memini apposuisse patrem meum a pueritia mea conatus omnes ut negociator efficerer, meque, adolescentiam nondum intransentem, arismetria instructum, maximo mercatori dedit discipulum, quem penes sex annis nil aliud egi quam non recuperabile tempus in vacuum terere. Hinc quoniam visum est, aliquibus ostendentibus indiciis, me aptiorem fore licterarum studiis, iussit genitor idem, ut pontificum sanctiones, dives exinde futurus, auditurus intrarem, et sub preceptore clarissimo fere tantundem temporis in cassum etiam laboravi. Fastidiebat hec animus adeo, ut in neutrum horum officiorum, aut preceptoris doctrina, aut genitoris auctoritate, qua novis mandatis angebar continue, aut amicorum precibus seu obiurgationibus inclinari posset, in tantum illum ad poeticam trahebat affectio.*

[7] Recordo-me bem que, desde a minha infância, meu pai tentou de tudo para que eu me tornasse um homem de negócios. Eu mal havia entrado na adolescência quando, depois de aprender aritmética, ele me fez aprendiz de um grande mercador, com quem passei quase seis anos sem nada fazer além de gastar, inutilmente, um tempo irrecuperável. Então, visto que, diante de alguns indícios aparentes, ficou claro que eu estava mais apto para o estudo das letras, meu pai ordenou que eu ingressasse como aluno na escola de direito canônico, para que eu me tornasse rico; e, tendo um mestre bastante ilustre, de novo trabalhei em vão por quase o mesmo tempo. A minha mente desprezava tanto essas tarefas, que nem a instrução do meu mestre, nem a autoridade do meu pai (que constantemente me atormentava com novas ordens), nem os pedidos ou censuras de meus amigos conseguiram me direcionar àqueles ofícios, de tal modo a minha paixão

[8] *Nec ex novo sumpto consilio in poesim animus totis tendebat pedibus, quin imo a vetustissima dispositione ibat impulsus; nam satis memor sum, non dum ad septimum etatis annum deveneram, nec dum fictiones videram, non dum doctores aliquos audiveram, vix prima licterarum elementa cognoveram, et ecce, ipsa inpellente natura, fingendi desiderium affuit, et si nullius essent momenti, tamen aliquas fictiunculas edidi; non enim suppetebant tenelle etati officio tanto viris ingenii. Attamen iam fere maturus etate et mei iuris factus, nemine inpellente, nemine docente, imo obsistente patre et studium tale damnante, quod modicum novi poetice sua sponte sumpsit ingenium, eamque summa aviditate secutus sum, et precipua cum delectatione autorum eiusdem libros vidi legique et, uti potui, intelligere conatus sum. Et mirabile dictu, cum nondum novissem quibus seu quot pedibus carmen incederet, me etiam pro viribus renitente, quod non dum sum, poeta fere a notis omnibus vocatus fui. Nec dubito, dum etas in hoc aptior erat, si equo genitor tulisset animo, quin inter celebres poetas unus evasissem, verum dum in lucrosas artes primo, inde in lucrosam facultatem ingenium flectere conatur meum, factum est ut nec negociator sim, nec evaderem canonista, et perderem poetam esse conspicuum.*

estava voltada para a atividade poética.

[8] Sem assumir um novo plano, a minha mente prosseguia, em marcha reta, para a poesia; na verdade, ela ia impulsionada por uma disposição muito antiga. Recordo-me bem que, antes mesmo de completar sete anos de idade, antes de ter lido histórias ou ouvido algum professor, eu mal tinha aprendido os primeiros elementos das letras quando de repente, estimulado pela própria natureza, surgiu um desejo de compor; e, ainda que fossem de pouca importância, eu criei algumas historinhas<sup>19</sup> – com efeito, para aquela tenra idade, o vigor do engenho não estava à altura de uma tarefa tão importante. Entretanto, quando eu já era quase adulto e me tornei independente, sem que houvesse ninguém para me estimular ou instruir, mas antes com um pai que se opunha e censurava tal estudo, o meu engenho assimilou espontaneamente o pouco de poesia que já conhecia; com grande afinco dediquei-me a essa atividade e, com especial satisfação, vi, li e tentei compreender, conforme pude, os livros dos poetas. Incrivelmente, embora eu ainda não soubesse com quais ou quantos pés um poema avançava, fui chamado de poeta por quase todos que me conheciam – apesar da minha forte relutância, pois até hoje não me considero poeta. Não tenho dúvidas de que, quando a idade era mais propícia para isso, se meu pai tivesse me estimulado de boa vontade, eu teria me tornado um poeta célebre.

<sup>19</sup> Boccaccio associa o conceito de *fictio* ao de *fabula*, no sentido de “composição fictícia”, “estória”, “história inventada”, em contraposição ao relato verídico, historiográfico (*hystoria*) – cf. *Gen.* 14.9 e 13; discussão em Heise (2013a, p. 61-70) e Menetti (2015, p. 109-133). Assim, optei por traduzir *fictiones* como “histórias” e *fictiunculas* como “historinhas”.

Mas como ele tentou desviar o meu engenho, primeiro para as artes lucrativas, e depois para uma faculdade lucrativa, acabou que eu não me tornei nem homem de negócios, nem canonista, e ainda perdi a chance de ser um poeta ilustre.

[9] *Cetera preterea facultatum studia, etsi placerent, quoniam non sic inpellerent, minime secutus sum. Vidi tamen sacra volumina, a quibus, quoniam annosa etas et tenuitas ingenii dissuasere, destiti, turpissimum ratus senem, ut ita loquar, elementarium nova inchoare studia, et cunctis indecentissimum esse id attentasse quod minime arbitraris posse perficere. Et ideo, cum existimem Dei beneplacito me in hac vocatione vocatum, in eadem consistere mens est, et, quod egerim hactenus, his monstrantibus studiis, laudare.*

[9] Depois, eu não segui outros estudos, pois, ainda que me agradassem, eles não me moviam da mesma maneira que a poesia. Li as Sagradas Escrituras, mas desisti de seu estudo por causa da idade avançada e da fraqueza de meu engenho, supondo ser demais vergonhoso que um velho ainda principiante, por assim dizer, começasse novos estudos; e que para todo mundo seria bastante inconveniente tentar aquilo que se acredita impossível concluir. Por isso, uma vez que julgo ter sido chamado, com a anuência de Deus, para a vocação poética, nela pretendo permanecer e exaltar o que fiz até agora, conforme mostram os meus estudos.

[10] *Querant alii quod videtur! Qui ergo patiuntur cerdonem subule setisque vacare, lanistam pecori, sculptorem statuis, me etiam, queso, vacasse poetis equo animo patiantur.*

[10] Que os outros busquem o que lhes parecer melhor! Aqueles que permitem que o sapateiro se dedique à sovela e às cerdas, o vendedor de lã às ovelhas, o escultor às estátuas, que a mim também permitam dedicar-me, tranquilamente, aos poetas.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Guyda; DANIELS, Rhiannon; MILNER, Stephen. Chronology. In: **The Cambridge companion to Boccaccio**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. xxix–xxxv.

ASHDOWNE, Richard; HOWLETT, David; LATHAM, Ronald (eds.). **Dictionary of Medieval Latin from British Sources**. Oxford: British Academy, 2018.

BAGLIO, Mario. *Avidulus glorie: Zanobi da Strada tra Boccaccio e Petrarca*. **Italia medioevale et umanistica**, vol. 54, p. 343-339, 2013.

BLACK, Robert. **Humanism and education in medieval and Renaissance Italy: tradition and innovation in Latin schools from the twelfth to the fifteenth century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BOCCACCIO, Giovanni. *Amorosa visione*, ed. Vittore Branca. In: BRANCA, Vittore (ed.). **Tutte le opere di Giovanni Boccaccio**, vol. 3. Milão: Mondadori, 1974. p. 1-272.

BOCCACCIO, Giovanni. *Bucolicum carmen*, ed. Giorgio Bernardi Perini. In: BRANCA, Vittore (ed.). **Tutte le opere di Giovanni Boccaccio**, vol. 5/2. Milão: Mondadori, 1994. p. 689-1085.

BOCCACCIO, Giovanni. *Carmina*, ed. Giuseppe Velli. In: BRANCA, Vittore (ed.). **Tutte le opere di Giovanni Boccaccio**, vol. 5/1. Milão: Mondadori, 1992. p. 375-492.

100

BOCCACCIO, Giovanni. *Epistole e lettere*, ed. Ginetta Auzzas. In: BRANCA, Vittore (ed.). **Tutte le opere di Giovanni Boccaccio**, vol. 5/1. Milão: Mondadori, 1992. p. 493-856.

BOCCACCIO, Giovanni. *Genealogie deorum gentilium*, ed. Vittorio Zaccaria. In: BRANCA, Vittore (ed.). **Tutte le opere di Giovanni Boccaccio**, vols. 7-8. Milão: Mondadori, 1998.

BOCCACCIO, Giovanni. *Trattatello in laude di Dante*, ed. Pier Giorgio Ricci. In: BRANCA, Vittore (ed.). **Tutte le opere di Giovanni Boccaccio**, vol. 3. Milão: Mondadori, 1974. p. 423-538.

BRANCA, Vittore. **Giovanni Boccaccio: profilo biografico**. Florença: G. C. Sansoni Editore, 1977.

DANIELS, Rhiannon. **Reading and meaning: the reception of Boccaccio's *Teseida*, *Decameron*, and *De mulieribus claris* to 1520**. Tese de Doutorado - Department of Italian, University of Leeds, Leeds, 2003.

DE BLASI, Nicola. La prosa. In: BRIOSCHI, Franco; GIROLAMO, Costanzo di (eds.). **Manuale di letteratura italiana: storia per generi e problemi**, vol. 1. Turim: Bollati Boringhieri Editore, 1993. p. 262-281.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 3 ed. Brasília: Ministério da Educação, 1962.

FONSECA JUNIOR, Adir de Oliveira. **Allegory of the self: Boccaccio's *Buccolicum carmen***. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculty of Classics, University of Oxford, Oxford, 2021.

FONSECA JUNIOR, Adir de Oliveira. ***Olympia de Giovanni Boccaccio: gêneros e memória poética virgiliana***. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

GLARE, P. G. W. **Oxford Latin dictionary**. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HEISE, Pedro Falleiros. Boccaccio e a poesia. **Morus**, vol. 9, p. 61-70, 2013a.

HEISE, Pedro Falleiros. Boccaccio em defesa da poesia: as *Genealogie deorum gentilium*. **Serafino**, v. 5, p. 154-157, 2013b.

HØYRUP, Jens. **Jacopo da Firenze's *Tractatus algorismi* and early Italian *abbacus* culture**. Basileia; Boston: Birkhäuser, 2007.

JULIANI, Talita Janine. Dido, rainha de Cartago: uma releitura de Giovanni Boccaccio na obra *De mulieribus claris*. **Rónai**, vol. 9, n. 2, p. 133-253, 2021.

JULIANI, Talita Janine. **Vestígios de Ovídio em *Sobre as mulheres famosas (1361-1362)* de Giovanni Boccaccio**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

KIRKHAM, Victoria. The parallel lives of Dante and Virgil. **Dante Studies**, vol. 110, p. 233-253, 1992.

MENETTI, Elisabetta. Boccaccio e a fantasia. **Revista de Italianística**, vol. 29, p. 109-133, 2015.

NIERMEYER, Jan Frederik. **Mediae Latinitatis lexicon minus**: lexique latin médiéval-français. Leiden: E. J. Brill, 1976.

PETRARCA, Francesco. **Le senili**, ed. Guido Martellotti, trans. Giuseppe Fracassetti. Turim: Einaudi, 1976.

TANTURLI, Giuliano; ZAMPONI, Stefano. Biografia e cronologia delle opere. In: DE ROBERTIS, Teresa *et al.* (ed.). **Boccaccio autore e copista**. Firenze: Mandragora, 2013. p. 61-66.

WILSON-OKAMURA, David Scott. **Virgil in the Renaissance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

WITT, Ronald. **In the footsteps of the ancients**: the origins of humanism from Lovato to Bruni. Leiden: Brill, 2000.

ZAK, Gur. **Petrarch's humanism and the care of the self**. Cambridge; Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010.

ZIOLKOWSKI, Jan; PUTNAM, Michael. **The Virgilian tradition**: the first fifteen hundred years. New Haven: Yale University Press, 2008.

### As *Vidas* de Píndaro

Camila de Moura  
doutoranda em Letras Clássicas (USP)  
camilademoura@usp.br

**RESUMO:** Este trabalho apresenta a tradução de oito textos curtos sobre a vida do poeta Píndaro: uma *Vida* fragmentária, recuperada dos Papiros de Oxirrinco (*P. Oxy.* XXVI 2438); três *Vidas* e uma coleção de máximas, transmitidas como anexos aos manuscritos medievais das suas obras; e os três verbetes da *Suda* que se ocupam de Píndaro e de seus familiares diretos. Lendo-os em conjunto, pretende-se destacar a variedade de tradições, calcadas no mais das vezes em uma leitura *biografizante* de sua obra poética, mas também a persistência de certos temas narrativos estereotípicos, como a sua relação privilegiada com os deuses, que culmina com Pã entoando suas canções nas cercanias de montanhas sagradas, e o gesto de Alexandre, que teria poupado sua casa ao saquear Tebas.

**Palavras-chave:** *Vidas* antigas; biografia; biografia grega; Píndaro.

### *Lives of Pindar*

103

**ABSTRACT:** This paper presents the translation of eight short texts on the life of the poet Pindar: a fragmentary *Life*, recovered from the Oxyrhynchus Papyri (*P. Oxy.* XXVI 2438); three *Lives* and a collection of sayings, transmitted as attachments to the medieval manuscripts of his works; and the three entries of the *Suda* that deal with Pindar and his direct relatives. By reading them together, we intend to highlight the variety of traditions, most often based on a biographical reading of his works, but also the persistence of certain stereotypical narrative themes, such as his privileged relationship with the gods, which culminates with Pan singing his songs in the vicinity of sacred mountains, and the gesture of Alexander, who would have spared his house when sacking Thebes.

**Keywords:** ancient *Lives*; biography; Greek biography; Pindar.

## Introdução

O estabelecimento de um *corpus* das *Vidas* de Píndaro obedece aqui a um critério que define as *Vidas* (*Bioi, Vitae*) como narrativas inteiramente devotadas aos episódios do curso da vida – incluindo nascimento e morte – de figuras eminentes, onde muito frequentemente se interpenetram os tempos histórico e mítico. São excluídos do recorte, portanto, os assim chamados *Testimonia*, excertos ou fragmentos que, embora reproduzam certas tradições de que são compostas as *Vidas*, respondem a uma finalidade distinta dentro das obras em que estão inseridos.<sup>1</sup>

Foram reunidos, segundo esse critério, oito textos, quatro dos quais se conformam sem ressalvas ao gênero em questão. São eles: 1) uma *Vida* intitulada *Píndaro* (Πίνδαρος), recuperada dos Papiros de Oxirrinco (*P. Oxy.* XXVI 2438); 2) uma *Vida* intitulada *Vida de Píndaro* (Βίος Πινδάρου), dita *Vita ambrosiana*, pois encontrada no manuscrito *Ambrosianus C 222* dos epinícios de Píndaro (manuscrito A); 3) uma *Vida* intitulada *Nascimento de Píndaro* (Πινδάρου γένος), dita *Vita thomana*, pois coligida por Thomas Magister, erudito bizantino do século XIII (manuscritos EHQQ<sup>b</sup>θ); 4) uma *Vida* intitulada *Nascimento de Píndaro em versos épicos*, dita *Vita metrica*, por sua composição em hexâmetros (manuscritos EPQ). Os demais textos, aos quais nos referiremos como “missivas biográficas”, embora careçam da complexidade estrutural que permitiria classificá-los propriamente como *Vidas*, obedecem, no entanto, ao critério estipulado inicialmente. São eles: 1) uma coleção de apotegmas (“máximas”), geralmente copiados em conjunto com a *Vita ambrosiana* (manuscrito A); 2) os três verbetes da *Suda* dedicados a Píndaro e a seus familiares diretos, o primeiro dos quais se assemelha ao epítome de uma *Vida*. O *Proêmio* de Eustácio não foi incluído neste trabalho por integrar um comentário crítico de grande extensão.<sup>2</sup> Também foram deixados de fora os dois poemas transmitidos nos mesmos manuscritos que a *Vita metrica*, dedicados, respectivamente, à ordenação das provas do pentatlo e ao elogio dos Ἐννέα λυρικοί (“os nove poetas líricos” do cânone), os quais, embora incluídos em algumas das edições de consulta (DAUDE et al., 2013), não tratam diretamente de Píndaro. Até onde se pôde verificar, as *Vidas* e missivas biográficas aqui apresentadas não haviam sido ainda reunidas em tradução.

A leitura destes textos em conjunto permite vislumbrar a riqueza de tradições associadas à vida do poeta. Sobre a *Vida* recuperada dos Papiros de Oxirrinco, é possível observar, em que pese seu estado fragmentário, a ausência de anedotas fantásticas, bem como uma grande preocupação crítica por parte do biógrafo, que submete as informações de que dispõe a uma avaliação lógica. O

<sup>1</sup> Para uma relação dos *Testimonia*, ver KIMMEL-CLAUZET, 2013, p. 353-369.

<sup>2</sup> Ver, a esse respeito, NEUMANN-HARTMANN, 2019.

biógrafo contesta, por exemplo, a datação da morte de Píndaro com base na sucessão dos arcontes de Atenas, argumentando que ele escreveu um epinício (a *Olímpica* 4) posterior ao arcontado de Hábron (época em que suas fontes situariam a morte do poeta): “[Ora, seria impossível], estando já morto, escrever epinícios.” (*Píndaro* 15-20).<sup>3</sup> Por essa razão, alguns de seus comentadores quiseram classificá-la como uma “biografia gramatical” (JACOBY et al., 2019, p. 280), remetendo-a aos trabalhos de Aristófanes de Bizâncio e Calímaco, e fazendo eco à divisão de Friedrich Leo, hoje ultrapassada, entre as *Vidas* escritas por peripatéticos e alexandrinos (MOMIGLIANO, 1993, p. 18-21).

Quanto às demais *Vidas* e missivas, é notável, conforme destaca Mary Lefkowitz (2012, p. 61), seu compromisso em retratar Píndaro como um homem piedoso, em contraste com a ganância de que o acusavam seus escoliastas. Ainda segundo a autora, tal visão estaria atrelada a uma leitura *biografizante* de sua obra poética, na qual é corrente o uso da primeira pessoa: “Os comentadores antigos, em sua tentativa de interpretar referências obscuras na poesia [de Píndaro], costumavam imaginar que aquilo que o poeta dissera referia-se primeiramente à sua experiência pessoal.”<sup>4</sup> (LEFKOWITZ, 2012, p. 66). Algumas anedotas recorrem com variantes, como aquela segundo a qual Pã teria sido visto entoando um poema de Píndaro, e aquela segundo a qual Pausânias, rei dos espartanos (*Vida de Píndaro* 2.10, p. 11), “os espartanos” (*Nascimento de Píndaro*, 5.10, p. 16) ou Alexandre, o Grande (*Nascimento de Píndaro em versos épicos* 9.1, p. 14; *Sobre Píndaro*, p. 15; *Nascimento de Píndaro* 5.15, p. 16), ao invadirem Tebas, teriam poupado a casa de Píndaro por reverência ao poeta. As *Vidas* estão estruturadas em torno dos seguintes temas narrativos, que ocorrem em ordem variável:<sup>5</sup>

- 1) local de nascimento, filiação, família;
- 2) prenúncio da vocação poética (episódio das abelhas);
- 3) educação poética e musical, primeiros feitos, precocidade;
- 4) sincronicidade com eventos e figuras eminentes;
- 5) relação privilegiada com os deuses, honras recebidas em Delfos, culto;
- 6) o episódio da canção entoada por Pã;
- 7) o episódio da invasão de Tebas por Pausânias ou Alexandre, posterior à sua morte;
- 8) matrimônio e descendência;
- 9) lista de obras;

<sup>3</sup> Tradução nossa.

<sup>4</sup> “Ancient commentators, in attempting to interpret obscure references in his poetry, tended to imagine that what the poet said referred primarily to his own personal experience”. Todas as traduções de textos em língua moderna são nossas.

<sup>5</sup> Utilizamos aqui a terminologia de Kivilo (2010). Daude et al. (2013) preferem chamá-los de “biografemas”, seguindo a terminologia barthesiana.

- 10) fundação dos Jogos Olímpicos;
- 11) morte, data da morte, epigrama fúnebre.

A menção a fontes é particularmente escassa; dos oito textos traduzidos, há apenas cinco, elencadas a seguir:

<b>Autor referido</b>	<b>Sobre o autor</b>	<b>Menções feitas</b>
“Corina”	Corina, (séc. VI-III a.C.), <sup>6</sup> poeta da Beócia (de Tanagra ou Tebas), portanto, conterrânea de Píndaro, e possivelmente sua contemporânea. Segundo a <i>Suda</i> , teria sido, como Píndaro, discípula da poeta Mirtis, e Pausânias e Eliano fazem-na rival de Píndaro. <sup>7</sup>	No <i>P. Oxy.</i> 2438 ( <i>Píndaro</i> 1), atribui-se a Corina a informação de que Píndaro seria filho de Escopelino.
“Aristófanes”	Aristófanes de Bizâncio (séc. III a.C.), bibliotecário de Alexandria, editor e crítico das obras dos períodos Arcaico e Clássico, teve papel central no estabelecimento de um cânone de autores e na seleção das obras conservadas desses períodos.	1) No <i>P. Oxy.</i> 2438 ( <i>Píndaro</i> 35), atribui-se a Aristófanes a divisão das obras de Píndaro em 17 livros. 2) No <i>Nascimento de Píndaro</i> 7.15, Aristófanes é apontado como “organizador das obras de Píndaro”.
“Camaleão e Istro”	Camaleão de Heracleia (séc. IV a.C.), peripatético da primeira geração (MOMIGLIANO, 1993, p. 70), autor de vários tratados sobre poetas gregos, incluindo um	Na <i>Vida de Píndaro</i> 1.5, Camaleão e Istro são citados como fontes para a história da aparição de uma abelha que, ao deitar mel na boca de Píndaro ainda criança, prenuncia sua vocação poética. Não se sabe se os testemunhos estão interconectados, mas é

<sup>6</sup> O período em que teria vivido Corina é disputado pelos comentadores. Embora a tradição de que fazem parte algumas das *Vidas* aqui apresentadas situe-a como contemporânea de Píndaro, a menção mais recuada à sua obra data do século I a.C., e análises estilométricas apontaram semelhanças entre a ortografia de seus poemas e o dialeto da Beócia do século III a.C. Cf. Hornblower & Spawforth (1999, p. 390)

<sup>7</sup> Pausânias 9.22 e Eliano, *VH*, 13.25.

	Περὶ Πινδάρου ( <i>Sobre Píndaro</i> ). <sup>8</sup> Istro (séc. III a.C.), natural de Cirene, da Macedônia, de Pafos, ou de Calate, possível aluno de Calímaco e, portanto, um alexandrino. Sua identidade é disputada. <sup>9</sup>	provável que ambos remetesse à mesma tradição.
“Arriano”	Arriano da Nicomédia (sécs. I-II d.C.), historiador de expressão grega e autor, entre outros, de uma <i>Anábase de Alexandre</i> , obra de que teria sido extraída a menção feita na <i>Suda</i> .	No verbete “Sobre Píndaro”, do <i>Suda</i> , Arriano é citado como fonte da história segundo a qual Alexandre teria poupado a casa de Píndaro ao saquear Tebas. A mesma história é contada no <i>Nascimento de Píndaro</i> 5.15 e no <i>Nascimento de Píndaro em versos épicos</i> 9.1, sem menção a fontes.

Tabela 1 – Fontes mencionadas

## 1. Sobre a tradução

107

A ordem dos textos buscou respeitar em linhas gerais a cronologia estipulada pelos estudos de referência para a sua redação: 1) a *Vida* dos Papiros de Oxirrinco (*P. Oxy. XXVI 2438*), editada pela primeira vez por Lobel, em 1961 (LOBEL, 1961), que data a cópia de fins do século II ou princípios do século III d.C.; a data da sua redação remete, porém, aos séculos II a III a.C. (JACOBY et al., 2019, p. 279; DAUDE et al., 2013, p. 54); 2) a *Vita ambrosiana*, cuja cópia é datada por Westermann (1964) de antes do século X, e cuja redação, segundo Kimmel-Clauzet (2010, *apud* DAUDE et al., 2013, p. 49), pode remontar ao século II d.C.,

<sup>8</sup> Por essa razão, Camaleão tornou-se uma fonte central, sendo citado frequentemente pelos antigos biógrafos de poetas gregos. São atribuídas a ele, em geral, histórias e anedotas biográficas de cunho fantástico, baseadas em inferências feitas a partir da leitura das obras dos biografados. Por essa razão, seu método é frequentemente criticado pelos estudiosos da biografia antiga: “Camaleão tinha a tendência de inferir as circunstâncias pessoais de seus poetas daquilo que eles escreviam. (...) A técnica de extrair informações sobre as vidas de escritores dos seus trabalhos era um substituto ao mesmo tempo legítimo e extremamente perigoso da informação direta.” (MOMIGLIANO, 1993, p. 70).

<sup>9</sup> Smith (1870, p. 634), conjectura que tenha havido dois Istros praticamente contemporâneos na Antiguidade: o primeiro, referido pela *Suda* (I 706) como natural de Cirene, da Macedônia ou de Pafos, seria o historiador aluno de Calímaco, autor de uma história da Ática, de um tratado sobre os Ptolomeus e de outras obras fragmentárias ou perdidas; o segundo, referido por Estéfano de Bizâncio como natural de Calate (cidade de outro biógrafo helenístico eminente, Sátiro de Calate) e autor de um *Περὶ τραγωδίας* (*Sobre a tragédia*) e de um *Περὶ μελοποιῶν* (*Sobre os poetas mélicos*) (HUMMEL *apud* DAUDE et al., 2013, p. 61). Para Smith, o segundo seria o Istro citado pelo autor da *Vida de Sófocles* (cf. DE MOURA, 2019), e por conseguinte, pelos biógrafos de Píndaro.

época da constituição da seleta de epinícios pindáricos; 3) a coleção de apotegmas (“máximas”) de Píndaro, transmitida junto com a *Vita ambrosiana*, cuja datação é incerta;<sup>10</sup> 4) a *Vita metrica*, datada de depois do século V d.C. (JACOBY et al., 2019, p. 277); 5) os verbetes da *Suda*, cuja edição data do século X, mas cuja redação (ao menos do primeiro verbete) pode remeter a Hesíquio, autor dos séculos V a VI d.C. (JACOBY et al., 2019, p. 277); 6) a *Vita thomana*, coligida por Thomas Magister no século XIV a partir de fontes de variada antiguidade. A tradução destes textos em conjunto observou a repetição de certos conceitos e expressões, vertendo-os de modo a tornar essas recorrências perceptíveis no idioma de chegada.

Destaca-se, em primeiro lugar, a tradução do título da *Vita thomana*, Πινδάρου γένος, por *Nascimento de Píndaro*, e o da *Vita metrica*, Πινδάρου γένος δι' ἐπῶν, por *Nascimento de Píndaro em versos épicos*. A tradução de γένος por “nascimento” teve por fim gerar uma expressão familiar em português, compatível com a frequência bastante corriqueira do termo em grego e com seu sentido etimológico, associado ao verbo γίγνομαι (BEEKES, 2010, p. 272), “nascer”, “tornar-se”. Entende-se que a palavra “nascimento” não é menos apropriada que “origem” ou “origens” (termos preferenciais, considerados, porém, muito marcados)<sup>11</sup> ao veicular a acepção mais específica de γένος como célula social formada por laços de nascimento (factuais ou supostos), no interior da qual se realizavam ritos específicos, remetendo a uma ancestralidade mítica (SMITH, 1890, p. 567). Nesse sentido, γένος abarcaria tanto a ascendência quanto a descendência do poeta, ambas mencionadas no contexto das *Vidas*, que referem também certos cultos prestados a Píndaro após sua morte. A ocorrência, porém, de frases como Πίνδαρος τὸ μὲν γένος Θηβαῖος (“Píndaro era tebano de nascimento”) reforçou a escolha por um termo de acepção mais ampla, eliminando opções como “estirpe” ou “linhagem”. Com o fim de apresentar tal discussão ao leitor, foi fornecida uma nota de rodapé explicativa na primeira ocorrência do termo. Por fim, essa opção está de acordo com as traduções das *Vidas* de Ésquilo, Sófocles e Eurípidés produzidas anteriormente (DE MOURA, 2019) como parte da pesquisa em que este trabalho se insere.

Para a tradução da *Vita metrica*, adotou-se o esquema do hexâmetro datílico vernáculo de Carlos Alberto Nunes (OLIVA NETO, 2014) com relativa liberdade, isto é, com eventuais anacruses, o deslocamento de algumas tônicas, e um verso final abreviado. As traduções inglesa e francesa a que tivemos acesso

<sup>10</sup> De acordo com Momigliano (1993, p. 81), é provável que coleções de apotegmas de filósofos e sábios já circulassem no mundo grego desde o século V a.C.; posteriormente, os peripatéticos se dedicariam à produção e coleção de textos do tipo.

<sup>11</sup> Utiliza-se a palavra “marcado” aqui no sentido lato que ela geralmente assume no contexto das ciências sociais. Tem-se em mente, em especial, os desdobramentos das considerações de Foucault sobre a rejeição da “busca da origem” (*Ursprung*) como método por Nietzsche, ao defender, por outro lado, a investigação filosófica como *genealogia* (termo derivado de γένος). (FOUCAULT, 1998, p. 17). Suas implicações para o campo da crítica textual são inúmeras.

(BOTERF & TARETTO, 2015; DAUDE et al., 2013) adotam um esquema de verso livre próximo da prosa, com grande variação na extensão dos versos e longas glosas explicativas. Aqui, por meio da adoção de um esquema métrico fixo e reconhecível, buscou-se destacar, por outro lado, traços da épica antiga em tradução, como a consistência rítmica, as inversões, as soluções sintéticas e o vocabulário característico. Tal opção é condizente com a percepção, que permeia este trabalho e a pesquisa de que ele deriva, de que há pouco proveito em ler as *Vidas* de poetas como meros compilados de informações, e que suas formas altamente variáveis – alvo de frequentes juízos de valor por parte de seus críticos contemporâneos – devem ser consideradas ao interpretá-las. A adoção do verso épico é especialmente significativa, tendo em vista o debate em torno da *heroicização* dos poetas gregos por seus biógrafos.<sup>12</sup>

Estas *Vidas* de Píndaro apresentam um único epigrama (*Vida de Píndaro* 3.10), número ínfimo se as compararmos às demais *Vidas* de poetas, nas quais a presença de epigramas é muito mais frequente e abundante. Trata-se de um “epigrama *sobre* a morte [de Píndaro]” (ἐπίγραμμα ἐπὶ τῇ τελευτῇ αὐτοῦ), ou seja, um poema fúnebre de cunho literário, sem qualquer indicação (legítima ou não) de que se trate de um poema inscrito. Para a tradução do poema, adotamos um esquema com versos de 16 e 14 sílabas, correspondendo, respectivamente, ao hexâmetro e ao pentâmetro do dístico elegíaco.

Cabe fazer uma última observação, a respeito da transposição de nomes próprios gregos ao português. Muitos dos nomes que figuram nestas *Vidas* designam personagens sem outras ocorrências na literatura (p. ex. Κληδίκης, “Cledice”, suposto nome da mãe de Píndaro, cf. Βίος Πινδάρου 1.5), ou personagens recônditos, muito embora eminentes (p. ex. Ἄβρων, “Hábron”, arconte de Atenas entre 458 e 457 a.C., cf. Πίνδαρος 5). Da escassa literatura de referência, foram consultados o *Índice de nomes próprios gregos e latinos* (UREÑA PRIETO et al., 1995a) e o manual *Do grego e do latim ao português* (UREÑA PRIETO et al., 1995b). Em relação aos nomes com temas em nasal e nominativo assigmático com terminação -ων, -ωνος, em grego, optou-se pela terminação -on em português (“Hélicon”, “Hábron”), exceto quando a forma em -ão é amplamente consagrada pelo uso (“Hierão”).<sup>13</sup> Em alguns casos, para os quais não foram encontradas referências, adotou-se um esquema aproximativo em relação a nomes próprios já consagrados, p. ex., “Protômaca” (Πρωτομάχη), como “Andrômaca” (Ἀνδρομάχη), e “Queréfanes” (Χαιρεφάνης), como “Querefonte” (Χαιρεφῶν) e “Xenófanes” (Ξενοφάνης).

<sup>12</sup> Ver a esse respeito Lefkowitz (1978) e Nagy (1999).

<sup>13</sup> Admite-se, na aplicação de tal critério, certo grau de subjetividade incontornável, ainda que a literatura referenciada esteja de acordo com a opção feita.

## 2. Textos gregos

### 2.1 Πίνδαρος (*P. Oxy. XXVI 2438*)<sup>14</sup>

Πίνδαρος ὁ λυρικὸς ποιητής, τὸ μὲν γένος ἦν Θηβαῖος, υἱὸς δὲ κατὰ μὲν Κόρ[ινναν καὶ ἑτέρας ποιητρίας Σκοπελ{ε}ίνο[υ, κατὰ δὲ τοὺς πλείστους ποιητὰς Δαΐφάντ[ου· γέγονεν δὲ κατὰ τὰ Περσικά, νεώτερος π[ρεσβυτέρῳ Σιμωνίδῃ ἐπιβάλλων. τοῦτ[ο δὲ οἱ λέγοντες Ἄβρωνος ἄρχοντος ἀποτ[εθνηκέναι πεντήκοντα ἑτῶν ὄντα ἀγνοο[ῦσιν. ἐπ' Ἀρχίου γὰρ ἠγώνισται ἐν Ἀθήναι[ς διθυράμβω]· καὶ νεν{ε}ίκτηκεν. ὁ δὲ Ἄβρων ἀ[π' Ἀρχίου ἐστὶν τες] σ' ἀρακοστός, ὥστε ἀδύν[ατόν ἐστιν δέκα ἑτῶν αὐτὸν ἠγωνίσθαι]. ὅτι δὲ οὐκ ἀποτέθηκεν ἐφ' Ἄβρωνος [οὕτως ἂν τι]ς μ[ά]θοι· ἀπὸ Ἄβρωνος Χαιρεφ[άνης ἔβ[δο]μος κατὰ τὴν ὀγδοηκοστήν[ c. 6 ε[ ] τεθρίππω Ψαῦμις ν{ε}ικᾶ κα[ c. 4 c. 7 ] Πίνδαρος γέγραφε]ν ἐγκώμ[ιον οὗ ἢ ἀρχ]ῆ· ἐλατῆρ ὑπέρτατε βροντᾶς [ c. 4 ... ] ἤδη ἀποτεθ[η]κῶ[ς] ... [ἔγραψε]ν ἐπιν{ε}ίκους. ἔ[σχε] δ' υἱὸν μ[ c. 7 .. ]ς κατὰ τινὰς ὧν [ c. 5 ] αἰαρ [ c. 6 .. ]ς κατὰ δέ τινὰς [ c. 6 ] α[ c. 6 .] ου ἠγνόης [ ] [ c. 6 πα]ρθεναίους [ ] φ[ c. 6 ..] Πρ[ω]τομάχης κ[ ... θ]υγα[τ]έρων δυ[ c. 5 ] ὧν ἀδελφ ν[ ] [ c. 8 ..]ν θυγατέρας δ' ἔ[σχε, Πρ]ω[το]μ[ά]χην καὶ Εὐμητιν, ὧν [[σ]]μνημονε[ύει ἐν] τῇ ᾠδῇ ἧς ἡ ἀρ[χή]· ὁ Μοισα[γ]έτας με καλεῖ χ[ο]ρεῦσαι Ἀ[πό]λλων[ c. 6 ..] δὲ ἐν Ἄργει [[α]]μ[ c. 8 ] [ c. 6 ..] .φ..γενομεν [ ..] εστατο [ ] ἔτι δ' ε[ ..] κατὰ τὴν ποίησιν [ δ]ιήρηται δὲ αὐτ[ο]ῦ τ[ὰ] ποιήματα ὑπ' Ἀριστοφάνους εἰς βιβλία ιζ'· διθ[υ]ρά[μ]βων β̄ [προσοδίω]ν β̄ παιάνων ᾠ̄ παρθεν[ε]ίων γ̄ [ἐπινικίω]ν δ̄ ἐγκωμίων ᾠ̄ ἐν [ᾠ] καὶ [σκ]όλι[α c.4 ὕμνων ᾠ̄ ὑπ]ορχημάτων ᾠ̄ θρη[ήνων ᾠ̄ c. 3 ..] ὧν τνεικ[ ] ολεγωντ̄ καιπ[ ] [ c. 11 ..] ματι τῆς ποιη[ c. 7 ] εγο [ c. 6 ..] νος καὶ [ ] [ ] εἰ α κατ[ c. 8

<sup>14</sup> O texto grego segue a edição de Jacoby et al. (2019).

κά]ν ἄρματι καὶ πάντα τῆ φύσει [ c. 8  
 ...] καὶ τ[ο]ιαῦτα εἴωθεν ἀναφωνεῖ[ν· σοφὸς ὁ  
 πολ]λὰ εἰδὼς φυᾶ· μαθόντες δ[ὲ] λ[άβ]ροι παγ-  
 γλω]σσία κόρακες ὡς ἄκραντα γαρούε[τον Διὸς  
 πρὸς] ὄρνιχα θεῖον>

## 2.2 Βίος Πινδάρου<sup>15</sup>

[1.1] Πίνδαρος ὁ ποιητὴς Θηβαῖος ἦν ἐκ Κυνοκεφάλων· κώμη δὲ ἐστὶ Θηβαϊκὴ· υἱὸς δὲ Δαΐφάντου, κατὰ δ' ἐπίου Παγώνδα. ἔνιοι δὲ Σκοπελίνου αὐτὸν γενεαλογοῦσι, τινὲς δὲ τὸν Σκοπελῖνον πατρῶν αὐτοῦ γενέσθαι καὶ αὐλητὴν ὄντα τὴν τέχνην [1.5] διδάξει. μητρὸς δὲ Κλεοδίκης· οἱ δὲ Κληδίκης γράφουσι. παῖς δὲ ὢν ὁ Πίνδαρος, ὡς Χαμαιλέων καὶ Ἰστρος φασί, περὶ τὸν Ἐλικῶνα θηρῶντα αὐτὸν ὑπὸ πολλοῦ καμάτου εἰς ὕπνον κατενεχθῆναι, κοιμωμένου δὲ αὐτοῦ μέλισσαν τῷ στόματι προσκαθίσασαν κηρία ποιῆσαι. οἱ δὲ φασιν ὅτι ὄναρ [1.10] εἶδεν ὡς μέλιτος καὶ κηροῦ πλήρες εἶναι αὐτοῦ τὸ στόμα, καὶ ἐπὶ ποιητικὴν ἐτρέπη. διδάσκαλον δὲ αὐτοῦ Ἀθήνησιν οἱ μὲν Ἀγαθοκλέα, οἱ δὲ Ἀπολλόδωρον λέγουσιν, ὃν καὶ προιστάμενον κυκλίων χωρῶν ἀποδημοῦντα πιστεῦσαι τὴν διδασκαλίαν τῷ Πινδάρῳ παιδὶ ὄντι, τὸν δὲ εὖ διακοσμήσαντα [1.15] διαβόητον γενέσθαι. ἔρεισμα δὲ τῆς Ἑλλάδος εἰπὼν Ἀθήνας (fr. 76) ἐζημιώθη ὑπὸ Θηβαίων χιλίαις δραχμαῖς ἅς [2.1] ἐξέτισαν ὑπὲρ αὐτοῦ Ἀθηναῖοι. ἦν δὲ οὐ μόνον εὐφυῆς ποιητὴς, ἀλλὰ καὶ ἄνθρωπος θεοφιλῆς. ὁ γοῦν Πᾶν ὁ θεὸς ὤφθη μεταξὺ τοῦ Κιθαιρῶνος καὶ τοῦ Ἐλικῶνος ἄδων παιᾶνα Πινδάρου· διὸ καὶ ἄσμα ἐποίησεν εἰς τὸν θεὸν ἐν ᾧ χάριν [2.5] ὁμολογεῖ τῆς τιμῆς αὐτῷ, οὗ ἡ ἀρχὴ (fr. 95)· ὦ Πᾶν Πᾶν Ἀρκαδίας μεδέων καὶ σεμνῶν ἀδύτων φύλαξ. ἀλλὰ καὶ ἡ Δημήτηρ ὄναρ ἐπιστάσα αὐτῷ ἐμέμψατο, ὅτι μόνην τῶν θεῶν οὐχ ὕμνησεν· ὁ δὲ εἰς αὐτὴν ἐποίησε ποίημα οὗ ἡ ἀρχὴ (fr. 37) Πότνια θεσμοφόρε χρυσάνιον. ἀλλὰ καὶ βωμὸν ἀμφοτέρων τῶν [2.10] θεῶν πρὸ τῆς οἰκίας τῆς ἰδίας ἰδρύσατο. Πausανίου δὲ τοῦ Λακεδαιμονίων βασιλέως ἐμπιπρῶντος τὰς Θήβας ἐπέγραψέ τις τῆ οἰκίᾳ· Πινδάρου τοῦ μουσοποιοῦ τὴν στέγην μὴ καίετε· καὶ οὕτως μόνη ἀπόρθητος ἔμεινεν, καὶ ἔστι τὸ νῦν ἐν Θήβαις πρυτανεῖον. ἀλλὰ καὶ ἐν Δελφοῖς ὁ προφήτης [2.15] μέλλων κλείειν τὸν νεῶν κηρύσσει καθ' ἡμέραν· Πίνδαρος ὁ μουσοποιὸς παρίτω πρὸς τὸ δεῖπνον τῷ θεῷ. καὶ γὰρ ἐν τῇ τῶν Πυθίων ἑορτῇ ἐγεννήθη, ὡς αὐτὸς φησι (fr. 193) Πενταετηρὶς ἑορτὰ βουπομπὸς, ἐν ᾗ πρῶτον εὐνάσθη ἀγαπατὸς ὑπὸ σπαργάνοις. λέγεται δὲ θεωροὺς ἀπιόντας εἰς [2.20] Ἄμμωνος αἰτήσαι Πινδάρῳ τὸ ἐν ἀνθρώποις ἄριστον, καὶ ἀποθανεῖν ἐν ἐκείνῳ τῷ ἐνιαυτῷ. ἐπέβαλλε δὲ τοῖς χρόνοις Σιμωνίδῃ ἢ νεώτερος πρεσβυτέρῳ· τῶν γοῦν αὐτῶν μέμνηται ἀμφοτέροι πρᾶξεων. καὶ γὰρ Σιμωνίδης (fr. 83) τὴν [3.1] <ἐν> Σαλαμῖνι ναυμαχίαν γέγραφε καὶ Πίνδαρος (fr. 272) μέμνηται τῆς Κάδμου βασιλείας. ἀλλὰ καὶ ἀμφοτέροι παρὰ Ἱέρωνι τῷ Συρακοσίῳ τυράννῳ γεγέννηται. γήμας δὲ Μεγάκλειαν τὴν Λυσιθέου καὶ Καλλίνης ἔσχεν υἱὸν Δαΐφαντον, [3.5] ᾧ καὶ δαφνηφορικὸν ἄσμα ἔγραψεν· καὶ θυγατέρας δύο, Πρωτομάχην καὶ Εὐμητιν. γέγραφε δὲ βιβλία ἑπτακαίδεκα· ὕμνους, παιᾶνας, διθυράμβων β', προσοδίων β'· παρθενίων β', φέρεται δὲ καὶ γ' ὃ ἐπιγράφεται

<sup>15</sup> O texto grego segue a edição de Drachmann (1997).

κεχωρισμένων παρθενίων· ὑπορχημάτων β', ἐγκώμια, θρήνους, ἐπινίκων δ'. [3.10] φέρεται δὲ ἐπίγραμμα ἐπὶ τῇ τελευτῇ αὐτοῦ τόδε·

Ἥ μάλα Πρωτομάχα σε καὶ Εὐμητις λιγύφωνοι  
ἔκλαυσαν πιτυταί, Πίνδαρε, θυγατέρες,  
Ἄργόθεν ἦμος ἴκοντο κομίζουσ' ἔνδοθι κρωσσοῦ  
λείψαν' ἀπὸ ξείνης ἀθρόα πυρκαϊῆς.

### 2.3 Πινδάρου ἀποφθέγματα<sup>16</sup>

[3.16] Πίνδαρος ὁ μελοποιὸς ἐρωτηθεὶς ὑπὸ τινος τί πρίονος ὀξύτερον, εἶπε· διαβολή.

Παραγενόμενος δὲ εἰς Δελφοὺς καὶ ἐρωτώμενος τί πάρεστι θύσων, εἶπε· παιᾶνα.

[3.20] Ἐπερωτηθεὶς πάλιν διὰ τί Σιμωνίδης πρὸς τοὺς τυράννους ἀπεδήμησεν εἰς Σικελίαν, αὐτὸς δὲ οὐ θέλει· ὅτι βούλομαι, εἶπεν, ἑμαυτῷ ζῆν, οὐκ ἄλλω.

Ἐρωτηθεὶς δὲ διὰ τί οὐ τῷ εὖ πράττοντι τὴν θυγατέρα [4.1] δίδωσιν, οὐ μόνον δεῖσθαί φησιν εὖ πράττοντος, ἀλλὰ καὶ πράξοντος εὖ.

Ἐρωτηθεὶς πάλιν ὑπὸ τινος διὰ τί μέλη γράφων ἄδειν οὐκ ἐπίσταται, εἶπε· καὶ γὰρ οἱ ναυπηγοὶ πηδάλια κατασκευάζοντες [4.5] κυβερνᾶν οὐκ ἐπίστανται.

Τοὺς φυσιολογοῦντας ἔφη ἀτελῆ σοφίας δρέπειν καρπὸν (fr. 209).

### 2.4 Πινδάρου γένος δι' ἐπῶν.<sup>17</sup>

[8.6] Πίνδαρον ὑψαγόρην Καδμηίδος οὐδεὶ Θήβης  
Κλειδίκη εὐνηθεῖσα μενεπτολέμω Δαϊφάντῳ  
γείνατο ναιετάουσα Κυνὸς κεφαλῆς παρὰ χώρῳ,  
οὐκ οἶον· ἅμα τῷ καὶ Ἐρίτιμον εἰδότα θήρην,

[8.10] εἰδότα πυγμαχίην τε παλαιμοσύνην τ' ἀλεγεινήν.  
τὸν μὲν ὅτε κνώσσοντα ποτὶ χθόνα κάτθετο μήτηρ  
εἰσέτι παιδνὸν ἐόντα, μέλισσά τις ὡς ἐπὶ σίμβλῳ  
χείλεσι νηπιάχοισι τιθαιβώσσουσα ποτᾶτο.  
τῷ δὲ λιγυφθόγγων ἐπέων μελέων θ' ὑποθήμων

[8.15] ἔπλετο δῖα Κόριννα· θεμείλια δ' ὥπασε μύθων

[9.1] τὸ πρῶτον· μετὰ τὴν δ' Ἀγαθοκλέος ἔμμορεν αὐδῆς,  
ὅς τέ ρά οἱ κατέδειξεν ὁδὸν καὶ μέτρον ἀοιδῆς.  
εὔτε δ' Ἀλεξάνδροι Φιλιππιάδαο μενοινῆ  
Καδμείων ἀφίκοντο Μακηδόνες ἄστεα Πέρσαι,

[9.5] Πινδαρέων μεγάρων οὐχ ἤψατο θεσπιδαῆς πῦρ.  
ἀλλὰ τὰ μὲν μετόπισθεν. ἔτι ζῶντι δ' ἀοιδῷ  
Φοῖβος ἄναξ ἐκέλευσε πολυχρύσου παρὰ Πυθοῦς  
ἦια καὶ μέθυ λαρόν ἀεὶ Θήβηνδε κομίζειν.

καὶ μέλος, ὡς ἐνέπουσιν, ἐν οὔρεσιν ἠυκέρως Πάν

[9.10] Πινδάρου αἰὲν ἄειδε, καὶ οὐκ ἐμέγηρεν ἀείδων.

<sup>16</sup> O texto grego segue a edição de Drachmann (1997).

<sup>17</sup> O texto grego segue a edição de Drachmann (1997).

ἦμος δ' ἐν Μαραθῶνι καὶ ἐν Σαλαμῖνι παρέσταν  
 αἰναρέται Πέρσαι μετὰ Δάτιδος ἀγριοφώνου,  
 τῆμος ἔτι ζώεσκεν, ὅτ' Αἰσχύλος ἦν ἐν Ἀθήναις.  
 τῶ δὲ Τιμοξείνῃ παρελέξατο δῖα γυναικῶν,  
 [9.15] ἢ τέκεν Εὐμητιν, μεγαλήτορα καὶ Δαΐφαντον,  
 Πρωτομάχην δ' ἐπὶ τοῖσιν. ἔμελψε δὲ κῦδος ἀγώνων  
 τῶν πιούρων, μακάρων παιήονας ἐνδεδεγμένους,  
 καὶ μέλος ὄρχηθμοῖο, θεῶν τ' ἔρικυδέας ὕμνους,  
 ἠδὲ μελιφθόγγων μελεδήματα παρθενικάων.  
 [9.20] τοῖος ἔων καὶ τόσσα παθῶν καὶ τόσσα τελέσσας  
 κάτθανεν ὀγδώκοντα τελειομένων ἐνιαυτῶν.

## 2.5 Três verbetes da *Suda*<sup>18</sup>

### 2.5.1 Πίνδαρος (Π 1617)

Πίνδαρος, Θηβῶν, Σκοπελίνου υἱός, κατὰ δέ τινος Δαΐφάντου· ὁ καὶ μᾶλλον ἀληθές· ὁ γὰρ Σκοπελίνου ἐστὶν ἀφανέστερος καὶ προσγενης Πινδάρου. τινὲς δὲ καὶ Παγωνίδου ἱστόρησαν αὐτόν. μαθητὴς δὲ Μυρτίδος γυναικός, γεγονώς κατὰ τὴν ξε' Ὀλυμπιάδα καὶ κατὰ τὴν Ζέρξου στρατείαν ὧν ἔτων μ'. καὶ ἀδελφὸς μὲν ἦν αὐτῶ ὄνομα Ἐρωτίων καὶ υἱὸς Διόφαντος, θυγατέρες δὲ Εὐμητις καὶ Πρωτομάχη. καὶ συνέβη αὐτῶ τοῦ βίου τελευτῆ κατ' εὐχάς· αἰτήσαντι γὰρ τὸ κάλλιστον αὐτῶ δοθῆναι τῶν ἐν τῶ βίῳ ἀθρόον αὐτόν ἀποθανεῖν ἐν θεάτρῳ, ἀνακεκλιμένον εἰς τὰ τοῦ ἔρωμένου Θεοξένου αὐτοῦ γόνατα, ἔτων νε'. ἔγραψε δὲ ἐν βιβλίοις ιζ' Δωρίδι διαλέκτῳ ταῦτα· Ὀλυμπιονίκας, Πυθιονίκας, Προσόδια, Παρθένια, Ἐνθρονισμούς, Βακχικά, Δαφνηφορικά, Παιᾶνας, Ὑπορχήματα, Ὑμνους, Διθυράμβους, Σκολιά, Ἐγκώμια, Θρήνους, δράματα τραγικά ιζ', ἐπιγράμματα ἐπικά καὶ καταλογάδην παραινέσεις τοῖς Ἑλλησι, καὶ ἄλλα πλεῖστα.

113

### 2.5.2 Πίνδαρος (Π 1618)

Πίνδαρος, Σκοπελίνου, Θηβαῖος, καὶ αὐτὸς λυρικός, ἀνεψιὸς τοῦ προτέρου.

### 2.5.3 Περὶ Πινδάρου (Π 1619)

Περὶ Πινδάρου· ὅτι τὰς Θήβας τὴν πόλιν Ἀλέξανδρον φασιν εἰς ἔδαφος κατασκάψαι καὶ πλὴν ἱερῶν τε καὶ ἱερέων τοὺς ἄλλους ἀνδραποδίσαι· καὶ τὴν Πινδάρου δὲ τοῦ ποιητοῦ οἰκίαν καὶ τοὺς ἀπογόνους τοῦ Πινδάρου λέγουσιν ὅτι ἀπαθεῖς ἐφύλαξεν, αἰδοῖ τῆ Πινδάρου, ὡς φησὶν Ἀρριανὸς ὁ ἱστορικὸς ἐν τῇ α# Ἀναβάσει Ἀλεξάνδρου.

## 2.6 Πινδάρου γένος<sup>19</sup>

<sup>18</sup> O texto grego segue a edição de Adler (2001).

<sup>19</sup> O texto grego segue a edição de Drachmann (1997).

[4.9] Πίνδαρος τὸ μὲν γένος Θηβαῖος, υἱὸς Δαΐφάντου κατὰ [4.10] τοὺς ἀληθεστέρους· οἱ δὲ Σκοπελίνου· οἱ δὲ τὸν αὐτὸν Σκοπελίνου φασίν. οἱ δὲ Παγώνδα καὶ Μυρτοῦς, ἀπὸ κώμης Κυνοκεφάλων. ἡ δὲ Μυρτῶ ἐγαμήθη Σκοπελίνῳ τῷ αὐλητῇ, ὃς τὴν αὐλητικὴν διδάσκων τὸν Πίνδαρον, ἐπεὶ εἶδε μείζονος ἕξεως ὄντα, παρέδωκε Λάσῳ τῷ Ἑρμιονεῖ μελοποιῶ, [4.15] παρ' ᾧ τὴν λυρικήν ἐπαιδεύθη. γέγονε δὲ κατὰ [τοῦς] χρόνους Αἰσχύλου, καὶ συγγεγένηται, καὶ τέθνηκεν ὅτε καὶ τὰ Περσικὰ ἤκμαζον. ἔσχε δὲ θυγατέρας δύο, [5.1] Εὐμητίν καὶ Πρωτομάχην. κατῳκεί δὲ τὰς Θήβας, πλησίον τοῦ ἱεροῦ τῆς μητρὸς τῶν θεῶν τὴν οἰκίαν ἔχων. ἐτίμα δὲ τὴν θεὸν σφόδρα, ὧν εὐσεβέστατος, καὶ τὸν Πᾶνα, καὶ τὸν Ἀπόλλωνα, εἰς ὃν καὶ πλεῖστα γέγραφε. νεώτερος δὲ ἦν [5.5] Σιμωνίδου, πρεσβύτερος δὲ Βακχυλίδου. κατὰ δὲ τὴν Ζέρξου κατάβασιν ἤκμαζε τῇ ἡλικίᾳ. ἐτιμήθη δὲ σφόδρα ὑπὸ πάντων τῶν Ἑλλήνων διὰ τὸ ὑπὸ τοῦ Ἀπόλλωνος φιλεῖσθαι οὕτως, ὡς καὶ μερίδα λαμβάνειν ἀπὸ τῶν προσφερομένων τῷ θεῷ, καὶ τὸν ἱερέα βοᾶν ἐν ταῖς θυσίαις· Πίνδαρον [5.10] ἐπὶ τὸ δεῖπνον τοῦ θεοῦ. λόγος καὶ τὸν Πᾶνα εὐρῆσαι ποτε ἄδοντα περὶ τοῦ Πέλοπος· λόγος δὲ ὅτι ποτὲ Λακεδαιμόνιοι Βοιωτοὺς ἐμπρήσαντες καὶ Θήβας ἀπέσχοντο μόνης τῆς οἰκίας αὐτοῦ, θεασάμενοι ἐπιγεγραμμένον τὸν στίχον τοῦτον· Πινδάρου τοῦ μουσοποιοῦ τὴν στέγην μὴ καίετε. [5.15] ὅπερ καὶ τὸν Ἀλέξανδρον μετὰ ταῦτά φασι πεποικέναι· καὶ γὰρ οὗτος ἐμπρήσας τὰς Θήβας μόνης ἐκείνης ἐφείσατο. ἐχθρωδῶς δὲ διακειμένων τῶν Ἀθηναίων πρὸς τοὺς Θηβαίους, [6.1] ἐπεὶ εἶπεν ἐν τοῖς ποιήμασιν· ὦ ται λιπαραὶ καὶ μεγαλοπόλιες Ἀθᾶναι, ἐζημίωσαν αὐτὸν χρήμασι Θηβαῖοι, ἅπερ ὑπὲρ αὐτοῦ ἔτισαν Ἀθηναῖοι. γέγραπται δὲ αὐτῷ ἑπτακαίδεκα βιβλία, ὧν τέσσαρα ἢ λεγομένη περίοδος λέγει τάδε· [6.5] Ὀλυμπιονίκας Πυθιονίκας Ἰσθμιονίκας Νεμεονίκας. [Ἔστι δὲ τὰ Ὀλύμπια ἀγῶν εἰς τὸν Δία, τὰ Πύθια ἀγῶν εἰς τὸν Ἀπόλλωνα, τὰ Νέμεα ἀγῶν καὶ αὐτὸς εἰς Δία, τὰ δὲ Ἰσθμια ἀγῶν εἰς Ποσειδῶνα. τὰ δὲ ἔπαθλα τούτων ἐλαία, δάφνη, σέλινον ξηρόν τε καὶ χλωρόν.] ἀλλὰ περὶ μὲν τῶν ἄλλων [6.10] καὶ τὰ ἐπιβάλλοντα τούτοις ὕστερον ἐροῦμεν· νῦν δὲ περὶ τῆς θέσεως τῶν Ὀλυμπιονικῶν λεκτέον. τινὲς μὲν οὖν ταύτην εἰς τὰ περὶ Οἰνομάου καὶ Πέλοπος τοῖς χρόνοις ἀναφέρουσι· ἄλλοι δὲ φασιν ὡς οὕτως αἰσχρὰν οὔσαν τὴν θέσιν οὐκ ἂν διεφύλαξαν· ἄλλοι δὲ Ἡρακλεῖ ἀνατιθέασιν, [6.15] ὡς καὶ Πίνδαρος (Ο. Χ), ἐνδοξότεροις κοσμῶν τὸν ἀγῶνα. ἐπεὶ γὰρ τὴν Αὐγείου κόπρον καθῆρε καὶ τῶν ἐπηγγελμένων [7.1] οὐκ ἔτυχε, συναγαγὼν στρατόπεδον τὸν τε Αὐγείαν φονεῦει καὶ τὴν Ἥλιν παρίσταται, καὶ πολλὰ λάφυρα περιποισάμενος ἀγῶνα τίθησι τοῖς μετ' αὐτοῦ πολεμήσασιν· ὅθεν καὶ τὸ ἔθος διαμεῖναι. ἀλλ' οὐδὲ αὕτη ἔμεινεν ἢ [7.5] θέσις, ἐπεὶ τῆς συμβάσεως αὐτοῖς δυσχερείας ὑπόμνησις ἦν. ἀλλ' Ἰφιτός τις καὶ Εὐρύλοχος τοὺς Κιρραίους πολεμήσαντες (οὗτοι δὲ ἦσαν οἱ τὴν παράλον τῆς Φωκίδος λησταὶ κατέχοντες) καὶ πολλὰ λάφυρα συναγαγόντες, ὁ μὲν Ἰφιτός τὰ Ὀλύμπια κατέβαλεν, ὁ δὲ τὰ Πύθια· καὶ ταύτην ἐπιμεῖναι [7.10] τὴν θέσιν συνέβη.

Τέθνηκε δὲ ὁ Πίνδαρος ἕξ καὶ ἐξήκοντα ἐτῶν γεγονῶς ἐπὶ Ἀβίωνος ἄρχοντος κατὰ τὴν ἕκτην καὶ ὀγδοηκοστὴν Ὀλυμπιάδα. ἤκουσε δὲ Σιμωνίδου.

ὁ δὲ ἐπινίκιος οὗ ἢ ἀρχή· Ἄριστον μὲν ὕδωρ, προτέτακται [7.15] ὑπὸ Ἄριστοφάνους τοῦ συντάξαντος τὰ Πινδαρικά διὰ τὸ περιεχεῖν τοῦ ἀγῶνος ἐγκώμιον καὶ τὰ περὶ τοῦ Πέλοπος, ὃς πρῶτος ἐν Ἥλιδι ἠγωνίσαστο. γέγραπται δὲ Ἰέρωνι βασιλεῖ Συρακουσίων· αἱ δὲ Συράκουσαι πόλις τῆς Σικελίας· ὃς καὶ κτίστης

ἐγένετο Αἴτνης πόλεως, ἀπὸ ὄρους αὐτῆς [8.1] οὕτως αὐτὴν ὀνομάσας. ἀποστείλας δὲ οὗτος ἵππους εἰς Ὀλυμπίαν ἐνίκησε κέλητι.

Τὸ μέτρον τούτου ὑπάρχει τριάς· τριάς δέ ἐστι ποίημα ἐν ᾧ στροφή, ἀντίστροφος, ἐπωδός.

### 3. Traduções

#### 3.1 Píndaro (P. Oxy. XXVI 2438)<sup>20</sup>

[1] Píndaro, o poeta lírico, era tebano de nascimento,<sup>21</sup> filho, segundo Corina e outras poetisas, de Escopelino, ou segundo a maioria dos poetas, de Daifanto; viveu [5] na época das Guerras Médicas e, sendo mais novo, sucedeu Simônides, que era mais velho do que ele. Aqueles que dizem que ele morreu no arcontado de Hábron,<sup>22</sup> contando cinquenta anos, ignoram isto. Pois na Atenas de Árquias,<sup>23</sup> ele competiu com um ditirambo [10] e foi vitorioso. Ora, Hábron foi o quadragésimo arconte depois de Árquias,<sup>24</sup> sendo assim impossível que Píndaro tenha participado de uma competição aos dez anos de idade. Pode-se compreender por que motivo ele não morreu sob o arcontado de Hábron: Queréfanos veio [15] sete anos depois de Hábron, na época da 8<sup>a</sup> Olimpíada, quando] Psáumis venceu na corrida de quadrigas. Píndaro escreveu em sua homenagem o encômio cujo começo é: “Ó, supremo condutor de raios”.<sup>25</sup> [Ora, seria impossível], estando já morto, [escreve]r [20] epinícios. T[eve] um filho [...] segundo alguns [...] segundo outros [...] ignorava [...] pa]rtênios [...] [25] Protômaca [...] de suas filhas [...] irmão [...] [Teve ...] filhas, [Pr]o[tô]maca [e Euméti]s, as quais mencio[na na] ode cujo começo é: “O chefe [30] das Musas, Apolo, me chama a dançar.”<sup>26</sup> [Morreu] em Argos [...] tornou-se [...] o maior [...] além disso [...] em toda a poesia [...] [35] os seus poemas [foram divididos por Aristófan]es em dezessete livros: dois livros de dit[i]ra[m]bos, dois livros de [prosódio]s, um livro de peãs, três livros de partên[i]o]s, quatro livros de [epinício]s, um livro de encômios, [no qual] os [esc]ól[i]os [...] um livro de [hi]nos, um livro de hiporquemas, [um] livro de tr[enos ...] [41] da poe[sia ...] [na corrida de] carros e tudo, segundo a natureza, [...] e e[s]tas coisas que costumava declama[r]: “Sábio aquele] cujo grande saber é inato; [mas] os aprendizes,

<sup>20</sup> As suplementações ao texto seguem aquelas que se encontram em Jacoby et al. (2019).

<sup>21</sup> O termo aqui traduzido por “nascimento” é *génos*, de sentido bastante amplo. O *Dicionário Grego-Português* (2006, p. 181) elenca as seguintes acepções para o termo: “nascimento”, “condição de nascimento”, “origem”, “descendência”, “família”, “linhagem”, “raça”, “tribo”, “nação”, “geração”, “casta”, “classe”, “grupo”. Para uma justificativa da escolha apresentada, ver *supra*, ‘Sobre a tradução’.

<sup>22</sup> Arconte de Atenas entre 458 e 457 a.C. (SAMUEL, 1972, p. 207).

<sup>23</sup> Arconte de Atenas, a contar por este testemunho, entre 497 e 496 a.C. (SAMUEL, 1972, p. 205).

<sup>24</sup> O arcontado era anual.

<sup>25</sup> (*Olimpica* 4, 1). Epinício dedicado a Psáumis de Camarina, antiga cidade da Sicília.

<sup>26</sup> (Fr. 116). A numeração dos fragmentos de Píndaro segue a edição de Snell-Maehler (1989).

i[moderados palavr]osos, são como corvos cantan[do] sem tino [frente] à ave divina [de Zeus].”<sup>27</sup>

### 3.2 Vida de Píndaro (*Vita ambrosiana*)<sup>28</sup>

[1.1] Píndaro, o poeta, era tebano de Cinocéfalas,<sup>29</sup> que é um distrito de Tebas; era filho de Daifanto ou, segundo outros, de Pagondas. Alguns o fazem descendente de Escopelino, outros dizem que Escopelino era seu padrasto e que, sendo tocador de aulo, ensinou a Píndaro [1.5] a sua arte. Sua mãe era Cleodice; outros escrevem Cleodice.

Quando criança, segundo contam Camaleão e Istro, Píndaro estava caçando sozinho aos pés do Hélicon quando caiu no sono, acometido por uma grande fadiga. Enquanto dormia, uma abelha pousou em sua boca e fez ali um favo de mel. Outros contam que viu num sonho [1.10] sua boca cheia de mel e de cera, e que então voltou-se para a arte poética.

Alguns dizem que seu professor em Atenas foi Agátocles, outros, Apolodoro;<sup>30</sup> dizem também que este último liderava os coros circulares<sup>31</sup> e que, estando ausente da cidade, confiou sua direção a Píndaro, que era apenas um garoto, e que Píndaro organizou tão bem [1.15] os coros que se tornou célebre. Por ter proclamado Atenas “o esteio da Grécia”,<sup>32</sup> foi multado pelos tebanos em mil dracmas, que [2.1] foram pagas em seu nome pelos atenienses.

Não era apenas um poeta de talento inato, mas também um homem amado pelos deuses. Tanto é assim que o deus Pã foi visto entre o Citéron e o Hélicon cantando um peã de Píndaro; por essa razão, compôs uma canção para o deus na qual demonstra [2.5] gratidão pela honra que lhe fora concedida, cujo começo é: “Pã, Pã, da Arcádia protetor e dos áditos sagrados guardião”.<sup>33</sup> Além disso, Deméter, aparecendo num sonho, censurou-o por ser a única entre os deuses a qual ele não havia dedicado um hino; compôs então um poema para a

<sup>27</sup> (*Olímpica* 2, 86-88). Omitiu-se na tradução, por economia poética, a informação do dual, “dois corvos”.

<sup>28</sup> A organização em parágrafos da tradução segue a proposta de Daude et al. (2013).

<sup>29</sup> O nome Cinocéfalas remete às colinas conhecidas como “Cabeças de Cão” (cf. *infra* nota 42).

<sup>30</sup> Personagens obscuros, cf. Daude et al. (2013, p. 81).

<sup>31</sup> O sentido primeiro de “coro” (*chorós*) em grego remete à dança, não ao canto. O *DGP* (2006, p. 245) elenca as seguintes acepções para o termo: “coro de dança”, “dança coral acompanhada de canto” e, apenas posteriormente, “canto coral que acompanha a dança”, “coro trágico”. Conforme observam Daude et al. (2013, p. 82), o coro circular (*kýklios chorós*) aqui mencionado está associado ao ditirambo dionísíaco, performance de canto e dança “que florescia em Atenas na época em que Píndaro concluiu sua formação”. Em *Píndaro* 5, *supra*, menciona-se a participação de Píndaro nos concursos ditirâmbicos.

<sup>32</sup> (Fr. 76).

<sup>33</sup> (Fr. 95).

ela, cujo começo é: “Legisladora soberana das rédeas de ouro”.<sup>34</sup> Além disso, ergueu um altar para ambos os [2.10] deuses diante de sua própria casa.

Quando Pausânias, rei dos espartanos, incendiava Tebas, alguém escreveu em sua casa: “Não queimem o teto de Píndaro, o artesão das Musas”; de modo que a sua foi a única casa que permaneceu inviolada, e agora é o pritaneu de Tebas.

Além disso, todos os dias, em Delfos, o profeta [2.15] proclama quando está prestes a fechar o templo: “Que Píndaro, o artesão das Musas, esteja presente para cear com o deus”. Pois ele nasceu durante o festival dos Jogos Píticos, segundo conta ele próprio: “Festa quadrienal de bois em procissão, na qual fui primeiro embalado, bem-amado, sob os lençóis”.<sup>35</sup> Diz-se que enviados foram ao templo de [2.20] Ámon<sup>36</sup> pedir para Píndaro o que de melhor pode ocorrer a um homem, e que ele morreu naquele ano.

Seguiu-se cronologicamente a Simônides, como um jovem em relação a um velho; de fato, ambos fazem menção aos mesmos eventos. Pois Simônides escreveu sobre a [3.1] batalha naval em Salamina,<sup>37</sup> e Píndaro fez menção ao reinado de Cadmo.<sup>38</sup> Além disso, ambos frequentaram a corte de Hierão, o tirano de Siracusa.

Casou-se com Megacleia, filha de Lisiteu e Calina, e teve por filho Daifanto, [3.5] para quem escreveu uma canção na ocasião das Dafnefórias;<sup>39</sup> teve também duas filhas, Protômaca e Eumétis. Escreveu dezessete livros: hinos; peãs; dois livros de ditirambos; dois livros de prosódios; dois livros de partênios, além dos quais circula um terceiro, intitulado *Partênios independentes*; dois livros de hiporquemas; encômios; trenos; quatro livros de epinícios.

[3.10] Corre o seguinte epigrama sobre a sua morte:

*Tanto choraram Protômaca e Eumétis de clara voz  
filhas prudentes, ó Píndaro, decerto por ti,  
quando de Argos vieram, cuidando da urna em que  
teus restos mortais recolheram do fogo estrangeiro.*

<sup>34</sup> (Fr. 37).

<sup>35</sup> (Fr. 193).

<sup>36</sup> Drachmann (1997) registra a conjectura de Leutsch, que sugere Apolo (Ἀπόλλωνα) em lugar de Ámon (Ἄμμωνος). No entanto, segundo Daude et al. (2013, p. 96-8), essa correção pode ter por fim adequar o texto da *Vida* ao testemunho de Plutarco (*Quaest. Conv.* 717d). As autoras recordam que um santuário de Zeus-Ámon, forma sincretizada da divindade egípcia, é mencionado por Píndaro na *Pítica* 4 (13-15), e que o poeta teria composto um hino em honra desse deus, cujo primeiro verso foi preservado por um escoliasta (Schol. P. IX, 90b-c): Ἄμμων Ὀλύμπου δέσποτα (“Ámon, senhor do Olimpo”, fr. 36).

<sup>37</sup> (Fr. 536 Page).

<sup>38</sup> (Fr. 272).

<sup>39</sup> Festival tebano em honra de Apolo Ismênio, cuja procissão era liderada por um garoto, o *daphnēphoros* (“portador do louro”).

### 3.3 Máximas de Píndaro

[3.16] Certa vez perguntaram a Píndaro, o poeta mélico: “O que é mais cortante que uma serra?”, e ele respondeu: “A calúnia”.

Quando estava a caminho de Delfos, perguntaram-lhe que oferenda trazia para o sacrifício, e ele respondeu: “Um peã”.

[3.20] Em outra ocasião, perguntaram-lhe por que não fazia como Simônides, que deixara a pátria para viver com os tiranos na Sicília, e ele respondeu: “Pois desejo viver para mim, não para outrem”.

Quando lhe perguntaram por que não daria [4.1] sua filha em casamento a um homem de boa vida, e ele respondeu que era preciso não apenas ter boa vida, mas também perseguir uma vida boa.

Em outra ocasião, alguém lhe perguntou por que não sabia cantar, uma vez que escrevia canções, e ele respondeu: “Pois os carpinteiros que fabricam o leme do navio [4.5] tampouco sabem pilotar”.

Os filósofos naturais, dizia, colhem o fruto inacabado da sabedoria.<sup>40</sup>

### 3.4 Nascimento de Píndaro em versos épicos (*Vita metrica*)

[8.6] Píndaro o altissonante nasceu lá em Tebas cadmeia,  
dado à luz por Cleidice gestante do bravo Daifanto,<sup>41</sup>

ela que perto vivia das ditas Cabeças de Cão,<sup>42</sup>

gerou com ele Eritimo,<sup>43</sup> caçador de feras exímio,

[8.10] ás na contenda do boxe e na arte da luta atroz.

Píndaro dormia um dia, pousado no chão pela mãe,

quando uma abelha que ali voejava pôs mel nos seus lábios,

lábios de um garotinho, pensando ser uma colmeia.

Foi para ele instrutora de agudas canções e palavras

[8.15] a diva Corina; legou-lhe dos mitos o fundamento,

[9.1] primeiramente; depois tomou parte do canto de Agátocles,

que lhe mostrou o caminho e o metro da sua canção.

<sup>40</sup> (Fr. 209).

<sup>41</sup> Nesta versão, tanto o pai quanto o filho de Píndaro recebem o nome de Daifanto, conforme o hábito, comum entre os antigos gregos, de que o neto receba o nome do avô, cf. Daude et al. (2013, p. 103).

<sup>42</sup> “Cabeças de Cão” (Κυνός κεφαλαί) é o nome por que eram conhecidas as colinas que se erguem entre Tebas e Téspias, na Beócia, mencionadas por Xenofonte em *Agesilau* 2.22, cf. Smith (1872, p. 726).

<sup>43</sup> O nome Eritimo, que aqui nomeia um irmão gêmeo fictício de Píndaro, aparece na *Olímpica* 13 a Xenofonte de Corinto, como nome de um parente do vencedor, que teria competido nos Jogos Ístmicos. Trata-se, possivelmente, de um primo de Téssalo, pai de Xenofonte, e, portanto, seu primo de segundo grau (VERITY, 2008, p. 154). Para Daude et al. (2013, p. 150), a caracterização de Eritimo como um “homem de ação”, em contraste com o caráter de Píndaro, revela uma “engenhosa criação mítico-biográfica”, baseada no tema dos gêmeos opostos, como Anfion (contemplativo) e Zeto (ativo), filhos de Zeus com Antíope.

Quando seguindo o desejo de Alexandre, filho de Filipe,  
vieram os da Macedônia pilhar a cidade cadmeia,  
[9.5] a casa de Píndaro ficou a salvo do fogo divino.  
Mas essas coisas se deram depois. Quando vivia o cantor,  
Febo o senhor ordenou que de Delfos, de ouro abundante,  
sempre a Tebas trouxesse comida e o vinho mais doce.  
Segundo contam, no alto dos cimos, Pã de cornos belos  
[9.10] cantava sempre a sua canção, sem cobiça cantando.  
Quando os persas vorazes marchavam sobre Maratona  
e Salamina, com Dátis de língua selvagem à frente,  
ele então já vivia, pois que Ésquilo estava em Atenas.  
E a seu lado dormia Teoxena,<sup>44</sup> mulher mui divina,  
[9.15] que mãe seria de Eumétis, Daifanto de grande coragem,  
e depois deles, Protômaca. A glória dos quatro concursos  
fez celebrar, com peãs acolhidos pelos venturosos,  
música para as danças, os hinos ilustres aos deuses,  
e a atenção devotada às moças de voz doce mel.  
[9.20] Tendo vivido assim, tantas coisas provado e feito,  
veio a morrer na idade de oitenta anos completos.

### 3.5 Três verbetes da *Suda*

#### 3.5.1 Píndaro (II 1617)

Píndaro, de Tebas, filho de Escopelino ou, segundo outros, de Daifanto; tal é a versão mais verdadeira, pois o filho de Escopelino é mais obscuro, e parente de Píndaro. Outros ainda o registram como filho de Pagônide.<sup>45</sup> Foi aluno de uma mulher, Mirtis, tendo nascido na época da 65<sup>a</sup> Olimpíada,<sup>46</sup> e na época da expedição de Xerxes<sup>47</sup> contava 40 anos. Ele tinha um irmão, de nome Erócio, e um filho, Diofanto, e suas filhas eram Eumétis e Protômaca. O fim da vida sobreveio segundo suas preces: tendo rogado que lhe fosse dado o que de mais belo há na vida, morreu no teatro, reclinado sobre os joelhos de seu amado Teoxeno,<sup>48</sup> aos 55 anos. Escreveu dezessete livros em dialeto dórico, quais sejam:

<sup>44</sup> Variante do nome Teoxeno, que figura no fr. 123 como objeto de desejo da *persona loquens* (cf. *infra* nota 48). Assim, a ligação pederástica de que trata o poema é transformada num matrimônio heterossexual fictício, numa provável correção de cunho moralizante condizente com a época de composição desta *Vida* ou de seus modelos.

<sup>45</sup> Possível variante do nome Pagondas.

<sup>46</sup> 520-16 a.C. (CADOUX, 1948, p. 112).

<sup>47</sup> 480 a.C., aproximadamente. (CADOUX, 1948, p. 112).

<sup>48</sup> Teoxeno é o nome do rapaz cobiçado no fr. 123, um *paidikón*, ou “canção de elogio pederástico”, cf. Ragusa (2017, p. 189).

*Olímpicas, Píticas, Prosódios, Partênios, Entronizações, Báquicas, Dafnefóricas, Peãs, Hiporquemas, Hinos, Ditirambos, Escólios, Encômios, Trenos*, dezessete dramas trágicos, epigramas em versos épicos e uma exortação em prosa aos gregos, além de muitos outros.

### 3.5.2 Píndaro (II 1618)

Píndaro, filho de Escopelino, tebano, também ele poeta lírico, e primo do primeiro.

### 3.5.3 Sobre Píndaro (II 1619)

Sobre Píndaro: contam que Alexandre deitou por terra a cidade de Tebas e, exceto pelas sacerdotisas e sacerdotes, escravizou os demais; e quanto à casa e os descendentes do poeta Píndaro, dizem que os guardou incólumes, por respeito a Píndaro, segundo conta o historiador Arriano no Livro I da *Anábase de Alexandre*.

### 3.6 Nascimento de Píndaro (*Vita thomana*)

120

[4.9] Píndaro era tebano de nascimento, filho de Daifanto segundo [4.10] as fontes mais verdadeiras; segundo outros, de Escopelino; outros contam que era filho adotivo de Escopelino.<sup>49</sup> Outros, que era filho de Pagondas e de Mirto, do distrito de Cinocéfalas. Mirto casou-se com Escopelino, o tocador de aulo, que ensinou a Píndaro a aulética. Quando viu que Píndaro possuía uma habilidade superior, entregou-o a Lasso de Hermíone, o poeta mélico, [4.15] pelo qual foi educado na lírica.

Nasceu pelos tempos de Ésquilo, com quem conviveu, e morreu no auge das Guerras Pérsicas.

Teve duas filhas, [5.1] Eumétis e Protômaca. Morava em Tebas e sua casa ficava nas cercanias do templo da mãe dos deuses.<sup>50</sup> Louvava a deusa sobremaneira, sendo profundamente piedoso, bem como Pã e Apolo, deus ao qual dedicou mais escritos.

Era mais jovem que [5.5] Simônides e mais velho que Baquílides. Na época da invasão de Xerxes, estava na flor da idade.

Foi louvado sobremaneira por todos os gregos, pois Apolo o amava tanto que ele recebia uma porção das oferendas trazidas para o deus, e o sacerdote bradava nos sacrifícios: [5.10] “Píndaro, a ceiar com o deus!”. Corre a lenda de que

<sup>49</sup> Adotou-se aqui a lição de QΘ, οἱ δὲ θετὸν αὐτὸν Σκοπελίνου φάσιν, visto que a lição preferida por Drachmann (1997), τὸν αὐτὸν Σκοπελίνου, não tem sentido claro.

<sup>50</sup> Epíteto de Reia-Cibeles.

certa vez se deparou com Pã cantando sobre Pélops.<sup>51</sup> Também corre a lenda de que quando os espartanos arrasaram a Beócia e Tebas, deixaram de pé somente a sua casa, vendo que nela estava inscrito o seguinte verso: “Não queimem o teto de Píndaro, o artesão das Musas”. [5.15] É também por isso, dizem, que Alexandre fez o que fez tempos depois; pois quando incendiou Tebas, deixou a salvo aquela única casa.

Na época em que os atenienses nutriam uma disposição hostil contra os tebanos, [6.1] declarou em seus poemas: “Ó lustrosa e grandiosa cidade de Atenas”.<sup>52</sup> Foi por isso multado pelos tebanos numa soma em dinheiro, que foi paga em seu nome pelos atenienses.

Escreveu dezessete livros, quatro dos quais nomeados a partir do assim chamado Período:<sup>53</sup> [6.5] *Olímpicas*, *Píticas*, *Ístmicas*, *Nemeias*. [A competição de Olímpia é dedicada a Zeus, a competição Pítica, a Apolo, a competição de Nemeia, também a Zeus, e a competição Ístmica, a Posídon. Seus prêmios são oliva, louro, salsão seco e salsão fresco.]

Sobre os demais livros, porém, [6.10] e dos que se seguem a esses, falaremos depois. Por ora, toca falar da instituição dos Jogos Olímpicos. Alguns a fazem remontar ao tempo das histórias de Enomau e Pélops; outros consideram essa versão ultrajante, e afirmam que não deveria ser conservada; outros, [6.15] incluindo Píndaro,<sup>54</sup> atribuem a instituição dos Jogos a Hércules, ornando a competição com maiores glórias. Pois depois que Hércules limpou o esterco do estábulo de Augeu e as promessas [7.1] não foram cumpridas, reuniu um exército, matou Augeu e subjugou a Élide; tendo recolhido um espólio vultoso, instituiu uma competição para todos os que guerrearam com ele. Desde então, o costume perdurou. Mas a instituição não [7.5] permaneceu, visto que era uma recordação do ódio que se havia instalado entre eles. Porém, quando um certo Ífito e Euríloco guerrearam contra os de Cirra (os quais eram piratas que controlavam a costa da Fócida)<sup>55</sup>, Ífito, reunindo um espólio vultoso, fundou os

<sup>51</sup> Provável alusão à *Olímpica* 1 (30-52). De acordo com Daude et al. (2013, p. 140), é possível que a menção a Pélops tenha por fim evocar o amor de Posídon por este (utilizado por Píndaro para contrapor a versão dominante do mito, na qual os deuses canibalizam Pélops), e servir de modelo para uma suposta tradição do amor de Pã por Píndaro, cf. o testemunho de Plutarco (*Numa* 63c).

<sup>52</sup> (*Pítica* 7, 1).

<sup>53</sup> Por “período” designava-se tradicionalmente o ciclo dos quatro grandes Jogos Pan-helênicos. Conforme conjecturam Daude et al. (2013, p. 141-2), é possível que a reunião dos livros de epínícios pindáricos por Calímaco também recebesse esse título, de modo que esta talvez seja uma informação livresca.

<sup>54</sup> Cf. *Olímpica* 10, 55-9: “[O tempo] mostrou claramente:/ como Hércules dividiu o botim,/ofereceu o melhor em sacrifício/e fundou então/a festa quadrienal, com a primeira Olimpíada/e os prêmios da vitória.”

<sup>55</sup> A Fócida era uma região da Grécia Central que abarcava, além de Cirra, a cidade de Delfos. Cirra, cidade costeira banhada pelas águas do Golfo de Corinto, e que funcionava como o “porto de Delfos” (*Políbio* 27), foi o palco de uma guerra contra a liga Anfictiônica, liderada por Delfos, entre 595 e 585 a.C. (SMITH, 1870, p. 707)

Jogos Olímpicos, e Euríloco, os Píticos; e essa instituição dos jogos [7.10] acabou por perdurar.

Píndaro morreu tendo cumprido sessenta e seis anos, sob o arcontado de Ábion, na época da 86<sup>a</sup> Olimpíada.<sup>56</sup> Foi ouvinte de Simônides.

O epinício cujo começo é: “Excelente é a água”, foi posto em primeiro lugar [7.15] na ordenação de Aristófanos, organizador das obras de Píndaro, por conter o encômio dos jogos e a história de Pélops, que foi o primeiro a competir na Élide. Foi escrito para Hierão, rei de Siracusa (Siracusa é uma cidade da Sicília); Hierão foi o fundador da cidade de Etna, assim nomeada a partir da montanha [8.1] de mesmo nome. Tendo enviado seus cavalos a Olímpia, foi vencedor na corrida de cavalos.

Seu metro é a tríade: tríade é um poema no qual há estrofe, antístrofe e epodo.

## REFERÊNCIAS

ADLER, Ada. (Ed.). **Lexicographi Graeci**. Vol. 1: Suidae Lexicon. Reimpressão fac-similar. Munique, Leipzig: K. G. Saur, 2001.

122

BEEKES, Robert. **Etymological Dictionary of Greek**. 2 vol. Leiden: Brill, 2010.

BOTERF, Nicholas; TARETTO, Erika. Pindar: a Guide to Selected Sources. **Living Poets**, Durham, 2015. Disponível em: <  
[https://livingpoets.dur.ac.uk/w/Pindar:\\_A\\_Guide\\_to\\_Selected\\_Sources](https://livingpoets.dur.ac.uk/w/Pindar:_A_Guide_to_Selected_Sources)>  
Acessado em 14 de julho de 2022.

CADOUX, T. J. The Athenian Archons from Kreon to Hypsichides. **The Journal of Hellenic Studies**, v. 68, p. 70-123, 1948.

DAUDE, Cécile et al. **Scholies à Pindare**. Vol. I – Vies de Pindare et scholies à la première Olympique. Besançon: Institut des Sciences et Techniques de l’Antiquité, 2013.

DE MOURA, Camila. **Vidas trágicas: Ésquilo, Sófocles e Eurípidos no imaginário helenístico**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

---

<sup>56</sup> 436-2 a.C. (CADOUX, 1948, p. 112).

DICIONÁRIO GREGO-PORTUGUÊS (DGP). Coordenação de Daisi Malhadas, Maria Celeste Consolin Dezotti e Maria Helena de Moura Neves. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

DRACHMANN, Anders Björn. (Ed.). **Scholia vetera in Pindari carmina**. Vol. 1: Scholia in Olympionicas. Reimpressão fac-similar, Leipzig: Teubner, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony. (Ed.). **The Oxford Classical Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

JACOBY, Felix et al. (Ed.). **Die Fragmente der Griechischen Historiker Continued**. IV A: Biography. Leiden: Brill, 2019.

KIMMEL-CLAUZET, Flore. **Morts, tombeaux et cultes des poètes grecs**. Bordeaux: Éditions Ausonius, 2013.

KIVILO, Maarit. **Early Greek Poets' Lives. The Shaping of the Tradition**. Leiden: Brill, 2010.

LEFKOWITZ, Mary. **The Lives of the Greek Poets**. 2. ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2012.

LEFKOWITZ, Mary. The Poet as Hero: Fifth-Century Autobiography and Subsequent Biographical Fiction. **The Classical Quarterly**, v. 28, n. 2, p. 459-469, 1978.

LOBEL, E. (Ed.). **The Oxyrhynchus Papyri, XXVI**. London: Egypt Exploration Society, 1961.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **The Development of Greek Biography**. Londres: Harvard University Press, 1993.

NAGY, Gregory. **The Best of Achaeans**. Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry. Edição revisada. Baltimore, Londres: The Johns Hopkins University Press, 1999.

NEUMANN-HARTMANN, Arlette. Pindar and His Commentator Eustathius of Tessalonica. In: CURRIE, B. et al. (Ed.). **The Reception of Greek Lyric Poetry in**

**the Ancient World:** Transmission, Canonization and Paratext. Leiden: Brill, 2019. p. 533-552.

OLIVA NETO, João Ângelo. O hexâmetro datílico de Carlos Alberto Nunes: teoria e repercussões. **Revista Letras**, v. 89, p. 187-204, 2014.

RAGUSA, Giuliana. A tradição do *paidikón* na mélica grega arcaica: testemunhos e canções. **Phaos**, v. 17, n. 1, p. 187-212, 2017.

SAMUEL, Alan Edouard. **Greek and Roman Chronology**. Munique: C. H. Beck, 1972.

SMITH, William. **Dictionary of Greek and Roman Antiquities**. Vol. I. Londres: John Murray, 1890.

SMITH, William. (Ed.). **Dictionary of Greek and Roman Geography**. Vol I. Boston: Little Brown and Company, 1870.

SMITH, William. **Dictionary of Greek and Roman Geography**. Vol II. Boston: Little Brown and Company, 1872.

124

SNELL, B.; MAEHLER, H. (Ed.). **Pindari Carmina cum Fragmentis**. Pars II: Fragmenta. Leipzig: Teubner, 1989.

UREÑA PRIETO, Maria Helena et al. **Índice de nomes próprios gregos e latinos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995a.

UREÑA PRIETO, Maria Helena et al. **Do grego e do latim ao português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995b.

VERITY, Anthony. (Trad.). **Pindar**. The Complete Odes. Oxford: Oxford University Press, 2008.

WESTERMANN, Anton. (Ed.). **ΒΙΟΓΡΑΦΟΙ**. Vitarum scriptores Graeci minores. Reimpressão. Amsterdã: Hakkert, 1964.

Data de envio: 18/07/2022

Data de aprovação: 20/10/2022

Data de publicação: 31/10/2022

**Leonardo Bruni, *Cicero Novus* 4-14**

Adriano Scatolin  
Universidade de São Paulo (USP)  
adrscatolin@usp.br

**RESUMO:** Apresenta-se a tradução anotada de *Cicero Novus* 4-14, de Leonardo Bruni, acompanhada de nota introdutória que explicita as principais mudanças feitas pelo autor em relação à *Vida de Cícero* de Plutarco, modelo da biografia bruniana.

**Palavras-chave:** Leonardo Bruni; Plutarco; Cícero; *Cicero Novus*.

**Leonardo Bruni, *Cicero Novus* 4-14**

**ABSTRACT:** This paper presents the annotated translation of Leonardo Bruni's *Cicero Novus* 4-14. The translation is preceded by an introductory note that describes the main changes the author made to Plutarch's narrative in his *Life of Cicero*, Bruni's model for his biography.

**Keywords:** Leonardo Bruni; Plutarch; Cicero; *Cicero Novus*.

## Nota introdutória

Em 1415, o humanista aretino Leonardo Bruni (c. 1370–1444) publica o seu *Cícero Novo*, biografia de Cícero em que buscava reescrever e emular a *Vida de Cícero*, de Plutarco, do ponto de vista da invenção e da disposição.<sup>1</sup> A estrutura da *vita* bruniana é bastante simples: depois de uma carta a Niccolò Niccoli que serve de prólogo à obra (C.N. 1–3), a narrativa cronológica da vida de Cícero segue sem interrupções de C.N. 4 a 52, num recorte que vai do nascimento de Cícero à ditadura de César; em C.N. 53–72, temos uma pausa na narrativa, com duas seções temáticas: C.N. 53–63, dedicada à obra de Cícero, e C.N. 64–72, que aborda o seu caráter e questões associadas à sua família; em C.N. 73–84, por fim, a narrativa é retomada com os Idos de Março e a descrição da luta de Cícero contra Marco Antônio que se seguiu à morte de César, até a ascensão de Otaviano, a formação de sua aliança com Antônio e Lépido, as proscricções e a execução de Cícero.

Neste trabalho, apresentamos a tradução anotada do trecho inicial da narrativa bruniana (C.N. 4–14), passo correspondente a Plut. *Cic.* 1–9 e cujo recorte temporal vai do nascimento de Cícero, em 106, ao exercício da pretura, em 66. Este segmento inicial do *Cícero Novo* é particularmente adequado para o estudo das mudanças operadas por Bruni na narrativa plutarquiana, porque é sobretudo neste trecho que o Aretino segue o modelo mais de perto.<sup>2</sup> Assim, como nota introdutória à tradução, elencamos os principais cortes e acréscimos feitos pelo autor à matéria do relato de Plutarco, procurando, ao mesmo tempo, estabelecer os critérios que o teriam levado a operar tais mudanças.<sup>3</sup> O resultado, como veremos, é uma narrativa mais fluente, desprovida de digressões, cronologicamente mais clara e coesa, e que substitui o viés moral plutarquiano por um viés político, republicano e de caráter laudatório.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. C.N. 3.1: *Nos igitur et Plutarcho et eius interpretatione omissis, ex iis que vel apud nostros vel apud Grecos de Cicerone scripta legeramus, ab alio exorsi principio vitam et mores et res gestas eius maturiore digestionem et pleniore notitia, non ut interpretes sed pro nostro arbitrio voluntateque, descripsimus.* [ Nós, então, deixamos de lado tanto Plutarco como a sua tradução e baseamo-nos na leitura do que nossos autores ou os gregos escreveram sobre Cícero; partindo de outro princípio, com uma ordenação mais desenvolvida e um conhecimento mais pleno, descrevemos sua vida, seus costumes, seus feitos, não como tradutores, mas segundo nosso arbítrio e vontade.”] A tradução a que Bruni se refere é a de Iacopo Angeli, a primeira em latim da *Vida de Cícero* plutarquiana (1401), que o Aretino procurará superar do ponto de vista da elocução.

<sup>2</sup> No tratamento do consulado de Cícero, por exemplo, Bruni fará amplo uso de Salústio e de Cícero; no do proconsulado e da Guerra Civil, apoiar-se-á fortemente na correspondência ciceroniana; no pós-Idos de Março, utilizará as cartas de Cícero da época e, sobretudo, as suas *Filípicas*.

<sup>3</sup> Na carta-prólogo (C.N. 3.2), Bruni afirma poder justificar cada acréscimo feito à narrativa plutarquiana: *Est autem nihil a nobis temere in historia positum, sed ita ut de singulis rationem reddere et certa probatione asserere valeamus.* [ Não acrescentamos nenhum elemento inconsiderado a nossa história, sendo capazes de justificar e sustentar cada um deles segundo um critério preciso”].

<sup>4</sup> Cf. a síntese da mudança de foco de Bruni em Ianziti (2012, p. 60).

## 1. As mudanças do *Cícero Novo* em relação à *Vida de Cícero* plutarquiana

### 1.1 Cortes e omissões

Em C.N. 4-14, Leonardo Bruni realiza dois tipos de corte na matéria que seleciona da narrativa de Plutarco. O primeiro é o que podemos chamar de **omissão estrutural**: Bruni elimina de seu relato um grande número de detalhes que parece considerar digressivos ou anedóticos, irrelevantes, portanto, para o andamento e a fluência de sua narrativa. Esse tipo de corte pode ser total ou parcial: por vezes, Bruni seleciona um ou outro ponto que considera essencial de uma caracterização, descartando os detalhes restantes.

Em C.N. 5.6, Bruni elimina a caracterização que Plutarco faz do filósofo Fílon de Larissa em *Cic.* 3.1 (“aquele cuja eloquência os Romanos mais admiravam e cujo carácter mais prezavam”),<sup>5</sup> substituindo-a por uma explicação circunstancial (“que então vivia em Roma”), que contribui para a clareza da narrativa. De fato, não seria evidente, para o leitor contemporâneo de Bruni (como talvez o fosse para o de Plutarco), que Fílon se havia transferido de Atenas para Roma, o que permitiria a Cícero acompanhar suas lições. Na mesma linha, em C.N. 7.4, Bruni suprime todos os detalhes de *Cic.* 4.2 sobre a doutrina de Antíoco de Ascalão, contentando-se com os comentários mais gerais de 4.1, e, em C.N. 10.5, suprime a anedota sobre o ator Esopo referida em *Cic.* 5.5, que servia apenas para ilustrar o aspecto patético de sua atuação no teatro trágico romano, atendo-se à informação mais concreta de que Cícero estudara o ator para corrigir sua voz (e, acrescenta a Plutarco, sua gesticulação).

O Aretino também elimina de sua narrativa comentários sobre o teor e o contexto dos discursos de Cícero. Assim, corta *Cic.* 3.4-5, que contextualiza a *Defesa de Róscio*, e o longo trecho que vai de *Cic.* 7.3 a 8.5, que versa sobre o caso Verres.<sup>6</sup> De maneira geral, comentários mais detalhados sobre as obras de Cícero ficam restritos, no *Cícero Novo*, a uma seção *per speciem* exclusivamente dedicada à catalogação e caracterização dos escritos ciceronianos, C.N. 53-63, dos quais os capítulos 57 e 60-63 são dedicados à oratória.<sup>7</sup> Todos os discursos mencionados

<sup>5</sup> Todas as traduções da *Vida de Cícero* de Plutarco são tomadas a Várzeas (2012).

<sup>6</sup> Observe-se, de passagem, que um dos gracejos feitos durante a causa de Verres, citado por Plutarco em *Cic.* 7.8, é transposto para C.N. 65.5, passo em que Bruni trata da causticidade de algumas réplicas de Cícero.

<sup>7</sup> O capítulo 57 consiste num catálogo dos discursos, ao passo que em 60-63 temos a valoração da oratória ciceroniana, seguida de comentários a alguns discursos específicos e observações sobre a postura de Cícero como orador.

na porção narrativa da biografia servem para ilustrar algum momento da carreira do Arpinate ou fazem parte integrante dos acontecimentos ali narrados.<sup>8</sup>

Por fim, no relato da questura de Cícero (C.N. 11–12), Bruni suprime a notícia de que o Arpinate defendera com sucesso, em tribunal, jovens nobres romanos (Cic. 6.2), e descarta quase todo o capítulo 9 da biografia plutarquiiana, dedicado à pretura de Cícero, dele retendo, em C.N. 14.5–6, apenas sua caracterização da vitória eleitoral sobre concorrentes importantes e da atividade do Arpinate como presidente de tribunal, correspondente a Cic. 9.1, e suprimindo todo o restante, que consiste em anedotas que ilustram tal caracterização. É de notar que tais anedotas, tanto a da questura como as da pretura, são muito favoráveis e elogiosas a Cícero, o que nos leva à conclusão de que, em sua pesagem dos prós e contras para a seleção da matéria, Bruni teria considerado que, a despeito da imagem positiva que projetavam da atividade política de Cícero, o que estaria em acordo com seu viés republicano e laudatório (ver abaixo), elas acabariam por atravancar o andamento da narrativa.

Ao lado da omissão estrutural está um segundo tipo de corte, a **omissão por viés**, ou seja, o corte de praticamente todo elemento que fira os critérios fulcrais adotados por Bruni em sua caracterização de Cícero, dos quais o principal, e mais evidente, é o **viés laudatório** da obra. Com isso, são suprimidas não apenas as críticas sistemáticas que Plutarco faz ao caráter de Cícero, como sua busca excessiva da glória, por exemplo, ou o uso desmesurado do humor,<sup>9</sup> como também elementos negativos pontuais e incidentais. Em Cic. 1.2, Plutarco apresenta duas versões sobre as origens do pai de Cícero, embora não se decida sobre elas nem lhes dê grande crédito:<sup>10</sup> segundo o que dizem alguns, teria nascido e sido criado na oficina de um pisoeiro, ou seja, teria uma origem baixa e absolutamente humilhante; segundo outros, suas origens remeteriam a Túlio Átio, rei dos volscos. Em C.N. 4.1–2, Bruni não apenas suprime, como seria de prever, a menção à origem humilde, restringindo-se à versão prestigiosa da

<sup>8</sup> Cf. C.N. 6.2 (a *Defesa de Róscio* é mencionada para ilustrar a entrada de Cícero na carreira oratória); 17.4 (o segundo discurso *Sobre a lei agrária* exemplifica a atuação política de Cícero no início de seu consulado); 22.3 (a primeira *Catilinária* é proferida por Cícero para denunciar ao Senado a conjuração de Catilina); 26.3 e 27.1 (menção à quarta *Catilinária*, discurso em que Cícero consulta o Senado sobre o que fazer aos conspiradores capturados com provas comprometedoras); 38.2 (Bruni cita a *Defesa de Milão* para dar textura à figura de Tito Ânio Milão, mencionado por sua atuação decisiva para o retorno de Cícero do exílio); 52.2 (os discursos cesarianos exemplificam a atividade de Cícero durante a ditadura de César). Para considerações gerais sobre o uso dos discursos ciceronianos por Bruni, cf. Fryde (1983, p. 42–43).

<sup>9</sup> Cf. Plut. Cic. 5.6; 6.5; 19.7; 24.1–4; 24.9; 25.1; 27.1; 28.1; 32.5; 35.3; 36.6; 38.2; 41.1; 45.1, 6; 46.1; *Comp.* 1.4, 6; 2; Ianziti (2012, p. 53–54, 58); Lintott (2013, p. 10–11).

<sup>10</sup> Cf. Cic. 1.1: Já a respeito do pai não existem informações seguras.”

linhagem real, como também eliminará qualquer espécie de dúvida sobre sua credibilidade, como constava em Plutarco.<sup>11</sup>

De *Cic.* 1.3–6, passo em que Plutarco liga o nome “Cícero”, etimologicamente, ao latim *cicer*, “grão-de-bico”, Bruni retém apenas a etimologia, reconfigurando completamente o teor da passagem (*C.N.* 4.3): de um lado, explica que o primeiro ancestral a receber tal cognome teria uma protuberância no nariz que lembrava o grão-de-bico, enquanto Plutarco fala de uma fenda; de outro, elimina a menção da etimologia como motivo de chacota (*Cic.* 1.3), por suas evidentes associações negativas, e os dois gracejos de Cícero a respeito (*Cic.* 1.5–6). Ora, além de seu caráter anedótico, parece haver um outro motivo para sua supressão: uma das críticas centrais de Plutarco ao caráter de Cícero, como adiantado acima, é o seu uso excessivo e desmesurado do humor. Bruni não apenas elimina boa parte dos gracejos citados por Plutarco ao longo de sua biografia, como também consagra uma seção inteira de seu *Cícero Novo* à apologia do uso do humor pelo Arpinate (*C.N.* 66–67). É nessa mesma linha que suprimirá os comentários sarcásticos de Cícero, em *Cic.* 5.6, acerca dos oradores que apelavam para os gritos em seus discursos, juntamente, é claro, com as pesadas críticas de Plutarco ao seu caráter. Outra crítica central de Plutarco a Cícero é o amor excessivo das honras. Na anedota da volta da Sicília após o término da questura, episódio cômico em que o jovem Arpinate, sequioso de reconhecimento e de glória, desiludira-se, ao tornar à Itália, com a total ignorância, por parte dos romanos, de suas ações e medidas na província, Plutarco usa o caso como exemplo de sua crítica à φιλοτιμία (*philotimía*) ciceroniana (*Cic.* 6.3–5). Bruni, em seu viés pró-Cícero, eliminará qualquer traço de crítica do episódio, substituindo-o por uma leitura política inteiramente alinhada e conforme ao pensamento de Cícero (*C.N.* 12).

Um caso curioso é o de *Cic.* 2.4–5. No passo, Plutarco menciona e exemplifica a inteligência e o talento precoces de Cícero, o que o teria feito ganhar a reputação não apenas de melhor orador, mas também de melhor poeta dentre os romanos. Ao fazê-lo, porém, o biógrafo vê-se obrigado a relativizar tal talento poético, que teria sido ofuscado por poetas posteriores e caído, então, no esquecimento. Em contrapartida, Bruni, em *C.N.* 5.3–4, prefere omitir o louvor poético juvenil do Arpinate a ter de rebaixá-lo em seguida. Em sua versão, o Aretino menciona, em termos genéricos, a reputação e o interesse de Cícero pela poesia quando menino, para em seguida dizer que tal interesse foi substituído, posteriormente, pela prosa, mais adequada à sua natureza.

---

<sup>11</sup> Em *Ep.* 4.7 (p. 115–116 da edição de Mehus, que seguimos para todas as referências à correspondência de Bruni), carta em que se defende das críticas que sofreu por atribuir origens reais a Cícero, Bruni cita Plutarco como uma das autoridades para tal informação, mas omite sua descrença em relação à credibilidade da notícia. Cf. Fryde (1983, p. 44) e Ianziti (2012, p. 46–47).

A omissão de elementos negativos menores, pontuais, ocorre em C.N. 11, que trata da questura de Cícero: Bruni elimina a informação de que as medidas de Cícero, na Sicília, para providenciar cereais e sanar a penúria em Roma teriam sido, num primeiro momento, impopulares junto aos provincianos (*Cic.* 6.1).

## 1.2 Acréscimos e inserções pontuais

Do ponto de vista **estrutural**, Bruni insere, em C.N. 14.5, uma brevíssima menção à edilidade de Cícero, que em Plutarco é mencionada *en passant*, em *Cic.* 8.2, num passo não narrativo, para imediatamente prosseguir com a descrição da pretura.<sup>12</sup> Se do ponto de vista informativo pouco se acrescenta à versão plutarquiiana, o acréscimo serve para deixar clara para o leitor a cronologia das etapas do *cursus honorum* percorridas pelo Arpinate, um pouco dispersa no autor grego.

Outro tipo de acréscimo diz respeito à **precisão factual e histórica**. Não se contentando com a autoridade de Plutarco, Bruni muitas vezes vai buscar em outras fontes antigas informações mais precisas para suprir sua narrativa.<sup>13</sup> Assim, em C.N. 4.4, ao mencionar a data de nascimento de Cícero, Bruni não apenas substitui o sistema de contagem grego dos dias do mês pelo romano, como também vai buscar em Aulo Gélio os nomes dos cônsules de 106, ausentes em Plutarco, que, de maneira mais vaga, descreve o dia 3 de janeiro como “aquele em que actualmente os magistrados fazem preces e sacrifícios pelo imperador” (*Cic.* 2.1). A versão de Bruni é mais precisa, direta e acessível do que a de Plutarco.

Já vimos, na descrição da anedota da volta da Sicília, como Bruni eliminou toda a lição moral negativa que Plutarco extraía do episódio. Mas a reescrita do passo envolve também o acréscimo de outros elementos, que o Aretino vai buscar diretamente à principal fonte ciceroniana da anedota, a *Defesa de Plânicio*, que parafraseia. Com isso, não apenas a descrição da situação vivida por Cícero é muito mais precisa do que a da versão plutarquiiana, como também a lição extraída do episódio é exatamente aquela mencionada pelo Arpinate.<sup>14</sup>

Se Bruni faz supressões e cortes motivados por seus diferentes vieses, como pudemos observar na seção anterior, o mesmo se pode dizer de alguns de seus acréscimos e alterações. Uma mudança bastante sutil é a que faz no relato da anedota da visão da ama. Plutarco, em *Cic.* 2.1, narra que a ama de Cícero teria tido uma visão em que lhe era anunciado que ele seria “de grande utilidade para

<sup>12</sup> *Edilis inde factus, et mox post edilitatem preturam petens, omnium competitorum — et erant quidem multi ac magni viri — primus suffragiis populi romani pretor creatus est* [ Foi eleito edil em seguida; pleiteando a pretura logo depois da edilidade, venceu a eleição para pretor em primeiro lugar na soma dos votos do Povo Romano, superando todos os seus concorrentes — e eram muitos e importantes, por sinal.”]

<sup>13</sup> Cf. Fryde (1983, p. 41).

<sup>14</sup> Cf. Fryde (1983, p. 42–43) e Ianziti (2012, p. 54–55).

todos os romanos”. No anúncio da versão bruniana, em contrapartida (C.N. 4.5), Cícero seria “a grande salvação da República”. Ora, o **viés republicano** de Bruni permeia todo o *Cícero Novo*, e Cícero, em sua narrativa, será aclamado como “pai da pátria” e salvador da República, depois de debelar a conjuração de Catilina, bem como será apresentado como o último bastião da República e da liberdade, em sua luta contra Marco Antônio, depois dos Idos de Março.<sup>15</sup> A mudança no episódio da visão da ama, assim, é cirúrgica, servindo para preannunciar tal papel, à diferença da versão de Plutarco, que é mais genérica.

O viés republicano explica, ainda, uma outra inserção de Bruni, desta vez no relato da participação de Cícero na Guerra Social. Em Plutarco (*Cic.* 3.2-3), depois de tomar parte na guerra em campanha contra os marsos, sob o comando de Sula, Cícero se teria voltado para a vida de estudos e de contemplação até o momento em que Sula tomou o poder – ou seja, teria passado o período aproximado de 89 a 82, entre o fim da Guerra Social e a Guerra Civil, em retiro de estudos, o que só teria terminado com a vitória de Sula e a consolidação de seu poder. Em Bruni, em contrapartida (C.N. 6.1), a adesão temporária à vida contemplativa é substituída por uma espécie de protesto silencioso de Cícero: este teria permanecido mais tempo em armas, não tivesse já então previsto a subversão da ordem pública e o domínio de Sula. Além de eliminar qualquer menção à vida de estudos, Bruni também omite, crucialmente, a retomada da normalidade com a ditadura sulana. O motivo, claro está, é o viés republicano de sua biografia, de que o Arpinate é o porta-voz: sem se apoiar em qualquer fonte antiga para tal, Bruni antecipa o Cícero defensor da República dos tempos da Conjuração de Catilina e do pós-Idos de Marco para os tempos de juventude, conferindo maior coesão ao personagem.

Por fim, um acréscimo pontual que também contribui, a exemplo dos dois últimos, para conferir maior coesão ao personagem Cícero, vê-se no episódio do sucesso do Arpinate entre seus colegas de estudos, quando menino. Na versão de Plutarco (*Cic.* 2.2), são os pais mais incultos que se incomodam com o sucesso de Cícero e com a atenção que seus filhos lhe conferiam. Em C.N. 5.1-2, por outro lado, Bruni acresce não apenas que se tratava de membros da nobreza que se incomodavam com o tratamento dado por seus filhos a Cícero (na versão bruniana, eles carregam Cícero pelas ruas), como também que os castigavam por isso. Com tal acréscimo, Bruni antecipa um motivo tomado a Salústio que desenvolverá mais adiante na narração,<sup>16</sup> a inveja da aristocracia romana contra o homem novo Cícero, fonte de grande parte de seus males.

<sup>15</sup> Cf. C.N. 15.5-6; 17.1; 19.4; 26.1; 28.1, 3; 30.2; 52.3; 53.4; 72.1; 74.1; 76.1-2; 77.

<sup>16</sup> Cf. C.N. 29.1; 41.1; 64.2.

## 2. A tradução

Para a tradução, servimo-nos do texto estabelecido por Viti (2013) para a editora UTET,<sup>17</sup> aqui reproduzido. Seguimos a numeração dos parágrafos da edição de Bernard-Pradelle (2008), à qual acrescentamos subdivisões, para facilitar as citações e referências. Todas as datas mencionadas na introdução e nas notas são a.C., salvo observação em contrário. As abreviaturas das obras antigas seguem as convenções do *Oxford Latin Dictionary* e do *Greek-English Lexicon*, de Liddell & Scott; as das obras de referência modernas são discriminadas na bibliografia. Todas as traduções citadas nas notas são de nossa própria autoria, à exceção das citações da *Vida de Cícero* plutarquiana, tomadas à excelente tradução de Várzeas (2012). Todas as referências às cartas de Bruni são tomadas à edição de Mehus (1741).

### 2.1 Texto latino

#### *Cicero Novus*

#### *Vita Ciceronis*

132

4. [1] *Tulliorum familia, que et Ciceronis postea cognomentum recepit, ex municipio arpinati originem traxit: principium vero generis in Tullium Volscorum regem satis constanti opinione hominum referebat.* [2] *Sed quamquam a regibus orta, tamen, ut res mortalium fluxe ac labiles sunt, procedente tempore claritate nominis extincta, ignobilitatem adusque consenuisse videtur. Non tamen adeo demersa, quin et Rome supra vulgus emergeret ac equestrem locum, qui medius inter patres et plebem habebatur, obtineret.* [3] *Qui primus ex ea familia Cicero cognominatus est, in extrema nasi parte eminens quiddam in figuram ciceris habuit, a quo sibi cognomen inditum, ac per eum in posteros gentilesque transfusum.* [4] *Ex hac itaque familia Cicero orator natus est patre Tullio, matre Olbia, que et ipsa honestis parentibus orta memoratur. Natum illum ferunt III nonas ianuaras Q. Cepione et Serrano consulibus.* [5] *Nec multo post nutrici eius phantasma visum dixisse magnam rei publice salutem ab illa nutriri. Hec autem ab initio sprete et pro nugis habita, ipse mox vera fuisse oracula ostendit.*

5. [1] *Nam ut primum discendi per etatem capax fuit, extemplo magnitudine indolis inter equales excellens, tantam ingenii famam consecutus est, ut plerique graves viri rumore puerorum conciti ludum adusque proficiscerentur ad eum Ciceronem, de quo tam multa audiverant, intuendum.* [2] *Pueri autem ipsi tanto in honore illum habebant, ut constet quosdam ex nobilitate romana a parentibus rusticioribus obiurgatos, quod honoris causa medium per vias traducerent.*

---

<sup>17</sup> A primeira edição é de 1996.

[3] *Prima eius commendatio circa poeticam eluxit: nam et puer adhuc libellos quosdam versibus edidit, et fuit eius studium prima etate ad carmen poetasque ardentius. [4] Crescentibus mox annis solutam orationem, utpote amplioem et disertioem et nature sue magis consentaneam, adamavit: preceptaque dicendi avidissime prosecutus est. [5] Sed et ceteris litterarum studiis ita inhesit, ut nihil pretermitteret, quod ad institutionem summi futuri viri pertinere videretur. [6] Puerilibus studiis peractis, philosophie et iuri civili operam dedit. Et in philosophia quidem Philonem academicum Clitarchi discipulum tunc Rome commorantem preceptorem habuit; in iure autem civili a Mutio Scevola iurisconsulto viro prestantissimo institutus est.*

6. [1] *Post hec sub Sylla duce marsico bello militavit, perseverassetque in armis diutius, nisi eversionem rei publice et Sylle dominatum iam inde prospiciens improbasset. [2] Finita igitur militia et in urbem reversus exitum rerum quietus expectabat: donec Sylla iam rerum potito Sex. Roscium parricidii reum et ab ipso Sylla vehementer oppugnatum in iudicio defendit. [3] Hanc primam causam publici iudicii egisse ferunt tres et viginti annos natum, ut Cornelius Nepos tradit; ut autem alii quidam scripserunt, septem et viginti: cum tamen annum ante causam privatam pro Quintio apud Gallum Aquilium iudicem dixisset. [4] Ego Cornelio Nepoti, utpote coetaneo et in primis familiari et cum diligentia hominem observanti, magis crediderim.*

7. [1] *Metuens inde Syllam, quem in Rosciana defensione offendisse cognoverat, in Greciam abiit, dissimulata causa velut curande valitudinis gratia proficisceretur. [2] Res opportuna videbatur, quod gracilis et valitudinarius erat ob stomachi debilitatem nonnisi levia quedam cibariola et ea sero tandem admittentis. [3] Ut igitur Athenas pervenit, pedotribis et gymnasiorum magistris se tradens corpus ad robur valitudinemque redegit: vocem etiam, que sibi prius asperior fuerat, ad dulcedinem ornatumque emendavit. [4] Ibi studiis ardentius incumbens Antiochum ascalonitem audivit, eius in dicendo copia suavitateque illectus: nam ea, que philosophus innovare instituerat, haudquaquam probabat. Iam enim Antiochus, deserta academia, Stoicorum inventa plerumque fovebat.*

8. [1] *In his itaque studiis egregie florentem et iam philosophiam profiteri ac perpetuo in ea persistere meditantem, nuntius de obitu Sylle et frequentes amicorum littere ad rem publicam revocantium excitarunt. [2] Ipse quoque Antiochus gravissimis adhortationibus rem publicam capessere suadebat. [3] Quibus tandem victus cum redire ad civilia certamina statuisset, organum illud rhetoricum, quod per philosophie studia intermiserat, rursus temperare et renovare aggressus, omnes dicendi magistros, qui per id tempus Athenis erant, diligentissime audivit, seque apud illos exercuit. [4] Nec iis contentus in Asiam et Rhodum navigavit, ut clarissimos rhetores qui in iis locis erant conveniret. In Asia itaque Xenoclem adramantinum, Dionysium magnesium et Menippum carem; in Rhodo Apollonium Molonis clarissimum dicendi magistrum et Possidonium philosophum audivit. [5] Per tot ille viros, tam longa itinera, tam varias regiones, tanto exercitio, tanta cura, tantis laboribus eloquentiam persecutus est; et tamen sibi ipsi interdum non satisfacere in ea arte fatetur. [6] At nostre etatis homines si semel*

*libellos legerint, si iterum ac rursus pulpitum ascenderint, oratoriam facultatem se possidere arbitrantur.*

**9.** [1] *Fertur Apollonii insigne illud ac memorabile de Tullio iudicium. Nam cum Rhodum advenisset, ac rogatu Apollonii, quoniam <hic> latine nesciret, grece declamasset, ceteris qui aderant in stuporem tante eloquentie adductis certatim eum laudantibus, Apollonius ipse nec eo dicente signum aliquod letitie pre se tulit, nec perorata causa utique laudavit, sed diu secum tacitus perstitit.* [2] *Cum itaque, ut par erat, omnes Apollonium intuerentur ac iudicium eius expectarent, tandem rupto silentio sic inquit: Ego te laudo equidem et admiror, Cicero; quod autem te dicente, causa etiam perorata, diutius tacuerim, dolor et commiseratio quedam effecit. Repetebam namque ipse mecum tempora superiora, et armis et gubernatione rerum publicarum et institutis domesticis Grecos pre ceteris nationibus floruisse: quibus in rebus nobis Romani palmam iampridem vera et incredibili virtute superantes confessione omnium abstulerunt.* [3] *Reliqua una ac sola supererat doctrine et eloquentie gloria, quam et ipsam per te nobis auferri et ad Romanos transferri video, ut nihil iam precipue laudis apud nostros relinquatur.* [4] *Hec Apollonius graviter simul divineque locutus est. Sic enim re vera fuit.*

**10.** [1] *Ceterum cum peractis studiis in Italiam rediens ingenti spe plenus ad rem publicam properaret, oraculo Apollinis delphici pene aversus est.* [2] *Consulenti siquidem quemadmodum maximam sibi gloriam pararet, respondit si naturam suam, non opinionem multitudinis, ducem vite sequeretur.* [3] *Quod ille reputans, per prima sui reditus tempora valde pigre et diffidenter rem publicam attingebat, et magistratus sibi commissos quodammodo horrere formidareque videbatur. Grecum denique et scholasticum, ut vulgo solet, plerique vocitabant.* [4] *Cum tamen cupiditate honoris et ipse per se natura ardens et a parente amicisque incensus causis orandis animum appulisset, non gradatim ut ceteri, sed repente omnibus qui in foro versabantur post se relictis ad fastigium evasit.* [5] *In actione tamen non minus quam Demosthenes laborasse fertur, donec per Roscium comediarium et Esopum tragediarum actores, prebita illis diligenter opera, vocem et gestum corporis emendavit.*

**11.** [1] *Questor inde factus et Siciliam sortitus summa cum integritate et diligentia magistratum gessit, provincialibus gratus, civibus romanis qui in Sicilia negotiabantur benignus, erga omnes comis et iustus.* [2] *Romam vero, per id tempus penuria rei frumentarie laborantem, tantum frumenti transmisit, ut caritatem annonae sua diligentia sublevaret.* [3] *Excogitati erant a Siculis in memoriam eius questure honores quidam novi. Itaque et conscientia benefactorum et secundo favore rerum suarum tanta spe plenus e provincia discedebat, ut putaret apud populum romanum nulla de re magis quam de questura sua sermonem haberi et iam omnes magistratus sibi ultro conferri.* [4] *Qua de re quam se ipse falleret mox intellexit per ea que sibi paulo post ridicula evenerunt.*

**12.** [1] *Nam cum Sicilia discedens Puteolos venisset, audivit esse multos cives romanos qui lavandi gratia in ea loca convenerant, a quibus pro illa transmissione frumentaria et sublevata penuria populi romani ceteraque sue questure fama, ita se receptum iri*

*existimavit, ut omnes sibi gratulabundi occurrerent. [2] Egressus itaque navi et circa balnea profectus, cives in corona stantes colloquentesque offendit. Illi statim in eum utpote tunc primum venientem conversi, quesiverunt qua die Roma exisset et numquid ibi esset novi. [3] Ad hec indignans, cum non ex urbe sed ex provincia sua venire respondisset, quidam ex iis qui aderant, An nescitis, inquit, istum iam annum in Africa questorem fuisse?”. [4] Hec ab initio eum turbarant vehementer: postea vero se ipsum ridens quod spem in beneficiis vulgo collatis posuisset, stomachari destitit, et unum se fecit ex iis qui ad balnea venissent. [5] Ceterum animadvertens hoc habere populorum naturam ut presentia quidem acriter intueantur, absentia vero non multum discernant, statuit de cetero in oculis populi romani vivere, externos autem magistratus ut minus efficaces ad gloriam obmittere.*

**13.** [1] *Hinc itaque robustius ad rem publicam versus turpe quidem existimavit si opifices ipsi nomina et vim instrumentorum omnium, quibus in officina utuntur, cognoscerent, ipse autem nomina et res civium suorum, quibus tanquam instrumentis quotidie uti habebat, ignoraret. [2] Itaque et homines et familias et propinquitates et clientelas, mores denique et vitam uniuscuiusque curiosissime didicit: nec erat ulla Italiae via, de qua non facile referre posset, cuius ville, cuius agri, cuius clientele per eam essent.*

**14.** [1] *Mortuo patre domum paternam Q. Ciceroni fratri concessit, ipse quo facilius aditus ad eum foret circa Palatium habitavit. [2] Adeuntium sane multitudo tanta erat, ut non plures Crassum pro divitiis aut Pompeium pro summa potentia frequentarent. [3] Circa valetudinem curandam ita diligentissimus fuit, ut non solum interoallis horarum, verum etiam deambulationibus enumeratis passibus uteretur. [4] Raro ante occasum solis discumbebat nec id ob occupationes negotiorum tantum, quantum ob stomachi cruditatem. Per hunc modum habitudinem domans ad multos et magnos labores sufficiens corpus effecit. [5] Edilis inde factus, et mox post edilitatem preturam petens, omnium competitorum – et erant quidem multi ac magni viri – primus suffragiis populi romani pretor creatus est; [6] cumque urbana sibi obvenisset, ius dixit summa diligentia nec minori integritate, ita ut nec timore cuiusquam neque gratia flecteretur.*

## 2.2 Tradução

### Cícero Novo

#### Vida de Cícero

**4.** [1] A família dos Túlios, que posteriormente recebeu também o cognome Cícero, teve origem no município de Arpino;<sup>18</sup> segundo uma crença bem

<sup>18</sup> Município volsco localizado no vale do Lírís, a cerca de 120 km a sudeste de Roma, que gozava de cidadania romana plena desde 188.

estabelecida, remetia os primórdios de sua linhagem a Túlio, rei dos volscos.<sup>19</sup> [2] Porém, mesmo oriunda de reis, visto que as questões humanas são fugidias e frágeis,<sup>20</sup> com o passar do tempo o nome perdeu sua distinção, parecendo minguar até a obscuridade. Mas não desceu tão fundo que não emergisse acima do vulgo também em Roma, ocupando a posição equestre,<sup>21</sup> considerada intermediária entre os senadores e a plebe. [3] O primeiro membro da família a ser cognominado Cícero tinha uma protuberância na ponta do nariz semelhante a um grão-de-bico, o que lhe rendeu o cognome, transmitido por ele aos descendentes e aos membros do clã. [4] Foi no seio dessa família, então, que nasceu o orador Cícero; seu pai chamava-se Túlio, sua mãe, Ólbia,<sup>22</sup> também ela oriunda de boa família, segundo se relata. Dizem que Cícero nasceu no dia 3 de janeiro, no consulado de Quinto Cepião e Serrano.<sup>23</sup> [5] Não muito tempo depois, sua ama viu uma aparição dizer-lhe que a criança que amamentava seria a grande salvação da República. Embora tal rumor fosse, de início, alvo de desprezo e considerado tolice, Cícero mostrou, posteriormente, que se tratava de um autêntico oráculo.

5. [1] Efetivamente, assim que atingiu a idade apta ao aprendizado, brilhando entre os pares pela grandiosidade de seu talento, conquistou tamanha fama por sua inteligência, que boa parte dos homens importantes, instigados pelos comentários das crianças, chegava a ir ver aquele tal Cícero, de quem tanto haviam ouvido falar. [2] As crianças, por sua vez, o tinham em tanta estima, que algumas das que provinham da nobreza romana, como é notório, foram castigadas pelos pais mais rudes, porque o haviam carregado pelas ruas para homenageá-lo.<sup>24</sup>

<sup>19</sup> Cf. Bruni *Ep.* 4.7 Mehus, carta em que Bruni se justificava das críticas sofridas pela atribuição de linhagem divina a Cícero.

<sup>20</sup> Eco de formulações análogas em Salústio. Cf. *Cat.* 1.4 (*nam divitiarum et formae gloria fluxa atque fragilis est*) e *Jug.* 104.3 (*ignari humanarum rerum, quae fluxae et mobiles semper in advorsa mutantur*). Também o uso do adjetivo *mortalis* como sinônimo de *homo* é salustiano (RAMSEY, 2007, p. 57). Sobre o uso que Bruni faz de Salústio, cf. La Penna (2017 [1968], p. 409–431).

<sup>21</sup> Cf. Nicolet (1974, p. 1052–1057).

<sup>22</sup> O nome da mãe de Cícero, na verdade, era Hélivia. Como bem observa Cook (2013, p. 119, n. 5), tanto Iacopo Angeli como Bruni depararam-se com o termo *óλβίαν* em seus manuscritos problemáticos do original plutarquiano. Angeli entendeu-o como um adjetivo, vertendo por *Ciceronis matrem fuisse locupletem* (a mãe de Cícero era rica”), ao passo que Bruni o interpretou como nome próprio, *Olbia*. O nome correto da mãe de Cícero, acrescentemos, ocorrerá na *Vida* de Sicco Polenton (273.31–32).

<sup>23</sup> O consulado de Quinto Servílio Cepião e Gaio Atílio Serrano corresponde ao ano de 106. Além de Plut. *Cic.* 2.1, Bruni conhecia duas outras fontes para a datação do nascimento de Cícero: Gell. 15.28.3 e Hier. *Chron.* 230F. Poderia confirmá-la em duas cartas de Cícero, *Fam.* 7.5.3 e *Att.* 11.9.3. Quanto ao nome dos cônsules, Bruni parece tê-los tomado ao passo de Gélio, a única das três fontes a mencioná-los.

<sup>24</sup> A anedota retrata, em germe, a rivalidade e a inveja da nobreza, que Cícero sofreria posteriormente, em virtude de sua condição de “homem novo”. É de notar que a associação à nobreza romana, ausente no passo paralelo plutarquiano (*Cic.* 2.2), é acréscimo de Bruni, dialogando com outros passos da biografia. Cf. *C.N.* 29.1; 41.1; 64.2.

[3] Foi na poética que sua reputação brilhou primeiro: ainda menino, publicou alguns opúsculos em verso,<sup>25</sup> e seu interesse pela poesia e pelos poetas foi mais ardoroso na primeira juventude. [4] Depois, com o passar dos anos, apaixonou-se pela prosa, considerando-a mais ampla, expressiva e adequada à sua natureza. Seguiu os ensinamentos oratórios com extrema avidez, [5] mas era tão apegado aos demais estudos das letras, que não deixava de lado nada que lhe parecesse contribuir para a formação do futuro homem eminente. [6] Completados os estudos juvenis, dedicou-se à filosofia e ao direito civil. Na filosofia, teve como preceptor o acadêmico Fílon, discípulo de Clitarco, que então vivia em Roma;<sup>26</sup> no direito civil, foi educado pelo jurisconsulto Múcio Cévola, varão eminentíssimo.<sup>27</sup>

6. [1] Posteriormente, durante a Guerra Mársica,<sup>28</sup> serviu no exército sob o comando de Sula, e teria permanecido em armas por mais tempo, não tivesse, antevendo já então a subversão da ordem pública e o domínio absoluto de Sula, desaprovado sua conduta. [2] Assim, tornando à Urbe, com o término do serviço militar, aguardava discretamente o desenrolar dos acontecimentos, até que, quando Sula já havia tomado o poder, defendeu Sexto Róscio, acusado de parricídio e fortemente acossado pelo próprio Sula, em tribunal.<sup>29</sup> [3] Dizem que defendeu essa primeira causa em tribunal público aos vinte e três anos de idade, conforme relata Cornélio Nepos; segundo outros escreveram, porém, tê-lo-ia feito aos vinte e sete anos, embora tivesse defendido uma causa privada um ano antes, a *Defesa de Quíncio*, perante o juiz Galo Aquílio.<sup>30</sup> [4] De minha parte, preferiria dar crédito a Cornélio Nepos, por ser ele coevo e, acima de tudo, íntimo de Cícero, a quem observava de perto.<sup>31</sup>

<sup>25</sup> Cf. C.N. 55–56.

<sup>26</sup> Fílon de Larissa (160–c. 80), o último escolarca da Academia, transferiu-se de Atenas para Roma em 88, em razão da Primeira Guerra Mitridática. Cícero acompanhou suas aulas de filosofia e de retórica. Cf. Cic. *de Orat.* 3.109; *Part. Or.* 139; *Brut.* 306; *Orat.* 12.

<sup>27</sup> Cícero estudou direito civil, primeiro, com Quinto Múcio Cévola, o Águre; com a morte deste, em 87, passou a acompanhar Quinto Múcio Cévola, o Pontífice. Cf. Cic. *Brut.* 306; *Amic.* 1.

<sup>28</sup> Conhecida como *Bellum Sociale*, *Bellum Italicum* ou *Bellum Marsicum*, a guerra contra os aliados itálicos (91–89) aconteceu quando Roma se recusou a conceder a cidadania plena a toda a península.

<sup>29</sup> A *Defesa de Sexto Róscio de América*, proferida em 80, quando Cícero contava 26 anos de idade (cf. nota 28), teria sido, segundo *Brut.* 312, o grande divisor de águas da carreira oratória do Arpinate, conferindo-lhe visibilidade e abrindo-lhe portas para a defesa de clientes importantes. Recentemente, Steel (2012, p. 261) contestou essa versão ciceroniana dos fatos, apontando as *Verrinas*, de 70 (ou seja, uma década após a *Rosciana*), como o grande ponto de virada da carreira de Cícero.

<sup>30</sup> Primeiro discurso publicado por Cícero, a *Defesa de Quíncio*, uma causa civil, foi defendida em 81.

<sup>31</sup> Em Gell. 15.28.1–3 [= Nep. fr. 37 Marshall], Bruni encontrara a notícia de que Cornélio Nepos, no primeiro livro de sua *Vida de Cícero*, estabeleceu a data de 23 anos para a primeira causa pública de Cícero, a *Defesa de Sexto Róscio de América*. Aulo Gélio corrige o biógrafo, defendendo a idade de 27 anos, não sem antes reconhecer seu rigor histórico e sua proximidade com Cícero. Bruni, por sua vez, serve-se dessa segunda ressalva para justificar a escolha da datação de Nepos. Dyck (2010, p. 4; 75) propõe o começo de 80 como a data mais provável do processo e, portanto, a idade de 26 anos para

7. [1] Em seguida, com medo de Sula, que sabia ter ofendido na *Defesa de Róscio*, partiu para a Grécia, dissimulando o motivo sob o pretexto de uma viagem para tratar da saúde.<sup>32</sup> [2] A ocasião parecia oportuna, porque tinha a saúde frágil e debilitada em razão de seu estômago delicado, que só aceitava pequenas porções de comida, e tarde, ainda por cima. [3] Assim, quando chegou a Atenas, dedicou-se aos mestres de educação física e aos professores dos ginásios, reconquistando o vigor e a saúde de seu corpo. Mesmo a voz, que antes era bastante rouca, ele corrigiu, tornando-a suave e harmoniosa. [4] Ali, lançando-se com mais ardor ainda aos estudos, seguiu as lições de Antíoco de Ascalão, atraído por sua copiosidade e graça ao discursar, pois de forma alguma aprovava as inovações intentadas pelo filósofo, visto que Antíoco acabara de abandonar a Academia e passara a endossar sobretudo os argumentos dos estoicos.<sup>33</sup>

8. [1] Assim, quando mostrava um brilho extraordinário em tais estudos e já cogitava dedicar-se à filosofia, permanecendo indefinidamente em tal ocupação, animou-se com o anúncio da morte de Sula e as frequentes cartas dos amigos, que o chamavam de volta à vida pública. [2] O próprio Antíoco também o aconselhava a dedicar-se à vida pública, com sérias exortações. [3] Por fim, convencido por tudo isso e decidido a voltar aos embates civis, voltou a mesclar e renovar aquele instrumental retórico, que interrompera por conta dos estudos de filosofia, acompanhando atentamente as lições de todos os mestres de oratória que havia em Atenas na época e praticando com eles.<sup>34</sup> [4] Não se contentando com isso,<sup>35</sup> singrou para a Ásia e Rodes, para encontrar os mais ilustres rétores locais. Na Ásia, seguiu as lições de Xênocles de Adramita, Dionísio da Magnésia e Menipo da Cária; em Rodes, de Apolônio Mólón, ilustríssimo mestre de oratória, e do filósofo Posidônio. [5] Mesmo recorrendo a tantos mestres, tão longas viagens, tão variadas terras, tamanho exercício, tamanho zelo, tamanhos

---

o Arpinate, na ocasião (idade confirmada por Quint. *Inst.* 12.6.4). Polenton (277.10–278.3) pesa um número maior de fontes (inclusive Ascônio, ainda inacessível a Bruni) e tende para a idade correta de 26 anos, embora se abstenha de um parecer decisivo.

<sup>32</sup> Bruni segue aqui o relato plutarquiano, mas Cícero, no *Bruto* (314), escrito quase quatro décadas depois da viagem, refere apenas a saúde frágil como motivo para o seu retiro de dois anos. Quintiliano, em *Inst.* 12.6.7, parece aceitar a versão ciceroniana. Para Mitchell (1979, p. 93, n. 1), dois fatores são decisivos para descartar a hipótese de Plutarco/Bruni: 1) Cícero defendeu vários outros casos antes de sua viagem, e em pelo menos um deles, a *Defesa da mulher de Arécio*, correndo risco de ofender Sula; e 2) Cícero partiu apenas no ano seguinte, em 79. Polenton (278.32–279.32) segue a autoridade de Cícero contra a versão de Plutarco/Bruni, chegando a observar que, entre a *Defesa de Sexto Róscio* e a viagem para a Grécia, o Arpinate teve uma atuação gloriosa no fórum.

<sup>33</sup> Em *Brut.* 315, Cícero observa que, em Atenas, acompanhara as lições de Antíoco durante seis meses, mas, ao contrário da versão de Plutarco/Bruni, não restringe seu interesse ao modo de discursar do filósofo, afirmando, antes, que renovou seus estudos filosóficos, jamais interrompidos desde a época de menino, com aquele mestre que era uma suma autoridade no assunto (*summo auctore et doctore*).

<sup>34</sup> Hipérbole de Bruni: se, por um lado, Plutarco fala de rétores renomados” (*Cic.* 4.4: τοὺς ἐπαινουμένους...ῥήτορας), Cícero, em *Brut.* 315, menciona apenas um mestre de retórica para o período ateniense: Demétrio da Síria.

<sup>35</sup> Bruni usa a mesma expressão de Cícero, em *Brut.* 316: *Quibus non contentus Rhodum veni* ( não me contentando com isso, fui para Rodes”).

esforços para atingir a eloquência, ele reconhece que por vezes não se sente satisfeito consigo mesmo, nesse domínio. [6] Mas nossos contemporâneos, basta que tenham lido livros em alguma ocasião, basta que vez ou outra tenham subido ao púlpito, e já creem dominar a faculdade oratória.

9. [1] Conta-se um extraordinário e memorável juízo crítico de Apolônio sobre Cícero. Quando este chegou a Rodes e, a pedido de Apolônio, que não sabia latim, começou a declamar em grego, os demais presentes, diante de tão grande eloquência, ficaram estupefatos e puseram-se a disputar quem o elogiava mais. Já Apolônio, enquanto ele discursava, não deu nenhum sinal de contentamento, nem lhe fez um elogio sequer depois que perorara sua causa, mas ficou muito tempo calado, imerso em seus pensamentos. [2] Quando todos, então, como era natural, voltaram-se para Apolônio, aguardando sua opinião sobre ele, rompeu enfim o silêncio e disse: “De minha parte, eu o louvo e admiro, Cícero. O fato de permanecer o tempo todo calado enquanto discursava, e mesmo depois que perorara, foi fruto da dor e da pena que senti. É que rememorava, em meu íntimo, os tempos idos, em que os gregos, em virtude de seus exércitos, de sua condução dos assuntos públicos e de suas instituições domésticas, eram muito mais prósperos que os outros povos. Em tais aspectos, já há muito, como é consenso geral, os romanos nos tomaram a palma da vitória, superando-nos com sua bravura autêntica e extraordinária. [3] Restava-nos apenas e tão somente a glória da educação e da eloquência, que agora o vejo tomar de nós e levar para os romanos, não nos deixando mais nenhum mérito particular.” [4] Apolônio disse tais palavras de maneira a um só tempo séria e divina. E foi assim que realmente se passou.

10. [1] De resto, depois de completar seus estudos, na pressa de tornar à Itália, tomado que estava de enormes esperanças em relação à vida pública, por pouco não se deixou desviar pelo Oráculo de Apolo, em Delfos, [2] se é verdade que, em resposta à sua consulta sobre como conquistar a maior glória, ele teria respondido que o modo era se deixar guiar, na vida, pela própria natureza, não pela opinião da maioria. [3] Refletindo sobre isso, seus contatos com a vida pública, nos primeiros momentos de seu retorno, foram marcados por bastante hesitação e desconfiança, e ele parecia sentir uma espécie de horror e apreensão pelas magistraturas que lhe eram conferidas. Boa parte das pessoas, como costuma acontecer, chamava-no “grego” e “erudito”. [4] Mas depois que, ardendo, por sua própria natureza, de desejo de honrarias e incentivado pelo pai e pelos amigos, começou a se concentrar na defesa de causas, atingiu o ápice não gradualmente, como os demais, mas de imediato, deixando para trás todos os que frequentavam o fórum. [5] Diz-se que, no campo da atuação,<sup>36</sup> esforçou-se

---

<sup>36</sup> A *actio* (atuação, ação ou mesmo *performance*, em português) era a quinta parte da retórica. Seu domínio envolvia o controle da voz, dos gestos, dos movimentos e das expressões faciais.

tanto quanto Demóstenes, até conseguir, com o auxílio de Róscio, ator de comédias, e Esopo, de tragédias, que estudara atentamente, corrigir sua voz e gesticulação.

11. [1] Eleito questor, em seguida, e designado para a Sicília em sorteio,<sup>37</sup> exerceu sua magistratura com extrema integridade e zelo, satisfazendo os provincianos, demonstrando benevolência para com os cidadãos romanos que operavam na Sicília, mostrando-se afável e justo com todos.<sup>38</sup> [2] Quanto a Roma, que padecia, naquele momento, pela escassez de grãos, Cícero enviou para lá tamanho suprimento, que pôs fim, com seu empenho, à falta de provisões.<sup>39</sup> [3] Os sicilianos criaram algumas honrarias novas, em memória de sua questura. Com isso, fosse pela consciência que tinha dos benefícios prestados, fosse pela acolhida favorável de suas medidas, deixava a província tomado de tamanha esperança, que acreditava que o povo romano não falasse de outra coisa além de sua questura, e que a partir de então seria agraciado, ademais, com todas as magistraturas. [4] Ele logo percebeu o quanto estava enganado a esse respeito, por um incidente cômico que lhe aconteceu pouco tempo depois.<sup>40</sup>

12. [1] Efetivamente, quando deixou a Sicília e chegou a Putéolos, Cícero soube que havia muitos cidadãos romanos reunidos no local, para banhar-se. Acreditava que, com o envio do suprimento de grãos e o fim da escassez que o Povo Romano sofria, para não falar dos demais rumores sobre sua questura, eles viriam recebê-lo em peso, correndo ao seu encontro para congratulá-lo. [2] Assim, depois de desembarcar do navio e dirigir-se aos locais de banho, encontrou seus concidadãos numa roda de conversa. Voltaram-se de imediato para ele, como a alguém que encontrassem pela primeira vez, e perguntaram-lhe em que dia deixara Roma e se havia alguma novidade. [3] Indignando-se com tal recepção e respondendo que não vinha da Urbe, mas de sua província, um dos presentes observou: “Então não sabem que já há um ano esse homem era questor na África?” [4] Num primeiro momento, ficou fortemente abalado com aquela situação. Depois, porém, rindo de si mesmo<sup>41</sup> por ter depositado esperanças em benefícios prestados regularmente, deixou a irritação de lado e uniu-se aos que estavam ali para banhar-se. [5] Ademais, percebendo que uma característica dos povos é observar com atenção o que está presente, mas não enxergar muito bem

<sup>37</sup> Cícero exerceu a questura em 75, em Lilibeu (porção ocidental da província da Sicília), servindo ao governador Sexto Peduceu. Cf. *MRR* 2: 98.

<sup>38</sup> Paráfrase de *Planc.* 64.

<sup>39</sup> Cf. *Planc.* 64; *Verr.* 2.3.182.

<sup>40</sup> A anedota é contada pelo próprio Cícero em *Planc.* 64–66. Cf. ainda *Ver.* 2.5.35; *Fam.* 2.12.2 (carta a Marco Célio Rufo) e *Plut. Cic.* 6.3–5.

<sup>41</sup> Sobre a capacidade de Cícero de rir de si mesmo, cf. *C.N.* 67.4.

o que está ausente, decidiu viver, a partir dali, à vista do Povo Romano, declinando magistraturas fora de Roma como menos conducentes à glória.<sup>42</sup>

13. [1] Daí, então, que tenha considerado vergonhoso, ao entrar para a vida pública de maneira mais consistente, que meros artesãos conhecessem o nome e a utilidade de todas as ferramentas que utilizam em suas oficinas, enquanto ele ignorava o nome e os interesses de seus concidadãos, que tinha de usar no dia a dia, como ferramentas. [2] Foi por isso que pôs o máximo cuidado em conhecer a fundo as pessoas, as famílias, os parentescos, as clientelas, os costumes, enfim, a vida de cada um, e não havia uma única estrada pela Itália sobre a qual não pudesse dizer a quem pertenciam as vilas, as terras, as clientelas que abrigava.

14. [1] Com a morte do pai,<sup>43</sup> deixou a casa paterna para Quinto Cícero, seu irmão,<sup>44</sup> passando a morar na região do Palatino, para ficar mais acessível a todos.<sup>45</sup> [2] Tão grande era a multidão de visitantes, que não ficava atrás da que frequentava Crasso, por sua riqueza, ou Pompeu, por sua enorme influência. [3] Dedicava extrema atenção aos cuidados com a saúde, o que o fazia não apenas respeitar os intervalos das horas, como também contar os passos, em seus passeios. [4] Raramente se deitava antes do pôr do Sol, e isso não apenas pelas atividades que o mantinham ocupado, como também por sofrer de indigestão. Regrado dessa maneira seus hábitos, deixou seu corpo resistente a muitos e grandes esforços. [5] Foi eleito edil em seguida;<sup>46</sup> pleiteando a pretura logo depois da edilidade, venceu a eleição para pretor em primeiro lugar na soma dos votos do Povo Romano, superando todos os seus concorrentes – e eram muitos e importantes, por sinal. [6] Como lhe coube a pretura urbana, administrou a justiça com extremo zelo e igual integridade, não se deixando influenciar pelo temor ou influência de quem quer que fosse.<sup>47</sup>

<sup>42</sup> Cícero seguiria esse princípio nas décadas seguintes, até ver-se obrigado, em 51, a assumir a província da Cilícia, na Ásia Menor, que governaria de julho de 51 a julho de 50. Suas cartas da época reiteram à exaustão a solicitação a diversos senadores para que não permitam a prorrogação de sua magistratura. Cf. referências em Mitchell (1991, p. 218, n. 49 e 50).

<sup>43</sup> Cf. *Cic. Att.* 1.6 (de 68): *Pater nobis decessit a. d. VIII Kal. Dec.* [ Meu pai faleceu em 24 de novembro. ]

<sup>44</sup> Na verdade, a casa, localizada nas Carinas e contígua ao Templo de Telus, foi cedida a Quinto apenas seis anos depois, no fim de 62, quando Cícero adquiriu a casa de Crasso no Palatino. Cf. *Cic. Har.* 31; *Q. fr.* 2.3.7; 3.1.14; *Plut. Cic.* 8.6; *Platner & Ashby* (1929, p. 176); *LTUR*: 2.204.

<sup>45</sup> Ao contrário do que afirmam Plutarco (*Cic.* 8.6) e Bruni, a distância entre a casa nas Carinas e a do Palatino era bastante pequena (menos de 500m, se tomarmos como referência o Templo de Telus e o extremo nordeste do Palatino), o que tornava a mudança irrelevante do ponto de vista da acessibilidade dos clientes. Em carta a Ático (1.13.6), Cícero menciona a *dignitas* (prestígio, *status*) como a motivação da compra de sua nova casa. Cf. *Steel* (2013, p. xv, mapa da Roma republicana) e *Lintott* (2013, p. 145).

<sup>46</sup> Cícero exerceu a edilidade em 69. Cf. *MRR* 2: 132.

<sup>47</sup> Como pretor, em 66, Cícero ficara encarregado do tribunal de extorsão (*quaestio de repetundis*). Cf. *MRR* 2: 152.

## REFERÊNCIAS

BERNARD-PRADELLE, Laurence (ed.). **Histoire, éloquence et poésie à Florence au début du Quattrocento**. Vol. 118. Textes de la Renaissance. Paris: Honoré Champion Éditions, 2008.

[MRR 2] BROUGHTON, Thomas Robert Shannon. **The Magistrates of the Roman Republic**. Suppl. (1960). v. 2. American Philological Association, 1960.

COOK, Brad L. Plutarch, Cicero, and Leonardo Bruni's *Cicero novus*. In: Pace, G. & Cacciatore, P.V. (eds.). **Gli scritti di Plutarco: tradizione, traduzione, ricezione, commento..** Napoli: M. D'Auria, 2013, pp. 119–125.

DYCK, Andrew R. (ed.) **Cicero: Pro Sexto Roscio**. Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FRYDE, Edmund B. **Humanism and Renaissance Historiography**. Vol. 21. London: The Hambledon Press, 1983.

IANZITI, Gary. **Writing History in Renaissance Italy**. I Tatti Studies in Italian Renaissance History. Cambridge e London: Harvard University Press, 2012.

LA PENNA, Antonio. **Sallustio e la “rivoluzione romana”**. 2ª ed. Milano-Torino: Bruno Mondadori, 2017 [1968].

LINTOTT, Andrew. **Plutarch: Demosthenes and Cicero**. Clarendon Ancient History Series. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MEHUS, Lorenzo. (ed.) **Leonardi Bruni Arretini Epistolarum Libri VIII**. Florentiae: Ex Typographia Bernardi Paperinii, 1741.

MITCHELL, Thoman N. **Cicero: The Ascending Years**. New Haven e London: Yale University Press, 1979.

MITCHELL, Thoman N. **Cicero: The Senior Statesman**. New Haven e London: Yale University Press, 1991.

NICOLET, Claude. **L'Ordre équestre à l'époque républicaine: (312-43 av. J.-C.)** Bibliothèque des écoles françaises d'Athènes et de Rome. Paris: E. de Bocard, 1974.

PLATNER, Samuel Ball & ASHBY, Thomas. **A Topographical Dictionary of Ancient Rome**. London: Oxford University Press, 1929.

RAMSEY, John T. *Sallust s Bellum Catilinae*. Society for Classical Studies Texts & Commentaries. New York: Oxford University Press, 2007.

STEEL, Catherine. Cicero's autobiography: narratives of success in the pre-consular orations. *Cahiers du Centre Gustave Glotz*, 2012, pp. 251–266.

STEEL, Catherine (ed.). **The Cambridge Companion to Cicero**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

[LTUR] STEINBY, Eva Margareta (ed.). *Lexicon Topographicum Urbis Romae*. Roma: Edizioni Qua-sar, 1993–2000.

VÁRZEAS, Marta (trad.). **Plutarco. Vidas paralelas: Demóstenes e Cícero**. Autores Gregos e Latinos-Textos. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012 (2ª edição).

VITI, Paolo (ed.). **Leonardo Bruni. Opere letterarie e politiche**. Classici. UTET, 2013.

Data de envio: 14/07/2022  
Data de aprovação: 17/10/2022  
Data de publicação: 31/10/2022